

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA**

TEMPOS, CONTRATEMPOS E PASSATEMPOS

**Um estudo sobre práticas e sentidos do tempo entre jovens de grupos populares do
Grande Recife**

Mónica Franch Gutiérrez

Rio de Janeiro
Dezembro de 2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

TEMPOS, CONTRATEMPOS E PASSATEMPOS

**Um estudo sobre práticas e sentidos do tempo entre jovens de grupos populares do
Grande Recife**

Mónica Franch Gutiérrez

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências Humanas (Antropologia Cultural).

Orientadora: Maria Rosilene Barbosa Alvim

Rio de Janeiro
Dezembro de 2008

“TEMPOS, CONTRA TEMPOS E PASSATEMPOS. UM ESTUDO SOBRE PRÁTICAS E SENTIDOS DO TEMPO ENTRE JOVENS DE GRUPOS POPULARES DO GRANDE RECIFE”

MONICA LOURDES FRANCH GUTIÉRREZ

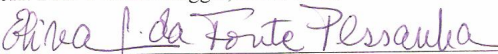
Orientadora: Profa. Dra. Maria Rosilene Barbosa Alvim

Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora em Ciências Humanas (Antropologia Cultural).

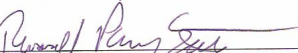
Aprovada por:



Profa. Dra. Maria Rosilene Barbosa Alvim, Presidente, IFCS/UFRJ

Profa. Dra. Yvonne Maggie, IFCS/UFRJ


Profa. Dra. Elina Pessanha, IFCS/UFRJ

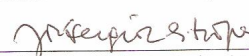


Prof. Dr. Russell Parry Scott, UFPE



Profa. Dra. Maria Luiza Heilborn, UERJ

Profa. Dra. Neide Esterici, IFCS/UFRJ (Suplente)



Prof. Dr. José Sérgio Leite Lopes, MN/UFRJ (Suplente)

Rio de Janeiro

Dezembro/2008

FICHA CATALOGRÁFICA

Franch Gutiérrez, Mónica

Tempos, contratempos e passatempos: um estudo sobre práticas e sentidos do tempo entre jovens de grupos populares do Grande Recife – Mónica Franch Gutiérrez. Rio de Janeiro: UFRJ, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia, 2008.

298 f.; il.; 31 cm.

Orientadora: Maria Rosilene Barbosa Alvim. Tese (Doutorado) – UFRJ, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia. 2008.

1. Antropologia – Teses. 2. Tempo social. 3. Juventude.
4. Grupos populares

A Joan Franch, por todos os tempos

AGRADECIMENTOS

À Capes, pela concessão de bolsa no primeiro ano de doutorado.

À professora Rosilene Alvim, minha amiga querida e calorosa orientadora, que tanto me ajudou neste difícil tempo da tese a acreditar em minhas perguntas e a confiar em minha capacidade de buscar respostas.

A todos os professores do PPGSA/UFRJ, sobretudo àqueles que contribuíram para minha formação nas disciplinas que cursei em 2004: Elina Pessanha, Maria Lígia Barbosa, Maria Laura Viveiros de Castro, Marco Antônio Gonçalves, Miriam Goldenberg, o professor convidado Jean-Pierre Faguer e a professora Bila Sorj, a quem também agradeço pelas contribuições na banca de qualificação. À professora Yvonne Maggie um agradecimento especial, pela acolhida no tempo em que minha orientadora estava em Recife e pelos questionamentos instigantes na banca de qualificação. Ao professor José Sérgio Leite Lopes, pelo inestimável préstimo de última hora.

A Cláudia, a melhor secretária do mundo, que me ajudou a superar as angústias de fazer um doutorado a tantos quilômetros do Rio.

À professora Maria Luisa Heilborn, do Instituto de Medicina Social, da UERJ, com quem muito aprendi em seu curso sobre Sociologia da Família e da Sexualidade e nas conversas sobre este trabalho.

A todos aqueles que contribuíram com meu trabalho no meu estágio doutoral na Espanha, sobretudo a Amparo Lasén (Universidad Complutense de Madrid) e Verena Stolcke (Universitat Autònoma de Barcelona). Agradecimento muito especial ao professor Carles Feixa, da Universitat de Lleida e da UAB, que não mediu esforços em contribuir comigo, e me ajudou a “encontrar o tempo”. A Maria Helena Olivia Augusto, do PPGS/USP, que partilhou virtualmente meu interesse pelo tempo e os jovens.

A meus colegas do Departamento de Ciências Sociais da UFPB, que assumiram minhas tarefas durante dois semestres, para que eu pudesse me dedicar à tese. Especialmente a Adriano de Leon, pela acolhida no retorno da Espanha; a Loreley Garcia, Tereza Queiroz, Fátima Araújo e Artur Perrusi, que seguraram as pontas em nossas pesquisas conjuntas. A Marta Pragana, do Departamento de Letras, que me ajudou (violentamente!) a encontrar meu apartamento em JP, o lugar onde agora termino de escrever esta tese. A Artur Perrusi um agradecimento para lá de especial, por sempre acreditar que “essa tese vai dar bolero”, e por me mostrar que sempre é tempo (e sempre há tempo) de se fazer uma verdadeira amizade.

A meus amigos e amigas do Núcleo de Família, Gênero e Sexualidade (FAGES), da UFPE, um *kula* malinowskiano de idéias, projetos e afetos, principalmente ao Professor Parry Scott, mestre generoso e interlocutor constante. A Marion Quadros, que me ajudou a vencer a distância entre o sonho de entrar no doutorado e a realidade de escrever um projeto.

Ao grupo Jovens e Juventudes, da UFPE, que funcionou como espaço de debate e produção acadêmica durante o tempo em que Rosilene Alvim ficou no Recife, especialmente a Edisio e Antonieta. Também a Elaine Müller, pelas trocas e discussões no processo de descobrir nossos temas nas brechas dos estudos sobre juventude.

À equipe do projeto “Os Jovens e a Cidade”, que me possibilitou continuar fazendo pesquisa depois do mestrado, principalmente a Kate Gough, com quem experimentei as sutilezas da tradução cultural e a Ulla Ambrosius. Agradecimento mais do que especial a Anne Line Dalsgaard, com quem pesquisei, às vezes discordei, mas sobretudo cresci como pesquisadora e como pessoa.

Aos amigos e companheiros de calvário do MQD – Movimento dos Quase Doutores, que me fizeram perceber, apesar da minha teimosia, que nunca estive só: a Jorge Lyra, que ofereceu casa, comida e sua liderança natural para que o grupo funcionasse como um espaço de orientação entre iguais; a Solange Rocha e Joselma Cordeiro, pelo ânimo constante; a Benedito, nossa “eminência parda”; e a Márcia Longhi, interlocutora e amiga carinhosa, companheira de infortúnios e das alegrias do processo de escrever uma tese.

A Alda Roberta, por tentar me ajudar a reverter trajetórias. Aos professores da UPE, que abraçaram a idéia de fazer um projeto para as adolescentes da Ilha João de Barros, principalmente a Tânia Falcão, amiga constante nas passagens da vida.

A Ana Paula, que mais uma vez segurou meu juízo.

Agradecimentos também a aqueles e aquelas que me ajudaram a viver, e me ensinaram a gostar, do Rio de Janeiro no primeiro ano do doutorado. A Márcia Laranjeira que resolveu meu problema de moradia. A Eugênia Paim, pela acolhida e interlocução inteligente. A Cândida Chaves, com quem me aventurei nos mistérios do samba. A dona Crisolete e seu Nilton, que me acolheram em sua casa na minha chegada ao Rio. A meus colegas da turma do doutorado no PPGSA/UFRJ e à Ívia Maksud, amiga, interlocutora e, quem diria, companheira em novas pesquisas.

A Cídia e a Graça, mulheres que tanto me ensinaram e tanto me ajudaram, no Vietnã e na Ilha João de Barros. Aos jovens que me acolheram nesses anos todos: Paulete, Luiz Carlos, Zinha, Pituca, Rosângela, Carlos, Elias, os dois Tiagos, Sheila, as duas Shirley, Carol, Cláudia, Tadeu, Rodrigo, Nilton, Silas, Fabiana, Taciana, Clécia, as duas Larissa, Marília,

Renata, Daniela, Leda, Vinicius, Gil, Carlos Caetano, Madalena, Fabiana, Edjane, Priscila, Rosie, Elaine, Luciana, Mikita, Elisângela, Rodrigo, Petinho, Cleide, Washington, Rogério, David, Carlos André, Zaca e a todos aqueles cujas histórias aqui estão, embora não seus nomes. A vocês e suas famílias, meu muito obrigado. Espero ter feito jus à confiança que vocês depositaram em mim. Em tempo, um agradecimento também a Pacheco e às líderes que passaram pelo Centro de Capacitação da Casa de Passagem, para quem sempre serei “a gringa”.

A Madiana Rodrigues, amiga como não há outra igual, pelas interlocuções, por me ajudar a manter a calma em momentos de crise, pelos cuidados (e as tapiocas!) dos últimos dias, por fazer a ponte João Pessoa-Rio de Janeiro, e por sempre me lembrar que a tese “um dia sai”. Obrigada para sempre.

À minha família, laço que cruza o espaço e se expande no tempo: Xavi que, além de ser meu irmão querido, ainda trouxe meus pais para o Brasil; e a meus pais, por me ensinarem (a esta altura da vida!) que ser filha pode não ser tão mau assim.

A Inuit, minha onça branca, porque qualquer maneira de amor vale a pena.

E a Antonio, que em meio a tantos contratempos, termina a meu lado mais um tempo em minha vida.

And indeed there will be time
For the yellow smoke that slides along the street,
Rubbing its back upon the window-panes;
There will be time, there will be time
To prepare a face to meet the faces that you meet;
There will be time to murder and create,
And time for all the works and days of hands
That lift and drop a question on your plate;
Time for you and time for me,
And time yet for a hundred indecisions,
And for a hundred visions and revisions,
Before the taking of a toast and tea.

T.S.Elliot, *The Lovesong of J. Alfred Prufrock*

RESUMO

TEMPOS, CONTRATEMPOS E PASSATEMPOS

Um estudo sobre práticas e sentidos do tempo entre jovens de grupos populares do Grande Recife

Mónica Franch Gutiérrez

Orientadora: Maria Rosilene Barbosa Alvim

Resumo da Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em Ciências Humanas (Antropologia Cultural).

Este trabalho se interroga sobre os sentidos e os usos do tempo por parte de jovens de grupos populares no Grande Recife, tendo como problemática de fundo as mudanças das temporalidades nas sociedades contemporâneas. Essas mudanças dizem respeito à emergência de um conjunto de rupturas estruturais que afetam a vida dos indivíduos, localizadas sobretudo no mundo do trabalho, mas também na família, na sociabilidade e nas relações afetivas, entre outras esferas da vida social. O aumento dos níveis de incerteza ocupa um lugar central nessa reconfiguração temporal, afetando sobremaneira a forma como as novas gerações organizam seu presente e pensam seu futuro. Alguns autores relacionam esse fenômeno com a chamada “crise da biografia normal” que atribuem, entre outros aspectos, à radical mudança do papel das instituições que serviam, até pouco tempo atrás, para organizar o curso da vida. O debate sobre essas questões foi realizado com base na construção e análise de narrativas sobre o tempo biográfico e cotidiano de jovens, distribuídas em três grupos: narrativas relativas à “vida de solteiro”, narrativas relativas ao processo de formação da própria família (conjugalidade e parentalidade) e narrativas sobre o trabalho. A pesquisa sugere a existência de uma pluralidade de sentidos e práticas temporais nesses grupos, levando em consideração diferenças de gênero, inserção institucional, estilos de vida e momento do curso da vida.

Palavras-chave: Tempo social, juventude, grupos populares.

Rio de Janeiro

Dezembro de 2008

RESUMEN

TIEMPOS, CONTRATIEMPOS Y PASATIEMPOS

Un estudio sobre prácticas y sentidos del tiempo entre jóvenes de grupos populares de Recife

Mónica Franch Gutiérrez

Orientadora: Maria Rosilene Barbosa Alvim

Resumen de la Tesis de Doctorado submetida al Programa de Posgrado en Sociología y Antropología, Instituto de Filosofía y Ciencias Sociales de la Universidad Federal de Rio de Janeiro – UFRJ, como parte de los requisitos necesarios para la obtención del título de Doctor en Ciencias Humanas (Antropología Cultural).

Este trabajo cuestiona los sentidos y usos del tiempo por jóvenes de grupos populares de la Región Metropolitana de Recife, siendo su problemática de fondo los cambios en las temporalidades de las sociedades contemporáneas. Tales cambios se relacionan con la aparición de un conjunto de rupturas estructurales que afectan la vida de los individuos, localizadas sobre todo en el mundo del trabajo pero también en la familia, la sociabilidad y en las relaciones afectivas, entre otras esferas de la vida social. El aumento de los niveles de incertidumbre ocupa un lugar central en esta reconfiguración temporal, lo que causa impacto en la forma como las nuevas generaciones organizan su presente y piensan su futuro. Algunos autores relacionan este fenómeno con la llamada “crisis de la biografía normal” que atribuyen, entre otros aspectos, al radical cambio del papel de las instituciones que servían, hasta hace poco tiempo, para organizar el curso de la vida. El debate sobre esos asuntos fue realizado a partir de la construcción y análisis de narrativas sobre el tiempo biográfico y cotidiano de jóvenes, distribuidas en tres grupos: jóvenes solteros, jóvenes casados y/o con hijos y narrativas sobre el trabajo. El estudio sugiere que existe una pluralidad de sentidos y prácticas temporales en estos grupos, llevándose en cuenta diferencias de género, inserción institucional, estilos de vida y el momento del curso de la vida.

Palabras clave: Tiempo social, juventud, grupos populares.

Rio de Janeiro
Diciembre de 2008

RÉSUMÉ

TEMPS, CONTRETEMPS, PASSE-TEMPS

Une étude des pratiques et des sens du temps chez des jeunes de groupes populaires du Grand Recife

Mónica Franch Gutiérrez

Directrice de thèse: Maria Rosilene Barbosa Alvim

Résumé de la Thèse de Doctorat présentée à l'UFR de Sociologie et Anthropologie, Institut de Philosophie et Sciences Sociales de l'Université Fédérale de Rio de Janeiro – UFRJ, pour l'obtention du titre de Docteur en Sciences Humaines (Anthropologie Culturelle).

Ce travail s'interroge sur les sens et les usages du temps par des jeunes de groupes populaires du Grand Recife, ayant comme problématique les changements des temporalités dans les sociétés contemporaines. Ces changements sont en rapport avec l'émergence d'un ensemble de ruptures structurelles qui touchent la vie des individus, surtout dans le monde du travail, mais aussi dans la famille, la sociabilité et les relations affectives, entre autres sphères de la vie sociale. L'augmentation des niveaux d'incertitude occupe une place centrale dans cette reconfiguration temporelle, touchant particulièrement la façon dont les nouvelles générations organisent leur présent et pensent leur avenir. Certains auteurs établissent un rapport entre ce phénomène et la crise dite "de la biographie normale" qu'ils attribuent, parmi d'autres aspects, au changement radical du rôle des institutions qui, il n'y a pas longtemps, organisaient le cours de la vie. Le débat sur ces questions a été fondé sur la construction et l'analyse de récits sur le temps biographique et quotidien de jeunes, organisées en trois groupes: récits relatifs à la "vie de célibataire", récits relatifs au processus de formation de la propre famille (conjugalité et parentalité) et récits relatifs au travail. La recherche menée suggère l'existence d'une pluralité de sens et de pratiques temporelles dans ces groupes, tenant en compte les différences de sexe, l'insertion institutionnelle, le style de vie et le moment du cours de la vie.

Mots-clé: Temps social, jeunesse, groupes populaires

SUMÁRIO

16	Ante-tempo
21	Capítulo 1
	Para além do relógio: construindo uma abordagem das temporalidades juvenis
23	1.1 Do tempo social às culturas temporais
29	1.2 Novos tempos, novos jovens?
39	1.3 Jovens aqui e agora – afinando as questões
47	Capítulo 2
	Nas veredas do tempo: trabalho de campo e indicações metodológicas
49	2.1 O Natal mudou? Retornando ao campo
59	2.2 Em busca do tempo perdido, numa pesquisa em equipe
66	2.3 Delineando os jovens e suas temporalidades: método, técnicas e universo deste estudo
81	Capítulo 3
	Contextos: estabelecendo uma “gradação de periferias”
84	3.1 Vietnã: a periferia que virou centro
90	3.2 Loteamento Santana: a periferia da periferia
94	3.3 Ilha de João de Barros: o centro que virou periferia
100	Capítulo 4
	Vida de solteiro: (des)regulações do cotidiano e tempo institucional
102	4.1 Mara e Nara: “Tudo na vida tem um objetivo”
118	4.2 As “adolescentes de risco”: Tempos na contramão
135	Capítulo 5
	Tempo em família: conjugalidade e parentalidade na experiência temporal juvenil
137	5.1 Laura: “A felicidade não mora no meu coração”
142	5.2 Natália: Diário de uma dona de casa
151	5.3 Arnaldo: Adulto aos 14 anos
159	5.4 Sandra: Consertos e desconsertos
166	Capítulo 6
	Trabalho em tempos incertos: narrativas de inserção
167	6.1 Carol: Da fantasia à exploração
175	6.2 Roberto: “Cadê a oportunidade?”
180	6.3 Joaquim: “Mil utilidades”
183	6.3 Luis: “Negócio fácil”
195	Capítulo 7
	Horizontes fortuitos: elementos de uma cultura temporal no plural
196	7.1 O cotidiano e seus sentidos
223	7.2 Tempo biográfico: Linearidade e descontinuidades
231	7.3 Tempo e idade social: o curso da vida das mulheres jovens
237	7.4 Tempos por vir

254	Em tempo
259	Referências bibliográficas
284	Mapas e figuras
	Anexos

LISTA DE MAPAS E FIGURAS

Mapa 1 – Recife

Mapa 2 – Região Político Administrativa 4

Mapa 3 – Região Metropolitana do Recife

Mapa 4 – Camaragibe e seus bairros

Mapa 5 – Região Político Administrativa 1

Figura 1 – Fotografia aérea Vietnã

Figura 2 – Fotografia aérea Ilha João de Barros

ANTE-TEMPO

Este trabalho se interroga sobre os sentidos e os usos do tempo por parte de jovens de grupos populares no Grande Recife, tendo como problemática de fundo as mudanças das temporalidades nas sociedades contemporâneas. Essas mudanças dizem respeito à emergência de um conjunto de rupturas estruturais que afetam a vida dos indivíduos, localizadas sobretudo no mundo do trabalho, mas também na família, na sociabilidade e nas relações afetivas, entre outras esferas da vida social. O aumento dos níveis de incerteza ocupa um lugar central nessa reconfiguração temporal, afetando sobremaneira a forma como as novas gerações organizam seu presente e pensam seu futuro (ADAM, 1995; AUGUSTO, 2007; BAUMAN, 1999; 2000; CASTELLS, 1999; CRESPI, 2005; GAULLIER, 1984; HARVEY, 1992; LECCARDI, 2005a; 2005c; NOWOTNY, 1989; SENNETT, 2003).

Alguns autores relacionam esse fenômeno com a chamada “crise da biografia normal” que atribuem, entre outros aspectos, à radical mudança do papel das instituições que serviam, até pouco tempo atrás, para organizar o curso da vida (LECCARDI, 2005a). Até que ponto e de que modo essas mudanças estão presentes no cotidiano desses jovens, e como elas se refletem em seu tempo biográfico, são as principais questões que nortearam minha reflexão.

Do ponto de vista teórico, este trabalho transita entre várias categorias e áreas temáticas. O tempo é a principal categoria utilizada aqui, articulando-se com as categorias de classe, gênero e geração, uma vez que se busca perceber de que forma a exclusão social, a idade e as atribuições sociais de sexo influenciam as experiências temporais dos jovens de grupos populares do Grande Recife.

A base empírica que dá suporte a minha reflexão provém de pesquisa etnográfica realizada em vários períodos, durante os anos de 2001 a 2007, entre jovens de grupos populares do Grande Recife. O tempo nem sempre foi o foco dessas pesquisas. Como costuma acontecer em trabalhos de médio a longo prazo, a definição da problemática foi se delineando progressivamente, à medida que o trabalho ia ganhando corpo. Quando ingressei no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ, em 2004, meu interesse recaía sobre as trajetórias biográficas juvenis, mais precisamente, sobre os diversos caminhos de transição ao mundo adulto, temática clássica nos estudos sobre juventude. Para começar a desenvolver este trabalho, já contava com um bom número de entrevistas e de relatos biográficos de jovens moradores de um bairro popular de Recife, além de observações, entrevistas, grupos de discussão e questionários realizados junto a jovens de outras áreas

periféricas da cidade e em bairros de classe média. Esses dados, que consegui acumular ao longo de várias pesquisas, principalmente graças à minha participação no projeto internacional *Os jovens e a cidade: habilidades, conhecimento e reprodução social*¹, apontavam para uma variedade de vias de transição à idade adulta nos grupos populares que contrastava, a princípio, com uma maior estruturação dessa passagem entre os jovens das camadas médias.

A reflexão e o aprofundamento das leituras especializadas, além das contribuições de outros alunos e professores do PPGSA/UFRJ e do Instituto de Medicina Social da UERJ², me levaram, em primeiro lugar, a questionar a excessiva dicotomização entre grupos populares e classes médias e, logo em seguida, a abandonar a incipiente idéia de estabelecer uma comparação entre esses dois grupos sociais. Resolvi, então, aprofundar meu conhecimento sobre os jovens moradores de bairros populares, dando continuidade a minha trajetória pessoal de pesquisa junto a esse grupo social (FRANCH, 2000; 2001; 2002a; 2002b). A partir daí, comecei, igualmente, a me interessar pelas percepções temporais que subjazem nas vias por vezes muito díspares de acesso à idade adulta dentro do grupo que genericamente se conhece como “os jovens de periferia”. Deste modo, algumas questões a respeito da experiência do tempo entre os jovens dos grupos populares foram paulatinamente ganhando espaço no leque de minhas indagações de pesquisa, o que me levou a mudar o foco do meu projeto para o estudo das temporalidades juvenis.

Meu segundo projeto de pesquisa, defendido no mês de agosto de 2005 no PPGSA/UFRJ, se debruçava sobre o tempo social dos jovens de grupos populares em várias de suas dimensões. De um lado, buscava compreender melhor o tempo do curso da vida: como homens e mulheres percebem e significam seu amadurecimento biológico e social em contextos de exclusão social? De que formas constroem suas trajetórias de vida e qual a percepção do tempo que emerge dessa construção? De outro lado, me preocupava também em conhecer a organização temporal do cotidiano, isto é, as formas de rotinização e de controle do tempo de jovens desigualmente inseridos em instituições como a escola e o mercado de trabalho – instituições que, historicamente, foram responsáveis pelo ordenamento do fluxo temporal dos indivíduos. Por fim, queria entender de que maneira essas duas dimensões se

¹ Pesquisa coordenada pelo Instituto de Antropologia da Universidade de Copenhague em três cidades, Hanói, no Vietnã, Lusaka, em Zâmbia, e Recife, no Brasil, entre os anos de 2001 e 2005. Participei desse projeto na qualidade de pesquisadora do Núcleo de Família, Gênero e Sexualidade (FAGES), da UFPE. Ver mais dados no Capítulo 2. Os resultados do projeto foram publicados em Hansen (2008).

² É preciso lembrar, além da sempre constante e produtiva orientação de Rosilene Alvim, dois cursos que foram cruciais para a definição inicial do projeto de pesquisa que resultou nesta tese: o curso oferecido, no IFCS, pelas professoras Miriam Goldenberg e Bila Sorj, *Moda, consumo e corpo nas sociedades contemporâneas*; e o curso oferecido pela professora Maria Luíza Heilborn, *Sociologia da Família e da Sexualidade*, no IMS/UERJ.

integram e nos permitem perceber diferenças e particularidades na significação do tempo por diversos grupos de jovens, moradores de bairros populares do Grande Recife.

A partir dessas questões, meramente descritivas no início, fui deslizando de um campo voltado para a compreensão de uma determinada idade social – a Antropologia da Juventude – para um outro, centrado na forma como as pessoas lidam com a dimensão temporal em suas vidas, cultural e socialmente – a Antropologia do Tempo. Trata-se de campos que se entrecruzam uma vez que a idade é uma das possíveis dimensões da experiência temporal. Contudo, ao olhar para a juventude sob a perspectiva do tempo, várias outras questões, para além da organização social do tempo da vida, começaram a vir à tona: as transformações na esfera do trabalho e seu impacto nos projetos de vida juvenis, a vivência da exclusão social como “rotina” ou como “lentidão” em relação a um mundo cada vez mais veloz e diversificado, o encurtamento do horizonte temporal para a geração em questão, mas também as formas pelas quais os jovens dão coerência e sentido às descontinuidades em suas vidas, entre outros aspectos que irei desenvolvendo ao longo deste trabalho.

Embora a definição social da juventude continuasse sendo uma das minhas preocupações, a indagação sobre o tempo me levou a considerar os jovens para além de sua vivência etária, enquanto uma geração sobre a qual se cernem várias mudanças na relação com o tempo, que provavelmente também afetam os adultos. Nesta passagem, foi fundamental a experiência acadêmica no exterior (Espanha, Portugal e França) durante o meu estágio doutoral, pois tive a oportunidade de discutir meu trabalho com novos interlocutores³ e de ter acesso a uma literatura antropológica e sociológica sobre o tempo que deu mais consistência a minhas questões.

Ao definir melhor minha problemática, precisei complementar os dados pré-existentes com novas pesquisas em campo, retomar contatos, refazer entrevistas, incorporar novos informantes. Entretanto, a base empírica para a reflexão sobre o tempo continuou sendo, majoritariamente, o material que recolhi ao participar da pesquisa *Os jovens e a cidade*, visualizado, agora, de um novo ângulo. Uma vez que muitos jovens entrevistados na ocasião (2001 a 2004) tinham também sido meus interlocutores na época do meu mestrado, terminei lidando com dados que remontam ao ano de 1998. Em alguns casos, inclusive, trata-se de jovens que conheci em 1995, quando ainda trabalhava numa organização não governamental

³ Em Barcelona, fui orientada pelo professor Carles Feixa (da Universitat de Lleida e da Universitat Autònoma de Barcelona), quem generosamente disponibilizou para mim livros, artigos e teses relativas a minha problemática. Nossas conversas foram cruciais para dar o “salto” da antropologia da juventude para a antropologia do tempo. Também foi muito proveitosa a conversa com Amparo Lasén, professora da Universidad Complutense de Madrid, especialista no estudo das temporalidades juvenis na Europa.

voltada ao atendimento a adolescentes pobres do sexo feminino. Estou falando, portanto, de um período de mais de dez anos, em que não apenas muitos interlocutores mudaram e outros cresceram, saindo da juventude para trilhar os incertos caminhos da vida adulta, mas as dinâmicas sociais e econômicas na cidade também sofreram modificações que afetaram a relação dos jovens com o tempo. Essas mudanças não impedem, entretanto, que se possa falar de certa coerência nas experiências da temporalidade entre os jovens de periferia do Recife – como, de resto, em outros centros urbanos do país –, definidora de uma cultura temporal (LASÉN, 2000) que lhes é própria e que tentei delinear aqui.

Neste trabalho, a compreensão das temporalidades juvenis repousa sobre determinadas escolhas teóricas e reflete o diálogo constante que empreendi com algumas das questões que animam os debates sobre a temática do tempo e sobre a juventude, tanto no Brasil como internacionalmente. O Capítulo 1, intitulado *Para além do relógio: construindo uma abordagem das temporalidades juvenis*, pretende guiar o leitor por esse percurso de pesquisa, apresentando os principais conceitos em que apoiei minhas reflexões e as indagações que foram surgindo enquanto contrastava o mundo dos livros e o mundo da vida.

No Capítulo 2, intitulado *Nas veredas do tempo: trabalho de campo e indicações metodológicas*, apresento detalhadamente os caminhos da pesquisa, focando: o modo como as idas e vindas ao campo contribuíram para minha escolha temática; a experiência de ter participado numa pesquisa internacional e como isso influenciou este trabalho; e o método e técnicas utilizados, bem como o tratamento dado ao material empírico.

O Capítulo 3 (*Contextos: estabelecendo uma “gradação de periferias”*) descreve os três bairros em que a pesquisa foi desenvolvida: Vietnã e Ilha de João de Barros, em Recife, e Loteamento Santana, em Camaragibe. Semelhanças mas também importantes diferenças influenciam as temporalidades juvenis em cada um desses contextos, e o capítulo tenta refletir sobre as singularidades de cada um desses espaços sociais.

Os Capítulos 4, 5 e 6 constituem o desenvolvimento da etnografia propriamente dita. No Capítulo 4, intitulado *Vida de solteiro: (des)regulações do cotidiano e tempo institucional*, discuto as representações e práticas temporais de jovens antes da formação da própria família, a partir das narrativas de algumas garotas. Discuto as formas de regulação que as jovens enfrentam em seu cotidiano, marcadas fortemente pelas representações de gênero que diferenciam as expectativas sociais de garotos e garotas, mas também pela presença ou ausência de instituições, e pela forma como essas jovens se colocam diante das mesmas.

O capítulo seguinte, *Tempo em família: conjugalidade e parentalidade na experiência temporal juvenil*, explora narrativas de jovens de ambos os sexos que casaram e/ou já tiveram

filhos. Esses eventos introduzem mudanças nas práticas e nos sentidos temporais que também divergem de acordo com as expectativas de gênero bem como a partir da posição que os sujeitos tomam diante de tais acontecimentos.

No Capítulo 6, intitulado *Trabalho em tempos incertos*, trago narrativas de jovens com foco na inserção no mundo do trabalho. Em meio à diversidade de experiências encontradas, escolhi alguns relatos que me permitissem explorar minimamente essa pluralidade e ver quais as implicações dos diversos tipos de inserção profissional na vivência do tempo.

O Capítulo 7 (*Horizontes fortuitos: Elementos de uma cultura temporal no plural*) recupera as narrativas apresentadas e incorpora ainda dados de outras entrevistas buscando aprofundar alguns dos elementos que mais se destacam na vivência do tempo pelos jovens estudados: os sentidos do cotidiano; as discontinuidades e o modo como são incorporadas (ou não) numa percepção linear do tempo biográfico; os usos do tempo como importante marcador (e guia de leitura) das idades da vida, a partir do curso de vida das mulheres jovens; e as diferentes visões de futuro e como se relacionam ao momento de vida mas também ao controle do presente.

Por fim, na última parte, *Em tempo*, destaco as contribuições e limites deste estudo, pensando, sobretudo, nos desafios que o estudo das temporalidades contemporâneas coloca à antropologia.

Capítulo 1

PARA ALÉM DO RELÓGIO

Construindo uma abordagem das temporalidades juvenis

Os dias talvez sejam iguais para um relógio, mas não para um homem.
Marcel Proust, *Crônicas*

Pesquisar a temática do tempo não é tarefa simples. Como sugere o conhecido paradoxo de Santo Agostinho, sabemos o que é o tempo quando ninguém nos pergunta sobre ele, mas não sabemos explicar o que ele realmente é se alguém nos inquirir sobre esse assunto⁴. Esse caráter auto-evidente da experiência do tempo ajuda a entender a marginalidade dessa temática na produção antropológica e, de modo geral, nas ciências sociais. Sobre isso já chamou a atenção Barbara Adam, ao observar que “De forma parecida ao que acontece com as pessoas em sua vida cotidiana, os cientistas sociais consideram o tempo um fato consumado⁵” (1990, p.3). Não apenas esse tema tem sido insuficientemente estudado como, até recentemente, a representação do tempo no texto sociológico ou antropológico não era sequer objeto de reflexão (ADAM, 1990; FABIAN, 1983).

Quando não aparece como algo dado, o tempo emerge como um “enigma”, um “estranho” de difícil apreensão (ARAÚJO, E., 2005a, p.12). Segundo Nancy Munn (1992), a aparente complexidade do tempo, em antropologia, não é apenas causa mas também efeito do escasso investimento teórico realizado nessa direção. Embora abundem as descrições etnográficas sobre as diversas formas de perceber e organizar o tempo, as abordagens teóricas sobre esse assunto, segundo a autora, tendem à superficialidade⁶. Frequentemente, a temática do tempo aparece inserida em outras dimensões e tópicos mais tradicionais do nosso campo disciplinar, como o parentesco, o mito e o ritual, o trabalho ou as estruturas políticas. Deste modo, o estudo do tempo se fragmenta, não atingindo o aprofundamento e a autonomia teórica necessários. Não obstante essa constatação, vale a pena ressaltar que vários grandes nomes da antropologia se debruçaram, em algum momento de suas vidas, sobre a temática do tempo (DURKHEIM, 1996; EVANS-PRITCHARD, 1978; FORTES, 1970; GEERTZ, 1989; HUBERT; MAUSS, 1909; LEACH, 2005; MAUSS, 1974; WHORF, 1993). Também é

⁴ Nas *Confissões*, onde desenvolve várias idéias a respeito do tempo. A conhecida frase é: “Se ninguém me perguntar [sobre o tempo] eu sei, porém, se quiser explicar a quem me perguntar, já não sei.”

⁵ “Much like people in everyday life, social scientists take time largely for granted”.

⁶ A autora menciona Alfred Gell (1992) como exceção.

verdade, contudo, que a Antropologia do Tempo é antes uma expressão presente nas obras de alguns autores bem-intencionados do que uma área de interesse propriamente definida na comunidade antropológica (CARBONELL, 2004; GELL, 1992; MUNN, 1992).

Nos últimos quinze anos, o panorama descrito por Munn tende a se transformar. O número de trabalhos dedicados aos aspectos sociais e culturais da experiência do tempo experimenta um considerável impulso, refletindo as transformações profundas que nossas temporalidades vêm sofrendo, e que tratarei mais adiante. Surgem novas publicações e grupos interdisciplinares que refletem a multidimensionalidade dessa temática. Cursos sobre Antropologia do Tempo, Sociocronologia e Sociologia do Tempo começam a ser oferecidos⁷. No Brasil, entretanto, ainda há poucos estudos a esse respeito e, no que diz respeito à antropologia, tendem a se concentrar na área de etnologia indígena⁸. A limitada atenção que essa temática tem recebido no país foi um dos principais estímulos para a realização deste trabalho – e espero que seja, igualmente, uma de suas contribuições.

As próximas páginas pretendem guiar o leitor pelos meus percursos teóricos e, principalmente, pelas minhas indagações de pesquisa. Como poderá ser percebido, na minha busca por uma compreensão das temporalidades juvenis, tentei estabelecer um diálogo entre a antropologia, a sociologia e, em alguns casos, a história social, que me permitisse dar conta da complexidade de meu objeto. Trato dessas questões na primeira seção desse capítulo, onde também desenvolvo o conceito de cultura temporal juvenil, tentando mostrar suas possibilidades mas também o cuidado com que este precisa ser operacionalizado. Na segunda seção, justifico a escolha temática, destacando sua interligação com os campos da juventude e do tempo e dando atenção aos debates sobre as mudanças temporais nas sociedades contemporâneas, que constituem o pano de fundo deste trabalho. Por fim, trago alguns elementos para a compreensão da condição juvenil no Brasil, levantando as questões que me

⁷ A revista *Time & Society* começou a ser publicada no ano de 1999 e aglutina um bom número de trabalhos, sobretudo da área de ciências sociais, sobre essa temática. O equivalente francês é a revista *Temporalités*, antiga *Temporalistes*, que começou a ser publicada em 1984. Foi significativo, também, o número da *Current Anthropology* dedicado aos estudos sobre o tempo, em 2002. Para mais informações, ver Carbonell (2004), Gell (1992) e o artigo já mencionado de Munn (1992)

⁸ Em 1988, foi formado um Grupo de Estudos sobre o Tempo interdisciplinar que junta pesquisadores da USP, Unicamp e Escola Paulista de Medicina (ver BRUNI; MENNA-BARRETO; MARQUES, 2007; MENNA-BARRETO; MARQUES, 2002). Em comunicação pessoal, entretanto, soube que o grupo não está muito ativo no momento. Quanto à área de etnologia indígena, em 1977, Joana Overing organizou o simpósio “Social Time and Social Space in Lowland South American Societies”, durante o 42º Congresso Internacional de Americanistas em Paris. Depois disso, alguns etnólogos indígenas retomaram essa temática, como pode ser visto em Borges (2004). Pelo seu pioneirismo, num estudo sobre o tempo em meio urbano é importante mencionar também o estudo de Lívia Barbosa (1984) sobre as representações dos dias da semana por um grupo de mulheres operárias e dos setores médios. Há de se destacar, também, a tradição de estudos sobre memória coletiva, na trilha dos trabalhos de Halbwachs, muitas vezes articulados à temática da velhice. Em alguns deles, também encontrei indicações interessantes para este trabalho (ECKERT, 2000). De resto, muitos antropólogos incluem debates sobre tempo e espaço em seus estudos, que serão oportunamente incorporados aqui.

orientaram na busca pelos elementos próprios da cultura temporal que os jovens das periferias do Grande Recife constroem por meio de suas práticas cotidianas.

1.1. DO TEMPO SOCIAL ÀS CULTURAS TEMPORAIS

O tempo é multifacetado: envolvido em processos físicos e convenções sociais, nas relações abstratas dos matemáticos e nas relações concretas entre as pessoas. Medimos o tempo em unidades de relógio e pelo movimento dos astros, com a ajuda de acontecimentos recorrentes e através de mudanças em nossos corpos. Utilizamos o tempo como medida de troca por bens, serviços ou pagamentos. O usamos como recurso da natureza, da sociedade, das pessoas e das instituições, fronteira na qual podem ser feitas escolhas e seleções. O tempo não se esgota na medida do relógio. O minuto, a hora, a semana, o dia, a fase da lua, o ano, o Natal e a primavera, ciclos de produção e crescimento, gerações e o tempo da vida de uma pessoa, todos formam marcos temporais dentro dos quais planejamos e regulamos nossas vidas cotidianas. O parâmetro do nascimento-morte, os ritmos da natureza, e as estruturas sociais de eventos recorrentes constituem um tempo que nos permite viver *no tempo*.

Barbara ADAM, *Timewatch*, 1995, p.20⁹

Em linhas gerais, pode-se dizer que, para a antropologia, o tempo é, fundamentalmente, uma construção social e cultural (CARBONELL, 2004). Isso não significa que a antropologia necessariamente negue ou desconheça as dimensões ontológicas, físicas, naturais ou mesmo psicológicas desse fenômeno, mas não são elas as que mobilizam o campo heurístico da disciplina, nem tampouco a reflexão deste trabalho. Partindo da constatação de que as sociedades, historicamente, lidaram e lidam de maneira diferente com aquilo que entendemos como tempo, a antropologia privilegia o tempo social em detrimento de outros possíveis recortes. Ao fazer isso, busca-se romper com a naturalidade da representação ocidental do tempo, dando visibilidade a formas variadas de perceber e organizar essa dimensão da experiência humana.

Diferentemente do tempo da física, sobretudo em sua tradição newtoniana¹⁰, o tempo social é qualitativo, relativo e resultado de convenções arbitrárias (LASÉN, 2000, p.XV). Ele

⁹ “Time is multifaceted: it is involved in physical processes and social conventions, in the abstract relations of mathematics and concrete relations between people. We measure it in clock-units and by celestial motion, with the aid of recurrent events and through changes in our bodies. We utilize it as a medium of exchange for goods, services, or payment. We use it as a resource of nature, of society, of people, and of institutions; each in turn constituting a boundary within which choices and selections have to be made. Time for us is clearly not exhausted by the clock-time measure. The minute, the hour, the week, the day, the phase of the moon, the year, Christmas and Easter, production and growth cycles, generations and the lifetime of a person all form time-frames within which we plan and regulate our daily lives. The birth-death parameter, rhythms of nature, and social structures of recurring events constitute a time that allows us to live *in time*”.

permite a organização da vida em sociedade, a partir do estabelecimento de ritmos e de formas de marcar e de contar o tempo que permitem a sincronização das atividades, servindo igualmente aos indivíduos como uma forma de orientação no seu mundo e no devir. Nessa perspectiva, o tempo pode ser entendido como um “fato social” (TABBONI, 2006, p.33), uma vez que a forma como o organizamos e o percebemos depende de instituições, valores e normas construídos coletivamente e impostos aos indivíduos através de processos de socialização, sem que, na maioria das vezes, eles tenham consciência disso (ADAM, 1990, 1995; ARAÚJO, E., 2005). Entretanto, o tempo não se apresenta apenas como uma realidade externa aos indivíduos. Do ponto de vista dos sujeitos, ele é também uma experiência, construída nas relações das pessoas entre si e com os eventos ao seu redor (CARBONELL, 2004; LECCARDI, 2006). A clássica aporia objetivo/subjetivo encontra, aqui, um de seus cenários.

Embora a palavra tempo não exista em todas as sociedades (EVANS-PRITCHARD, 1978; WHORF, 1993), o tempo, bem como o espaço, são categorias básicas para a vida em comum. Como afirma DaMatta, “Cada sociedade tem uma gramática de espaços e temporalidades para poder existir enquanto um todo articulado” (1991, p.41). A categoria tempo exprime, em primeiro lugar, a capacidade simbólica de cada grupo humano para estabelecer um princípio de segmentação:

Que se tente, por exemplo, imaginar o que seria a noção de tempo, se pusessemos de lado os procedimentos pelos quais o dividimos, o medimos, o exprimimos através de marcos objetivos, um tempo que não seria uma sucessão de anos, meses, semanas, dias e horas! Seria algo mais ou menos impensável. Só podemos conceber o tempo se nele distinguimos momentos diferentes. (DURKHEIM, 1996, p.XVI).

Medir o tempo significa vincular duas ou mais seqüências diferentes de transformação, sendo que uma serve de marco de referência, ou unidade temporal, às outras¹¹. Os processos escolhidos como referentes podem ser naturais, como as mudanças meteorológicas e os movimentos astrais, que constituem a base dos calendários na maioria das culturas; podem ser sociais, ou seja, extraídos de aspectos da organização social dos povos, como a sucessão das gerações ou os ritmos de concentração e dispersão societária; e podem ser também artefatos feitos pelo homem como, por exemplo, o relógio mecânico.

¹⁰ Como Harvey (1992, p.189) observa, o conceito do tempo, assim como o de espaço, tem sido marcado por rupturas e reconstruções epistemológicas importantes no campo da física.

¹¹ Essa idéia é criticada por Gell (1992) mas continuo achando-a fundamental para uma definição do que seja o tempo do ponto de vista da antropologia.

A medida do tempo depende da organização e das funções do grupo e varia acompanhando as mudanças de sua estrutura (LASÉN, 2000). Segundo a conhecida interpretação de Norbert Elias (1998), quanto mais aumenta a complexidade de uma sociedade, mais premente se torna a necessidade de instrumentos que permitam uma contagem mais precisa do tempo. Enquanto na maioria das sociedades tradicionais, a medida do tempo encontra-se intimamente atrelada aos ritmos sociais e aos ciclos da natureza, as sociedades ocidentais criaram o relógio mecânico, que mede o tempo de forma autônoma a esses fatos. Isso levou à reificação do tempo que, como muito perspicazmente observou Evans-Pritchard (1978), adquire em nossas sociedades características de “coisa” – algo que pode ser acumulado, vendido, comprado, aproveitado, mas também desperdiçado.

Embora seja bastante esclarecedora, essa perspectiva peca por uma certa romantização do tempo nas sociedades tradicionais e exóticas, bem como oculta outros significados que o tempo assume nas sociedades ocidentais (ADAM, 1990; POSTILL, 2002). Basta refletirmos sobre nosso dia-a-dia para perceber que o tempo do dia é diferente do tempo da noite, assim como o tempo profano é qualitativamente distinto daquele sagrado, a sexta-feira difere da segunda-feira, o tempo da memória se diferencia do presente e do futuro, e assim por diante. Compreender aspectos como a intensidade e o tom de cada tempo, as referências que usamos para localizar os eventos no fluxo do tempo, a compreensão do processo de mudança biológica e a adequação (ou *timing*) de cada instante para determinadas ações são algumas das questões que podemos indagar ao fazer um estudo antropológico sobre o tempo em nossas sociedades (ADAM, 1995, p.21-23).

Como veremos posteriormente, isso apareceu de forma muito clara nesta pesquisa. O sistema calendário/relógio é apenas um dos registros temporais com que os jovens lidam em seu cotidiano, e raramente o mais importante. Suas trajetórias são organizadas a partir de eventos biográficos que não necessariamente se situam no calendário – como, por exemplo, a mudança para a própria casa, a primeira relação sexual, a entrada ou saída de um determinado trabalho – e que dizem respeito às esferas de maior significação social e identitária. Outrossim, a intensidade do tempo repercute em sensações de maior ou menor velocidade a depender das atividades envolvidas, sendo esses aspectos reveladores de motivações, conflitos e condições de vida dessa parcela da juventude.

Embora coletivo, o tempo social não é uniforme. Grupos e atividades distintas adotam ritmos e representações temporais próprias, de forma que podemos falar da existência de uma

pluralidade de tempos no interior de cada sociedade (BOURDIEU, 2001, p.273; LASÉN, 2000, p.XV; LECCARDI, 1991, p.7-8; NOWOTNY, 1989; SUE, 1994). Como afirma Barbara Adams (1990, p.1), “o que é importante aos 70 anos pode estar bastante fora do leque de experiências de uma pessoa jovem¹²” e vice-versa. Em nossa sociedade, os jovens costumam ser vistos como detentores de uma temporalidade singular, decorrente da suas diferentes inscrições institucionais (escola, serviço militar, agências juvenis, etc.) e das expectativas sociais que valorizam um determinado uso do tempo cotidiano, voltado principalmente para o lazer e o estudo. Disso resulta uma orientação temporal potencialmente tensa, um equilíbrio normalmente frágil, entre o presente e o futuro, entre a “curtição” e a “responsabilidade”, entre o efêmero e o constante. Como metáfora da sociedade (FEIXA, 1998), ainda, os jovens concentram sonhos e ameaças para o dia de amanhã, que podem ser reproduzidos no plano individual. “Adolescente” – escreveu um jovem de 17 anos, participante desta pesquisa – “é uma pessoa que ainda tem muito sonho”.

Neste trabalho, a idade social, as condições de classe e as relações de gênero foram os elementos priorizados para tentar compreender a cultura temporal juvenil nos grupos populares do Grande Recife. Entendo por cultura temporal o conjunto de concepções e representações que um determinado grupo compartilha a respeito do presente, do passado e do futuro, bem como suas experiências e práticas típicas de organização do cotidiano (LASÉN, 2000, p.XIX). A tarefa de procurar os traços de uma cultura temporal juvenil nos grupos populares pode parecer, a princípio, arriscada ou mesmo redutora. Apesar de ser um conceito tão caro à antropologia, a idéia de cultura sugere amiúde uma perspectiva ultraconsensual e holística que esconde os conflitos e as linhas de força atuantes no seio dos grupos sociais. Entretanto, acredito que é possível descrever as experiências temporais dos jovens da periferia sem esquecer que tais vivências são recortadas por contradições, fraturas e oposições diversas. Trata-se, portanto, de fazer uso de um conceito clássico para a antropologia – cultura –, a partir de um recorte temático específico – tempo – mas sem esquecer que as relações dos jovens com essa dimensão de sua existência ocorrem num chão social frequentemente tenso e diversificado.

Se, até certo ponto, os jovens partilham orientações e tendências temporais devido às expectativas sociais que recaem sobre eles, há também diferenças visíveis em suas temporalidades, que se relacionam com suas origens de classe e sua condição de gênero, entre vários outros aspectos. Em sua lapidar sentença, “juventude é apenas uma palavra”, Pierre

¹² “What is important to a 70-year-old may be quite outside the range of experiences for a young person”.

Bourdieu (1983) alertava para os usos ideológicos e os equívocos presentes nos trabalhos e nas intervenções que tomam “a juventude” como objeto homogêneo, ocultando deste modo suas diferenças. No Brasil, essa observação é especialmente pertinente uma vez que a estrutura de oportunidades para os jovens é muito desigual, o que redundava em vivências díspares desse período de vida a depender da posição que os jovens ocupam num espaço social altamente hierarquizado.

Nesse sentido, ao falar de uma cultura temporal dos jovens em contextos de exclusão social, escolho dar ênfase ao impacto que as limitações das oportunidades de acesso a educação, trabalho e renda possuem sobre a experiência temporal desses sujeitos. Segundo Giuliana Mandich (2005), o tempo é um parâmetro fundamental na dinâmica de reconhecimento, atuando como indicador de status e determinando esferas de inclusão e de exclusão. Historicamente, a possibilidade de controle do espaço e do tempo é privilégio das classes dominantes, mas isso não quer dizer que os grupos populares não desenvolvam suas estratégias e temporalidades próprias (HARVEY, 1992, p.218; ver também BOURDIEU, 2001, p.278-283). Busco, deste modo, avançar na compreensão de até que ponto as percepções de tempo se relacionam com as condições de produção material e simbólica da vida numa sociedade estratificada como a brasileira, escolhendo para isso seu segmento mais jovem.

Cabe salientar que enfatizar as limitações não equivale a observar os jovens dos grupos populares como vítimas ou como ameaça, nem impede evidenciar seu papel ativo na construção dessa cultura temporal. Como muito a propósito observa Amparo Lasén, os tempos sociais correspondem “à experiência dos tempos vividos, à multiplicidade de comportamentos temporais, isto é, às diversas maneiras de adaptar-se às condições temporais da existência” (2000, p.XV). Porém, eles também expressam “as estratégias e as tentativas para subverter essas condições impostas pelos meios físico, técnico e social em contínua mudança” (2000, p.XV¹³). Em outras palavras, os jovens não apenas se ajustam às exigências, normas e valores que lhes foram legados, como também criam novas temporalidades que podem desafiar, surpreender, perturbar ou encantar aqueles que os cercam. O título deste trabalho incorpora esses sentidos: por um lado, a luta que os jovens empreendem para viver em meio a condições que lhes têm sido bastante adversas (os contratempos) e, por outro, os

¹³ A citação completa é: “Los tiempos sociales corresponden a la experiencia de los tiempos vividos, a la multiplicidad de comportamientos temporales, es decir, a las diversas maneras de adaptarse a las condiciones temporales de la existencia. Pero también expresan las estrategias y las tentativas para soslayar esas condiciones impuestas por los entornos físicos, técnico e social en incesante mutación”.

tempos (e passatempos) que os jovens propõem através de suas práticas, e que por vezes andam “a contratempo”, ou seja, na contramão, do restante da sociedade¹⁴.

Além disso, seria ingênuo da minha parte pensar numa cultura temporal juvenil autônoma para os grupos populares. As diversas orientações e experiências temporais desses jovens ocorrem em contextos informados tanto pelos contatos sociais diretos (seus familiares, amigos e vizinhos), como pelas instâncias socializadoras secundárias (escolas, igrejas, etc.) e os meios de comunicação universalmente disponíveis. Acontecem, portanto, numa sociedade altamente desigual mas nem por isso dividida ao ponto de abrigar duas culturas totalmente separadas – a do “povo” e a das “elites”. Deste modo, a análise da cultura temporal dos jovens de periferia freqüentemente nos indica a presença de tensões e conflitos que nos falam sobre sua posição num espaço social hierarquizado, embora também sugiram a permanência e atualidade de soluções culturais próprias desses grupos. Apesar de não ter empreendido uma análise comparativa entre as temporalidades dos jovens de grupos populares e aqueles das classes médias¹⁵, entendo que existem freqüentemente “simultaneidades” (VAITSMAN, 1997) ou “circularidades” (GINZBURG, 1987) entre os códigos culturais desses dois grupos, afetando as temporalidades dos jovens em estudo.

Por fim, não penso que a experiência temporal dos jovens de periferia seja homogênea, uma vez que a juventude, nos grupos populares, se caracteriza por uma multiplicidade de trajetórias sociais, tornando muito difícil estabelecer uma tipologia única de uso do tempo. A condição de gênero, principalmente, é muito relevante na forma como os jovens percebem e organizam seu tempo, fato que já tem sido observado em pesquisas sobre temporalidades juvenis em diversos países (LANGEVIN, 1987; 1992; LASÉN, 2000; LECCARDI, 1996). São igualmente importantes a inserção institucional (jovens escolarizados, jovens de igreja, jovens “de projeto”, etc.) e sua posição no que podemos chamar de “espaço social juvenil” (MARTÍNEZ, 2003), ou seja, a identificação de cada jovem em meio às divisões que permitem uns e outros se reconhecerem como próximos e diferentes: “bons rapazes” e “meninas presas” *versus* “badboys” e “meninas soltas”, entre outros possíveis rótulos que marcam afinidades e antagonismos entre jovens da mesma origem social e às vezes da mesma localidade.

No que tange à influência das relações de gênero na vivência do tempo, neste trabalho ela vai além do campo empírico – de que modo moças e rapazes usam seu tempo – e afeta a

¹⁴ Agradeço a Amparo Lasén essa segunda interpretação do termo “contratempo”.

¹⁵ Fiz isso em outras ocasiões, mas sem o grau de aprofundamento necessário a um trabalho de doutoramento (DALSGARD; FRANCH; SCOTT, 2008; SCOTT; FRANCH, 2001).

própria maneira de entender as temporalidades. Como afirma Leccardi (2006), ao colocar as relações entre homens e mulheres no centro da reflexão sobre o tempo, passamos a questionar certas hierarquias, como a que existe entre o tempo produtivo e o tempo reprodutivo, e a pôr sob suspeita a existência de claras barreiras entre os diversos tempos da vida. A perspectiva de gênero no estudo das temporalidades nos reenvia à clássica dicotomia natureza/cultura e aos modos pelos quais certas formas de organização do tempo biográfico – como, por exemplo, as carreiras lineares e contínuas, mais comuns entre os homens – são valorizadas em detrimento de outras – o tempo plural e as carreiras descontínuas, mais frequentes entre as mulheres (BODOQUE, 2001; LECCARDI, 2006; ODIH, 1999; 2003). No decorrer do trabalho, essas questões serão melhor discutidas, partindo-se da comparação das percepções e práticas temporais de jovens de ambos os sexos.

Como se vê, o estudo do tempo põe em foco algumas das dicotomias básicas no campo das ciências sociais: natureza/cultura, universal/particular, indivíduo/sociedade, tradicional/moderno. Objetivo ou subjetivo, preciso como um relógio digital ou instável como o fluxo de consciência, o tempo é, apesar de sua aparente intangibilidade, um elemento crucial na organização das sociedades e na constituição da identidade das pessoas, uma dimensão imbricada em todos os aspectos da prática social. Estudando a experiência do tempo numa determinada época, podemos apreender as formas de ação social, a racionalidade e os valores dominantes que a caracterizam, uma vez que o tempo é um “indicador cultural global” (TABBONI, 2006, p.3). Por esse motivo, constitui uma via excepcionalmente fértil de acesso aos modos de vida dos diversos povos e mesmo dos grupos sociais de uma mesma sociedade. A juventude, entendida enquanto uma categoria ampla e diversa (ABRAMO, 1997; ALVIM; PAIM, 2000; BOURDIEU, 1983; CASTRO, 2002; FRANCH, 2000; PAIS, 1993), pode ser revelada sob uma nova luz quando abordamos sua temporalidade.

1.2 NOVOS TEMPOS, NOVOS JOVENS?

O chamado “tempo vital” (ADAM, 1990, p.2), ou seja, o fato de passarmos por uma série de transformações biológicas ao longo da vida até nossa morte, é objeto de investimento simbólico em todas as sociedades, podendo-se dizer que tempo e idade estão intrinsecamente ligados através das periodizações dos ciclos da vida. No campo das ciências sociais, essa ligação é mais problematizada em determinadas etapas, principalmente na juventude e na velhice, em detrimento de outras, como a infância e, principalmente, a idade adulta (DEBERT, 2004; FEIXA, 2005; MÜLLER, 2008). Os motivos que levam a problematizar a

dimensão temporal dos jovens e dos idosos são diferentes. Na velhice, a proximidade da morte e, no caso das sociedades ocidentais, a perda de status e valor social, reenviam a reflexões sobre a finitude física e social. Já no que tange à juventude, é a idéia de transitoriedade que traz à tona a reflexão sobre o tempo. Como observam Levi e Schmitt (1996, p.8), todas as fases da vida são transitórias, mas a juventude é qualificada socialmente através desse atributo. A idéia de que os jovens se encontram na confluência entre passado, presente e futuro faz com que esse momento seja percebido como um cruzamento temporal, tornando-o propício para um estudo sobre os sentidos e as práticas do tempo.

O interesse em conhecer e discutir a temporalidade juvenil nos grupos populares se articula com questões de ordem prática e teórica, relativas ao campo da juventude e aos estudos sobre temporalidades. Como se sabe, a temática da juventude vem adquirindo uma notável relevância no debate público brasileiro nos últimos quinze anos. Se na década de 1980, como já observou Rosilene Alvim (2002), a sociedade se mobilizou em torno das “crianças de rua”, processo que culminou na formulação do Estatuto da Criança e do Adolescente, os anos 1990 assistiram a um incremento da produção acadêmica e da mobilização política ao redor da categoria “juventude”, redundando na formulação de programas e políticas voltadas para esse segmento. Várias são as interpretações dessa mudança e não cabe aqui analisá-las¹⁶. Interessa, entretanto, perceber que o tempo é um dos principais vetores de preocupação social quando o assunto é juventude. Não à toa, a mensagem escolhida para anunciar o programa federal Pró-Jovem Urbano em 2008 traz o tempo no seu lema: “Para quem tem a vida a ganhar e nenhum tempo a perder”. E, não por acaso, a trilha sonora do comercial de televisão do referido programa é o tema *Tempo perdido*, de Renato Russo¹⁷.

A preocupação com o uso do tempo atinge as famílias de camadas médias, que buscam preencher o maior número possível de horas de seus filhos com atividades para melhorar seu desempenho futuro, mas é mais presente ainda no caso dos jovens dos grupos populares, cujo tempo vago não é apenas motivo de preocupação familiar como também política e social (ABRAMO, 1997; DALSGARD; FRANCH; SCOTT, 2008; SPOSITO; CARRANO, 2003). Tive ocasião de discutir algumas dessas questões em minha dissertação de mestrado sobre os usos do tempo livre entre jovens de um bairro popular do Recife

¹⁶ A bibliografia é amplíssima. Revisões sobre a produção recente sobre juventude foram feitas por Alvim, Franch e Paim (2004b) e por Sposito (2000).

¹⁷ Ver dados sobre o Pro-Jovem urbano no site: <http://www.projovem.gov.br/2008/>. As estrofes que aparecem no comercial são: “Todos os dias quando acordo,/ Não tenho mais o tempo que passou/ Mas tenho muito tempo:/Temos todo o tempo do mundo./Todos os dias antes de dormir,/Lembro e esqueço como foi o dia:/"Sempre em frente,/Não temos tempo a perder.”

(FRANCH, 2000). Em conversas com as famílias e, sobretudo, com os diversos representantes das agências juvenis (cursos profissionalizantes, grupos de igreja, organizações não governamentais, etc.), não raro deparava-me com uma representação que associava a idéia de juventude ao perigo e que localizava as piores ameaças para os jovens no uso displicente que estes imprimiriam a seu tempo. A expressão calvinista “mente ociosa, oficina do diabo”, que recorrentemente escutei (em suas diversas variações) da boca dos responsáveis por espaços para jovens, condensava essas idéias (FRANCH, 2000, 2001, 2002a).

Há uma vasta literatura que mostra como a juventude é tematizada, na academia e no senso comum, a partir da idéia de problema, o que é mais evidente ainda no caso dos chamados jovens das periferias que aliam à condição juvenil o estigma de pertencer às “classes perigosas”, segundo a conhecida expressão de Louis Chevalier (ABRAMO, 1997; ALVIM; PAIM, 2000; BERGA, 2004; BOURDIEU, 1983; 1986; FEIXA, 1998; FRANCH, 2000; SPOSITO; CARRANO, 2003). A opinião de que os jovens pobres têm muito tempo ocioso e que isso não é bom nem para eles nem para a sociedade impregna o senso comum, transparece na mídia e informa freqüentemente as intervenções voltadas para esse segmento. Analisando as políticas e programas destinados à juventude, no Brasil, até o ano de 2003, Marília Sposito e Paulo Carrano (2003) concluíam que existe uma “simultaneidade de tempos no debate sobre a juventude” (p.4), incluindo “orientações tais como as dirigidas ao controle social do tempo juvenil, formação de mão-de-obra e também as que aspiram à realização dos jovens como sujeitos de direitos” (p.4). Os autores também observaram que boa parte das ações norteadas pela lógica do controle do tempo destinava-se às parcelas mais empobrecidas da população juvenil que, sobretudo nos anos 1990, passaram a ser compreendidas a partir da noção de “risco social”:

Problemas reais identificados, principalmente, na área de saúde, da segurança pública, do trabalho e emprego dão a materialidade imediata para se pensar as políticas de juventude sob a égide dos problemas sociais a serem combatidos. Nesse processo, é possível reconhecer que, em muitas formulações, a própria condição juvenil se apresenta como um elemento problemático em si mesmo, requerendo, portanto, estratégias de enfrentamento dos “problemas da juventude”. Isso se expressa, por exemplo, na criação de programas esportivos, culturais e de trabalho orientados para o *controle social do tempo livre dos jovens*, destinados especialmente para os moradores dos bairros periféricos das grandes cidades brasileiras (p.8; grifos meus).

Ocupar o tempo, combater a ociosidade, canalizar a energia juvenil para atividades como o esporte ou a “cultura popular” faz parte da agenda explícita ou implícita de grande número de intervenções destinadas a esses jovens, em detrimento muitas vezes da lógica do

direito que deveria nortear as mesmas (ABRAMO, 1997; FRANCH, 2001; SPOSITO; CARRANO, 2003; ZALUAR, 1994b). Embora este trabalho não busque analisar o discurso das intervenções destinadas aos jovens, a recorrência de certos topos nos programas e projetos para esse público atuou, de certo modo, como um estímulo em minha procura pelos sentidos do tempo pelos próprios jovens.

Se a preocupação social a respeito do tempo juvenil apresenta um recorte de classe, ela também veicula representações sexualmente diferenciadas. Os jovens são percebidos como sendo suscetíveis ao envolvimento com a criminalidade, principalmente com o tráfico de drogas, enquanto a esfera de preocupação para as jovens é, geralmente, a sexualidade, especificamente a maternidade “precoce”. Cabe lembrar que as atribuições de gênero em relação aos “problemas sociais” não correspondem à realidade empírica, uma vez que também os adolescentes e jovens tornam-se pais nessa fase da vida, bem como as jovens, embora em menor medida, se envolvem direta e indiretamente na criminalidade. O recorte de gênero, entretanto, faz parte da compreensão social dessas questões, compondo assim o cenário em que elas se tornam questões relevantes para o debate público e para a implantação de políticas¹⁸.

Em recente pesquisa da Datafolha sobre o perfil da juventude brasileira¹⁹, as atribuições de gênero ficaram bem evidentes. Ao discutir a questão da inserção profissional, foi apresentada a história de dois irmãos nos seguintes termos: “Os gêmeos Cleuton e Cleiton Souza, de 19 anos, lutam para ser diferentes – dos colegas que viram cair na droga e no crime”. Já na discussão sobre o aborto, são apenas as garotas que dão entrevista. A idéia de que existiria uma “tendência natural” dos homens jovens pobres para o crime, contra a qual é preciso “lutar” atravessa o debate sobre as políticas públicas para juventude no Brasil (ALVIM; PAIM, 2005; LONGHI, 2008; SPOSITO; CARRANO, 2003). Já no que diz respeito ao debate sobre gravidez na adolescência, pesquisas recentes tentam, de um lado, combater a idéia de que esse evento é necessariamente problemático, como também buscam reintroduzir os garotos na discussão (BRANDÃO, 2003; BRANDÃO; HEILBORN, 2006; HEILBORN et al., 2002; LYRA, 1997). Sem entrar no mérito desses debates, interessa aqui

¹⁸ Como lembra Carles Feixa, essas representações surgiram paralelas às primeiras concepções sobre adolescência e juventude, como pode ser percebido no seguinte trecho do livro *Adolescence*, de Stanley G. Hall, considerada a primeira obra científica sobre essa fase da vida: “A natureza arma a juventude para o conflito com todos os recursos a seu alcance – velocidade, poder de ombros, bíceps, costas, pernas, queixo – reforçando e engrandecendo crânio, tórax e cintura, o que torna o homem mais agressivo e prepara a mulher para a maternidade” (HALL *apud* FEIXA, 2004, p.19).

¹⁹ Especial da Folha de São Paulo intitulado “Sonhos, medos, vontades, dúvidas e certezas do jovem brasileiro”, publicado no domingo 27 de julho de 2008.

destacar que os dois principais “problemas sociais” que concernem à juventude nos dias que correm – violência e gravidez na adolescência – dizem respeito, indiretamente, às formas legitimadas de uso do tempo, apresentando expectativas de gênero e classe claramente definidas.

Quando conversamos com os jovens, entretanto, o tempo vago não é necessariamente entendido como algo negativo. Antes, ele pode ser percebido como uma oportunidade para o lazer, a sociabilidade, a criação ou, por que não, para a preguiça (FRANCH, 2000; 2002). Como observou Helena Abramo, “A juventude é vista como um tempo da vida em que se pode gozar da vida e tentar um futuro melhor” (ABRAMO, 1994, p.62). Nos meios populares, sobretudo, ser jovem amíúde significa ter certa licença para a distração, uma vez que a vida adulta comporta privações e dificuldades de todos conhecidas²⁰. Entretanto, a “desocupação” também pode ser um sinal de fracasso, de exclusão social e de falta de oportunidades para os jovens e suas famílias – pois não é a mesma coisa não ter o que fazer aos 15 e aos 25, quando se é solteiro e quando se tem filhos, etc. Por esses e outros motivos, o tempo juvenil aparece como uma encruzilhada de práticas e significados que revelam condições sociais, normas, valores e contradições relativas à vivência da juventude nas classes populares, pondo freqüentemente em jogo conflitos e relações de poder.

O estudo do tempo juvenil em contextos de exclusão social ganha sentido, também, como contribuição ao debate sobre as mudanças na experiência temporal nas sociedades contemporâneas. Na literatura especializada, é hoje consenso que estamos passando por profundas transformações na forma como organizamos e percebemos nossa relação com o tempo (ADAM, 1995; AUGUSTO, 2007; BAUMAN, 1999; 2000; CASTELLS, 1999; CRESPI, 2005; GAULLIER, 1984; HARVEY, 1992; LECCARDI, 2005b; NOWOTNY, 1989; SENNETT, 1999). Essas mudanças se iniciaram na década de 1960, mas se aprofundaram e intensificaram nos anos 1980, fazendo parte do cenário descrito como segunda modernidade, pós-modernidade, modernidade tardia, sociedade em rede, entre outros possíveis epítetos, e que corresponde à fase atual de desenvolvimento do capitalismo.

As transformações em curso relacionam-se com aspectos tais como as reconfigurações no mundo do trabalho, o avanço tecnológico e o acirramento da dimensão de risco nas nossas sociedades. Alguns autores afirmam que estamos vivendo um momento de compressão tempo-espço (HARVEY, 1992) ou de aceleração do tempo (AUGÉ, 1994) porque a rapidez nos processos de circulação de mercadorias, dos fluxos de capital, das imagens e das pessoas

²⁰ Já observado por Hoggart (1973).

faz com que o mundo, de certo modo, se torne menor. Além disso, as novas tecnologias produzem experiências de simultaneidade uma vez que, no mundo virtual, é possível estar em vários lugares e mesmo em vários tempos concomitantemente, experiência que desafia as representações lineares dominantes na primeira modernidade (ADAM, 1992; AUGUSTO, 2007; LECCARDI, 2005a).

A velocidade dos processos econômicos e da circulação de informações termina nos condenando àquilo que Nicole Aubert (2003) qualificou do “culto à urgência”. Hoje trabalha-se mais rápido, come-se mais rápido, viaja-se mais rápido, dir-se-ia, enfim, que se vive mais rápido. Paradoxalmente, cada vez mais pessoas reclamam da falta de tempo, prova cabal de que a velocidade nos processos econômicos não fez valer a promessa das utopias dos anos 1970, a de um mundo cada vez mais liberado do fardo do trabalho, em que os indivíduos poderiam dedicar mais horas ao lazer e a outras atividades prazerosas. O excesso de tempo, inclusive, pode ser vivido como um estigma, notadamente entre aqueles que vivenciam as novas situações de exclusão social decorrentes das transformações no mundo do trabalho e da diminuição do papel do Estado²¹:

O encolhimento do espaço abole o fluxo do tempo. Os habitantes do Primeiro Mundo vivem num presente perpétuo, passando por uma série de episódios higienicamente isolados do seu passado e também do seu futuro. Essas pessoas estão constantemente ocupadas e sempre “sem tempo”, pois cada momento não é extensivo – experiência idêntica à de ter o tempo “todo tomado”. As pessoas ilhadas no mundo oposto são esmagadas pela carga de uma abundância de tempo redundante e inútil, que não têm com que preencher. No tempo delas, “nada acontece”. Elas não “controlam” o tempo – mas também não são controladas por ele, ao contrário dos seus ancestrais governados pelo relógio, submetidos ao ritmo impessoal do tempo fabril. Elas só podem matar o tempo, enquanto o tempo vai aos poucos matando-as (BAUMAN, 1999, p.96).

Como se sabe, o mundo do trabalho constitui um dos principais vetores em que as mudanças na temporalidade se originam e se expressam. Isso não apenas pelos crescentes contingentes populacionais que vivem atualmente entre o desemprego e a informalidade, mas também porque o desenvolvimento recente do capitalismo tornou obsoletas as noções de carreira e de estabilidade, exigindo dos trabalhadores um *ethos* flexível e aberto a contínuas mudanças (SENETT, 2003; SORJ, 2000; ver ORGANISTA, 2006). Entretanto, outras esferas da vida coletiva vêm-se também afetadas pelas mudanças na temporalidade, entre elas a instituição familiar e as relações interpessoais, que se afastaram progressivamente do modelo

²¹ Também em Nowotny (1989) e Bourdieu (2001).

da estabilidade e da irreversibilidade para tornarem-se mais flexíveis e menos definitivas (BAUMAN, 2004; SENNET, 2003; VAITSMAN, 1994).

Resumindo, as discussões a respeito das mudanças nas temporalidades sugerem que, enquanto a representação do tempo da (primeira) modernidade enfatizava a linearidade, a irreversibilidade, a predição e o controle, nas sociedades contemporâneas o tempo se fragmenta, pondo em questão as representações lineares e irreversíveis do tempo e transformando a idéia de predição na de risco²². Contudo, a profundidade e o alcance dessas mudanças é percebido de forma diferente pelos autores. Enquanto alguns não têm dúvidas de que navegamos em meio a tempos fragmentados, simultâneos e diversos, muitos deles ancorados virtualmente em paraísos artificiais, outros autores são bem mais cautelosos a esse respeito (CARMO, 2006). Como nos lembra Emília Araújo (2005a, p.14), apesar da aparente plasticidade do tempo em que vivemos, “continuamos a desacreditar nas visões temporais fragmentadas e artificiais propostas pelo Blade Runner”, isso sem mencionar nosso enraizamento nos tempos naturais.

Todas essas transformações têm implicações importantes na forma como os indivíduos constroem e entendem suas trajetórias de vida, incidindo na organização social do curso da vida. Como já foi amplamente estudado, a percepção moderna do tempo de vida corresponde a uma sucessão de etapas claramente definidas, cada uma com seus correspondentes institucionais. À infância caberia a vivência com a família nuclear e a escola; à juventude, a preparação para o trabalho e, a partir da invenção do *teenage market*, a fruição do lazer; à idade adulta, o trabalho e a formação da família; restando à velhice o recurso à aposentadoria e uma existência recolhida, fora da esfera pública (ARIÈS, 1986; FEIXA, 1998; DEBERT, 1997; FEATHERSTON, 1994; HAREVEN, 1999).

O que se verifica atualmente é que esse modelo começa a ser enfaticamente questionado não apenas pela sua ligação a certo tipo de sociedades (países “desenvolvidos”, notadamente aqueles com um forte *Welfare State*) ou pela pouca sensibilidade à heterogeneidade de circunstâncias individuais e às condições de gênero e classe, mas enquanto consenso social a respeito das idades da vida (BASSIT, 2000; FEIXA, 1998; DEBERT, 1997; FEATHERSTON, 1995; MÜLLER, 2008; PAIS, 2003). Isso coloca desafios especiais aos jovens, uma vez que as vias de transição à idade adulta se tornam mais

²² Trata-se de um acirramento da experiência do risco pois com o Spink (2001) e Neves (2008) sugerem, a (primeira) modernidade implica uma convivência maior com o risco, decorrente da destradicionalização.

diversificadas, indefinidas, complexas e instáveis (BRANDÃO; HEILBORN, 2006; GALLAND, 2004; HEILBORN et al., 2006; LANGEVIN, 2005a; PAIS, 2003).

Ser pai ou mãe antes de casar, trabalhar antes de concluir os estudos, casar antes de ter independência financeira, bem como a aparente reversibilidade de cada uma dessas passagens, são situações cada vez mais comuns que desafiam o *timing* esperado das transições. Não apenas as condições em que os jovens fazem suas transições parecem ter mudado, mas a própria valorização desses marcos precisa ser problematizada (HEILBORN; EQUIPE GRAVAD, 2005, p.41). Deixou de ser evidente, por exemplo, que a busca por independência seja um anseio de todos os jovens. Fala-se muito no “prolongamento da juventude” (GALLAND, 2004; PAIS, 1993), porém o adiamento da transição à vida adulta pode ser não apenas resultado de constrangimentos externos, mas também uma opção diante da mudança nas relações familiares e nas expectativas das novas gerações.

Num contexto dominado pela incerteza e com poucas indicações quanto ao que se espera do indivíduo a cada momento de sua vida, as pessoas são chamadas a construir suas trajetórias biográficas com menos pontos de referência do que outrora. Assim, a “crise da biografia normal” está ligada à individualização do curso da vida, ou seja, cabe a cada pessoa, individualmente, atribuir significado a suas vivências, definindo uma identidade para si (LECCARDI, 2005b; RAMPAZI, 2005). Nessa construção, a dimensão do “projeto de vida”, que foi uma peça crucial na organização biográfica da modernidade, transforma-se radicalmente e chega até mesmo a desaparecer, enquanto o futuro se torna uma dimensão inexistente ou ameaçadora. Alie-se a esta circunstância a quebra dos grandes projetos coletivos que inseriam o tempo individual num tempo coletivo, histórico, para percebermos que a individualização não diz respeito a soluções individuais, mas à própria ambiência política e social de uma época.

Apesar de atingirem as pessoas de todas as idades, tais transformações afetam e são vividas de modo diferente por cada geração. A juventude, em que pesem as expressivas diferenças dentro dessa ampla categoria, enfrenta tarefas distintas daquelas dos adultos ou idosos, exigindo uma relação específica com o tempo. Como já foi sugerido, o fato da juventude se constituir como uma fase de transição à idade adulta coloca a questão temporal em seu cerne. Por outro lado, se tomarmos o termo geração em seu sentido histórico (MANNHEIM, 1982), é inegável que cada geração estabelece sua temporalidade de modo próprio, pois tomamos consciência do tempo de acordo com uma experiência que não é partilhada pelas gerações anteriores (LASÉN, 2000; LECCARDI, 2005b). Isto quer dizer que

os jovens não necessariamente percebem as mudanças na temporalidade enquanto algo diferente do passado, como mudanças, portanto. Antes, elas constituem o contexto em que lhes toca viver. Deste modo, o interesse teórico em pesquisar as transformações temporais em relação à juventude é duplo. Estudando o tempo desvendamos melhor a condição juvenil contemporânea e, ao mesmo tempo, conhecemos melhor as transformações temporais quando interrogamos um grupo que, devido a sua própria juventude, está totalmente imerso nelas.

A despeito da fertilidade dessa temática, é surpreendente o pouco interesse que a questão da temporalidade juvenil tem despertado no Brasil, sobretudo num momento em que os estudos sobre juventude se multiplicaram. Até a data, apenas os trabalhos de Helena Olívia Augusto (2007) se propõem de fato a analisar as temporalidades juvenis levando em consideração as transformações na experiência do tempo nas sociedades contemporâneas²³. Embora seja possível encontrar um número considerável de estudos que estabelecem algum cruzamento com esta temática, com os quais tento dialogar aqui, a ausência desse recorte na produção atual sobre juventude foi um dos estímulos decisivos para este trabalho.

Já em outros países, a discussão das mudanças nas temporalidades passa, necessariamente, pelo reconhecimento das vivências temporais da juventude e vice-versa, ou seja, o estudo da juventude também compreende o reconhecimento das mudanças nas temporalidades. Na Itália, um grupo de sociólogos vem estudando essas questões através de estudos empíricos em diversas cidades do país desde os anos 1980, década em que a chamada “crise do emprego” afetou sobremaneira a incorporação dos jovens europeus no mercado de trabalho (CAVALLI, 1985; COLUCCI, 1984; LECCARDI, 1991; 1996).

Nos trabalhos mais recentes, os autores concluem que a aceleração do tempo não produz necessariamente reações negativas nos jovens, como ansiedade e insegurança, mas também propicia a abertura a novas estratégias de controle do tempo (CRESPI, 2005). Se por um lado existe, entre os jovens italianos, uma tendência a concentrar a atenção no presente, acompanhada por uma dificuldade em formular projetos a longo prazo, a aceleração dos ritmos sociais também pode ser vivida como um recurso positivo em suas vidas. Isso não quer dizer que os pesquisadores não tenham encontrado um “difuso sentimento de ânsia e de

²³ Posso estar sendo injusta nessa avaliação mas, de fato, não encontrei ninguém pesquisando essa temática e a própria Maria Helena Olívia Augusto confirmou, em conversa virtual, essa lacuna. Além desse trabalho, tive acesso a alguns estudos sobre gênero e tempo recentemente (e incipientemente) desenvolvidos (AGUIAR, 2001), um dos quais, inclusive, aborda a diferença de usos de tempo entre jovens estudantes de ambos os sexos (MACHADO; CARVALHO, 2006).

desorientação” (CRESPI, 2005, p.12), mas não é esse o estado de ânimo dominante entre os jovens²⁴.

De forma semelhante se manifesta a socióloga espanhola Amparo Lasén (2000) que desenvolveu um estudo sobre a cultura temporal dos jovens europeus, tendo por base entrevistas realizadas na França e da Espanha. Para essa autora, esses jovens estão desenvolvendo uma estratégia da indeterminação, graças à qual compreendem a incerteza do futuro antes como uma multiplicação de possibilidades do que como uma limitação. Viver na dimensão do presente, para essa geração, significa estar aberto à novidade e à experiência e ir construindo, à medida que as coisas acontecem, a própria trajetória. Entretanto, não são todos os jovens que percebem a incerteza do futuro como uma potencialidade enquanto se deliciam com as experiências do presente. Lasén destaca que isso acontece, sobretudo, aos jovens que possuem mais recursos culturais, sociais e econômicos, sendo uma experiência muito comum entre os estudantes universitários. Todavia, os jovens privados desses recursos experimentam às vezes angústia por não poderem controlar seu futuro e por estarem vivendo um presente despojado de qualquer fascínio.

Esses estudos, como também outros que irei mencionando ao longo deste trabalho²⁵, são indicativos do modo como jovens pelo mundo afora enfrentam, mas também constroem, suas relações em tempos de incerteza. Porém, as condições juvenis nesses lugares, além de muito diversas entre si, correspondem apenas parcialmente àquelas que podem ser encontradas entre os jovens brasileiros. Mudando o contexto, as questões precisam também mudar. Nas próximas páginas, apresento sumariamente alguns aspectos daquilo que podemos chamar condição juvenil contemporânea no Brasil²⁶, levantando as questões específicas que nortearam minha busca pelas temporalidades juvenis entre os jovens dos grupos populares do Grande Recife. Trata-se de questões que não necessariamente consegui responder mas que me orientaram, na forma de indagações abertas, ao longo de minha trajetória de pesquisa.

²⁴ Entre os novos estudos sobre as mudanças do tempo e os jovens, na Itália, destaco Leccardi (2005), Mandich (2005c), Rampazzi (2005) e Melucci (1997).

²⁵ Em Portugal, vários trabalhos de Machado Pais dão atenção indireta à temática do tempo, em especial Pais (2003). O trabalho de Øian (2004), sobre jovens na Noruega, também lida com esta questão.

²⁶ De acordo com Abramo (2005), a condição juvenil refere-se ao modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do curso da vida num dado momento histórico. Já a situação dos jovens revela o modo como tal condição é vivida por diversos grupos de jovens, destacando-se os recortes classe, gênero, etnia etc.

1.3 JOVENS AQUI E AGORA – AFINANDO AS QUESTÕES

Para quem estuda ou trabalha com jovens, não resta dúvidas de que vivemos, no Brasil, um momento singular quanto à visibilidade dessa temática. O “problema dos jovens” está na pauta em toda campanha eleitoral que se preze, merece a atenção da imprensa e da mídia, gera dividendos às editoras, atrai a atenção dos estudiosos e, por último, mas nem por isso menos importante, se traduz em políticas públicas em todas as esferas de governo. Em 2005, foi instituída, através de Medida Provisória, a Política Nacional da Juventude, um conjunto de medidas e instituições voltadas para a população de 15 a 29 anos²⁷. Nas prefeituras e governos de Estado de todo o país, vêm sendo criadas secretarias e coordenadorias da juventude, que fazem parte de um processo geral de institucionalização da juventude. Tais iniciativas sugerem que o Estado passou a perceber os jovens como segmento portador de demandas, características e direitos específicos, fato que não deixa de ser interessante num momento de tantas e tão profundas transformações no curso da vida nas sociedades contemporâneas.

A demografia é a primeira disciplina a aparecer em cena nas recentes discussões sobre a condição juvenil no Brasil²⁸. De acordo com o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2000 havia 34,1 milhões de jovens entre 15 e 24 anos, representando 20,1% do total da população brasileira. Dados da Projeção Populacional do IBGE (revisão de 2004) apontam uma pequena tendência a queda percentual em 2008, com 37,1 milhões nessa faixa etária, correspondendo a 19,7% da população total estimada para esse ano. Se ampliarmos o recorte para a população de 15 a 29 anos, os números sobem para 47,9 milhões em 2000 e para 51,1 milhões em 2008, representando respectivamente 28,2% e 27,4% da população total ou estimada. A cidade do Recife acompanha a tendência nacional, com 284.608 jovens (15 a 24 anos), que representavam 20% da população total no ano de 2000. Comparativamente a outros períodos históricos, a proporção de jovens na população total é hoje especialmente elevada. Esse fenômeno, conhecido como “onda jovem”, tem significativas repercussões sociais, econômicas e culturais, destacando-se as demandas por

²⁷ Esse é o recorte etário adotado pela Secretaria e pelo Conselho Nacional da Juventude, e é também a faixa de idade proposta pelo Estatuto da Juventude, em discussão na Câmara dos Deputados. A ampliação da faixa etária, dos 25 aos 29 anos, segue uma tendência internacional e dá expressão institucional ao fenômeno conhecido como prolongamento da juventude. O critério cronológico, entretanto, foi usado aqui apenas como indicativo, pois a própria definição social do tempo da vida fazia parte de minha problemática de pesquisa

²⁸ Como Debert (1999) observa, em matéria de idade, a demografia adquire freqüentemente um caráter explicativo embora ela própria precisaria ser compreendida como parte da construção discursiva que determina normas e valores para as diversas etapas da vida. Essa observação parece-me especialmente pertinente para o debate sobre juventude na atualidade, mas foge de meus objetivos aprofundar essa via de análise.

emprego e por educação a nível médio e superior, que estão longe de ser atendidas na atual conjuntura econômica e social (ABRAMO, 2005; MADEIRA, 1998; SINGER, 2005).

A “crise do emprego”, que afetou os jovens europeus e de outras economias desenvolvidas na década de 1980, se deixou sentir com força no Brasil nos anos 1990, acompanhando o aumento absoluto da população jovem no país (CASTRO; AQUINO, 2008). De acordo com Paulo Singer (2005), esse seria um dos motivos que faz com que os jovens brasileiros vivam atualmente mergulhados numa “crise social”. Com efeito, a geração que fez seu ingresso ao mundo de trabalho depois dos anos 1990 no Brasil encontrou um contexto desfavorável, marcado pelas dificuldades de conseguir emprego e pela precarização das condições de trabalho, resultado da reestruturação produtiva e da conseqüente desregulamentação do setor trabalhista. Os jovens foram os mais afetados pela redução das formas de emprego regular em favor de contratos temporários e em tempo parcial (CASTRO; AQUINO, 2008; SINGER, 2005). Eles também detêm as taxas mais altas de desemprego, sendo o fator idade mais decisivo na desvantagem para conseguir uma vaga no mercado de trabalho que qualquer outro, incluindo sexo e raça (SILVA; KASSOUF, 2002). Em 2006, enquanto o desemprego entre os adultos (30 a 59 anos) era de 5%, esse índice aumentava consideravelmente entre os jovens: 22,6% na faixa de 15 a 17 anos, 16,7% entre jovens de 18 a 24, e 9,5% para os jovens com idades compreendidas entre os 25 e os 29 anos (CASTRO; AQUINO, 2008).

É bem verdade que, nos últimos anos, mudanças parecem despontar nesse cenário, com uma lenta porém progressiva queda das taxas de desemprego, uma certa recuperação do emprego formal e uma diminuição na desigualdade dos rendimentos do trabalho (CASTRO; AQUINO, 2008, p.141²⁹). De todo modo, as dificuldades de inserção no mercado de trabalho, sobretudo para os jovens com menor qualificação, e a precariedade com que essa inserção acontece marcam o cenário em que boa parte dos jovens brasileiros faz sua passagem para as responsabilidades da vida adulta. Com isto, criam-se novas situações que afetam a vivência do tempo dos jovens, tanto no que diz respeito à organização do cotidiano como ao amadurecimento social, já que o trabalho é uma das expectativas comumente alegadas pelos jovens e um dos marcadores tradicionais da condição adulta, sobretudo para os homens.

²⁹ Os resultados da Pesquisa de Emprego e Desemprego da Região Metropolitana do Recife, realizada pelo DIEESE, no ano de 2007, apontavam para a diminuição da taxa de desemprego total (aberto e oculto) pelo quarto ano consecutivo. Em 2006, essa taxa era de 21,3% da População Economicamente Ativa e, em 2007, tinha caído para 19,7%, o menor patamar desde 1998. Comportamento semelhante se observa no restante das Regiões Metropolitanas pesquisadas.

A questão do trabalho figura entre as mais importantes nos debates e nas intervenções voltadas para a juventude no Brasil. Entretanto, acredito que ainda é preciso conhecer melhor de que forma os jovens de diferentes origens sociais significam o desemprego e as novas relações de trabalho numa perspectiva que não entenda tais situações apenas como problemas para os quais é preciso dar uma resposta, mas como situações que moldam as experiências de vida dos jovens³⁰. Pensando especificamente na experiência temporal juvenil, essa conjuntura faz emergir algumas questões: de que maneira os jovens vivenciam as intermitências nas suas trajetórias profissionais e outras possíveis situações de inserção precária? Estaria existindo uma relativização do peso do referencial trabalho na identidade social masculina? E entre as mulheres? Como esses jovens organizam seu tempo cotidiano, uma vez que o trabalho é, historicamente, uma das principais atividades que estruturam o ritmo do dia-a-dia (THOMPSON, 1998)? Até que ponto a retração do mercado formal de trabalho afeta suas expectativas para o futuro?

Essas questões remetem à discussão sobre reprodução e mudança social entre os grupos populares, precisamente porque incidem sobre o estatuto desses grupos enquanto “classes trabalhadoras³¹”. Segundo Duarte (1988), os membros das “classes trabalhadoras” não apenas sobrevivem graças ao seu trabalho como também significam sua identidade social a partir dele. Mais recentemente, outros autores têm chamado a atenção para a importância do trabalho em grupos populares, como elemento identitário diferenciador dos “trabalhadores” e dos “bandidos” (FRANCH, 2000; SARTI, 1996; ZALUAR, 1985). Quando acrescentamos uma perspectiva de gênero, o trabalho aparece fortemente ligado à identidade masculina nesses grupos, porque permite aos homens cumprirem as expectativas sociais ao seu respeito – serem os chefes (ALVIM, 1997; DUARTE, 1988) ou provedores (SARTI, 1996) de suas famílias. Entretanto, alguns autores (ZALUAR, 1994a) apontam que existiria, entre certos segmentos dos grupos populares, nomeadamente entre jovens envolvidos com a criminalidade, uma outra ética que nega o trabalho como elemento legítimo para a construção identitária, aderindo a valores individualistas que se exprimem no consumo, no hedonismo e na valorização do momento presente.

Tais debates se traduziram em inquietações para meu campo: faz sentido falar de uma mudança da ética do trabalho para a ética do consumo (BAUMAN, 1998b), nos grupos populares, que já foram vistos pela literatura antropológica como os únicos guardiões dessa

³⁰ Essa abordagem está presente em Bajoit e Franssen (1997), Quiroga (2002) e Souto (2000), entre outros autores.

³¹ O uso da expressão “classes trabalhadoras” não é consenso, podendo-se encontrar na literatura outros descritores como: classes populares, grupos populares, famílias de operários, etc. (GUIMARÃES, 1999).

ética? O que isso significa para a vivência de jovens que, a princípio, têm uma capacidade de consumo limitada? Como veremos, o estudo do tempo permitiu dialogar com tais questões a partir de um ângulo diverso, que é aquele da organização do cotidiano mas também das diversas dimensões temporais (presente, passado e futuro) com que os jovens constroem suas biografias, articulando a trajetória profissional a outras esferas de suas vidas.

No que diz respeito à escolaridade, as estatísticas não deixam dúvidas quanto ao déficit escolar da população jovem brasileira, cujo acesso a educação é marcado por fortes desigualdades e oportunidades limitadas (MADEIRA, 1998). Segundo recente levantamento do IPEA (CASTRO; AQUINO, 2008, p.14), a frequência ao ensino médio ainda não alcança metade dos jovens de 15 a 17 anos, 34% dos quais permanecem retidos no ensino fundamental. O acesso ao ensino superior é ainda mais restrito, pois apenas 12,7% dos jovens de 18 a 24 anos frequentam uma faculdade. A situação vai se agravando com o avanço da idade: 17% estão fora da escola na faixa de 15 a 17 anos, 66% na faixa de 18 a 24 e 83% entre os 25 e os 29, muitos dos quais sem ter finalizado o ensino superior. Trajetórias descontínuas, com repetências, desistências, mas também retornos e retomadas fazem parte da realidade educacional de boa parte dos jovens no Brasil, nomeadamente daqueles pertencentes às classes populares (HEILBORN et al., 2002).

Apesar disso, todos os estudos parecem concordar quanto ao aumento da escolarização média dos jovens brasileiros, bem como assinalam a mudança de atitudes em relação ao papel da educação em todas as camadas sociais. Jeni Vaitsman (1997) mostra a valorização que mulheres de baixa renda cariocas dão à educação formal, projetando para seus filhos a possibilidade de melhorar de vida estudando³². Também Rosilene Alvim (2004) observou a valorização do estudo, questionando as abordagens que assimilam automaticamente a “escola de pobres” à violência. Em outros trabalhos, eu comentei os esforços que pais de grupos populares do Recife realizam para que os filhos possam prosseguir os estudos até o término do curso médio, às vezes poupando-os de contribuir financeiramente com a família ou de fazer as tarefas de casa (FRANCH, 2004). A busca por qualificação (MADEIRA, 1998) e a expectativa de melhorar de vida através da escola não se traduzem, entretanto, em trajetórias escolares bem sucedidas. Mesmo sabendo das dificuldades e limites da escola que os jovens de grupos populares encontram (MADEIRA, 1998; SÁ EARP, 2006), tentei compreender essas situações a partir de sua relação com o tempo social dos indivíduos: o que as desistências me permitiriam entender sobre a vivência do tempo entre os jovens? Seriam elas

³² Ver também Barros e Machado (2007).

um reflexo automático da má qualidade da escola ou permitiriam perfilar também formas de autonomia dos jovens? Sair da escola poderia ser visto como parte do processo de amadurecimento social, de transição à idade adulta? E, por fim, qual seria o papel da escola na “socialização do tempo” dos jovens?

Um terceiro aspecto da condição juvenil que coloca questões para um estudo sobre o tempo é o das relações familiares. Na literatura internacional, as mudanças na família, ao permitirem a experiência de graus crescentes de autonomia pelos jovens sem sair de casa, são arroladas entre os fatores que favorecem o chamado “prolongamento da juventude”, juntamente com a extensão do período de escolarização e com as dificuldades de inserção no mercado de trabalho (GALLAND, 2004; PAIS, 1993). Esse fenômeno tem gerado bastantes trabalhos, além de vários conceitos que tentam dar conta das novas situações, como o de pós-adolescência (CHAMBOREDON, 1985) e o de “jovens adultos” (SINGLY; RAMOS, 2001). No Brasil, o adiamento da saída da casa dos pais é pauta corrente na mídia e é mencionado em alguns estudos (BRANDÃO, 2003), usualmente centrados na realidade das famílias de classe média. Já no que diz respeito aos grupos populares, domina a percepção de que os jovens desses grupos efetivam transições “precoce” ou “rápidas” ao mundo adulto (CABRAL; HEILBORN, 2005; HEILBORN et al., 2002; PIMENTA, 2007), embora frequentemente dessincronizadas. Assim, é comum que os jovens das classes populares iniciem a formação de suas famílias próprias sem ter alcançado a independência financeira, o que leva alguns autores a questionar a validade da idéia de “prolongamento da juventude” para esse grupo (HEILBORN et al., 2002, p.31).

Segundo dados do último censo do IBGE (2000), quase metade dos jovens brasileiros (49,3%), de idades compreendidas entre 15 e 24 anos, nunca saiu de casa. A maioria (33,8%) vive em famílias de estrutura do tipo nuclear ou extensa, 7,7% moram somente com a mãe e 1,2% apenas com o pai. Os jovens em união conjugal com filhos totalizam 19,3% e 1,4% moram sozinhos com seu(s) filho(s). Esses dados podem ocultar uma diversidade de situações, como morar com a família extensa e com os próprios filhos, ou com o companheiro, mas são indicativos das duas principais situações que dizem respeito à condição juvenil contemporânea: por um lado, ser filho; por outro lado, ser pai ou mãe ou, ainda, viver maritalmente. De que modo as diversas circunstâncias afetam a compreensão dos jovens a respeito de sua idade social foi uma das inquietações deste trabalho. De que maneira os jovens dos grupos populares se tornam adultos (ou continuam jovens) quando moram sob a autoridade parental, uma vez que o apoio entre as gerações é uma constante na literatura etnográfica sobre essas populações? Quais as negociações nesse processo, que esferas

atingem (lazer, trabalho, sexualidade...) e quais as implicações na organização do tempo cotidiano? Que eventos consideram mais significativos em seu amadurecimento social? E de que modo sincronizam, ou articulam, os diversos tempos (o tempo da família, o da escola e o do trabalho), de acordo com sua condição de gênero?

Por fim, a violência também coloca questões “boas para pensar”, na hora de procurar os elementos fundamentais da cultura temporal juvenil. O *Mapa da Violência IV* publicado pela Unesco (WASELFSZ, 2004) mostra que, em 2002, a taxa de homicídios da população jovem foi de 54,5 para cada 100 mil, mais do dobro da taxa para o restante da população (21,7). Homens jovens que moram nas periferias das grandes cidades são as vítimas preferenciais desses crimes, mas as consequências diretas ou indiretas dessa situação vão além desse grupo. No cenário nacional, o Recife desponta como uma das capitais mais violentas no país, situação que se refletiu em várias ocasiões ao longo da pesquisa de campo. Embora não tive a pretensão de trabalhar com a temática da violência, me preocupavam os efeitos desse fenômeno na experiência temporal de todos os jovens de periferia, não apenas daqueles que se envolvem com atividades que podemos chamar de perigosas. Afinal, se a juventude pode ser caracterizada como uma “moratória vital” (MARGULIS, 2000), ou seja, como um período da vida em que as pessoas possuem um “excedente temporal”, como se lida com a experiência de ver esse excedente ser subitamente arrebatado de tantos jovens? Como essa geração, e mais especificamente a parcela dela que vive em contato direto com situações de violência, convive com a proximidade da morte, numa época da vida em que, precisamente, a morte deveria parecer como uma fronteira longínqua? De que maneira a morte violenta de jovens afeta as expectativas de futuro de outros jovens e de suas famílias?

Aparentemente, a religião aparece como uma das possíveis vias de que os jovens lançam mão para viver num mundo de incertezas (NOVAES, 2005). Com efeito, uma das características apontadas por todos os estudos sobre a geração jovem no Brasil é a persistência da religiosidade – embora, diferentemente de épocas passadas, trate-se de uma vivência muito mais diversificada, marcada por um considerável aumento da oferta religiosa (NOVAES, 2005; SCOTT; CANTARELLI, 2004). O avanço das igrejas neo-pentecostais é um dos fenômenos que mais têm afetado a vivência religiosa juvenil contemporânea nos bairros populares das metrópoles do Nordeste, como o Recife. À diferença da Igreja Católica tradicional, as igrejas evangélicas (como também a Renovação Carismática) primam pelo envolvimento de seus fiéis numa série de atividades religiosas em seu cotidiano. Até que ponto essas novas socializações oferecem um marco de organização temporal para jovens que não estão integrados nem na escola nem no mercado de trabalho é um aspecto que pode ser

explorado, quando pensamos num estudo sobre jovens a partir da categoria tempo. De que modo o pertencimento à igreja influencia na organização do cotidiano? Como afeta a percepção do futuro e, também, a organização biográfica dos jovens?

Como já anunciei, as questões levantadas até aqui serviram como indagações permanentes ao longo da pesquisa, embora não foi possível aprofundar todas elas. Uma vez que o tempo é uma categoria sintética, ao analisar a experiência temporal juvenil empreendemos cruzamentos com diversos campos: trabalho, educação, família, sexualidade, violência, religião, lazer. Contudo, a aparição de cada uma dessas temáticas neste trabalho não ganha autonomia, encontrando-se sempre subordinadas às duas dimensões constitutivas da cultura temporal juvenil: o tempo cotidiano e o tempo biográfico. A primeira dessas dimensões diz respeito às práticas que os jovens realizam em seu dia-a-dia, incluindo as diferenciações que estabelecem entre o tempo ordinário e o extraordinário, e o papel do planejado e do imprevisto em sua organização temporal (TABBONI, 2006). Ao estudar essa dimensão temporal, é preciso levar em consideração a variedade de situações em que os jovens se encontram (dentro e fora da escola, trabalhando ou sem trabalho, solteiros, casados, com e sem filhos), sua condição de gênero e sua idade, entre outras possíveis situações.

Já a segunda dimensão, o tempo biográfico, engloba a percepção que os jovens têm de suas vidas, os momentos cruciais ou eventos biográficos que marcam um antes-e-depois em suas trajetórias, fornecendo-lhes freqüentemente um sentido de identidade (TABBONI, 2006; LECCARDI, 2005b). Os relatos biográficos juvenis foram o principal instrumento para esta abordagem, que dá atenção especial à ação significativa dos indivíduos no encontro (e no desencontro) entre os constrangimentos sociais e a vivência pessoal da temporalidade. Foi, sobretudo, a partir do trabalho interpretativo das entrevistas que um amplo leque de sentidos temporais foi se descortinando e a trama da temporalidade juvenil foi ganhando forma e densidade semântica.

Ambas as esferas (tempo cotidiano e tempo biográfico) guardam estreita relação com as representações e expectativas sociais coletivamente criadas a respeito da juventude como um momento específico na vida dos indivíduos. Deste modo, uma terceira dimensão destacada neste trabalho diz respeito à organização do curso da vida, mais especificamente de que maneira o pertencimento à juventude se relaciona com usos, orientações e vivências específicas do tempo, que podem entrar em conflito entre si e com as expectativas dominantes para esse período da vida.

Em síntese, enfocando os tempos biográficos e cotidianos juvenis, este trabalho busca contribuir com a produção de conhecimento na área de juventude no Brasil, apostando no

caráter abrangente e integrador que o tempo possui na vida dos indivíduos e das sociedades. Em outro nível de reflexão, entretanto, este trabalho busca discorrer sobre a própria natureza da experiência do tempo nas sociedades contemporâneas, a partir da compreensão em profundidade do modo de vida, expectativas e percepções de um grupo específico: os jovens de periferia. A abundante literatura produzida sobre esse assunto concentra-se em países de industrialização clássica, onde o tempo fabril marcou os ritmos sociais e individuais de modo indelével desde finais do século XVIII. Em muitos desses países, a segunda metade do século XX começou como um período de prosperidade e segurança, cuja máxima expressão foi o *Welfare State*. O risco, a incerteza, a impossibilidade de planejar o futuro transformaram esse cenário, redundando em inquietações e, obviamente, em debates acadêmicos a esse respeito.

Mas, o que dizer de um lugar como o Brasil onde a incerteza faz parte do *modus vivendi* das classes populares há gerações? Onde a industrialização, por outro lado, não se processou do mesmo modo nas diversas regiões, permitindo a convivência de temporalidades que, a título ilustrativo, poderíamos denominar de pré-industriais e de outras industriais? Até que ponto se pode falar em transformações, mais ainda no caso dos jovens dos grupos populares, que amargam um legado de anos convivendo com precariedade e dificuldades para projetar-se no futuro? Dito de outro modo: até que ponto essas questões constituem, de fato, questões para nós?

Capítulo 2

NAS VEREDAS DO TEMPO

Trabalho de campo e indicações metodológicas

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. Verdade maior.

João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*

Neste trabalho, discuto algumas temáticas que podem ser consideradas “grandes questões” para o campo das ciências sociais: o tempo como experiência dos indivíduos e das sociedades; a juventude e as diversas passagens à idade adulta; as mudanças em grande escala nas sociedades ocidentais contemporâneas; e, até mesmo, o risco e a morte. Entretanto, minha proposta não é abarcar tais questões pela via abrangente das enquêtes ou ensaiando uma análise macro-social. Fiel à tradição antropológica, que credita ao trabalho de campo a possibilidade de tensionar teoria e prática, escolhi refletir sobre o tempo a partir de uma micro-escala, resultante de experiência etnográfica junto a jovens de grupos populares, no espaço de suas relações sociais cotidianas.

Responder ou, mais modestamente, comentar grandes questões a partir do conhecimento obtido em pequenos lugares presta-se a questionamentos. Afinal, qual é a importância das vivências dos jovens de um lugar como a favela do Vietnã ou do Loteamento Santana diante dos sofisticadíssimos debates sobre as temporalidades pós-modernas? Se acreditarmos que nós, antropólogos, somos “os miniaturistas das ciências sociais”, como definiu Clifford Geertz (2004, p.18), o estudo de grandes questões em contextos reduzidos se justifica não em função da possibilidade de elaborar generalizações, mas pela possibilidade que temos de “encontrar no pequeno o que nos escapa no grande, tropeçar em verdades gerais em meio aos casos específicos” (2004, p.18). Nesse sentido, o exercício etnográfico emerge como uma via potencialmente frutífera para nos aproximar das mudanças nas temporalidades contemporâneas, área dominada por análises em escala macro-social (vide Capítulo 1).

As questões discutidas neste trabalho não estavam claramente definidas quando iniciei a pesquisa mas surgiram do diálogo entre a teoria e a prática etnográfica. Contrastar teorias acadêmicas com suas contrapartidas nativas é, como muito bem expressou Mariza Peirano (1995), a forma mais rica pela qual nós, antropólogos, construímos nosso conhecimento a

respeito da diversidade humana. Neste trabalho, as teorias sobre a mudança nas temporalidades contemporâneas e, mais especificamente, na vivência da juventude formam o pano de fundo que me permitiu discutir e melhor compreender as formas pelas quais jovens de grupos populares do Recife constroem suas temporalidades. Se algum interesse há nisso, ele não decorre da representatividade estatística de meus achados, mas da possibilidade de ampliar nossa compreensão sobre a vivência do tempo, a partir do conhecimento aprofundado das experiências de um grupo social que costuma ficar de fora desses debates. Minha perspectiva, portanto, se insere na tradição da antropologia compreensiva, que dá destaque à forma como os sujeitos dão sentido a sua existência em contextos específicos, mas sem perder de vista a articulação das experiências concretas com debates teórico-conceituais abrangentes.

Ao longo deste trabalho, conversei e, em maior ou menor grau, convivi com jovens da Ilha de João de Barros, em Recife, e do Loteamento Santana, no município de Camaragibe. Contudo, a maioria dos jovens pesquisados mora na comunidade do Vietnã, onde também desenvolvi minha pesquisa de mestrado sobre tempo livre juvenil em 1999 (FRANCH, 2000). Cheguei pela primeira vez ao Vietnã por volta de 1995, quando trabalhava numa organização não governamental, como assistente de coordenação de um projeto com adolescentes do sexo feminino em bairros populares. Através desse projeto, conheci um bom número de comunidades da Grande Recife, mas acabei escolhendo o Vietnã para minha pesquisa de mestrado em parte por acaso e em parte pela simpatia que eu tinha pela líder comunitária e pelas garotas que ali conhecera. Também influenciaram minha decisão a localização geográfica do bairro, de fácil acesso e, ainda, a maior facilidade que o Vietnã oferecia em comparação a outros locais da cidade, mais castigados pela violência³³.

Apesar de conhecer meu campo por mais de uma década, e de incorporar dados colhidos em estudos anteriores, assumo como data do início da pesquisa para este trabalho específico o ano de 2001, ocasião em que comecei a participar do projeto *Os jovens e a cidade: habilidades, conhecimentos e reprodução social*³⁴, anteriormente mencionado. Como parte de minhas atividades naquele projeto, eu precisava desenvolver uma etnografia junto a jovens moradores de um bairro popular, enfocando sobretudo os recursos e as estratégias que esses jovens usavam para cimentar sua transição à idade adulta. Pelo meu conhecimento prévio da área, o Vietnã surgiu como escolha lógica para esse fim. Retornar à mesma comunidade dois anos depois do término de minha pesquisa de mestrado me oferecia a

³³ Retornarei a esse ponto ao descrever com mais detalhes o contexto da pesquisa.

³⁴ Ver nota de rodapé número 1.

singular oportunidade de acompanhar os jovens em suas trajetórias, bem como de abordar outras esferas de suas vidas que a opção pelo tempo livre havia invisibilizado. Foi no confronto entre passado e presente, entre os jovens que conheci em 1999 e aqueles que reencontrei em 2001, que a temática do tempo foi se delineando como importante chave para a compreensão de novos aspectos da condição juvenil contemporânea³⁵.

2.1 O NATAL MUDOU? RETORNANDO AO CAMPO

Era o mês de março de 2002 e chovia copiosamente no Recife. Numa van alugada, chegamos à comunidade do Vietnã, na zona oeste da cidade, por volta das nove horas da manhã. Formávamos um grupo incomum para o lugar. Parry Scott, um antropólogo americano naturalizado brasileiro, alto, de cabelos brancos e silhueta, naquela época, bastante generosa, foi o primeiro a descer do veículo, acompanhado de seu filho Henrique. Contrastando com aquela figura um tanto imponente, Karen Tranberg, antropóloga dinamarquesa radicada nos Estados Unidos, parecia excepcionalmente frágil. Pequena, esguia, de olhos e pele muito claros, a coordenadora da pesquisa internacional *Os jovens e a cidade* logo se ressentiu do contato com a chuva tropical e, no final da manhã, precisou ser levada às pressas a uma emergência oftalmológica. Em seguida, os quatro pesquisadores do Instituto de Antropologia da Universidade de Copenhague que, em períodos e com objetivos distintos, iriam fazer pesquisa de campo em Recife: Katherin Gough, geógrafa inglesa, cujos belos olhos azuis seriam objeto de muitos comentários ao longo das semanas que a conduzi pelo “meu mundo” no Vietnã; Ulla Ambrosius, antropóloga dinamarquesa especializada em educação, de movimentos enérgicos e um corte de cabelo bastante radical para os padrões locais; Norbert Wildermurth, um alemão especialista em mídia que, suspeitávamos, levantaria paixões entre as adolescentes por onde quer que andasse em sua pesquisa; e, por fim, Anne Line Dalsgaard, que se sentia praticamente em casa, pois trabalhava no Nordeste brasileiro desde fazia já alguns anos.

O grupo contava, ainda, com a presença de Kailash Pyakuryal, certamente o primeiro cidadão do Nepal a andar por aquelas ruas, e de Madiana Rodrigues que, além de antropóloga, era nossa “pessoa da organização”, tendo garantido toda a infra-estrutura necessária para aquela semana de encontro da equipe internacional³⁶. Finalmente, eu própria, que em meio à

³⁵ Embora eu já trabalhasse com o tempo antes, ao abordar o tempo livre (FRANCH, 2000).

³⁶ O encontro era um dos três *workshops* previstos no projeto, um para cada lugar da pesquisa. O primeiro aconteceu em Lusaka (Zâmbia), o segundo foi o de Recife e o terceiro deveria ter acontecido em Katmandu, mas pela

fúria das águas de março, pretendia oferecer àquele grupo heterogêneo uma idéia aproximada do que era “meu campo”. É claro que eu não tinha pensado na possibilidade de enfrentarmos uma chuva daquelas, e todo meu planejamento foi, literalmente, por água abaixo quando vi o dia que nos tocava enfrentar, mas àquela altura nada mais podia ser feito.

A primeira parada do nosso *tour* foi a sede da Associação dos Moradores do Vietnã e da Vila Arraes. Utilizada esporadicamente para atividades comunitárias, a sede ganhara um novo uso nos últimos tempos, quando a linha de ônibus San Martin ampliou seu percurso de modo a atender os moradores dessas comunidades. Com a instalação do ponto final dessa linha na Rua 21 de Abril, que comunica as duas localidades e onde fica a sede da Associação, o espaço passou a servir como ponto de apoio aos motoristas e cobradores, que ali podiam lavar o rosto, beber água e, também, jogar dominó entre viagem e viagem. Naquela manhã, os trabalhadores da empresa Metropolitana assistiram com estranheza à chegada de um grupo tão singular. Não havia cadeiras no lugar – nem eu tinha pensado nesse detalhe! – e ficamos, pois, todos em pé, à espera de Cídia Avelina dos Prazeres, a líder comunitária que nos acompanharia ao longo de nosso úmido percurso.

Enquanto aguardávamos, Karen Tranberg pediu que eu falasse para o grupo sobre a comunidade e que explicasse, em alto e bom som, qual seria nosso trabalho naquele dia. Em meu inglês enferrujado, me vi ali pela primeira vez desenvolvendo um papel que sempre havia creditado a terceiros: o de mediadora. Ali estavam, de um lado, os jovens de um bairro popular do Recife junto aos quais eu vinha desenvolvendo minhas pesquisas e, do outro, adultos de outros países que queriam conhecê-los. Sem pertencer a nenhum dos dois grupos, eu precisava re-apresentar os jovens para a equipe estrangeira, mas também justificar aquele grupo exótico para esses mesmos jovens que iriam se dispor, naquele e em outros muitos dias, a deixar-nos entrever suas vidas.

Deste modo, o início de minha pesquisa de campo foi marcado tanto pela continuidade como pela novidade das situações. Como havia feito no mestrado, escolhi jovens como grupo de pesquisa. Além disso, continuei trabalhando principalmente na comunidade do Vietnã, localidade onde havia desenvolvido meu trabalho sobre o tempo livre juvenil em 1999. Mas as circunstâncias eram bastante diferentes em 2002. Retornava naquele dia ao Vietnã acompanhada por outros pesquisadores, muitos deles estrangeiros, junto aos quais eu exercia

insegurança crescente naquela cidade, findou sendo realizado em Hanoi, no Vietnam. Os encontros perseguiram discutir questões relativas ao projeto com especialistas locais, bem como permitir que todos os pesquisadores conhecessem alguns aspectos da realidade juvenil de cada contexto. A título anedótico, é mister frisar que a inclusão de Hanoi na pesquisa foi um felicíssimo acaso: eu, pesquisadora do Vietnã do Recife, terminei conhecendo o Vietnam “original”!

uma multiplicidade de papéis: colega, mediadora, tradutora, pesquisadora mas, também, amiga de alguns moradores, ex-cooperante e pesquisadora “em benefício próprio”. Com o decorrer do tempo, outras novidades somar-se-iam a essas: as mudanças na comunidade e, sobretudo, na vida dos jovens que eu conhecia em momentos distintos. Nessa encruzilhada temporal, de papéis e de contextos, fui delineando minha temática de pesquisa e descobrindo os melhores caminhos para cercá-la.

Pelas condições em que a pesquisa foi se desenvolvendo, não faria sentido iniciar a descrição metodológica com a habitual digressão a respeito da “entrada em campo”. A rigor, meu caso também não pode ser considerado um “retorno a campo”. Quando voltei a fazer pesquisa na comunidade do Vietnã, apenas tinham se passado dois anos da minha última pesquisa ali. Geralmente, os relatos de retorno a campo referem-se a períodos muito mais longos. William Foote Whyte, por exemplo, retornou a Cornerville quarenta anos depois de ter escrito *Sociedade de Esquina*. Em seu relato “Cornerville revisitado” (WHYTE, 2005, p.336-346), o autor não apenas mostra as trajetórias daqueles rapazes que imortalizou nas páginas de seu livro, mas, sobretudo, discute o impacto deste nas suas vidas. Fazendo um exercício reflexivo, Foote Whyte escuta as opiniões de seus informantes sobre o retrato que traçou deles, o que lhe permite realizar considerações sobre as questões éticas de uma pesquisa desse tipo. Assistimos, não sem certo grau de desconforto, aos questionamentos de alguns de seus informantes e, sobretudo, à descontinuidade do vínculo que se criou anos atrás, nos tempos em que Foote Whyte e Doc eram dois jovens perambulando pelas esquinas de Cornerville. Sem que necessariamente tenha sido esta a intenção do autor, seu relato consegue despertar certa nostalgia em quem já passou por uma situação semelhante.

As mudanças com as que eu me deparei em meu retorno ao Vietnã foram, possivelmente, muito pouco expressivas se comparadas às da Cornerville de Foote Whyte. Para um observador externo, elas podem parecer até mesmo banais, mas foram cruciais para o desenvolvimento de minhas indagações de pesquisa. Algumas dessas mudanças diziam respeito a condições objetivas, externas aos meus informantes e a mim mesma. O Vietnã, como veremos posteriormente, é uma comunidade oriunda de uma invasão de terras acontecida em finais da década de 1960. A infra-estrutura é precária, sobretudo no que diz respeito a calçamento e escoamento dos dejetos. O esgoto a céu aberto é fonte de desconforto e de doenças para os moradores. Em 1999, quando realizei minha pesquisa de campo sobre tempo livre, sempre ouvia reclamações quanto à falta de um espaço público para o lazer de crianças e jovens. Os moradores também se queixavam da falta ou da precariedade de alguns serviços e da ausência de oportunidades de trabalho e formação. Quando retornei, em 2001,

algumas dessas questões pareciam estar em vias de se resolver, outras mudariam nos próximos anos, outras, ainda, continuariam do mesmo jeito até hoje. Num primeiro momento, entretanto, essas pequenas mudanças me deram a dimensão do tempo em que estive ausente, bem como a sensação de que a comunidade estava, de certo modo, em movimento³⁷.

As ruas principais do Vietnã e de Vila Arraes, por exemplo, estavam começando a ser calçadas. Isso não quer dizer que todo mundo estivesse contente. O problema do esgoto não tinha sido sequer alterado e algumas ruas importantes continuavam como sempre, mas as placas da Prefeitura estavam por toda parte, anunciando mudanças. Outra novidade tinha sido a instalação da Empresa Municipal de Informática (Emprel) num terreno situado no final da Rua 21 de Abril. Embora as expectativas de emprego para os moradores não tivessem sido plenamente satisfeitas, algumas pessoas conseguiram, contudo, se empregar na empresa. A instalação da Emprel, por outro lado, parece ter sido um dos fatores para que a linha de ônibus San Martin chegasse até o Vietnã e para a construção de um campo de futebol na comunidade, que era um anseio antigo dos moradores. Outra novidade bastante comentada era a inauguração de uma creche municipal que, embora não dando conta da demanda existente, no mínimo permitia a algumas moradoras conciliarem melhor trabalho e família. O posto de saúde, por fim, também havia sido ampliado e incorporado ao Programa Saúde da Família³⁸.

Mudanças mais expressivas aconteciam no terreno da política comunitária. Por questões de ordem pessoal, Cídia havia abandonado a presidência da Associação dos Moradores do Vietnã e da Vila Arraes, posto que ocupava no tempo em que fiz minha pesquisa de mestrado. O novo presidente era um homem relativamente jovem, evangélico e portador de deficiência física. Conversei com ele algumas vezes e sempre foi muito receptivo à minha pesquisa, sobretudo pela relação que eu tinha com Cídia³⁹. Qual não foi minha surpresa quando, um ou dois anos depois, soube que as comunidades, em nova eleição, tinham preferido como presidente da Associação um candidato com inequívoca fama de “matador⁴⁰”. Nunca compreendi ao todo essa mudança nem seu real significado. A política comunitária não parecia ser um tema do interesse da maioria dos moradores com os quais eu

³⁷ Essa percepção das mudanças na área de infra-estrutura, que não era apenas minha mas também dos moradores do Vietnã, é muito próxima da idéia da periferia como um *processo*, explicitada por Eunice Durham (2004) em relação aos moradores de periferia das cidades de São José dos Campos, Marília e Rio Claro.

³⁸ O Vietnã foi uma das primeiras comunidades do Recife a ter um programa de agentes comunitárias do Recife, ligado ao Instituto Materno Infantil de Pernambuco. Com a mudança para o PSF, apesar da evidente melhora física, algumas das antigas agentes se ressentiram de uma perda de autonomia e desvalorização de seu trabalho.

³⁹ Embora as relações políticas não fossem propriamente tranqüilas naquele momento. As lideranças ligadas à Associação estavam divididas em dois grupos, os “evangélicos” e “o pessoal do PT”. A articulação dessas duas facções era muito difícil, quando não impossível.

⁴⁰ “Matador” é uma categoria nativa utilizada para descrever aquelas pessoas que praticam homicídios por encomenda, sendo remuneradas para isso. Frequentemente, os “matadores” também exercem controle sobre suas áreas de moradia, executando pessoas que praticam assaltos ou outras atividades criminosas contra seus vizinhos.

convivia, com exceção do pequeno grupo de lideranças que trabalhava em direções, por vezes, bastante opostas, mas essa reviravolta era surpreendente.

Penso que a escolha de um “matador” para a presidência da Associação teve algo a ver com os novos tempos da comunidade. Apesar de continuar sendo uma “favela mansa”, como Cídia havia dito para mim em 1999, era inegável que situações de violência vinham se tornando mais comuns no Vietnã. Um dia, enquanto conversava com a mãe de uma jovem à porta da sua casa, passou um carro com quatro rapazes em direção a uma das ruas internas da favela. A mulher fez um discreto sinal para que eu desse uma olhada e depois comentou: “ladrões”. Essa cena deu início a uma detalhada descrição de eventos envolvendo aquele grupo e outras pessoas do bairro que estariam realizando atividades ilícitas. Não que essas situações não acontecessem antes, mas agora pareciam ter se tornado mais freqüentes. As pessoas com quem eu conversava falavam mais delas do que outrora, e alguns jovens que eu conhecera no passado estavam no centro desses comentários. Nessas circunstâncias, acredito que um “matador” apresentava mais garantias na hora de controlar a situação do que um “irmão” – e a julgar pelos boatos, deu mostras disso em mais de uma ocasião.

Com isso entrava numa segunda ordem de mudanças que meu “retorno” ao Vietnã impunha, mudanças estas que tiveram uma influência decisiva na definição da temática e dos métodos desta pesquisa: as transformações que atingiram os jovens. Para mim, resultava difícil acreditar que as vidas de muitos daqueles garotos tivessem se transformado até tal ponto em tão pouco tempo. Esse era o caso de Luis⁴¹, de quem falarei mais adiante. Em 1999, ele era considerado por muitos um “rapaz esquisito” e escutei, inclusive, comentários maldosos a respeito da atenção que eu lhe prodigava, sendo ele tão “doido”. No meu retorno, entretanto, os comentários passaram a ser outros. Pessoas que gostavam de mim me alertavam a respeito das atividades ilícitas em que Luis estava se envolvendo. No dizer dessas pessoas, ele estava se tornando um rapaz “errado”⁴², e, embora ninguém tivesse deixado de falar ou mesmo de gostar dele por conta disso, a relação precisava ser mais cautelosa agora do que antes.

Mudanças menos chocantes tinham acontecido com garotas como Marita e Sofia que, no passado, provocavam contínuos tumultos familiares com seu comportamento transgressor. Dois anos depois, reencontrava essas jovens como mães de família e, embora seria um exagero afirmar que suas transições aconteceram sem conflitos, a verdade é que pareciam

⁴¹ Todos os nomes dos jovens e de suas famílias foram trocados. Mantive, apenas, o nome de reconhecidas lideranças, que seria inútil disfarçar.

⁴² Categoria *emic* para definir pessoas que têm envolvimento com a criminalidade e outros comportamentos considerados transgressores (FRANCH, 2000).

bastante conformadas e até satisfeitas com a mudança radical de hábitos, obrigações e status. Lívia, mãe de uma das garotas, não podia evitar um sorriso cúmplice toda vez que falava comigo sobre sua filha: “À vista de quem Marita era...” Não se tratava apenas de mudanças de comportamento. Em alguns casos, os próprios corpos das jovens haviam se transformado junto com seu papel social. Mesmo sabendo que, demograficamente, elas faziam parte da coorte jovem, sua *hexis* corporal anunciava aos quatro ventos que elas eram, agora, mulheres casadas.

Outra situação que me surpreendeu foi o reencontro dos estudantes de ensino médio ao término do comumente chamado “segundo grau”. Jovens como Lu, Gisela e, posteriormente, Dênis que, à época de minha primeira pesquisa, estudavam, faziam estágio, muitas vezes participavam também de projetos sociais, o que me levava a acreditar que talvez estivessem se encaminhando para a tão sonhada ascensão social – ou, no mínimo, para uma reprodução social. Contudo, reencontrei muitos deles numa espécie de suspensão do tempo, longe das “instituições para jovens pobres”, porém não incorporados ao mercado de trabalho, numa situação que desafiava minha concepção linear do curso da vida.

Acredito que a sensação de retorno, portanto, não se deve apenas às mudanças na comunidade, mas, sobretudo, às modificações que tive a ocasião de observar entre meus interlocutores. Turmas de amigos, práticas culturais, até projetos que existiam para os jovens no Vietnã haviam se modificado ou já não mais existiam. Essa sensação de estar pesquisando uma “tribo em extinção” decorria da minha opção por um grupo que se encontrava numa fase da vida transitória por definição. Mas essas mudanças eram também reveladoras de como essas transições se davam entre os jovens pesquisados, sugerindo ritmos e dificuldades que não coincidiam necessariamente nem com minha própria transição nem com as idéias dominantes do que seja uma passagem adequada para a idade adulta. Foi a partir dessas circunstâncias que comecei a tentar entender melhor as trajetórias juvenis, colhendo para tanto relatos biográficos mais ou menos completos dos jovens que ia entrevistando. Escutar suas breves e muitas vezes intensas histórias de vida foi o primeiro passo para a definição de minha nova problemática de pesquisa.

Minha mudança de interesse de uma temática “juvenil” como o tempo livre para preocupações “adultas” como o tempo biográfico e a transição à maturidade social se relaciona, portanto, com o meu retorno a campo. Será que somente os jovens tinham “crescido” nesse intervalo de dois anos? Ou, pelo contrário, era eu que começava a olhá-los com meus novos olhos de adulta? A idade do pesquisador é uma variável extremamente importante no campo de estudos sobre juventude. Como Helena Wulff (1995a) observou, é

muito comum que os pesquisadores da temática juvenil migrem para outras áreas à medida que saem da juventude. Eu própria fui percebendo uma diminuição na minha possibilidade de interação com jovens desde o ano de 1999 até hoje. Na minha pesquisa de mestrado, minha identidade era freqüentemente aproximada à da tia jovem que sai com os sobrinhos, representando tanto uma salvaguarda como uma companhia. Hoje essa assimilação não é mais possível. Meu lugar em meio a espaços de sociabilidade juvenil introduz agora uma alteridade maior e minha observação, em consequência, tornou-se menos participante. Embora esse não seja o único nem o principal motivo para o uso de entrevistas neste trabalho, a crescente distância entre minha idade e aquela de meus informantes teve certo peso na escolha da entrevista como técnica privilegiada para o estudo das temporalidades juvenis. Foram os outros que me tornaram uma “senhora”, mas, agora, essa identidade está presente em campo e afeta o modo como faço pesquisa com jovens.

Assim, acredito que a preocupação com a vivência do tempo dos jovens está relacionada, em parte, à mudança na minha idade social, ao meu “amadurecimento”, que tornou meu olhar um pouco mais “adultocêntrico”. Entretanto, os jovens que entrevistei em 1999 também haviam amadurecido nesse tempo. As novas circunstâncias em que os encontrava, muitos deles desempregados e sem estudar, eram problematizadas por eles, convidando-me a mudar o foco de minha pesquisa para questões mais “sérias” do que o lazer juvenil⁴³.

A propósito disto, lembro de uma situação de campo bastante significativa. Estava fazendo observação, na companhia de uma das pesquisadoras da equipe dinamarquesa, numa escola pública próxima ao Vietnã, no bairro de San Martin. As aulas tinham terminado e estávamos rodeadas de garotas muito ansiosas por explicar para minha colega os melhores aspectos da cultura local. Nossas improvisadas amigas se exibiam mostrando algumas coreografias de pagode, falavam da praia e do carnaval em animada agitação. Tinham, em média, 16 anos de idade e seus gritos exaltados podiam se escutar do outro lado da rua. A alguma distância, Laís, uma jovem que trabalhava como empregada doméstica, as observava pensativa. Num dado momento, pediu para eu me aproximar e me disse em tom confidencial: “Fale para sua amiga que nem tudo é alegria no Brasil. A vida é muito difícil, só que elas são muito jovens e ainda não sabem”. Laís tinha 18 anos e, embora nem toda garota dessa idade partilhasse suas idéias a respeito da “dureza da vida”, comentários desse tipo tornavam-se

⁴³ As aspas em “sérias” indicam que essa é uma concepção do senso comum, e também presente na academia. Em minha pesquisa sobre o tempo juvenil, entretanto, tento mostrar que o lazer, sem ser enfadonho, é também coisa séria (FRANCH, 2000).

mais freqüentes à medida que os jovens deixavam para trás sua adolescência e começavam a ser vistos como adultos⁴⁴.

Por outro lado, a mudança na idade social dos sujeitos da pesquisa me levou a ficar mais atenta quanto às diferenciações que eles faziam a respeito das idades. Uma vez que eu ainda continuava trabalhando “com os jovens da comunidade”, percebi que alguns “jovens”, sobretudo depois do casamento e/ou dos filhos, não se consideravam mais “objetos” passíveis de minhas pesquisas. Recebiam-me em casa, conversavam comigo, mas depois esperavam que eu fosse atrás dos “verdadeiros jovens”, isto é, de rapazes e moças mais novos do que eles e, sobretudo, solteiros e sem filhos. O que fazer? Deveria excluir esses “jovens de espírito” em favor apenas dos “socialmente jovens”? Seria possível falar de uma “cultura temporal juvenil” quando os próprios sujeitos da pesquisa não se consideravam, em alguns casos, jovens?

A questão da definição da “juventude” como grupo de estudo costuma colocar problemas dessa ordem ao pesquisador (GROPPO, 2000). O critério etário, adotado pela área bio-médica e nos levantamentos estatísticos, é objeto de suspeita para o cientista social. Mas ele se torna, freqüentemente, o recurso mais firme para se lançar mão diante das várias classificações em que os “jovens” se encontram enredados – adolescentes, jovens, “menores”, solteiros, casados, moças, rapazes, etc. Neste trabalho, fiz uso desse recurso, pesquisando “jovens” numa faixa etária larga que vai, aproximadamente, dos 15 aos 25 anos. Em função dos próprios percursos da pesquisa, essa faixa se expandiu para cima ou para baixo, me obrigando a lidar com outras categorias como “adolescência” e também com o impacto da conjugalidade e da parentalidade na auto-percepção etária. Se, por um lado, essa opção subtrai autonomia às “categorias nativas”, ela também me permitiu compreender de que forma os jovens organizam suas biografias e como as mudanças na idade social repercutem em seu cotidiano.

Como se vê, revisitar o campo implicou, para mim, enfrentar mudanças externas, mudanças nas vidas de meus interlocutores e, por fim, reconhecer que eu própria havia mudado. E como as identidades se constroem num jogo de espelhos, a percepção dos outros foi fundamental na hora de compreender minha própria mudança, bem como as novas possibilidades e limites de minha nova i(denti)dade. Um dos aspectos em que isso ficou mais patente foi nas demandas que passei a receber por parte de alguns líderes e ativistas populares

⁴⁴ As representações sobre a adolescência e como elas diferem das idéias dos jovens a respeito da idade adulta e da juventude foram melhor desenvolvidas em Dalsgaard, Franch e Scott (2008).

do Vietnã, mais ainda depois que comecei a trabalhar numa universidade federal⁴⁵. No passado, esses líderes haviam me tratado como todo os demais moradores da comunidade: como alguém que não sabia das coisas e precisava ser guiado. Na minha nova situação, continuavam sendo atenciosos comigo, me colocavam a par das novidades da comunidade, todavia, manifestavam abertamente seu desejo de que eu levasse mais do que minha agradável companhia para dentro do Vietnã. Nunca consegui satisfazer essas demandas, mas terminei, de certo modo, interiorizando-as.

Com efeito, em meu retorno à comunidade me deparei com muitas circunstâncias em que desejei fazer algo mais do que apenas desenvolver estudos junto aos jovens. Rapazes e moças reclamavam das dificuldades de inserção no mundo do trabalho, situações que, como veremos adiante, às vezes se entrelaçavam com o início da carreira reprodutiva em condições possíveis, mas nunca idôneas. As demandas desses garotos eram às vezes simples – tirar a carteira de motorista, conseguir um pequeno empréstimo para abrir um negócio, entrar num bom curso profissionalizante – e eu aprenderia, com o tempo, que a espera é uma estratégia temporal comum nesses casos. Entretanto, a mudança de foco de meu trabalho veio acompanhada do acesso a uma via de sofrimento social que não enfrentei quando pesquisava as formas de lazer juvenil.

A tensão entre a pesquisa e a vontade de intervir foi especialmente gritante quando trabalhei com jovens muito próximos a situações de violência. Cabe salientar que a temática da violência não foi um recorte que eu procurasse. Muito pelo contrário, minha abordagem sempre tentou se afastar da freqüente associação entre juventude e violência (FRANCH, 2000, 2002a, 2002b), mas a morte violenta, a criminalidade, a violência policial e a sensação de risco iminente, estavam presentes no cotidiano de muitos jovens, marcando suas experiências temporais de forma indelével. Trabalhar com violência, entretanto, não resultou fácil para mim. De um lado, não me sinto particularmente segura em contatar e conversar com jovens envolvidos com atividades criminosas “pesadas” (seqüestro, assalto, homicídio). Numa ocasião, inclusive, enfrentei um sério dilema ético, quando um de meus informantes me disse que estava planejando seqüestrar uma garota para extorquir dinheiro do pai dela. Felizmente para mim (e sobretudo para a garota!), a informação não passou de um plano fantasioso que não se realizara, mas o evento me ensinou a ser muito mais cautelosa em minhas conversas a respeito desses assuntos. Além disso, é muito difícil, quando não doloroso, conversar com jovens que estão passando por situações de muito sofrimento ou que visivelmente estão em

⁴⁵ Em 2005, tomei posse do cargo de professor assistente no Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba.

risco. Em várias ocasiões, tentei interferir na trajetória desses jovens, mas não consegui sequer arranhar a superfície desse problema. Conviver com a frustração foi, também, uma aprendizagem de meu retorno a campo.

Um último grupo de mudanças tem a ver com o acesso dos moradores do Vietnã à tecnologia de informação. Em 1999, eram raríssimas as famílias que tinham telefone em casa. Afora os telefones públicos (os populares “orelhões”), os jovens costumavam combinar seus programas pessoalmente, visitando uns aos outros, encontrando-se em seus pontos habituais – esquinas, determinadas casas – ou, simplesmente, ao sabor do acaso, quando incidentalmente se cruzavam pelas ruas da comunidade. O tempo da sociabilidade, portanto, era medido pelos percursos que os jovens faziam a pé e apresentava como características a pouca precisão e a elasticidade, uma vez que dependia dos ritmos de concentração dos diversos grupos e do acaso. Embora fosse muito comum “combinar” programas de lazer com pessoas de fora, tais combinações estavam sempre inseridas em contingências, e podiam falhar.

Esse mesmo tempo impreciso e flexível afetava o meu fazer etnográfico. Quando me dirigia à comunidade do Vietnã, nunca sabia ao certo se iria encontrar as pessoas que realmente procurava, mesmo quando houvesse previamente combinado com elas. Essa situação se transformou rapidamente nos anos seguintes. Em 2001, os telefones celulares começavam a ser populares na comunidade e atualmente quase todos os jovens que conheço têm um. Muitos também freqüentam *lan-houses*. O acesso a essa tecnologia afetou, até certo ponto, o tempo-espaço de sua sociabilidade, introduzindo uma possibilidade de controlar mais a imprecisão e de ampliar os círculos de sociabilidade – mesmo quando, freqüentemente, os jovens fiquem sem crédito para fazer ligações! Quanto ao tempo da pesquisa, hoje, quando quero “ir a campo”, consigo confirmar meus encontros e, deste modo, “perco menos tempo” mas, em contrapartida expondo-me menos à surpresa do que outrora.

Até aqui, descrevi algumas das novidades que enfrentei em meu retorno a campo, no ano 2001, e em sucessivos momentos posteriores. Narrei essas situações a partir de minha experiência individual, levando em consideração as mudanças que eu percebia no ambiente, nos jovens que anteriormente conhecera e em mim própria, para quem o tempo também estava passando. Propositamente, deixei para outro momento a discussão de um aspecto fundamental dos primeiros tempos da pesquisa: o fato deste estudo se inserir no marco de um projeto abrangente de investigação, envolvendo várias universidades, pesquisadores de diversas nacionalidades e jovens de três países distintos. É sobre essa situação que irei agora discorrer.

2.2 EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO, NUMA PESQUISA EM EQUIPE

É praticamente um truísmo afirmar que a pesquisa de campo exige a solidão do antropólogo. Basta lembrar um dos parágrafos mais repetidos da célebre introdução aos *Argonautas do Pacífico Ocidental*: “Imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas de seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se do mar até desaparecer de vista” (MALINOWSKI, 1978, p.19). Evans-Pritchard também recomendava a solidão em campo, sendo igualmente reticente à presença do cônjuge e à possibilidade de pesquisas em equipe (2005, p.250-251). Já cá entre nós, Roberto DaMatta acreditava ser a solidão um ingrediente fundamental para sentir o célebre *anthropological blues*:

De fato, só se tem Antropologia Social quando se tem de algum modo o exótico, e o exótico depende invariavelmente da distância social, e a distância social tem como componente a marginalidade (relativa ou absoluta), e a marginalidade se alimenta de um sentimento de segregação e a segregação implica estar só e tudo desemboca – para comutar rapidamente essa longa cadeia – na liminaridade e no estranhamento. (DAMATTA, 1978, p.28)

Mesmo que a realização de “missões” ou de pesquisas coletivas tenha, por muito tempo, acompanhado a história da nossa disciplina, a presença de terceiros em campo costuma aparecer de forma marginal nos relatos dos etnógrafos. Com raras e notáveis exceções⁴⁶, pesquisar na companhia de colegas ou até do cônjuge constitui uma situação muito menos problematizada do que, por exemplo, a relação dos antropólogos com seus informantes. A idéia de que a solidão é um ingrediente necessário para o tipo de experiências de que a etnografia se nutre parece ser a explicação mais plausível para a pouca reflexão sobre situações coletivas, pois estas desafiam ou relativizam o ideal do antropólogo solitário, desbravador de culturas ignotas. Essa exigência disciplinar tem seu reflexo na escrita etnográfica. Quer em sua forma clássica, definida por James Clifford (1992) como realismo etnográfico, quer nos experimentos polifônicos e dialógicos, a etnografia parece aceitar a pluralidade de vozes apenas quando se trata de partilhar a experiência única e singular do antropólogo com seus nativos privilegiados, mas reserva um voto de silêncio à experiência conjunta de campo.

Este trabalho é, sem dúvida, uma etnografia individual. Entretanto, as condições de realização da pesquisa, pelo menos nos primeiros anos, não foram aquelas preconizadas pelos

⁴⁶ Ver, por exemplo, *O selvagem e o inocente*, de David Maybury-Lewis (1990).

relatos iniciáticos do *fieldwork* antropológico. Como já foi dito, boa parte dos dados que sustentam minha reflexão foi obtida no marco do projeto internacional *Os jovens e a cidade*⁴⁷, uma iniciativa da Universidade de Copenhague, financiada pela agência oficial de cooperação dinamarquesa, Danida. Minha participação no projeto não se restringiu à fase “de campo”, realizada no Recife, mas incluiu também a co-autoria de artigos⁴⁸ (DALSGAARD; FRANCH; SCOTT, 2008; GOUGH; FRANCH, 2005; SCOTT; FRANCH, 2001) e a ida a um dos seminários internacionais, na cidade de Hanói, onde a equipe discutiu o andamento da pesquisa e visitou locais onde a etnografia iria ser desenvolvida. Essa circunstância inseriu meu trabalho num diálogo triangular entre, de um lado, meus colegas e outros pesquisadores brasileiros, de outro lado, os antropólogos dinamarqueses e, por fim, os próprios jovens e suas famílias. Uma vez que a realização de uma pesquisa de doutorado nessas circunstâncias não parece ser uma situação muito comum, escolhi discorrer brevemente sobre essa experiência, buscando explicitar de que modo ela contribuiu para minha abordagem neste trabalho.

O projeto *Os jovens e a cidade* buscava compreender melhor a diversidade da experiência juvenil em três cidades de países considerados “em desenvolvimento”: Lusaka, em Zâmbia; Hanói, no Vietnã⁴⁹; e a cidade do Recife, no Brasil. O foco do estudo recaía nos processos formais e informais de aquisição de habilidades e conhecimento por diversos grupos de jovens. Essas questões inseriam-se numa preocupação mais geral em torno das condições de reprodução social que os meios urbanos desses países possibilitam à sua juventude (HANSEN, 2008). Em cada uma das três cidades contempladas, uma antropóloga dinamarquesa ficava à frente da pesquisa, em colaboração com antropólogos das universidades locais. Assim, embora o projeto tivesse um núcleo bastante delimitado de indagações, cada equipe imprimiu sua marca, fazendo escolhas específicas e relevantes para seu contexto⁵⁰. Em Recife, o trabalho de campo se estendeu do ano de 2001 a 2003. Nesse período, além de desenvolver, sozinha ou com Anne Line Dalsgaard, pesquisas junto a jovens de grupos populares e das classes médias, atuei como assistente e tradutora de Kate Gough e Ulla Ambrosius, responsáveis pelos estudos transversais sobre moradia e educação, respectivamente.

⁴⁷ Ver Anexo I.

⁴⁸ Vale salientar que a elaboração de artigos conjuntos apenas aconteceu no Brasil.

⁴⁹ Como já foi mencionado, no projeto, estava previsto desenvolver essa parte da pesquisa no Nepal.

⁵⁰ Para a pesquisa em Recife, contamos com a coordenação de Anne Line Dalsgaard, antropóloga então locada no Instituto de Antropologia de Copenhague e hoje professora na Universidade de Aarhus. A coordenação da equipe local do projeto coube a Russell Parry Scott, fundador do Núcleo de Família, Gênero e Sexualidade e professor de antropologia da UFPE. A coordenação geral do projeto ficou com Katherin Tranberg, da Northwestern University of Chicago.

Via de regra, trabalhar num projeto coletivo exige um grau variável de negociação dos caminhos da pesquisa e das interpretações a respeito da realidade social pesquisada. No projeto *Os jovens e a cidade*, a margem de negociação era muito grande uma vez que, diferentemente de outros projetos de caráter comparativo, não existia um protocolo de pesquisa fechado a ser replicado nos diferentes locais⁵¹. Na prática, isso significava que, apesar de termos preocupações conjuntas e de realizarmos atividades em comum, eu e Anne Line terminamos por desenvolver duas etnografias paralelas, uma na comunidade do Vietnã, em Recife, e outra no bairro de Alberto Maia, em Camaragibe. Embora passíveis de comunicação, cada etnografia carregava uma marca individual, pois era resultado de preferências pessoais, escolhas *ad hoc*, referenciais teóricos próprios, bem como refletia a inserção singular de cada uma de nós em campo.

Negociações mais complexas diziam respeito às interpretações que dávamos às nossas experiências de pesquisa. Simplificando muito, pode-se dizer que, enquanto minha visão sobre os jovens de grupos populares priorizava as possibilidades de ação juvenil em meio a situações de vida por vezes bastante limitadas, a perspectiva dos pesquisadores dinamarqueses⁵² costumava pôr em foco os limites à agência dos sujeitos e seus efeitos em termos de construção de alternativas para suas vidas. Não que uns e outros não estivéssemos atentos ora à agência, ora aos condicionantes estruturais, mas existia uma ênfase diferente no peso que dávamos a esses fatores para a compreensão da realidade. Paralelamente, logo percebi que aquilo que era importante para mim não era necessariamente do interesse da equipe internacional, e vice-versa. Embora presentes ao longo da pesquisa de campo, essas diferenças emergiram, principalmente, na hora de sistematizar as experiências em artigos coletivos, transformando o processo de escrita num rico momento de reflexão sobre nossas diferentes formas de fazer etnografia.

Com efeito, mais do que compreender nossas diferenças como discrepâncias teórico-metodológicas de cunho individual, elas podiam ser pensadas enquanto expressão de diferentes posições no que podemos chamar de campo internacional da antropologia. As questões que a equipe de Copenhague se fazia a respeito dos jovens recifenses, a forma de respondê-las e, muitas vezes, suas bases teóricas contrastavam com a forma como a discussão

⁵¹ Pelo contrário, a comparação se dava pelo fato de existir um leque de questões comuns, algumas definições de caráter geral e, sobretudo, por meio de encontros periódicos da equipe internacional em que as respectivas pesquisas eram discutidas e contrastadas. Alguns desses encontros também incluíam membros das equipes locais.

⁵² Cabe salientar aqui que estou tratando “os pesquisadores dinamarqueses” como um coletivo homogêneo apenas para apresentar alguns aspectos de minha argumentação sobre o trabalho em equipe. Entretanto, devo salientar que existiam notáveis diferenças entre eles. O texto de Anne Line Dalsgaard e Karen Valentin, no livro que resultou da pesquisa *Youth and the city in the global south* (HANSEN, 2008), discute a colaboração trans-nacional, desde o ponto de vista da “equipe internacional”.

sobre juventude vem se configurando no país. Apreendi, junto a meus colegas, que a vasta produção feita no Brasil, nossas questões e nossas referências, têm repercussão bastante limitada lá fora e que, contrariamente, interpretações que nos são desconhecidas, ou até mesmo resultam problemáticas para nós⁵³, pautam os debates internacionais a respeito do que seja relevante conhecer e compreender no país. Embora a questão lingüística tivesse uma importância em nada desprezível nisso (ORTIZ, 2004), ela não encerrava a discussão sobre essas diferenças, antes expressava o contexto em que nossas duas tradições se encontravam.

Mesmo com as ressalvas que toda tipologia merece, pode-se pensar essa situação a partir da conhecida divisão entre “antropologia internacional” e “antropologias nacionais”, proposta por George Stocking (1982), e suas subseqüentes derivações⁵⁴. Meus colegas dinamarqueses, ao pesquisar na cidade do Recife, se inseriam na tradição da “antropologia metropolitana”, que busca explorar lugares distantes geográfica e culturalmente. Alguns tinham, ainda, experiências em outros terrenos igualmente distantes de seu país de origem (Nepal, Zâmbia e Gana), sem mencionar o fato de que o próprio projeto tinha caráter multicêntrico. Estranhamento e comparação estavam, portanto, muito presentes nas observações da equipe estrangeira sobre a juventude recifense, resultando numa prática etnográfica norteadada pela noção de alteridade⁵⁵.

Não se tratava, entretanto, de uma alteridade calcada no exotismo do tipo colonial. O fato de ter sido uma pesquisa financiada pela Danida direcionou algumas escolhas (como o contexto: cidades do mundo “em desenvolvimento”), que traziam incorporadas determinadas idéias de alteridade. Como observa Ribeiro (2006), o campo do desenvolvimento inaugura, depois da 2ª Guerra Mundial e sobretudo nos anos 1960, um novo “outro” para as antropologias metropolitanas, substituindo-se a chamada do exótico pela preocupação com o subdesenvolvimento⁵⁶. Assim, se algum exotismo ainda sobrevivia na abordagem de meus colegas, tratava-se de um “exotismo às avessas” (MOTTA, 2006, p.2), não mais marcado pelo primitivismo e deleite estético, mas pelas mazelas decorrentes da miséria e da desigualdade.

⁵³ Notadamente o famoso *Death without weeping* de Nancy Scheper-Hughes (1992).

⁵⁴ Subseqüentes mas não equivalentes: antropologias centrais *versus* periféricas (CARDOSO DE OLIVEIRA, 1998), antropologias hegemônicas e não hegemônicas (RIBEIRO, 2006), antropologias metropolitanas e antropologias *at home* (JACKSON, 1987), etc. Ver também Caldeira (2000) e Peirano (2006).

⁵⁵ Cabe salientar que também se pratica, na Dinamarca, antropologia “em casa” (HERVIK, 2003).

⁵⁶ Segundo Hervik (2003), a Dinamarca figura entre as nações que proporcionalmente mais investem em cooperação internacional, situação que tem seu reflexo na prática antropológica, tanto no que tange a interesses temáticos quanto ao financiamento de pesquisas antropológicas nos países receptores de ajuda externa. Em conversas com Anne Line, soube que os investimentos para pesquisas antropológicas na América Latina são cada vez menores, por não ser a região uma das áreas prioritárias da ajuda internacional dinamarquesa. As ajudas se concentram na África do Leste e em algumas partes da Ásia

Não é de se estranhar, deste modo, que os elementos mais enfatizados nas interpretações da equipe internacional fossem a violência e a desigualdade social. Eu e minha colega Anne Line Dalsgaard discutimos repetidamente sobre essa imagem do Brasil “tipo exportação”, formada, no meu entender, não apenas com base nas experiências individuais de cada pesquisador no país, mas a partir de interpretações externas sobre a realidade brasileira, dentre as quais se destacava o célebre *Death without weeping* de Nancy Schepper-Huges (1992). Tratava-se de etnografias e artigos escritos em inglês e publicados pelas editoras e periódicos por onde circula a “antropologia internacional”. E embora a antropologia dinamarquesa possa ser considerada, como a nossa, “periférica” do ponto de vista da história do pensamento antropológico, essa era a arena principal de seu debate.

A compreensão dos jovens recifenses e, por extensão, do Brasil, a partir da matriz desigualdade/violência resultava igualmente do fato desses pesquisadores utilizarem sua própria sociedade como espelho – processo comum, aliás, na construção do conhecimento antropológico. Quando comparada à vida na Dinamarca, modelo bem-sucedido do *Welfare State*, a existência deste lado do Atlântico era marcada por perigos, violência e sofrimento. Daí que a etnografia desenvolvida pela equipe dinamarquesa tivesse, aos meus olhos, um caráter marcadamente pessimista, raiando à vezes o sensacionalismo⁵⁷. Sem dúvida, esse retrato tinha a virtude de pôr em foco aspectos fundamentais que se destacam melhor pela comparação – afinal, quem poderia negar que a violência e a desigualdade social são questões da maior importância para entender a condição juvenil contemporânea no Brasil? Entretanto, ao reproduzir a imagem da “terra de contrastes”, corria-se o risco de apresentar uma visão polarizada e muito pouco nuançada da juventude brasileira.

Por sua vez, a experiência da equipe local era muito pouco metropolitana. Apesar de muitos de nós sermos, também, viajantes⁵⁸, pesquisamos principalmente no Brasil. É aqui onde levantamos nossas questões e discutimos nossas idéias, nos inserindo em debates nacionais que apenas eventualmente se internacionalizam. Obviamente, há motivos econômicos para isto. Nossas universidades e agências financiadoras não são pródigas em recursos para nossa participação em eventos internacionais ou para a realização de pesquisas no exterior, limitando nossas possibilidades de inserção em redes para garantir o escoamento

⁵⁷ Esse aspecto também foi problematizado por Dalsgaard e Valentine (2008, p.37), só que em sentido contrário: “In Brazil intellectuals have played a significant role in the development of the present democratic society [...] In our discussions with Scott and Franch, we experienced this backdrop as an urge to be constructive in analytical conclusions and “not to leave people without hope”, as Franch expressed it”.

⁵⁸ Scott e eu somos estrangeiros. Madiana é fluminense e Márcia Longhi paulista. Em toda a equipe local, apenas Johnny era propriamente “nativo”.

de nossa produção⁵⁹. Existe também a já mencionada barreira lingüística, mas isso não é tudo. Como se sabe, o campo das ciências sociais se constitui, no Brasil, com um olhar para dentro, mobilizando sociólogos e antropólogos principalmente para a discussão de problemas internos (PEIRANO, 2006; RIBEIRO, 2006). Como afirma Tereza Caldeira (2000, p.29), os intelectuais brasileiros “Costumam pensar em si mesmos primeiro como intelectuais comprometidos em influenciar os debates públicos e só depois como acadêmicos. Assim, muitos antropólogos brasileiros estudam o que é politicamente relevante para eles”. Nesse sentido, a questão da identidade torna-se, na antropologia feita no Brasil, mais relevante do que a busca por alteridade em seu sentido estrito⁶⁰.

Se o olhar “para fora”, representado pela equipe internacional, enfatizava os aspectos contrastivos e abrangentes, sobretudo a violência e a desigualdade social, o olhar “para dentro” dava destaque às diferenciações sócio-culturais internas, demonstrando um gosto especial pelo detalhe. Essa tradição, quando transportada à temática da juventude, contribui para uma produção acadêmica em que predomina uma visão plural e diversificada dos jovens brasileiros – e, por extensão, recifenses. Em compensação, perde-se muitas vezes a possibilidade de fazer comparações transnacionais, pois a riqueza da experiência local se justificaria por si própria. Indo mais longe, a própria comparação não costuma ser do interesse da antropologia realizada no Brasil, excetuados os casos em que ela é posta a serviço de uma melhor compreensão da realidade nacional (PEIRANO, 1995). Como Caldeira (2000, p.23) observa, a reafirmação da singularidade é um traço comum nas antropologias nacionais, dificultando sensivelmente o estabelecimento de um diálogo crítico com a “antropologia internacional”.

Nos processos de escrita conjunta, várias situações me tornaram consciente desses traços da antropologia praticada no Brasil, e de como eles estavam incorporados à minha forma de questionar a realidade. Para a elaboração de um dos artigos coletivos (DALSGAARD; FRANCH; SCOTT, 2008), eu redigi um relato pormenorizado a respeito das diversas agências juvenis (projetos, cursinhos, escolas, universidades, etc.) e como se distribuía nos bairros estudados. Fiquei muito contente com a descoberta, que me permitia lançar um novo olhar para o traçado urbano e, também, introduzir diferenciações internas à

⁵⁹ Ver o recente artigo de Peter Fry (2004) para uma discussão atual sobre a internacionalização da antropologia brasileira. Minhas reflexões, neste trabalho, foram conduzidas por uma experiência pessoal de pesquisa, sendo portanto necessariamente limitadas.

⁶⁰ Para uma discussão sobre a alteridade na antropologia brasileira, ver Peirano (2006). Embora essa autora defenda a existência constante de alteridade, mesmo ao se pesquisar em casa, sou mais afeita à interpretação de Caldeira para quem a exigência de alteridade na antropologia é mais um legado das antropologias do tipo *empire building* do que um fato histórico.

dicotomia camadas médias/grupos populares⁶¹. Qual não foi minha surpresa quando Anne Line, delicadamente, me informou sobre o comentário de um dos pesquisadores ao ler meu trecho: “Tudo isso é muito interessante, mas por que eu preciso saber disso?” A singularidade não bastava. Era preciso procurar uma convergência com questões do “debate internacional”.

Foi desse modo que descobri que existiam “dois registros” diferentes na nossa escrita sobre os jovens do Recife. Se, nos artigos internacionais, precisávamos “apresentar” o Brasil e abrir mão de certos detalhes do contexto que não faziam sentido para uma platéia internacional, ao escrever artigos para os periódicos brasileiros, empreendíamos o processo inverso. Podíamos, então, nos deter à vontade nos detalhes e nas diferenciações, pois, mesmo quando procurássemos uma síntese, ela podia continuar fortemente ancorada no contexto mais imediato. Transitar por esses dois registros me possibilitou um outro tipo de mediação do que aquela do campo. Junto à equipe dinamarquesa, eu me via na obrigação de incluir mais contexto e de incorporar mediações à sua visão dicotômica. De volta para “casa”, buscava não perder o olhar externo de forma a articular melhor as questões locais e globais para além da justificativa pela singularidade. A escolha do tempo como temática de pesquisa responde a esse movimento, pois tanto me permite aprofundar discussões sobre juventude em curso no Brasil, como me inserir (ou no mínimo, tentar dialogar) com “debates internacionais” que não parecem ter muita ressonância no país – a mudança nas temporalidades contemporâneas.

Como se vê, a experiência de triangulação proporcionada pelo projeto *Os jovens a cidade* foi relevante na definição teórico-metodológica deste trabalho, não apenas porque boa parte do material empírico foi colhido nos três anos em que realizei minha etnografia para o referido projeto, mas porque me levou a refletir sobre meus próprios deslocamentos e sobre minha posição como antropóloga que estuda juventude no Brasil. Se a antropologia é, de certo modo, uma mediação, entre aqueles que tentamos compreender (os “outros”) e aqueles para quem falaremos sobre eles (“nós”), as mediações se multiplicam num processo onde o “nós” é, igualmente, múltiplo. Mas é hora de conhecer melhor o outro pólo da triangulação, os “outros”, mais ou menos distantes, junto aos quais desenvolvi a pesquisa para este trabalho. Para isso, apresentarei os aspectos fundamentais da condução da pesquisa, que assumiu aspectos diferentes dependendo do contexto, da inserção institucional e do amadurecimento das questões teóricas ao longo do tempo.

⁶¹ Retomo algumas dessas diferenciações na descrição dos contextos da pesquisa.

2.3 DELINEANDO OS JOVENS E SUAS TEMPORALIDADES: MÉTODO, TÉCNICAS E UNIVERSO DESTE ESTUDO

Foram três as localidades em que a pesquisa de campo foi realizada: a comunidade do Vietnã, a Ilha de João de Barros e o Loteamento Santana. Respondendo ao modelo mais comum de etnografia em contextos urbanos, o trabalho de campo no Vietnã apóia-se essencialmente na observação direta, na realização de entrevistas em profundidade e no levantamento de histórias de vida. Entrei no doutorado em 2004 com boa parte do trabalho de campo já concluída, porém, até o ano de 2006, retornei em várias ocasiões à comunidade e fiz o acompanhamento de alguns jovens, de suas famílias e das dinâmicas gerais do lugar⁶².

No início, a pesquisa no Vietnã teve um caráter inequívoco de retorno. Em parte por hábito, em parte por obrigação, comecei em 2001 ali onde terminara em 1999, visitando certas famílias e convivendo com algumas micro-culturas juvenis (WULFF, 1995b) que, no passado, haviam-me “adotado” não apenas como mal necessário mas também como “colega” e, em alguns casos, até como “amiga⁶³”. A primeira dessas famílias é a de Lívia e Jorge, proprietários de uma pequena mercearia numa das ruas principais da comunidade, e pais de duas garotas e de um rapaz que havia se emancipado antes de meu primeiro contato com eles. Além de ser parada obrigatória toda vez que vou ao Vietnã, conviver com essa família me permitiu observar de perto as mudanças que o casamento imprimia na vida de Marita, a filha mais nova. Ouí suas reclamações quando o marido não queria que ela o acompanhasse nas saídas noturnas, mas também seu orgulho de jovem esposa toda vez que, esfregando no tanque as roupas sujas de Pedro, me dizia que o marido não vestia duas vezes a mesma camisa. No passado, Marita tinha muitas amigas. Na nova fase, seu círculo de amizades parecia se reduzir a Sofia, com quem vivia “se intrigando”, apesar de ser a única que continuava freqüentando sua casa. Sofia também era casada e tinha uma criança de colo.

Outra das jovens que costumava visitar era Lu, que morava com a mãe, com o padrasto e seus dois irmãos. Lu era uma garota cujo comportamento se diferenciava da maioria de jovens de seu sexo e idade, pois gozava de uma margem considerável de liberdade que usufruía de forma considerada responsável. Naquela época, sua mãe se referia a ela como uma menina que tinha a cabeça no lugar, o que queria dizer, basicamente, que ela ainda era virgem e que não usava drogas. Lu tinha muitas amigas e, o que era mais raro, bastantes

⁶² Algumas dessas visitas aconteceram a propósito de um outro projeto de pesquisa, sobre mortalidade infantil, de que participei, coordenado por Russell Parry Scott. A pesquisa de campo foi feita no Vietnã e no bairro do Ibura, mas eu apenas realizei o trabalho no Vietnã.

⁶³ Discuto a diferença entre “amiga” e “colega” em Franch (2000).

amigos. Essa facilidade de circulação entre garotas e rapazes me levou a escolhê-la como minha assistente nos primeiros meses da pesquisa *Os jovens e a cidade*. Na qualidade de assistente, Lu apresentou-me a muitos jovens que eu posteriormente entrevistei. Ela própria aplicou vários questionários para a pesquisa internacional. Em troca, Lu pediu que eu a ajudasse a montar um “grupo de adolescentes”, mas essa parceria não chegou a dar muito certo⁶⁴. O “grupo de adolescentes” findou sendo uma quadrilha junina para crianças, organizada por um grupo bastante ativo de jovens (e não tão jovens), preocupados com o futuro da comunidade. Diferentemente do que acontecia com Marita, na casa de Lu sempre “aparecia” alguém com quem conversar. Uma dessas pessoas era Poliana, uma jovem evangélica que posteriormente me apresentaria várias pessoas de sua igreja, a Assembléia de Deus.

Além dessas duas casas, visitei muitas outras para entrevistar jovens até 2004, e depois em 2005 e 2006. O conhecido método da “bola de neve” – ou seja, entrevistar amigos de amigos – me facultou ir abrangendo um universo bastante diverso. Como mostrarei mais adiante, tive a preocupação de dar conta de diversas situações juvenis no que diz respeito à posição na família, escolaridade e trabalho, embora sem chegar a ser norteadas por uma preocupação estatística. Algumas entrevistas foram realizadas no interior das casas, na cozinha ou na sala, muitas foram feitas no terraço. Em alguns casos, sobretudo quando se tratava de rapazes, mas também quando as casas eram pequenas e quentes, as entrevistas aconteciam na calçada. Com o tempo, passei a visitar algumas das casas de meus novos entrevistados para saber das notícias, beber água, assistir televisão ou bisbilhotar um pouco, naqueles casos em que era bem-vinda.

Alguns lugares nas ruas cumpriam o mesmo papel. Um grupo de rapazes que conhecera na época do meu mestrado continuava se reunindo na mesma esquina de sempre, na rua onde Lu mora. No fim de tarde, chegava um, depois outro, mais adiante um terceiro, até se formar uma animada roda de conversa. Quando estava por perto, gostava de ficar um tempo com eles, principalmente com Zeca que, embora já não fosse mais cronologicamente jovem, continuava solteiro e, portanto, ainda podia se permitir ficar nas esquinas. Outro lugar de encontro dos rapazes era a esquina da barbearia de Saulo, local que algumas garotas, na brincadeira, denominaram de “sindicato”. No lado de fora da Assembléia de Deus, costumava conversar com um grupo de garotos evangélicos que “sacralizaram” a tradicional roda masculina de conversa postando-se frente à igreja. Por fim, às vezes acompanhava Luis até o

⁶⁴ Lu fez parte do grupo de adolescentes do Vietnã, liderado por Cídia, na época em que eu trabalhava na ONG Casa de Passagem.

“orelhão” de onde ele conseguia falar de graça e que havia se transformado num local de encontro graças ao “generoso” descuido da companhia telefônica.

Além das observações e das entrevistas nas ruas e nas casas, visitei alguns projetos que atendiam jovens do Vietnã: o Agente Jovem, projeto federal oferecido pela Prefeitura do Recife, que funcionava no bairro dos Torrões; o projeto Philadelphia, da Igreja Presbiteriana; e o Juventude em Movimento (JEM), que acontecia na Escola Hugo Gerdau. Mais do que acompanhar o cotidiano dessas intervenções⁶⁵, o que fiz foi entrar em contato com “jovens de projeto” (NOVAES, 1997) que posteriormente entrevistei. Por fim, como assistente de pesquisa de Ulla Ambrosius, fiz diversas observações numa das escolas frequentadas por jovens do Vietnã, no bairro de San Martin, junto a duas turmas de primeiro ano de ensino médio, nos turnos da manhã e da tarde.

Para me manter informada de aspectos gerais da comunidade ou, simplesmente, para curtir uma boa conversa, a casa de Cídia, que já foi presidente da Associação dos Moradores do Vietnã e da Vila Arraes, era parada obrigatória em muitas de minhas idas à comunidade. Até hoje, sempre peço “permissão” a Cídia para realizar uma nova pesquisa, não importa quem seja o novo presidente da associação. Na “facção contrária”, Reginaldo e Gerson, conhecidos pela sua simpatia pelo Partido dos Trabalhadores, sempre me apresentam sua visão dos rumos da política comunitária, em geral de forma bastante crítica. Foi Gerson quem encaminhou os jovens do Vietnã (e a mim própria!) para o projeto Agente Jovem.

A pesquisa em Camaragibe foi muito mais rápida e, podemos dizer, limitada, quando comparada àquela do Vietnã. Junto com Anne Line, fui ao bairro de Alberto Maia em várias ocasiões. Dali, fomos até o Loteamento Santana para conversar com jovens que faziam um curso de profissionalização do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT) para serem padeiros, pois existe uma relação muito próxima entre os moradores do Loteamento e aqueles de Alberto Maia. Line aplicou questionários com esses jovens e nós duas fizemos um grupo de discussão com alguns participantes. No Loteamento, conheci Dênis, um rapaz muito voluntarioso e responsável, que estabeleceu contatos frequentes comigo durante muito tempo. A pedido de Line, ele realizou novas entrevistas com os egressos do curso de panificação de forma a fazer o *follow up* desses jovens. Eu o visitei na casa dele em algumas ocasiões, e também nos encontramos em minha casa, em Recife. Apesar de ter sido uma experiência circunscrita, a riqueza dos contatos sugeria incluir esses jovens neste trabalho, o que acabei fazendo.

⁶⁵ O que já fiz no passado (FRANCH, 2000).

A decisão de incorporar a Ilha de João de Barros veio posteriormente e por acaso. Em 2006, quando começava a escrever a tese, esbarrei casualmente com Graça num dos shopping centers da cidade. Graça foi uma das mulheres que participou de um projeto voltado a adolescentes do sexo feminino desenvolvido pela ONG em que eu trabalhei entre 1994 e 1998. Naqueles anos, tivemos uma relação muito próxima, pois ela comparecia às reuniões semanais com nossa equipe e também porque a João de Barros é vizinha ao escritório da referida ONG. No nosso reencontro, Graça comentou a difícil situação que os jovens de sua localidade enfrentavam, devido à intensificação do tráfico de drogas. Algum tempo depois, a procurei, falei da minha pesquisa e resolvemos que eu iria até a comunidade para conversar com um grupo de “adolescentes de risco⁶⁶”. Qual não foi minha surpresa quando, ao chegar à Ilha no dia combinado, encontrei um grupo apenas de meninas muito jovens (13 a 16 anos), esperando que eu fizesse “um grupo”. “Meu passado me persegue”, foi o primeiro pensamento que me veio à mente ao me deparar com aquela cena. Retornei várias vezes à João de Barros para encontrar grupos semelhantes, sempre de garotas. Como mostrarei mais adiante, as moças se referiam a elas próprias como sendo “de risco” e apresentavam demandas de intervenção, que redundaram em meu contato com a Universidade de Pernambuco e na implementação de um pequeno projeto de recreação e saúde⁶⁷. Tentei em várias ocasiões sair desse pequeno círculo e entrar em contato com outros jovens, mas isso exigia um tempo e uma disponibilidade que, àquela época, já não tinha mais.

Ninguém sabe indicar ao certo quando um trabalho de campo deve terminar. Na experiência desta pesquisa, foram as circunstâncias que me levaram a pôr um ponto final na coleta de dados. Precisava partir para fazer meu estágio doutoral, analisar os dados de campo, realizar mais leituras, voltar para minha atividade de docente na Universidade Federal da Paraíba, escrever, enfim, a tese. Diante de uma matéria tão porosa como o tempo, não fossem essas demandas externas, ainda teria continuado por mais alguns anos desvendando o universo juvenil e sua diversidade de experiências temporais.

Como se vê, a diversidade de contextos, períodos e circunstâncias marcou meu trabalho de campo. Esta não foi uma pesquisa convencional, em que um marco teórico e indagações bem delineadas antecedem o campo empírico. Poderia dizer que meu trabalho, mesmo que se apresente linearmente nesta tese, fez jus àquilo que as teorias afirmam sobre o tempo pós-moderno: fragmentado, cheio de entrâncias, labiríntico. Por isso, freqüentemente me acompanhou uma sensação de incompletude que somente começou a se dissipar quando

⁶⁶ Essa foi a definição que Graça deu do grupo. Posteriormente, desenvolvo melhor a noção de “risco” para esse grupo.

⁶⁷ Que ficou aquém das expectativas das garotas que participaram da pesquisa.

me debrucei analiticamente sobre meus dados de pesquisa e pude perceber sua riqueza. As diversas formas pelas quais tive acesso às informações que dão subsídio a este trabalho são descritas a seguir.

Os questionários

Como parte do protocolo de pesquisa do projeto *Os jovens e a cidade*, eu e Line aplicamos 142 questionários (ver Anexo 1) com jovens moradores de Alberto Maia e do Loteamento Santana (62), do Vietnã (45), bem como entre jovens de classe média (35). A efeitos deste trabalho, somente analisei os questionários relativos ao Loteamento e aqueles do Vietnã (ver Quadro 1). Cabe salientar que os questionários não tinham qualquer intenção de representatividade estatística, tampouco foram analisados com esse propósito. Esse instrumento, em verdade, funcionou freqüentemente à guisa de entrevista curta, e também como um meio de ampliar nossos círculos de entrevistados. O questionário foi em várias ocasiões o nosso primeiro contato com um informante, prévio a uma entrevista em profundidade, mas nem todos os jovens que participaram desta pesquisa responderam suas questões. Por isso, evitei dar um tratamento numérico às respostas, optando por tratá-las como mais uma fonte de informação qualitativa.

Quanto ao conteúdo, o questionário do Recife incluía questões daquele aplicado por Karen Tranberg em Lusaka, mas a maioria fazia parte do nosso leque de inquietações mais gerais. Assim, fizemos perguntas sobre moradia e mobilidade, que nos pareciam importantes para demarcar diferenças entre os grupos populares e as classes médias, outras relativas à situação de estudo e trabalho e, por fim, algumas questões que dizem respeito diretamente à minha temática⁶⁸.

Uma primeiro grupo de questões sobre o tempo incluídas no questionário centra-se no horizonte temporal, isto é, na idéia de futuro partilhada pelos jovens. São elas: “O que você quer fazer no futuro?” “Você acha seu objetivo fácil ou difícil de conseguir? Por que?” “O que seus pais gostariam que você fizesse no futuro?” Mesmo levando-se em consideração que os jovens, via de regra, costumam pensar no futuro bem menos do que os adultos gostariam, esse grupo de questões se insere na problemática anteriormente mencionada do encurtamento do horizonte temporal nas sociedades contemporâneas (vide Capítulo 1). Mais precisamente,

⁶⁸ Cabe salientar que, naquele momento, eu não tinha ainda clareza a respeito de meu foco no doutorado, mas algumas reflexões já se encaminhavam em direção ao tempo.

as questões buscam revelar tanto a esfera prioritária em que os jovens projetam seu futuro – trabalho, família, lazer, etc. – como, sobretudo, a existência ou não de projetos a curto, médio e longo prazo entre eles.

Neste trabalho, as idéias a respeito do futuro ocupam um lugar importante na compreensão da cultura temporal juvenil. De certo modo, o que está em questão ao perguntarmos sobre o futuro dos jovens é a validade da noção de “projeto de vida” para essa geração. Como já foi assinalado⁶⁹, a idéia de projeto, fundamental na compreensão temporal da modernidade, é posta em xeque pelos autores que defendem a idéia de que nossa experiência do tempo tornou-se fragmentada e descontínua (ver CARMO, 2006; LECCARDI, 2005b; RAMPAZI, 2005). Perguntar aos jovens o que imaginam de seu futuro permite compreender qual o grau de controle que eles acreditam ter sobre suas vidas e que estratégias utilizam para lidar com as incertezas que usualmente encontram.

Um segundo grupo de questões analisadas neste trabalho diz respeito aos usos do tempo cotidiano. O questionário traz indagações sobre a situação profissional e escolar dos jovens, bem como sobre suas atividades na semana e no final de semana. Tem, ainda, uma agenda com espaços em branco para os jovens preencherem com as atividades realizadas na semana anterior. Inicialmente, as questões sobre cotidiano perseguiram identificar diferenças e afinidades entre jovens dos grupos populares e das classes médias, entre garotos e garotas, bem como conhecer o impacto da inserção diferencial em instituições como a escola e as igrejas sobre a organização do cotidiano. Com o decorrer do trabalho, e abandonada a intenção comparativa, a agenda ajudou a compreender melhor a estruturação do tempo cotidiano entre os jovens, que é uma dimensão igualmente importante para compreender a cultura temporal desse grupo.

A agenda se inspirava nos estudos de *time-budgeted*, embora fosse muito menos sofisticada e precisa (ADAM, 1990, p.94). Meu interesse também se distanciava daquele tipo de estudos, pois não pretendi fazer um levantamento quantitativo e sim reconhecer tendências de uso do tempo, levando em consideração a diversidade de situações em que os jovens de periferia se encontram. Se as perguntas sobre o futuro se relacionam com a dimensão do projeto de vida, as questões sobre o cotidiano permitem lançar luz sobre aspectos da vivência do presente, de modo a estabelecer um diálogo com os autores que defendem a existência de uma “desrotinização” do tempo cotidiano contemporâneo (ver CARMO, 2006). Na hora da aplicação, a agenda da semana era uma das partes que os jovens mais gostavam de preencher.

⁶⁹ No Capítulo 1.

O terceiro grupo de questões diretamente relacionadas aos interesses desta pesquisa diz respeito ao tempo do curso da vida: “Quando você fala de você mesmo, como você se define? Como um adolescente? Como um jovem? Como um adulto? Descreva um pouco por que”. Uma vez que essa questão apresenta categorias etárias aos entrevistados, outras possíveis periodizações do curso da vida – como a diferença entre “moça” e “mulher” para as garotas, muito comum nos grupos populares do Nordeste – não emergem. Entretanto, as respostas a essa pergunta forneceram um panorama muito mais complexo e diversificado do que o quadro comum das fases da vida costuma oferecer (DALSGAARD; FRANCH; SCOTT, 2008).

Os questionários foram elaborados para auto-aplicação. Entretanto, terminaram servindo como roteiro de entrevistas de duração variável, às vezes gravadas, outras não. No caso específico do Vietnã, 20 questionários cumpriram essa função. O restante foi auto-aplicado ou, ainda, coube a Lu sua aplicação. As questões mais relevantes para a temática do tempo foram aprofundadas nos roteiros de entrevista dos jovens das três comunidades pesquisadas.

Entrevistas e grupos de discussão

Uma vez que este trabalho se debruça sobre as práticas e também sobre os sentidos que os jovens atribuem ao tempo, as entrevistas constituem uma técnica indispensável por permitir o acesso à significação das ações e ao seu componente subjetivo. As entrevistas realizadas nesta pesquisa foram não diretivas e muitas delas do tipo biográfico (BERTAUX, 1997; PENEFF, 1990). Esse tipo de entrevista permite aos sujeitos da pesquisa a organização das suas experiências de vida atribuindo-lhes uma ordem própria, o que favorece a emergência de suas representações temporais. Nesse sentido, a aproximação biográfica é importante não apenas pelo conteúdo mas sobretudo pela forma como os acontecimentos são narrados e ressignificados pelos jovens, dando ênfase a alguns eventos, ocultando outros. Além disso, os relatos biográficos podem constituir caminhos pessoais de transição à idade adulta, em que as esferas usualmente divididas, como família, educação e trabalho, se integram dinamicamente, sendo especialmente adequados ao estudo das juventudes.

Na maioria das entrevistas, comecei lançando uma pergunta aberta, do tipo “fale um pouco da sua vida”, para acrescentar, depois, outras questões de acordo com a narrativa de cada entrevistado. As entrevistas realizadas no marco do projeto *Os jovens e a cidade* incluíam perguntas a respeito de educação e aprendizagem num sentido amplo, bem como

sobre inserção profissional. Tínhamos concordado também em indagar sobre o curso da vida – a própria percepção da idade – e algumas questões gerais a respeito da cidade do Recife. O restante das perguntas ficava, basicamente, a critério do pesquisador, existindo sempre uma preocupação em abranger as trajetórias familiar, educativa e de trabalho (ver Anexo 2). Nas entrevistas que fiz com Kate Gough, a dimensão espacial ganhava relevância – a casa, o bairro, a cidade.

À medida que o tempo foi se estabelecendo como temática importante em meu leque de preocupações, comecei a introduzir de forma mais sistemática questões sobre o cotidiano: “como é um dia comum” e “como é o final de semana”. No caso de jovens que também respondiam o questionário, repassava com eles a agenda semanal que haviam preenchido previamente. Nas entrevistas sem questionário, fazia esse levantamento verbalmente. Deste modo, tentava sempre cobrir dois eixos temporais – um diacrônico, conhecendo os principais eventos do passado e seus sentidos para os jovens (tempo biográfico); e um outro sincrônico, buscando perceber de que modo os jovens organizavam seu dia-a-dia, quais as diferenciações e os marcadores do cotidiano.

A dimensão do futuro estava igualmente presente com perguntas gerais – “você pensa em seu futuro?”; “como você se imagina de aqui a alguns anos?” – e outras específicas relativas às expectativas de educação, trabalho e família – “até quando você pretende estudar?”; “em que você gostaria de trabalhar?”; “como você gostaria que fosse sua família?”. Uma vez que as circunstâncias de vida dos jovens entrevistados eram muito variadas, essas perguntas precisavam sempre se adequar aos interlocutores para serem significativas.

As entrevistas realizadas não foram igualmente completas. Alguns jovens responderam apenas o questionário, outros responderam o questionário e uma entrevista, e nos casos mais aprofundados, houve questionário e mais de uma entrevista, permitindo acompanhar vários momentos das vidas dos entrevistados. A maioria das entrevistas foi individual, contudo alguns jovens conversaram comigo em duplas ou em grupo. Em alguns casos, as entrevistas foram apenas uma forma de conhecer melhor jovens que eu já observava e acompanhava no cotidiano. Em outros, esse foi o único meio de acesso a informação sobre suas vidas.

Embora o contato prévio com os jovens costume ajudar na entrevista, às vezes ocorre justamente o contrário, pois a entrevista entre conhecidos pode ser encarada como um evento artificial, que interrompe o curso habitual da convivência. Muitos jovens são refratários a essa mudança de registro e adiam o quanto possível o momento de ligar o gravador. Outros se dispõem prontamente a ser entrevistados. Esse era o caso de Joaquim, que eu já havia

entrevistado para minha pesquisa de mestrado, e a quem conhecia bem. No dia da entrevista, me recebeu em sua nova casa com um lanche farto, toalha de mesa novinha em folha e o melhor de seus sorrisos. Depois de duas horas de conversa, Joaquim me brindou com a seguinte frase: “Fui bem, não foi? Eu sempre me saio muito bem nas suas entrevistas”. Que as entrevistas são momentos privilegiados para construir a imagem de si, isso todo o mundo sabe. Como observou Cláudia Fonseca (1999, p.64), “É muitas vezes na tentativa de ajustar sua narrativa às expectativas do pesquisador que o informante tece seus exageros: para entreter seus interlocutores tanto quanto para manipulá-los”. O desafio é contextualizar o que é dito, tentando entender os motivos que levaram nosso interlocutor a selecionar alguns elementos em detrimento de outros. Nesse sentido, cada entrevista pode ser entendida como “Um discurso nem falso nem verdadeiro, mas que apresenta apenas uma dimensão de uma realidade social multifacetada” (FONSECA, 1999, p.64).

Além disso, por trás da vontade de construir uma imagem há sempre uma estrutura significativa que é, também, objeto do interesse do pesquisador. Com efeito, narrar a própria vida oferece ao entrevistado uma oportunidade de se ouvir, de refletir sobre passado e presente, de projetar-se no futuro, de construir, enfim, uma identidade. No trabalho ativo de narrar-se, as injustiças podem ser reparadas, os tropeços amenizados, atribuindo-se um novo sentido a fatos que, quando vividos, apresentam-se confusos e sem direção. É desse modo que podemos entender o alerta de Pierre Bourdieu (1998a) contra a “ilusão biográfica” e aquele de Machado Pais (2003), para quem os relatos de vida costumam ocultar a dimensão labiríntica da existência. Retomarei essas questões em vários momentos ao longo deste trabalho.

Se a entrevista é um momento privilegiado para a reflexão, ela é, sobretudo, uma interação social entre duas (ou mais) pessoas, sujeita às dinâmicas de qualquer interação, com o agravante de se constituir como uma relação potencialmente assimétrica. Como afirma Bourdieu:

É o pesquisador que inicia o jogo e estabelece a regra do jogo, é ele quem, geralmente, atribui à entrevista, de maneira unilateral e sem negociação prévia, os objetivos e hábitos, às vezes mal determinados, ao menos para o pesquisado. Essa dissimetria é redobrada por uma dissimetria social todas as vezes que o pesquisador ocupa uma posição superior ao pesquisado na hierarquia das diferentes espécies de capital, especialmente do capital cultural. O *mercado dos bens lingüísticos e simbólicos* que se institui por ocasião da entrevista varia em sua estrutura segundo a relação objetiva entre o pesquisador e o pesquisado ou, o que dá no mesmo, entre todos os tipos de capitais, em particular os lingüísticos, dos quais estão dotados (BOURDIEU, 1997, p.695; grifos do autor).

Para diminuir ao máximo a violência simbólica imbuída nesse tipo de interação, Bourdieu propõe realizar uma “escuta ativa e metódica” (p.695), que transforma a entrevista num “exercício espiritual” (p.699) e nos permite situar-nos no lugar do outro, nem que seja parcialmente. A princípio, entrevistar jovens de grupos populares, com pouco acesso à educação formal, pode parecer o ápice da violência simbólica. Na prática, porém, a rica elaboração simbólica entre os diversos grupos juvenis, com o compartilhamento de referências culturais, incluindo expressões lingüísticas às quais eu era totalmente alheia, tornava-me amiúde o elo mais fraco da interação.

Nesse sentido, embora cada entrevista seja um evento único, entrevistar jovens exige do pesquisador adulto algumas habilidades específicas. Os jovens podem ser ótimos interlocutores ou péssimos entrevistados. Lembro de uma ocasião em que fui conversar com os participantes do projeto Juventude em Movimento (JEM), da escola Hugo Gerdau, e terminei fazendo uma entrevista coletiva desastrosa – e propiciando aos jovens uma boa diversão por alguns minutos. Jovens sozinhos podem se abrir ou se fechar como um molusco. Em grupo, pode-se ter acesso a uma boa dinâmica de discussão ou virar motivo de galhofa. Além da empatia, a própria composição do grupo, a idade e a proximidade ou distância das experiências em questão com aquelas do pesquisador contam bastante na hora de conseguir estabelecer um diálogo que faça sentido para ambas as partes. A paciência, o humor, uma pitada de irreverência mas, também, a seriedade quando se tratava de escutar desabafos e problemas foram atitudes que me ajudaram a estabelecer pontes mais ou menos firmes com os jovens que apresentarei ao longo deste trabalho.

Sobre o universo pesquisado

Como relatei anteriormente, os jovens contribuíram de diversas maneiras para este trabalho; alguns responderam apenas um questionário, outros foram entrevistados numa ou em várias ocasiões e um grupo mais restrito me permitiu o acesso a seu cotidiano durante vários anos. Os instrumentos formais (entrevistas, questionários) não dão conta dessa variedade mas permitem ao leitor ter uma idéia mais aproximada a respeito de quem são os jovens de que este trabalho discorre. Nos quadros 1 e 2 apresento as principais características dos jovens que responderam o questionário e daqueles que entrevistei:

Quadro 1 – Perfil dos jovens que responderam ao questionário⁷⁰

Sexo		Idade		Situação familiar		Ocupação	
Feminino	32	Até 14 anos	2	Solteiro s/ filhos	41	Só estuda	29
Masculino	16	De 15 a 19 anos	35	Solteiro c/ filhos	3	Só trabalha	3
Total	48	De 20 a 25	11	Casado s/ filhos	2	Estuda e trabalha	6
		Total	48	Casado c/ filhos	2	Não estuda nem trabalha	10
				Total	48	Total	48

Quadro 2 – Perfil dos jovens entrevistados⁷¹

Sexo		Idade		Situação familiar		Ocupação	
Feminino	29	Até 14 anos	8	Solteiro s/ filhos	33	Só estuda	16
Masculino	16	De 15 a 19 anos	21	Solteiro c/ filhos	2	Só trabalha	7
Total	45	De 20 a 25	16	Casado s/ filhos	2	Estuda e trabalha	4
		Total	45	Casado c/ filhos	8	Não estuda nem trabalha	13
				Total	45	Total	45

Olhando os quadros acima, percebe-se um desequilíbrio no sexo dos pesquisados que favorece as mulheres jovens em detrimento dos homens. Essa assimetria decorre de minha trajetória profissional mas também demonstra um interesse maior de minha parte em relação à juventude feminina. Não vejo esse desequilíbrio, entretanto, como um problema que desautorize minha tentativa de compreender a cultura temporal juvenil nos grupos populares. Em geral, os estudos sobre “jovens” costumam dar maior relevância às experiências masculinas sem que isso seja problematizado (McROBBIE; GARBER, 1996; WELLER, 2005). Porém, uma vez que, na nossa construção da esfera relacional de gênero, o feminino é, como já dizia Simone de Beauvoir (1980), o “outro”, o “segundo sexo”, falar dos “jovens” dando mais relevância às mulheres parece menos legítimo. É o conhecido paradigma hierárquico da costela de Adão: o masculino engloba o feminino mas o feminino não pode englobar o masculino (HEILBORN, 1993). Entendo, entretanto, que dar maior destaque às experiências femininas não torna meu estudo particular (como categoria oposta ao universal),

⁷⁰ Lembro que, a efeitos deste trabalho, selecionei 48 dentre um total de 142 questionários, correspondendo aos jovens do Vietnã (45) e a três dos cinco jovens que também participaram de outras fases da pesquisa no Loteamento Santana.

⁷¹ No Anexo 3, incluo um quadro com maiores informações de cada entrevistado. Além das entrevistas, realizei dois grupos de discussão em projetos (Agente Jovem e Juventude em Movimento), que não incorporei no quadro porque o contato com os jovens foi superficial. Houve algumas entrevistas, por fim, que não consegui transcrever por falhas na gravação. Não as considerei para a análise. Por outro lado, houve superposição em alguns casos: jovens entrevistados também responderam questionários. Essa situação também aparece detalhada no Anexo 3.

uma vez que as experiências das mulheres são equivalentes, em termos de valor, às das dos homens. Este é, portanto, um estudo sobre a juventude de grupos populares, em que minha condição de gênero⁷², trajetória e interesses deram maior visibilidade às experiências das mulheres.

No que tange à idade e à situação familiar, a concentração dos entrevistados na faixa de 15 a 19 anos e na qualidade de solteiros e sem filhos reflete a percepção anteriormente mencionada de que a juventude, nos grupos estudados, se sobrepõe à condição de solteiro. Devo salientar, entretanto, que tais situações se transformaram ao longo do tempo de realização desta pesquisa. Vários jovens casaram, outros tiveram filhos, dentro ou fora de relacionamentos estáveis, outros ainda separaram de seus parceiros, iniciando novos relacionamentos em diversas modalidades (namoros e casamentos). Por outro lado, o perfil não dá conta da diversidade de situações encontradas em campo. Na categoria “casado com filhos” foram incorporados jovens que tiveram filhos com outras mulheres que não as atuais parceiras. Uma garota viúva e sem filhos foi incorporada na categoria de solteiros. E considereii casada uma jovem que tinha um relacionamento estável e co-residência em tempo parcial com um homem que era, por sua vez, casado com outra mulher. Nesses casos, tentei utilizar a percepção dos próprios entrevistados na hora de estabelecer classificações. Em outros momentos deste trabalho, é dado maior detalhamento a alguns desses casos, mostrando sua complexidade.

A mesma variedade acompanha o quesito “ocupação”. Os jovens que apenas estudam são maioria entre os entrevistados, bem como entre os jovens que responderam ao questionário. Incluí nesse grupo jovens que estavam inseridos na educação escolar, usualmente cursando ensino fundamental ou médio, excluindo aqueles que faziam parte de projetos, como o Agente Jovem ou o Curso de Panificação financiado pelo FAT em Camaragibe. Esses projetos também não foram incorporados na categoria de “trabalho”, diferentemente dos estágios, que são percebidos pelos jovens como uma forma de trabalho. Não considereii que estão trabalhando aqueles jovens que apenas esporadicamente fazem bicos, mas apenas os que realizam uma atividade regular remunerada, dentro ou fora do mercado formal de trabalho.

⁷² O que não significa que as mulheres não possam estudar os homens e vice-versa. Trata-se apenas de um posicionamento pessoal em relação a esta pesquisa.

Escrevendo o tempo

Até aqui, descrevi brevemente os percursos da pesquisa, tentando esclarecer para o leitor a natureza dos dados com que trabalhei. Contudo, a fase de “campo” não encerra a pesquisa, antes a inaugura. De posse dos dados empíricos, resta ao pesquisador o maior desafio: como organizar e dar sentido a essa miscelânea de impressões, registros, experiências e teorias? Como já dizia Malinowski, a distância que separa o material bruto do texto etnográfico é enorme. Buscar um eixo que ordene essa heterogeneidade significa, na maioria das vezes, organizar nosso pensamento e tomar posicionamentos a respeito do que vimos e aprendemos. No meu trabalho, encontrei esse rumo quando resolvi aprofundar as histórias de alguns jovens que me pareceram representativas da variedade de sentidos e práticas temporais do grupo estudado. Ao invés de realizar uma análise horizontal, apresentando tematicamente os diversos elementos da temporalidade juvenil, optei deste modo por fazer uma análise vertical que me permitisse aprofundar algumas das construções do tempo biográfico e do tempo cotidiano juvenil a partir de um número reduzido de casos.

A escolha desses casos não foi feita tendo por base um critério estatístico estabelecido a priori. Como afirma Fonseca (1999), a representatividade em antropologia tem características próprias, diferentes das outras ciências sociais. Se nas análises destas, os “informantes” são selecionados de antemão, conforme critérios previamente definidos, em antropologia “o pesquisador escolhe primeiro seu “terreno” e só depois procura entender sua representatividade” (FONSECA, 1999, p.58). As histórias escolhidas me permitiram ilustrar questões como a relação dos jovens com diversas instituições e seus efeitos na vivência do tempo, a dimensão do risco e da violência no cotidiano juvenil, o trabalho, a família e, por fim, a sociabilidade e o espaço das ruas em relação à estruturação biográfica e cotidiana. Essas dimensões não aparecem separadas nos relatos, e ainda se relacionam com outras esferas menos desenvolvidas neste trabalho, como a religião. Parafraseando Lévi-Strauss, pode-se dizer que a terra do tempo, como aquela dos mitos, é redonda. Uma vez que o tempo está imbricado em todas as dimensões da vida social, é quase inevitável ir contornando as diversas esferas quando partimos de alguma delas. A divisão em capítulos é, portanto, puramente ilustrativa e não corresponde à complexidade do tempo vivido, em que tudo se mistura.

A organização textual deste trabalho se inspira na tradição da análise biográfica em antropologia, representada, entre outros, por Sidney Mitz e Oscar Lewis (GONÇALVES, 1992, p.106-111). Contudo, ao priorizar sentidos e práticas temporais, terminei escrevendo

narrativas que não são equivalentes em profundidade, nem em extensão ou em organização interna, pois meu interesse não recai na biografia em si mas no modo em que as experiências de determinados sujeitos contribuem na construção do mosaico de temporalidades juvenis. Em alguns casos, o tempo biográfico foi privilegiado, em outros, escolhi o cotidiano como dimensão organizadora, acrescentando aspectos do passado apenas quando se mostravam relevantes para compreender o dia-a-dia.

A análise dos casos escolhidos foi construída aos poucos, seguindo a lógica das narrativas de cada entrevistado mas, também, me apropriando de forma criativa de contribuições de outros estudos sobre o tempo social. De Herbert Mead (2008) extraí a primeira grade de análise para meus dados, em que procurava estabelecer os três modos temporais que formam a base de sua análise social do tempo, presente, passado e futuro. Para o autor, esses três modos temporais, apenas o presente existe: “a realidade existe no presente. O presente, certamente, implica um passado e um futuro e a ambos negamos a existência”⁷³ (MEAD, 2008, p.1). Ou seja, embora passado e futuro estejam presentes na construção do tempo pelos indivíduos, essas duas dimensões são concebidas por Mead como representações, não como práticas sociais. É a partir de situações presentes que os indivíduos trazem a tona situações passadas e projetam cenários futuros. O tempo teria, de acordo com essa percepção, um caráter hipotético.

As idéias de Mead forneceram um ponto de partida para a análise do tempo biográfico dos jovens entrevistados. Assumindo que é a partir do presente que os jovens selecionam eventos do passado e elaboram (ou não) suas idéias de futuro, busquei conhecer os eventos que forneciam a base para a compreensão do momento de vida em que os jovens conversaram comigo. Busquei, igualmente, perceber até que ponto existia um senso de continuidade em suas trajetórias ou se elas eram apresentadas episodicamente, o que indicaria uma compreensão mais fragmentada e descontínua do tempo. Também procurei identificar quais são os eventos biográficos que organizam essa trajetória, nos permitindo encontrar freqüentemente áreas de continuidade e outras de descontinuidade. Quanto à dimensão do futuro, não tencionei desvendar até que ponto as expectativas de futuro se concretizam e sim de que maneira essa dimensão fazia parte da percepção temporal dos jovens.

Essa primeira grade foi posteriormente complementada por uma análise temática, com atenção às dimensões sociais mais relevantes nas entrevistas aos jovens: trabalho, escola, família, igreja, lazer/consumo, violência/risco. As idéias a respeito do curso da vida também

⁷³ A citação completa é: “The subject of this lecture is found in the proposition that reality exists in a present. O present of course implies a past and a future, and to these both we deny existence.”

foram analisadas em todas as entrevistas e questionários. Mais do que traçar as trajetórias profissional, educativa e familiar de cada jovem, o que procurei foi atentar para as dimensões simbólicas do tempo, fazendo uso de algumas das dimensões mencionadas por Barbara Adam a respeito dos significados do tempo no Ocidente (ADAM, 1995, p.20-24): a localização dos eventos no tempo (*a time when*); o *timing* ou a compreensão de que existem tempos “bons” e tempos “ruins” para determinadas ações; e o compasso⁷⁴ e intensidade de cada tempo, o que me levou também a considerar a duração dos diversos eventos narrados.

Escrever o tempo, neste trabalho, resulta portanto de uma dupla seleção. A seleção feita pelos jovens que, ao falarem comigo, escolhiam os aspectos de suas vidas que queriam me mostrar, norteados pelas preocupações do presente. E a minha escolha, que buscou em cada narrativa juvenil elementos que me permitissem aprofundar determinados aspectos da vivência temporal desse grupo. A maioria das narrativas são individuais, mas também apresento narrativas coletivas. Antes, porém, de ver o tempo em ação, vamos empreender um breve passeio pelos contextos onde suas histórias me foram reveladas.

⁷⁴ A autora utiliza a palavra “tempo” (no inglês original), mas optei por compasso para evitar mal-entendidos com a palavra “tempo” em português. Outra dimensão, que não considerei aqui, é a “temporalidade” que relaciona o tempo social com os ritmos naturais de ciclos e mudança. Em outros autores, “temporalidade” é utilizada como um conceito equivalente ao de tempo social. Esse é o sentido que recebe esse termo neste trabalho.

Capítulo 3

OS CONTEXTOS

Estabelecendo uma “gradação de periferias”

O espaço mescla-se com o tempo assim como o corpo se mescla com a alma.
Friederich Novalis, *Fragmentos*

Este trabalho não é uma etnografia da vida de jovens nos seus bairros⁷⁵. Entretanto, uma vez que tempo e espaço são dimensões intrinsecamente relacionadas, torna-se necessário apresentar brevemente o contexto espacial desta pesquisa, mesmo entendendo que as temporalidades juvenis não se encerram nas margens de suas comunidades de moradia. Como mostrei no capítulo anterior, participaram desta pesquisa jovens com e sem filhos, casados, solteiros, separados e até mesmo uma viúva. Jovens que trabalhavam, jovens que apenas estudavam e outros que não faziam nem uma coisa nem a outra. Jovens evangélicos e católicos, além daqueles que transitavam por diversas alternativas do mercado religioso do Grande Recife. Quase todos eram (ou diziam ser) heterossexuais, mas também conversei com alguns rapazes *gays*. Uns mais, outros menos, todos esses jovens circulavam por diversos espaços da cidade, mas era nas ruas de seus respectivos bairros onde suas trajetórias se cruzavam cotidianamente. Foi nessas mesmas ruas, também, onde se desenvolveu a maior parte de minhas pesquisas.

A opção por um estudo centrado nos locais de moradia tem a ver com as características do grupo social cuja cultura temporal me propus a desvendar: o dos jovens “de periferia”. Como inúmeros trabalhos já demonstraram, o bairro é mais do que um espaço físico para as camadas populares (ALVIM, 1997; ALVITO, 2001; CALDEIRA, 1984; DALSGAARD, 2006; DURHAM, 2004; FRANCH, 2000; MAGNANI, 1998; ZALUAR, 1985). Se não podemos alimentar a ilusão de que a vida nesses grupos se encerra nas fronteiras das suas comunidades, também não o podemos ignorar o fato da localidade ser um espaço fundamental na sociabilidade e na organização da vida cotidiana, ali onde outras inserções institucionais se mostram mais instáveis.

Nesse sentido, é interessante nos reportar ao clássico trabalho de Anthony e Elizabeht Leeds, que descreve a localidade como um ponto nodal de interação e transação (1978, p.33-42) onde se entrecruzam instituições locais e supra-locais. Tais instituições são manipuladas pelos indivíduos na busca de soluções para seus problemas concretos, estratégia que se insere

⁷⁵ Já fiz isso, de certo modo, em meu trabalho de mestrado (FRANCH, 2000).

numa organização social altamente flexível e operativa. Essa definição, embora defendendo a autonomia da localidade, nos protege do perigo de isolá-la do contexto, o que seria particularmente contraproducente num estudo com jovens.

Entendida deste modo, a localidade se apresenta como um excelente ponto de partida para o estudo das temporalidades juvenis. Diferentemente do que aconteceria num estudo realizado numa instituição juvenil (numa escola ou num projeto social, por exemplo), pesquisar no bairro possibilita ao pesquisador entrar em contato com uma considerável heterogeneidade de situações e estilos de vida juvenis, muitos dos quais não estão institucionalizados. Contudo, uma vez que os jovens se movimentam e estabelecem relações em diversos espaços dentro e fora do lugar de moradia, o bairro aparece aqui como uma porta de acesso a vivências temporais que não necessariamente tomam a localidade como única ou principal referência.

As três áreas em que desenvolvi esta pesquisa apresentam características comuns. São lugares onde moram pessoas que são vistas e, freqüentemente, se auto-identificam como “pobres”. Sua inserção no mercado de trabalho costuma ser precária, muitos trabalham no setor informal da economia ou ocupam os lugares mais desvalorizados no mercado formal. São faxineiras, vigilantes, biscateiros, proprietários de pequenos comércios, vendedores ambulantes, marceneiros, além da nova economia em torno do tráfico de drogas que, como veremos, vem se instalando em alguns lugares. As aposentadorias e os programas de renda básica, como o Bolsa Escola e, mais recentemente, o Bolsa Família, jogam um importante papel na economia familiar, sendo às vezes a única fonte regular de recursos dos domicílios. Via de regra, os rendimentos familiares são baixos e suas condições de existência apresentam certa homogeneidade, embora existam significativas diferenciações internas. Com efeito, e como já observou Caldeira (1984), é em relação aos “ricos” que a categoria “pobre” faz sentido, mas ela se desdobra numa série de matizes quando o olhar se volta para o espaço do bairro: forte *versus* fraco, trabalhador *versus* bandido⁷⁶, entre outras oposições.

Apesar do trabalho ativo de criação de diferenças entre eles, no contato com a sociedade abrangente os moradores de comunidades como as que aqui descreverei amiúde aparecem como grupo homogêneo, sobre o qual se cernem representações negativas ligadas ao perigo e ao contágio. Os jovens entrevistados conhecem bem essa significação, e precisam às vezes esconder sua origem quando concorrem por um emprego ou quando se apresentam a

⁷⁶ Essas diferenciações foram discutidas por muitos outros autores, como Alvito (2001), Sarti (1996) e Zaluar (1985). Em pesquisas anteriores, eu também discuti a fronteira simbólica entre as pessoas “certas” e as pessoas “erradas” em Recife (FRANCH, 2000). Retomo esse assunto mais adiante.

terceiros. O estigma, a insegurança econômica, a precariedade nas condições de moradia e a ausência de uma infra-estrutura adequada fazem parte da realidade dos três bairros pesquisados, de uma forma ou de outra. Igualmente, o bairro constitui, nos três casos, um espaço onde se desenvolvem as relações de sociabilidade imediatas, além de ser local de mobilizações políticas e culturais diversas.

Embora esses aspectos tornem os três locais até certo ponto semelhantes, cada uma das localidades pesquisadas tem características específicas que influenciam o modo como os jovens organizam seu cotidiano e seu tempo biográfico. Inspirada na observação de José Guilherme C. Magnani (1998, p.117) sobre a descontinuidade das periferias nos grandes centros urbanos, busquei entender essas diferenças a partir da idéia de “gradação de periferias”. O termo “periferia” é operacionalizado aqui em seu sentido lato, enquanto categoria genérica que aglutina as diversas nomeações que descrevem os espaços de moradia da população de baixa renda do Grande Recife: comunidades, favelas, morros, alagados, vilas, loteamentos, invasões, bairros populares e a periferia propriamente dita (BITOUN, 2008). Trata-se, antes, de uma periferia social e econômica do que geográfica pois, à diferença do que aconteceu em outras metrópoles brasileiras, as diversas reformas urbanas e as dinâmicas populacionais não conseguiram gerar, no Recife, espaços segregados para os pobres longe dos centros de poder econômico e político, estando muitos deles incrustados no coração dos chamados “bairros nobres”. É significativo, nesse sentido, que embora exista uma concentração da população de mais recursos em determinadas áreas da cidade (na orla marítima e no conjunto de bairros à margem esquerda do Rio Capibaribe), não haja em Recife zonas residenciais exclusivas para as classes médias e altas. “Periferia” e “centro” podem estar geograficamente próximos, o que gera mecanismos complexos de segregação mas também de interação entre os diversos grupos sociais.

Não quero dizer, com isso, que não houve um processo de remoção das moradias populares das áreas mais valorizadas nessa cidade, como aconteceu em outras capitais brasileiras, muito pelo contrário. Em 1939 foi fundada em Recife a Liga Social contra o Mocambo, com o objetivo de aterrar os espaços ocupados pela população pobre, gerando sua expulsão das áreas do centro (MOURA, 1990). Entretanto, o expressivo crescimento da cidade em direção aos subúrbios, que aconteceu depois da década de 40, não seguiu à risca o modelo centro-periferia observado, por exemplo, em São Paulo. Para ser mais exata, consolidou-se em Recife um crescimento que tanto se assemelha ao do Rio de Janeiro, onde as favelas ocupam as encostas e os morros dos bairros mais ricos da zona sul, como guarda elementos em comum com São Paulo, pois a concentração de pobreza e a exclusão social

também são maiores nos bairros mais distantes do centro (BITOUN et al., 2006). Isso torna as “periferias” do Recife potencialmente diversas, diversidade esta que, na medida do possível, tentei explorar neste trabalho.

3.1 VIETNÃ: A PERIFERIA QUE VIROU CENTRO

É uma comunidade próximo a tudo, próximo a hospitais, a escolas, agora terminal de ônibus tá mais próximo ainda, posto de saúde... são coisas básicas e necessárias, é uma comunidade muito próxima, realmente é (Poliana, 19 anos).

A primeira e principal área desta pesquisa, a localidade do Vietnã, é uma das 66 Zonas Especiais de Interesse Social – ZEIS reconhecidas pela Prefeitura do Recife⁷⁷. Oficialmente, o Vietnã pertence ao bairro dos Torrões, na Região Político-Administrativa 4, localizada na zona oeste do Recife (ver Mapas 1 e 2). A expansão urbana dos bairros dessa região correu paralela à abertura de caminhos que interligaram o porto e o centro do Recife aos engenhos de cana de açúcar do interior do Estado, principalmente a antiga Estrada de Paudalho, hoje Avenida Caxangá, cujo primeiro tramo foi construído em meados do século XIX. Atualmente, a região é cortada por importantes eixos de transporte como a Avenida Recife, a Avenida José Rufino, a Avenida São Miguel, a já mencionada Avenida Caxangá, a Avenida Abdias de Carvalho e as BR 101 e 232. Conta, ainda, com a presença de grandes equipamentos institucionais, como o Campus da UFPE, a SUDENE, o Instituto Tecnológico do Estado de Pernambuco - ITEP, a Escola Técnica Federal de Pernambuco e o Colégio Militar (RECIFE, 2001a). O adensamento populacional, a instalação de equipamentos, bem como a expansão das cidades circunvizinhas mudaram a percepção de boa parte dos bairros dessa região que, de periféricos, passaram a ser vistos como próximos ou até mesmo centrais pelos seus moradores e outros recifenses.

Com uma população de 29.510 moradores, e renda média de R\$138.20, o bairro dos Torrões distingue-se pela sua paisagem plana dominada por construções unifamiliares, de um a dois andares. A maioria dos seus habitantes (28.407) mora em áreas classificadas como de interesse social, ou seja, assentamentos habitados por população de baixa renda, com problemas de infra-estrutura e, freqüentemente, pendências fundiárias (RECIFE, 2001a;

⁷⁷ Decreto municipal de 1980 estabeleceu, na cidade do Recife, a classificação de Zonas Especiais de Interesse Social – ZEIS para aquelas localidades, usualmente oriundas de invasões ou ocupações, que seriam contempladas por políticas de urbanização (BITOUN, 2008). Essa política conseguiu colocar algum freio à especulação imobiliária na cidade e fixar a população nas suas áreas de moradia.

RECIFE, 2005). A comunidade do Vietnã é um dos sete assentamentos populares localizados nesse bairro. De formato quase triangular, o Vietnã limita, de um lado, com a Avenida Abdias de Carvalho, no trajeto imediatamente anterior ao viaduto da Central de Abastecimento de Pernambuco (CEASA), e seguindo a curva que junta essa via à Avenida Recife; do outro, com a Rua 21 de Abril que dá acesso ao bairro de San Martin. A Rua Avertano Rocha marca a última das fronteiras da comunidade, observável pela diferença no padrão de urbanização (ver Mapa 2 e Figura 1).

Segundo relatos dos moradores, o Vietnã teve sua origem numa invasão de terras em finais da década de 1960, processo que corresponde a uma estratégia muito comum de resolução do problema de habitação entre os grupos populares: a apropriação de terrenos baldios para a autoconstrução de moradias, e a posterior luta pela posse da terra invadida ou ocupada⁷⁸ (MOURA, 1990; PERLMAN, 1981; VALLADARES; MEDEIROS, 2003; ZALUAR; ALVITO, 1998). As terras onde se instalaram os “pioneiros” do Vietnã pertenciam a uma abastada família agro-açucareira e industrial, os Brennand, proprietários de terrenos na região oeste do Recife. Os moradores mais antigos relatam que, antes da invasão, moravam no lugar algumas famílias dedicadas ao plantio de terras. Quando os terrenos foram invadidos, os Brennand doaram as terras para a Santa Casa que, pela sua vez, as repassou à COHAB-PE. Hoje, a maioria dos moradores tem a posse da terra, após ação de usucapião iniciada em 1987 (MOURA, 1990, p.101).

As explicações para o nome Vietnã agrupam-se em duas versões, uma que poderíamos qualificar de heróica, e outra mais depreciativa – embora as duas denotem o senso de humor freqüente na nomeação dos assentamentos populares. Na primeira versão, as notícias da guerra do Vietnã, veiculadas nos meios de comunicação à época da invasão, serviram de inspiração para os primeiros moradores simbolizarem seus contínuos conflitos com a polícia, conflitos estes que garantiram sua permanência no lugar. Nesse sentido, o Vietnã se alinharia com uma série de comunidades cujos nomes celebram a luta e capacidade organizativa de seus moradores, como Brasília Teimosa e Entra Apulso. Na versão menos heróica, a referência à guerra do Vietnã deve-se à violência que imperava na favela nos primeiros tempos após a invasão, que os moradores creditam ao tráfico de drogas. Este segundo sentido é o que permanece até hoje no imaginário da cidade, sustentando o estigma que o local tem ainda para muitos recifenses. A história do crescimento da comunidade não é muito diferente daquela de outras favelas. Com o passar dos anos, novos terrenos foram invadidos nas

⁷⁸ A Prefeitura do Recife reconhece a existência de cerca de 490 favelas, representando 15% da área total do município e 25% da área ocupada.

margens do perímetro da primeira invasão, casas tomaram o lugar de hortas, os filhos se estabeleceram nas “puxadas”, adensando assim a população. Afora os proprietários e os novos “invasores” à espera da regularização da posse, há ainda uma população flutuante que vive de aluguel, pagando em média R\$150,00 ao mês⁷⁹.

A origem da localidade, a partir de uma invasão de terras, explica a persistência da palavra “favela” com que muitos moradores se referem ao Vietnã em suas conversas cotidianas. Como Jan Bitoun observa (2008), as nomeações dos assentamentos populares são freqüentemente dotadas de uma valoração social e moral. Reconhecer-se como “favelado” implica, muitas vezes, situar-se no degrau mais baixo da escala social. Deste modo, alguns moradores utilizam o termo “favela” apenas para descrever o período imediatamente após a invasão, em que o Vietnã resumia-se a uma paisagem desordenada, de barracos de tábuas, carente de toda e qualquer infra-estrutura. Referências à violência também fazem parte da constelação de sentidos negativos ao redor do termo “favela”. O trecho da entrevista abaixo, realizada em 1999, relata esses primeiros tempos e as posteriores mudanças. A entrevistada é Lívia, mãe de duas garotas então solteiras e de um jovem casado:

Lívia: Logo no começo não foi muito ruim não pra gente. Assim, a gente veio morar num barraquinho de tauba, enchia d’água, passou muita dificuldade pra poder ficar até agora, quando a gente chegou, passamos muita dificuldade, fomos... depois que a gente conseguiu fazer a casa da gente, estava bem bonito, fomos assaltados pelos povos mesmo daqui, minhas meninas eram novinhas, tentaram matar as meninas, comigo e as meninas novinhas fomos assaltadas. Logo no começo passamos muita dificuldade. Chegamos até um ponto de a gente não poder nem abrir a barraca, que a gente era muito perseguido aqui, por causa do comércio aqui, pelos marginais daqui mesmo, aí pronto, depois parou mais.

Mônica: Que é que foi mudando no tempo que vocês moram na comunidade?

Lívia: Mudou tudo, o ambiente, as pessoas, foi melhorando, né, as coisas foram melhorando aqui. Aqui mudou tudo. Para a vista do que era, aqui está uma cidade.

Mônica: Antes não era uma cidade.

Lívia: Não era não.

Mônica: Era o que?

Lívia: Era uma fav... pior que uma favela! Que agora aqui até está bonito, não parece nem uma favela, né. Agora está muito diferente, embora que até agora quando você perguntar que diz que vai pro Vietnã, muitos quer entrar mas muitos até agora, mesmo desse jeito, muitos têm medo daqui: vixe, vai entrar ali dentro? Pronto, mas eu prefiro dizer a verdade, mas tem muitos carros que não querem entrar ainda aqui dentro, mesmo ela assim, mas não querem entrar.

⁷⁹ Valor no ano de 2004.

Discriminação, violência, dificuldades mas também progresso e mudança estão presentes na fala de Lívia, que estabelece uma diferença entre os tempos em que o Vietnã era “pior que uma favela” e o momento atual, em que está “uma cidade”. Semelhante sentido de memória é observado em bairros populares de outras cidades brasileiras, em que a mudança e o “progresso” decorrem diretamente do esforço dos moradores, que constroem com suas mãos e esperanças o espaço social de suas vivências. Marcos Alvito (1998, p.67) se expressa de forma semelhante ao descrever as microáreas do bairro de Acari, que constituem lugares de memória para seus moradores:

É uma memória plena de acontecimentos: o crescimento acelerado da favela, a chegada dos novos vizinhos, as modificações cotidianas da paisagem e do cenário em que se movem; a transformação dos antigos “barraquinhos feitos com tábuas de caixote” na sólida casa de alvenaria onde hoje recebem o antropólogo; os aterros sucessivos que tornaram habitável uma região tão pantanosa onde havia jacarés; o desaparecimento do antigo campinho de futebol, que deu lugar a mais casas; a laje do vizinho, que eles ajudaram a levantar. Crescem e envelhecem juntos, compartilham os nascimentos e as mortes, as pequenas alegrias, as tragédias pessoais. Essa história de vida comum expressa-se na frase muito utilizada: “fomos criados juntos”.

Se classificar o Vietnã como “favela” não é um consenso entre os moradores, algumas áreas da comunidade são reconhecidas por todos como “favela” ou “invasão”. Trata-se dos terrenos que foram invadidos nos últimos anos, alguns numa área onde ficava uma horta da Legião Assistencial do Recife, e outros em terras propriedade da Companhia Hidroelétrica do São Francisco – CHESF. Nesses casos, a memória recente da invasão, a irregularidade da posse dos terrenos, juntamente com as condições da moradia – casas muito pequenas, grande densidade de população e precariedade nas condições de infra-estrutura – não deixam dúvidas quanto à classificação a ser dada.

Outras palavras que costumam aparecer, mesmo entre aqueles que se referem ao Vietnã como “favela”, são “comunidade” e, em menor medida, “bairro”. O uso exclusivo ou preferencial do termo “comunidade” é mais comum entre os moradores ligados a movimentos populares e também faz parte da retórica oficial de alguns projetos voltados ao público juvenil, como o Agente Jovem⁸⁰. Já o termo “bairro”, embora possa definir apenas o Vietnã,

⁸⁰ Segundo Bitoun (2008), o termo comunidade, de uso muito comum em Recife, parece provir da tradição da Igreja Católica, que influenciou boa parte das atuais Associações dos Moradores e da qual surgiram muitas organizações não governamentais. Diz o autor que “A palavra é claramente uma palavra utilizada para denunciar e reivindicar”. Eu própria, quando trabalhava na ONG anteriormente referida, sempre utilizava o termo “comunidade”. Nas entrevistas, também utilizo esse termo com maior frequência do que a maioria dos entrevistados.

costuma englobar uma área maior que não coincide, necessariamente, com a divisão administrativa:

Mônica: Em que bairro vocês moram?

Lu: Finalmente, que bairro é esse que eu não sei? Ali tem a placa Torrões, mas o ônibus é San Martin...

Poliana: É, a placa com o CEP da rua, tem Torrões mas na comunidade passa o ônibus San Martin...

Lu: É San Martin.

Poliana: Antes era San Martin, mas continua. Até hoje pros Correios, se você colocar Torrões fica mais difícil pra eles mas se colocar San Martin é mais fácil, num instantes eles encontram.

De acordo com o Atlas do Desenvolvimento Humano do Recife, no ano de 2000 moravam no Vietnã 3.487 pessoas, 675 das quais são crianças até os 9 anos, 575 pré-adolescentes dos 10 aos 14, 259 adolescentes dos 15 aos 17 anos, 438 jovens dos 18 aos 22, e 164 jovens adultos, dos 23 aos 24 anos⁸¹. Deste modo, a faixa compreendida entre os 15 e os 24 anos corresponde a 24,4% da população total da área, percentagem ligeiramente superior à atual proporção de população juvenil no Recife (20%) e no país (20,1%). A taxa de analfabetismo é alta, 21,40% das pessoas acima dos 15 anos não sabem ler nem escrever no Vietnã, e a média de anos de estudo dos chefes de família é de 3,94. A renda média do chefe de domicílio, no ano de 2000, era de R\$ 227,93, tendo aumentado ligeiramente da média de 1991 (R\$198,94). Com um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 0,701, a Unidade de Desenvolvimento Humano em que o Vietnã se insere⁸² ocupa a 46ª posição entre as 62 unidades pesquisadas no Recife (RECIFE, 2005).

Do outro lado da Rua 21 de Abril, fica localizada a Vila Arraes, área de ocupação popular regularizada antes do golpe militar de 1964, pelo então governador de Pernambuco, Miguel Arraes. Parte da população atual do Vietnã morava naquela Vila antes da década de 1970, quando ocorreu a ampliação da BR-101 e muitas famílias precisaram abandonar a área, prévia indenização pela perda das terras. Hoje, moram na Vila Arraes 3.487 pessoas. Os indicadores sócio-econômicos dessa área são melhores do que aqueles do Vietnã, o que lhe confere o 33º lugar dentre as 62 UDH pesquisadas pelo PNUD e pela Prefeitura do Recife para a realização do Atlas de Desenvolvimento Humano dessa cidade (RECIFE, 2005). A Vila partilha com o Vietnã algumas instituições, como a Associação dos Moradores e o posto

⁸¹ Estou utilizando aqui de forma muito livre categorias etárias comuns da área de saúde e das ciências sociais. Não coincidem, como veremos, com a forma como a periodização da vida é entendida pelos sujeitos da pesquisa.

⁸² A Unidade de Desenvolvimento Humano inclui as ZEIS Torrões e a ZEIS Vietnã. O Índice de Desenvolvimento Humano é a síntese de três dimensões: longevidade, educação e renda. Cada uma delas é avaliada com por um subíndice específico e o IDH-M é calculado a partir da média aritmética desses três subíndices. Para mais informações, consultar o Atlas municipal (RECIFE, 2005), disponível em www.recife.gov.pe.br/pr/secplanejamento/pnud2006/

de saúde do Programa Saúde da Família. Igrejas e cursos profissionalizantes são freqüentados, até certo ponto, indistintamente por jovens do Vietnã e da Vila Arraes e, embora exista certa evitação dos moradores da Vila em relação à “favela”, laços de amizade e parentesco unem as pessoas de ambos os lados da 21 de Abril, motivo pelo qual terminei incluindo alguns jovens dessa área nesta pesquisa.

A comunidade do Vietnã é bem servida de ônibus, fica a sete quilômetros do centro do Recife e é relativamente próxima das praias, de centros comerciais e do mercado de abastecimento municipal (a CEASA), onde muitos jovens trabalham. No bairro ou em ruas próximas, há escolas de ensino fundamental, um posto de saúde da família, diversas igrejas⁸³ e um centro profissionalizante, ligado à Igreja Presbiteriana, que oferece cursos de crochê, marcenaria, culinária, manicure entre outros. O papel desta Igreja na “captura de talentos” é, por sinal, conhecido por todos dentro do Vietnã. Ao trabalhar com a idéia de predestinação, a Igreja Presbiteriana investe pesadamente nas carreiras daqueles jovens cuja inteligência se destaca. Foi o caso de Mauro, filho dos donos de uma vendinha do Vietnã, que hoje está concluindo seu doutorado em São Paulo, e de José, morador da Vila Arraes, que passou num concurso da Polícia Militar.

A CHESF, cuja sede fica próxima à comunidade, também realiza intervenções voltadas à população infanto-juvenil do lugar, como o Projeto Telecentro de Inclusão Digital (TID), em parceria com a ONG Tortura Nunca Mais. Até recentemente, havia ainda na localidade uma escola de música, onde crianças e jovens podiam aprender solfejo e diversos instrumentos. O centro musical funcionava na “escolinha”, uma estrutura de dois andares em que são atendidas crianças em idade pré-escolar. Afora essas iniciativas, também há moradores que, mesmo sem recursos (e às vezes sem solução de continuidade), oferecem aulas de reforço, organizam quadrilhas na época de São João e tentam oferecer atividades culturais como capoeira e aulas de dança. Iniciativas que buscam, por um lado, oferecer oportunidades para o futuro mas, principalmente, “tirar os meninos da rua” através da ocupação do seu tempo livre (FRANCH, 2000). No bairro de San Martin, próximo da comunidade, há ainda uma escola profissionalizante ligada à Igreja Católica, onde muitos jovens do Vietnã, sobretudo rapazes, adquiriram uma profissão (soldador, marceneiro, etc.) e uma escola de informática mantida por uma conhecida deputada federal. Até recentemente, funcionava também na Avenida Abdias de Carvalho um centro da Fundac - Fundação

⁸³ Ver Franch (2000) e, para uma análise aprofundada e específica sobre o mercado religioso no Vietnã, Scott e Cantarelli (2004).

Estadual de Apoio ao Adolescente e à Criança, que absorvia estudantes de ensino médio do Vietnã e da Vila Arraes para estágio.

Por oferecer aos jovens um número considerável de opções, devido a sua localização central e a uma relativa presença do Estado e de agências de socialização juvenis, podemos considerar o Vietnã uma “periferia no centro”. Não é de se estranhar que, entre as vantagens de se morar na comunidade⁸⁴, os jovens mencionem com certa frequência a centralidade: “aqui é perto de tudo”. Como veremos em seguida, essa não a realidade em que vivem os outros jovens que participaram desta pesquisa.

3.2 LOTEAMENTO SANTANA: A PERIFERIA DA PERIFERIA

A pessoa mora aqui, aí tem gente que diz: eu queria sair daqui!! Mas se for olhar direitinho, tem lugar muito pior, e aqui é muito bom que é um lugar calmo, onde eu moro mesmo é um lugar muito calmo e a pessoa sai, vai pra onde quiser, comigo graças a Deus nunca aconteceu nada (Laura, 20 anos)

Se o Vietnã pode ser caracterizado como “uma periferia central”, para efeitos deste estudo o Loteamento Santana constitui a “periferia da periferia”. A localidade fica situada no município de Camaragibe, que está inserido na nucleação oeste da Região Metropolitana do Recife, a 16 quilômetros da capital pernambucana (ver Mapas 3 e 4). A cidade ganhou as telas das salas de cinema de todo o país graças ao filme *O rap do pequeno príncipe contra as almas sebosas*. Dirigido por Marcelo Lima e Paulo Caldas, o filme apresenta, em paralelo, as histórias de dois jovens nascidos em Camaragibe: Garnizé, baterista da banda *Faces do subúrbio* e responsável por um projeto que busca a integração dos jovens pela via artística; e Helinho, matador profissional, cuja prisão foi contestada por alguns comerciantes, que saíram publicamente em defesa do “justiceiro” local. Assisti *O rap do pequeno príncipe...* pela primeira vez com Anne Line na casa de Garnizé, que ficava numa rua próxima ao mercado central de Camaragibe. Era o primeiro final de semana da campanha eleitoral de 2002. O barulho, a agitação nas ruas, o aspecto caótico e ao mesmo tempo alegre dos arredores do mercado tornavam a localização pitoresca o suficiente para ter sido escolhida como um espelho de outras periferias do Grande Recife. Mas como seria viver na “periferia da periferia” para aqueles jovens que não eram artistas como Garnizé, nem “justiceiros” como Helinho?

⁸⁴ Em outras ocasiões, descrevi com maior detalhamento o bairro e suas dinâmicas (FRANCH, 2000; FRANCH; GOUGH, 2003).

Camaragibe nasceu e se desenvolveu ao redor da economia da cana de açúcar⁸⁵. Em fins do século XIX, a cidade fez sua transição para uma economia de base industrial, alavancada pela instalação de fábricas do ramo têxtil que estimularam o crescimento da população. O maior aumento demográfico, contudo, se deu nos anos 1970 a 1990, quando Camaragibe duplicou sua população, de 143.090 habitantes a 303.478, como efeito da expansão do Recife. Com o declínio do setor industrial, nas décadas de 1980 e 1990, Camaragibe perdeu sua principal fonte de dinamicidade econômica, que foi apenas parcialmente substituída pelo setor terciário. À exceção do bairro de Aldeia, composto por condomínios de alto padrão, a totalidade dos bairros é ocupada por uma população de classe média baixa ou baixa: 69.57% dos domicílios auferem até dois salários mínimos, 20.96% recebem de dois a cinco salários mínimos e apenas 9,45% têm renda acima disso⁸⁶ (CAMARAGIBE, 2007; BITOUN et al., 2006).

Historicamente, as relações de Camaragibe com a capital são de complementaridade mas também de dependência, tanto do ponto de vista econômico, como no que diz respeito à infra-estrutura educacional, hospitalar, de transportes e outros serviços. Para se ter uma idéia, a cidade depende do Recife para atendimento de alta complexidade na área médico-hospitalar, não tem presídio nem corpo de bombeiros próprio. Como acontece em outras cidades do cinturão metropolitano, muitos de seus moradores trabalham ou estudam em Recife. Atividades e equipamentos de lazer, como salas de cinema, teatros e museus, também estão concentrados na capital e na vizinha Olinda. Apenas recentemente foi inaugurado o Parque Camaragibe, numa das entradas do município. O Parque, que contém o Casarão do Engenho Camaragibe, do século XIX, era uma demanda antiga da população e atrai muitos visitantes, sobretudo aos finais de tarde e fins de semana. Quanto a oportunidades de estudo para os jovens, elas tendem a se encerrar depois do ensino médio pois, até onde eu pude apurar, não há, na cidade, nenhuma Escola Técnica e a única faculdade existente é especializada na área de odontologia.

Viver “longe de tudo” gera muitas reclamações nos jovens do Loteamento Santana, que lamentam a falta de opções de lazer, as poucas oportunidades educativas e a escassa possibilidade de gerar renda. Perguntados sobre como era morar no Santana, assim se expressavam alguns jovens que participaram de um grupo de discussão comigo e com Anne Line Dalsgaard:

⁸⁵ Cabe salientar que somente em 1982 se tornou um município independente, desmembrando-se de São Lourenço da Mata.

⁸⁶ A população com renda domiciliar com 15 ou mais salários mínimos concentra-se em nove bairros, dos 20 em que Camaragibe está administrativamente dividido.

Jovem: Não tem lazer nenhum, não tem aqui uma quadra.
Line: Não tem nada pra menina?
Jovem: Não lazer nenhum. Não tem uma quadra, não tem.
Jovem: O lazer das meninas é os caras namorar com elas, os rapazes.
Jovem: A gente tem que sair daqui. Santana não tem nada, nenhum lazer não, uma área de lazer não tem não, um clube, uma pracinha... não tem uma pracinha aqui.
Jovem: Como *lá em Camaragibe* [grifo meu] ninguém sabe quando vai sair o parque⁸⁷. Tem um projeto mas até agora nada.
Jovem: Começaram com um projeto na entrada e acabaram com dinheiro, comeram as verba.
Line: Disseram que eles usaram todas as verbas pra quando teve enchente
Jovem: Mas aqui não teve enchente não.
Jovem: O cinema também.
Jovem: Lá no antigo Penarol que eles tavam devendo a prefeitura ai como faliu ai eles deram a propriedade como pagamento, ai resolveram fazer um cinema lá e até agora nada.
Jovem: Deus sabe quando...
Jovem: Mas a maquete já tá lá na prefeitura.
Jovem: Só fica no papel mesmo.
Line: Vocês alguma vez foi ao cinema?
Jovem: Eu não
Line: Foi na cidade?
Jovem: Não, eu fui lá em Caruaru, aqui não.
Jovem: Nunca fui também não. Meu cinema é em casa mesmo.

As limitações no acesso a bens culturais fazem parte da experiência de viver “na periferia da periferia”, gerando às vezes a sensação de que se está num lugar onde o tempo parou, pois “só Deus sabe” quando as coisas irão mudar⁸⁸. Se Camaragibe constitui uma periferia em relação a Recife, o Loteamento Santana é duplamente periférico, pois tanto fica afastado da capital como da área central de Camaragibe, onde se concentra a maior parte de serviços e atividades do município⁸⁹.

O bairro ou Loteamento Santana é localizado na Região Político-Administrativa 2 de Camaragibe. Sua população é de 2.439 habitantes e 46% dos chefes de família têm renda até um salário mínimo⁹⁰, o que situa o Loteamento na 15ª posição no município, dentre 29 bairros. Diferentemente do Vietnã, que ocupa uma área plana, o Loteamento localiza-se num morro, exigindo do pesquisador boas pernas e disposição física para acompanhar o andar dos jovens, acostumados com a íngreme topografia do lugar. Nos documentos oficiais, a localidade aparece descrita como Bairro Santana, mas os moradores referem-se a ela como Loteamento Santana, fazendo assim menção à forma de ocupação do terreno. Como observa

⁸⁷ Refere-se ao Parque Camaragibe anteriormente referido.

⁸⁸ Voltarei a essas questões mais adiante.

⁸⁹ Embora há bairros bem mais periféricos em Camaragibe (ver Mapa 3).

⁹⁰ Dados do *Perfil de Camaragibe*, publicado pela Prefeitura Municipal de Camaragibe, em 2005. Infelizmente, os dados sócio-econômicos são muito menos detalhados do que aqueles relativos aos bairros de Recife.

Bitoun (2008), os loteamentos constituem lugares aos quais a população teve acesso pela doação ou compra a um proprietário que loteou o terreno. Muitas vezes, trata-se de loteamentos ilegais mas o acesso ao território se dá sem conflito e, por meio do vocabulário, a área assimila-se a um loteamento regular, afastando assim o estigma de outras possíveis nomeações, como “favela”.

Talvez por se tratar de terrenos loteados, a comunidade não apresenta um aspecto muito desordenado nem tem os mesmos problemas de infra-estrutura comuns nos bairros populares. As ruas, em sua maioria, são calçadas e não se observa, nas vias mais importantes, o esgoto a céu aberto sempre presente no cenário do Vietnã. O Loteamento Santana fica a um dos lados da PE-05, estrada estadual que comunica o Recife com os municípios da zona da mata situados em direção oeste da capital. A rua principal que dá acesso ao Loteamento é larga o bastante para permitir a circulação, em duas direções, de carros e de transporte coletivo até o topo do morro, onde ficam localizados a Associação dos Moradores e o terminal de ônibus, além de bares e vendinhas. O Loteamento tem um Posto de Saúde da Família⁹¹, uma capela católica, onde funciona uma associação de mulheres bastante ativa, várias igrejas evangélicas e lugares para a prática do Xangô.

Crianças e jovens podem estudar até o ensino médio numa escola pública no Loteamento, onde aos finais de semana funciona o projeto Escola Aberta, que oferece aulas de dança e outras atividades culturais⁹². Mas as limitações começam na hora de procurar trabalho ou de buscar um maior grau de ensino. Não conheci, no Loteamento, centros profissionalizantes e, segundo os jovens relataram, não há oportunidades de emprego ou geração de renda suficientes para absorver sua demanda. Muitos jovens que moram lá são cobradores de transporte alternativo (as populares *kombis*⁹³) ou encontram trabalho como assistente de pedreiro, ocupações cansativas e mal remuneradas. Para outros trabalhos, mesmo pouco qualificados, como carregar frete ou trabalhar em casa de família, os jovens precisam sair do Loteamento e freqüentemente se deslocar até o Recife. As garotas que trabalham em casas de família, por exemplo, costumam voltar para suas casas quinzenalmente.

Para quem quer entrar numa universidade, os jovens do Loteamento enfrentam as dificuldades comuns aos alunos oriundos de escola pública: sua formação raramente lhes

⁹¹ Camaragibe foi um dos municípios pioneiros no Brasil a implementar o Programa Saúde da Família, em 1994.

⁹² Embora a vez que visitei o projeto Escola Aberta, achei-o muito tímido: apenas algumas garotas ensaiando uma coreografia.

⁹³ No ano de 2004, foi proibida a circulação de transporte alternativo na Região Metropolitana do Recife, com exceção de algumas linhas entre bairros, que passaram a ser ordenadas pelos respectivos poderes municipais.

garante uma vaga em universidade pública. Não há, no Loteamento, cursinhos de pré-vestibular nem, até onde pude saber, existem projetos voltados à inserção universitária dos estudantes de escola pública oferecidos pelo poder público municipal ou por organizações não governamentais em Camaragibe. Para se preparar para o Vestibular, Dênis, um dos jovens que conheci no Loteamento, tinha que pagar R\$30,00 por mês num cursinho privado no centro de Camaragibe, mas acabou desistindo. Algumas iniciativas buscam ampliar as possibilidades dos jovens, como o projeto Brotando Arte, oferecido pela Associação de Mulheres do Loteamento Santana, ou o curso de panificação financiado com recursos da Comunidade Solidária, anteriormente mencionado.

As opiniões a respeito do Loteamento, negativas quando se pensa nos recursos oferecidos pelo lugar, tornam-se positivas quando os jovens comparam seu bairro com outras periferias violentas, sobretudo o bairro de Bela Vista, também em Camaragibe. É pela comparação que o bairro de Santana emerge como um lugar “calmo” e “bom para viver”, principalmente pelo fato de ser menos afetado pela violência e pelo ritmo acelerado da capital. Com isso, diferencia-se claramente do próximo cenário desta pesquisa.

3.3 ILHA DE JOÃO DE BARROS: O CENTRO QUE VIROU PERIFERIA

Mônica: Vocês gostam de morar aqui?

Fátima: Eu gosto mas por uma parte, porque tem muita morte, meu tio morreu, já morreu um aqui, [...] mas aqui é ótimo, pra mim é ótimo.

O terceiro e último local onde esta pesquisa foi desenvolvida, a Ilha de João de Barros, possui sem dúvida a melhor localização geográfica das três localidades. Situada na Região Político-Administrativa 1, a Ilha fica a apenas 2,71 quilômetros do marco zero, fazendo parte do centro expandido do Recife. A comunidade integra o bairro de Santo Amaro, é vizinha à Universidade de Pernambuco – UPE, fica próxima de um importante centro comercial, o Shopping Center Tacaruna, e ainda faz fronteira com a Avenida Agamenon Magalhães, um dos principais eixos urbanos que liga o bairro de Boa Viagem a Olinda e por onde circulam ônibus para várias direções da cidade (ver Mapa 5 e Figura 2). Por esses motivos, poderia ser facilmente considerada uma “periferia central”.

Contudo, a Ilha de João de Barros, junto com outras comunidades de Santo Amaro, é reconhecida na cidade pelo alto índice de violência, sobretudo depois que se tornou um dos principais centros de venda de crack no Recife. Essa nova circunstância lhe valeu, inclusive, o infeliz título de “cracolândia” numa extensa reportagem sobre o tráfico dessa droga

veiculada por um influente jornal local (CARVALHO, 2007a⁹⁴). Em estudo realizado no ano de 2006, Santo Amaro foi destacado como um dos cinco bairros que tiveram, em 2004, maior número de homicídios no Recife⁹⁵. Por isso, neste trabalho, a Ilha de João de Barros representa um terceiro tipo de periferia, que podemos classificar de “periferia marginal”, em que a situação de violência cria uma ambiência específica para a vida dos jovens, expressa, entre outros aspectos, por uma convivência maior com o risco e a morte. Minha intuição inicial sugeria que esta ambiência teria algum tipo de impacto na forma dos jovens lidarem com a dimensão temporal em suas vidas, enfatizando talvez tendências que poderiam ser igualmente observadas no Vietnã e no Loteamento Santana.

A Ilha de João de Barros é resultado de um assentamento espontâneo, em terrenos de maré, aterrados pela população para a construção de suas casas. O nome João de Barros é relativamente recente. Originalmente, a comunidade chamava-se Ilha do Salgado, referência à sua localização em meio aos manguezais que proporcionavam, nos primeiros tempos, alimento para seus moradores (RIBEIRO, 2000). Hoje, para quem transita pela Avenida Agamenon Magalhães em direção a Olinda, fica difícil imaginar que esse *continuum* de favelas, em ambos os lados da Avenida e por mais de dois quilômetros, tenha sido algum dia um alagado pontuado por aterros em que despontavam barracos de tábuas precariamente construídos. Mas em 1923, quando a atual Ilha de João de Barros começou a ser ocupada, essa foi provavelmente a paisagem que seus moradores encontraram – e também construíram.

A população da Ilha aumentou na década de 1940, quando a área recebeu famílias expulsas dos bairros centrais do Recife pelo Programa de Erradicação de Mocambos, anteriormente mencionado. Naquela época, o bairro de Santo Amaro constituía a periferia norte da cidade, onde se localizavam o principal cemitério e um importante hospital, ambos construídos no século XIX, sob a administração do Conde da Boa Vista. Somente com o abandono do centro pelas classes médias e o subsequente crescimento da cidade em direção ao subúrbio, o bairro de Santo Amaro, e conseqüentemente a Ilha de João de Barros,

⁹⁴ Três meses depois da primeira reportagem, com o sugestivo título “Sob o domínio do crack” (CARVALHO, 2007a), o Jornal do Comércio publicou ainda uma outra matéria sobre o assunto (CARVALHO, 2007b). A autora, a jornalista Ciara Carvalho, mapeou as principais áreas de venda de crack na cidade, com destaque à favela do Bode, no Pina, e às favelas do bairro de Santo Amaro, entre elas a Ilha de João de Barros. Na seqüência, alguns programas televisivos exploraram a temática, mostrando imagens do tráfico de drogas tomadas pelas câmeras de edifícios próximos à Ilha de João de Barros.

⁹⁵ Dado apresentado num artigo de Léa Renata Martins Barbosa (2008), baseado numa pesquisa realizada pelo Ministério Público (RATTON et al., 2006). Em 2003, os cinco bairros com maior número de homicídios no Recife foram: Guabiraba, Ilha Joana Bezerra, São José, Ibura e Teijipió. Em 2004, o *ranking* de bairros violentos mudou: Ibura, Ilha Joana Bezerra, Beberibe, Santo Amaro e Guabiraba. Aproveito a ocasião para chamar a atenção para a dificuldade de encontrar dados sobre violência desagregados por bairros e localidades em Recife, o que dificulta bastante o trabalho do pesquisador.

tornaram-se áreas centrais, cobiçadas pela especulação imobiliária (RECIFE, 2001b; RIBEIRO, 2000).

As ameaças de expulsão fazem parte da memória coletiva do lugar, bem como as lutas e a mobilização para manter-se nos territórios ocupados. Os conflitos mais significativos aconteceram com a UPE, que possui o aforamento da maior parte dos terrenos onde os moradores da Ilha construíram suas casas, propriedade da Marinha do Brasil. Os outros dois setores que hoje compõem a favela pertencem ao Sindicato dos Metalúrgicos e a um particular. No ano de 1986, foi criado o Conselho de Moradores da Ilha de João de Barros que logo conseguiu o reconhecimento da localidade como ZEIS⁹⁶, primeiro passo para a regularização urbanística e fundiária. Com efeito, em 1993 a localidade foi indicada como área prioritária de investimentos pelo Fórum do PREZEIS, o que trouxe importantes melhoras para sua infra-estrutura, como a abertura do sistema viário e a implantação do sistema de drenagem e esgotamento sanitário condominial. Já no que tange à regulamentação fundiária, a situação ainda continua pendente e os moradores não detêm a posse das terras em que vivem (RIBEIRO, 2000).

De acordo com o Atlas do Desenvolvimento Humano do Recife, no ano de 2000 moravam na Ilha de João de Barros 1.052 pessoas, 25 das quais são crianças até os 9 anos, 52 pré-adolescentes dos 10 aos 14, 78 adolescentes dos 15 aos 17 anos, 128 jovens dos 18 aos 22, e 40 jovens adultos, dos 23 aos 24 anos (RECIFE, 2005). Deste modo, a faixa compreendida entre os 15 e os 24 anos corresponde a 23,38% da população total da área, percentagem compatível com a atual proporção de população juvenil no Recife e no país. A taxa de analfabetismo é alta, 22,25% das pessoas acima dos 15 anos não sabem ler nem escrever na Ilha, e a média de anos de estudo dos chefes de família é de 3,65. O dado que mais chama a atenção, entretanto, é a renda familiar. No ano de 1991, a renda média do chefe de domicílio na João de Barros era de R\$217,48. Em 2000, esse montante, que já era bastante baixo, diminuiu para R\$179,59, contrariando a tendência a aumento da maioria das ZEIS do Recife. Com um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal de 0,0658, a Unidade de Desenvolvimento Humano em que a ZEIS João de Barros se insere⁹⁷ ocupa a 61ª posição entre as 62 unidades pesquisadas no Recife, estando apenas acima da UDH composta pela Ilha Joana Bezerra/São José – ZEIS Coque.

Diante de um quadro semelhante, seria de se esperar um esforço institucional no sentido de promover a inserção social dos jovens. Nada mais longe do que isso. A julgar pelos

⁹⁶ Ver nota de rodapé número 75.

⁹⁷ ZEIS Santo Amaro e João de Barros, com 17.399 habitantes.

comentários escutados, nos últimos anos, a presença do Estado e de instituições diversas, ao invés de aumentar, diminuiu, o que os moradores atribuem ao acirramento das situações de violência na favela. A única exceção é constituída por duas organizações supra-locais (LEEDS; LEEDS, 1978) que vêm intensificando sua presença na área: de um lado, o tráfico de crack, que gerou uma violenta disputa pelo controle dos pontos de venda entre as várias favelas de Santo Amaro; de outro lado, a ROCAM – Rondas Ostensivas com Apoio de Motos, segmento da Polícia Militar responsável, de acordo com relatos escutados, por arbitrariedades e demonstrações constantes de abuso de poder. A situação atual gerou um novo mapa de circulação e evitação de lugares de que tomei consciência logo nos primeiros contatos com os moradores da João de Barros.

Em Recife, quando as pessoas se referem a “Santo Amaro” às vezes o fazem pensando na totalidade do bairro, que possui alguns dos espaços de uso público mais importantes na área central da cidade, como o Parque 13 de Maio, além de relevantes lugares de memória, entre eles o Cemitério dos Ingleses e o Cemitério de Santo Amaro. Geralmente, porém, “Santo Amaro” identifica o conjunto de favelas situadas nesse bairro, que margeiam a Avenida Agamenon Magalhães, à direita de quem vem de Boa Viagem. Em alguns casos, inclui-se no genérico “Santo Amaro” as favelas situadas do lado esquerdo da referida Avenida que pertencem, administrativamente, aos bairros de Campo Grande e Espinheiro. Essa identificação do bairro com suas favelas não é à toa. Santo Amaro é, dentre todos os bairros do Recife, aquele que tem maior número de pessoas morando em favelas: no ano de 2000, somavam 13.886 (RECIFE, 2005).

Nos jornais locais, a referência a Santo Amaro tem se tornado tristemente comum nos últimos cinco anos, em que a chamada “guerra do tráfico” ceifou a vida de muitos jovens. A taxa de homicídio do bairro é de 109,81 para cada 100.000 habitantes, bem acima da taxa de homicídios do Recife, que já é bastante alta (61,62). Quando se considera a faixa de idade até os 24 anos, essa taxa é ainda maior: 139,69 (RIQUE et al., 2005). Pedi para Graça, a líder comunitária que me (re)introduziu na João de Barros, para listar os jovens que ela lembrava terem morrido na “guerra”. Ela listou 26 nomes, dois dos quais teriam morrido em mãos da polícia (“por ruindade”) e outros quatro possivelmente “por engano”. Graça estava sempre muito atenta às notícias sobre a situação de sua comunidade. Guardava recortes de jornais e pedia que eu olhasse as matérias sobre a Ilha nos programas das redes locais de televisão. Mas quando as comentava comigo tinha sempre muito cuidado em situar com precisão as

localidades em que os eventos haviam acontecido, e se os jovens em questão eram “da João de Barros” ou de outras favelas, como o Campo do Onze ou a Ilha Santa Terezinha.

Aprendi, assim, que Santo Amaro é apenas um dos níveis de identificação, nem sempre o mais importante para os moradores. A “guerra do tráfico” fez com que as identificações de localidade se tornassem mais e mais significativas na organização cotidiana. Essa situação, embora muito estudada no Rio de Janeiro (ALVITO, 2001), é recente para a cidade do Recife. Não que rixas entre jovens de diversos bairros, ou até mesmo de ruas vizinhas, não existissem anteriormente. Mas a articulação dessa territorialização com o tráfico de drogas parece ter potencializado os riscos e atinge hoje setores que sempre estiveram isentos desse tipo de dinâmica, como as garotas e as mulheres. As jovens que conheci na João de Barros comentaram comigo que atualmente não podem percorrer a pé os dois quilômetros que separam sua comunidade do Shopping Tacaruna – seu destino preferido para o lazer – porque para isso precisariam atravessar favelas inimigas da sua, principalmente o Campo do Onze. A mesma lógica territorial regula o acesso a projetos sociais, como o Estação Futuro, implementado pela Secretaria de Desenvolvimento Social e Cidadania do Estado de Pernambuco, no ano de 2006⁹⁸. A unidade de Santo Amaro, que buscava explicitamente reduzir os índices de violência, ficava situada na Avenida Norte, numa área “proibida” para os moradores de João de Barros. O que me interessou nesses processos foi perceber que o centro pode se tornar, por efeito da “guerra do tráfico”, novamente periferia.

Na fala das jovens que conheci na área, a proximidade de instituições de peso, como a Universidade de Pernambuco e a ONG Casa de Passagem, proprietária de um imóvel vizinho à comunidade, não se reverte em mais oportunidades para suas vidas. A relação com a UPE, historicamente conflitiva, é, até hoje, ambígua e, no dizer de alguns moradores, insuficiente. A UPE mantém um projeto esportivo, em parceria com a Fundação Ayrton Senna, em terrenos da instituição, voltado aos jovens das favelas de Santo Amaro. Na prática, porém, poucos jovens da Ilha de João de Barros participam. Recentemente, uma professora do curso de Educação Física da UPE iniciou um projeto que oferece diariamente atividades recreativas na própria comunidade, mas isso parece ser bem menos do que os jovens gostariam⁹⁹. O projeto de recreação funciona no Espaço Cultural Santo Amaro, onde também está instalada a Comprossev, cooperativa dedicada à produção de móveis de madeira, fundada e dirigida por

⁹⁸ O programa somente teve um ano de duração.

⁹⁹ Essas atividades são resultado de uma tentativa de articular um projeto maior de extensão universitária para os jovens da Ilha de João de Barros, que parece não ter dado certo. No ano de 2006, antes de minha viagem à Espanha para o sanduíche, participei de várias reuniões na UPE com esse intuito. Tânia Falcão, professora de Ciências Médicas e amiga pessoal, liderou esse processo.

moradores da Ilha. No Espaço Cultural acontecem igualmente festas e outros eventos comunitários. Foi ali, também, onde mantive a maioria dos encontros com as jovens entrevistadas. Quanto à Casa de Passagem, até alguns anos atrás, a instituição tinha um projeto com adolescentes do sexo feminino na própria área mas agora as jovens da Ilha não recebem qualquer tratamento preferencial, o que gera bastantes críticas.

Não há, na Ilha de João de Barros, escolas de ensino fundamental nem de ensino médio. Crianças e jovens costumam estudar na Escola Paula Fransinette, localizada no bairro do Espinheiro, ou em algum outro centro escolar em bairros vizinhos, tendo às vezes que pegar ônibus. No tempo em que estão fora da escola, alguns jovens participam de atividades oferecidas por uma capela católica próxima à Ilha, mas a maioria fica em casa ou pelas ruas da comunidade. Uma singularidade das favelas de Santo Amaro é a apropriação da franja de terra que divide as vias principais da via lateral da Avenida Agamenon Magalhães para uma infinidade de usos, desde a conversa informal até o improvisado barzinho de final de semana ou mesmo para usos domésticos, como estender as roupas lavadas. Essa possibilidade de transformar a rua na própria casa era facilitada pela inexistência, nesses “parques”, de quaisquer equipamentos urbanos, afora alguns brinquedos para crianças já gastos pela ação dos anos. A situação se modificou recentemente quando o trecho imediatamente contíguo à Ilha João de Barros foi alvo de uma intervenção que dotou o lugar dos equipamentos necessários para o funcionamento de uma Academia da Cidade¹⁰⁰. A melhoria não pôde, contudo, ser totalmente desfrutada pela população pois já aconteceram tiroteios que provocaram, inclusive, a morte de um garoto muito querido na comunidade.

Como o leitor pode perceber, minha intenção aqui foi descrever brevemente as localidades onde realizei este estudo, tentando destacar suas singularidades, que emergem a partir do momento em que se estabelece uma relação comparativa. Conhecido o cenário, vamos à trama das temporalidades juvenis o que, em última instância, constitui o *leitmotiv* de minha reflexão.

¹⁰⁰ Projeto da prefeitura municipal que oferece atividades desportivas e monitoramento para a população em parques e praças previamente revitalizados para esse fim.

Capítulo 4

VIDA DE SOLTEIRO

(Des)regulações do cotidiano e tempo institucional

A noite hoje é uma criança, o bar é um brinquedo, não é eu que vou dormir tarde, é o sol que nasce cedo.

Williams, 16 anos

Neste capítulo, apresento os primeiros exemplos de construção de temporalidades juvenis, agrupados pelo fato de corresponderem àquilo que alguns jovens denominam “a vida de solteiro”. Considerarei jovens “solteiros” aqueles que não vivem maritalmente e que não tiveram filhos – embora, em alguns casos, ter filhos não interfira na “vida de solteiro”. Trata-se de jovens que moram com suas famílias de origem, ocupando a posição de filhos ou de netos, quando criados pelos avôs. Existem diferenças significativas na forma como esses jovens organizam seu tempo, algumas decorrentes de sua condição de gênero, outras de preferências pessoais e estilos de vida, bem como da forma como a autoridade é negociada no seio de cada família. A inserção diferencial em instituições voltadas à socialização juvenil também é responsável por diferenças nas práticas temporais. O que me levou a juntar essas histórias, apesar de sua variabilidade, foi o fato do casamento e/ou a parentalidade aparecerem como divisor de águas na compreensão da idade social e, em graus variáveis, nos usos e sentidos atribuídos ao tempo, tanto nas entrevistas como nas observações de campo. Em muitos relatos, tal diferença é entendida a partir da categoria de “responsabilidade”, o que não quer dizer que os jovens solteiros sejam “irresponsáveis” mas que sua “responsabilidade” não é a mesma daquela dos jovens que estão constituindo sua própria família.

Como seria de esperar num estudo com jovens, muitos dos participantes mais novos se encaixam na categoria de “solteiros”. Em alguns casos, suas experiências nos reenviam à fronteira com a infância, pouco estudada nos trabalhos sobre juventude nas ciências sociais¹⁰¹, que têm privilegiado as transições à vida adulta em detrimento daquelas que marcam a saída da infância e a entrada na adolescência.

¹⁰¹ Apesar do pioneiro trabalho de Margaret Mead (2001), sobre a adolescência em Samoa. Atualmente, o “problema social” da gravidez na adolescência (GA) também tem gerado abordagens antropológicas interessantes, embora usualmente se utilize a expressão GA como descritor e juventude como conceito operacionalizado (BRANDÃO, 2003; CABRAL; HEILBORN, 2005; HEILBORN et al., 2002). Parece que “adolescência” é uma categoria ligada à área bio-médica e psicológica, diferentemente da juventude, categoria mais afeita à área das ciências sociais.

Um aspecto que chama a atenção nos relatos é o importante papel desempenhado pelas instituições nas experiências temporais juvenis: a *escola*, por um lado, que marca o tempo social dominante entre esses jovens, uma vez que a categoria de “responsabilidade”, nesta fase da vida, costuma referir-se à obrigação com o estudo formal; os *projetos*, muitos deles surgidos ao amparo do Estatuto da Criança e do Adolescente, outros das recentes políticas para jovens; a *família*, que atua, ou gostaria de atuar, como instância reguladora do cotidiano; as *igrejas*, notadamente entre os jovens religiosos; mas também instituições para adolescentes em conflito com a lei, que têm bastante relevância na definição de algumas trajetórias. A sociabilidade, a afetividade, o lazer e, de forma correlata, a esfera do consumo emergem, igualmente, como importantes marcadores temporais, às vezes em conflito com os vários tempos institucionais. Quanto ao mundo do trabalho, discuto neste capítulo a modalidade do estágio, diretamente ligada à condição de estudante, reservando para mais adiante as trajetórias profissionais de alguns jovens.

Chamar a atenção para o o tempo institucional (COLUCCI, 1984) não significa dizer que todos os jovens cujas narrativas são aqui apresentadas tenham seu cotidiano fortemente institucionalizado, nem que atribuam o mesmo valor à escolarização, aos projetos, à família, às igrejas. Contudo, a presença das instituições no dia-a-dia juvenil, quer como situação de fato, quer como expectativa sobre aqueles que estão fora delas, se apresentava como um convite para refletir sobre um dos tópicos relevantes nas discussões a respeito das mudanças nas temporalidades: a perda de peso das instituições na experiência temporal dos indivíduos e na própria definição da juventude. Além desse aspecto, as práticas temporais daqueles jovens menos sujeitos ao ordenamento institucional introduziram as temáticas da violência e do risco nesse primeiro grupo de narrativas, bem como chamaram a atenção para a importância do tempo das ruas no cotidiano juvenil.

Nas próximas páginas, discutirei essas questões aplicando o olhar microscópico do estudo de dois casos: as irmãs Mara e Nara, moradoras do Vietnã, que são apresentadas como “meninas presas”; e as “adolescentes de risco” que conheci na Ilha de João de Barros, e que exemplificam a juventude feminina comumente descrita com a expressão “meninas soltas”.

4.1 MARA E NARA: “TUDO NA VIDA TEM UM OBJETIVO”

Pra mim tudo na vida é uma prova, tudo na vida não acontece por acaso, tudo na vida tem um motivo, tem um objetivo (Mara, 15 anos).

Mara foi “descoberta” por Zeca, um dos “rapazes de esquina” com quem eu costumava conversar em minhas idas à comunidade do Vietnã. “Quero que você conheça uma menina”, ele me disse certo dia. “Você vai gostar dela. Ela é muito inteligente, é uma menina muito diferente. Me lembrei de você”. Intrigada, acompanhei Zeca até o beco estreito e malcheiroso onde Mara morava. De cabelos curtos, pele clara e óculos de grau numa face risonha, Mara veio até a porta e nos deixou entrar em sua minúscula sala. Logo percebi porque a jovem era “diferente” aos olhos de Zeca: Mara gostava muito de estudar. Mais do que isso, a garota fazia questão de se apresentar como uma jovem estudiosa, responsável e obstinada na busca de objetivos bem delineados. De fato, não era esse o perfil mais corriqueiro entre as jovens do Vietnã. Compreendi, deste modo, porque Zeca insistira tanto em nos apresentar. A “diferença” de Mara tornava a moça semelhante à imagem que o rapaz tinha de mim.

A irmã de Mara chamava-se Nara, mas suas personalidades, preferências e estilos de vida não eram tão rimados como seus nomes¹⁰². Em alguns aspectos, Nara era o oposto de Mara: uma jovem “comum”, com interesses “comuns”, como namorar e “zoar” com os amigos, embora fosse também bastante responsável com seus estudos e no estágio. Nara foi tão receptiva comigo¹⁰³ quanto a irmã mais nova, mas tudo indicava que era Mara, e não Nara, quem me correspondia por direito. Certo dia, fui procurar Nara para entregar umas fotografias dela com o namorado. Chegando na frente da casa, chamei pela garota em voz alta. A mãe veio à porta e “me corrigiu”: “É Mara, você quer falar com Mara. Mas ela não está em casa”. Em muitas ocasiões, Mara ficava impaciente se eu me mostrava interessada nas opiniões de Nara. Afora a habitual concorrência entre irmãs, a atribuição da filha caçula como minha interlocutora mostrava a afinidade entre o mundo que eu representava e aquele em que a garota pretendia entrar (o mundo da universidade, o mundo “do estudo”), mas também a valorização social da imagem construída por Mara, a de uma jovem preocupada com seu futuro e investindo na sua educação.

¹⁰² Seus verdadeiros nomes também “combinam”, provocando às vezes confusões.

¹⁰³ E com Kate Gough, que foi algumas vezes comigo à casa das garotas e realizou comigo uma das entrevistas conjuntas, em fevereiro de 2002.

Neste trabalho, Mara e Nara apresentam a primeira face da juventude nos grupos populares que discutirei aqui. São garotas muito jovens (à época que as entrevistei, tinham 15 e 17 anos, respectivamente), com um cotidiano fortemente regulado e que tentam, com desigual investimento, seguir trajetórias de inserção no mundo do trabalho através da educação.

Ritmos e arritmias do tempo escolar

A vida na casa de Mara e Nara começa cedo. A mãe e a irmã mais velha trabalham fora e Mara fica sozinha em casa pela manhã. Sendo três mulheres – os pais se separaram três anos antes de nosso primeiro contato – a organização das tarefas domésticas é feita de forma bastante equitativa, ficando cada uma delas responsável por uma parcela do trabalho (e do tempo!) que a reprodução da vida cotidiana demanda. Perguntei às garotas sobre seu dia-a-dia:

Mónica: Como é o dia normal de vocês?

Mara: De manhã eu acordo, aí escovo os dentes, tomo café, faço as coisas aqui em casa, aí depois que termino, fico assistindo televisão. Aí quando está perto de eu ir pro colégio, aí faço o almoço, tomo banho, almoço e vou pra escola.

Mónica: A que horas você se acorda?

Mara: Em época de escola, às sete, sete e meia. Agora, dia de férias, oito, oito e meia [...]

Mónica: Todas as manhãs você está dentro de casa?

Mara: Tô.

Mónica: E por que você fica em casa?

Mara: Porque eu gosto e também não tem para onde eu sair não. Geralmente eu só saio de manhã quando estou fazendo algum curso [...]

Mónica: A que horas termina a escola?

Mara: Seis. Normalmente é pra terminar de seis, mas tem alguns dias que não termina, por conta das aulas vagas.

Mónica: Isso acontece muito?

Mara: Muito.

Mónica: Depois da escola você vem direto pra casa ou você vai pra algum lugar?

Mara: Não. Depois da escola eu venho direto pra casa.

De casa à escola, da escola para casa. O cotidiano de Mara é submetido às exigências do projeto escolar, obedece aos ditames da autoridade materna e respeita as expectativas de interioridade socialmente atribuídas ao sexo feminino, sobretudo nos meios populares (DUARTE, 1988, p.174-182; HEILBORN et al., 2002, p.28). A frequência à escola marca o ciclo anual em dois períodos – a “época de escola” e os “dias de férias” –, estabelece uma

distinção na semana – dias de escola e final de semana – e, ainda, divide o dia em vários horários com seus respectivos espaços – manhã/casa, tarde/escola, noite/casa.

O cotidiano de Nara é um pouco mais diversificado:

O meu dia, eu acordo de seis horas da manhã, tomo banho, troco de roupa, às vezes tomo café, às vezes não, porque eu não sou acostumada [a acordar cedo], porque antes de eu trabalhar – eu sou a preguiçosa aqui em casa – acordava de nove e meia, dez horas. Aí quando comecei, tudo mudou. Aí não me acostumei a tomar café de manhã logo cedo. Apesar disso acordo, tomo banho, troco de roupa e vou embora pegar o ônibus. E no trabalho pego de oito a meio dia. Aí pego um ônibus lá, no máximo às doze e vinte, chego aqui uma hora, uma e dez. Aí como eu estudava à tarde o ano passado [entrevista feita no período de férias escolares], aí eu vinha correndo, às vezes almoçava à tarde e às vezes não, ia com fome pra escola. Passava o dia todinho, só jantava umas seis e meia, sete horas. E largava de seis, mas normalmente a gente chegava de sete em casa porque a gente ficava conversando com os amigos [risos]

Como se vê, além da escola, o dia-a-dia da irmã mais velha é regulado pelo mundo do trabalho desde que começou a fazer estágio numa repartição pública, um ano antes da entrevista. Sua maior atenção à sociabilidade introduz, igualmente, uma esfera temporal auto-regulada, menos evidente no cotidiano de Mara. O tempo do trabalho acaba se impondo aos outros tempos e a jovem cogita em mudar para o horário noturno na escola, de forma a ter um dia-a-dia um pouco mais sossegado¹⁰⁴. De todo modo, se tratando de um estágio, Nara não pode abandonar a escola, pois sua permanência no trabalho, como veremos, é condicionada ao prosseguimento dos estudos. Nesse sentido, a instituição escolar é um elemento fundamental na estruturação do tempo dessas duas irmãs, ao introduzir, simultaneamente, uma temporalidade linear – é preciso passar de ano – e uma outra cíclica – dias e semanas que se sucedem, e também porque é um elemento imprescindível em sua projetualidade para o futuro.

Segundo Barbara Adam (1995, p.60), a escola joga um papel crucial na socialização temporal dos indivíduos nas sociedades modernas: “O tempo dos relógios e dos calendários, de minutos, horas, dias e anos é inquestionavelmente a experiência do tempo dominante na educação ocidental contemporânea¹⁰⁵”. Amparo Lasén classifica a escola como “sociedade metronômica¹⁰⁶” (2000, p.66), um dos primeiros espaços sociais onde se manifesta o tempo disciplinar e que busca incutir nos estudantes uma regulação temporal externa próxima àquela

¹⁰⁴ O que terminou acontecendo algum tempo depois, quando a mãe conseguiu que a filha fosse bolsista numa escola particular, no horário noturno.

¹⁰⁵ “The time of clocks and calendars, of minutes, hours, days and years, is unquestionably the dominant time in contemporary Western education.”

¹⁰⁶ Expressão de Michael Young (1988).

dos ritmos do trabalho. Com efeito, as disciplinas ensinadas na escola são divididas em seções de tempo medidas pelo relógio e separadas pelo som estridente da chamada; o cronograma escolar busca estabelecer uma rotina regular nos estudantes; o currículo se estrutura de forma cumulativa e linear, correspondendo a uma sucessão de idades cronológicas; e a organização das atividades favorece sua segmentação – as disciplinas são ensinadas na sala de aula, o lazer acontece no recreio e as tarefas devem ser feitas em casa (*homework*), longe da televisão. Mas nem sempre as coisas acontecem dessa maneira.

Entre os alunos da rede pública, a linearidade do tempo escolar é cotidianamente questionada por discontinuidades no dia-a-dia e ao longo do período letivo. As greves são muito freqüentes, sobretudo nas escolas estaduais¹⁰⁷, de modo que, ao invés de dois períodos que ritmicamente se sucedem (escola/férias), é comum que os alunos enfrentem uma arritmia em seu ano escolar (escola/greve/escola/férias). A greve dessincroniza o tempo escolar de outros tempos institucionais, como o tempo do trabalho. Não se trata de férias, em que os esforços coletivos voltam-se para a fruição do lazer. Tampouco costuma ser um tempo aproveitado pelos jovens para o estudo, ou liberado totalmente para o trabalho. Diversamente das férias, a greve não é temporalmente delimitada, dependendo sua duração de fatores que fogem ao controle dos estudantes. Deste modo, os alunos têm certeza de quando entram na escola, mas não sabem quando sairão. Essa incerteza é alimentada, ainda, pelas altas taxas de repetência anteriormente mencionadas (vide Capítulo 1), que põem em questão um dos princípios da organização temporal proposta pela instituição escolar moderna: a correspondência de um certo conteúdo (série) com uma determinada idade cronológica. Nas salas de aula, a diversidade etária é um dado que salta aos olhos e que provoca, por vezes, situações de constrangimento entre aqueles que estão muito defasados em seus estudos¹⁰⁸.

Quanto às discontinuidades no cotidiano, elas decorrem principalmente da falta de professores ao trabalho. Como Mara ressalta, “Normalmente, é pra terminar de seis, mas tem alguns dias que não termina, por conta de aulas vagas”. A referência às “aulas vagas” na descrição de um dia comum assinala a incorporação dessa possibilidade ao cotidiano. De fato, em observação realizada na escola onde as jovens estudavam¹⁰⁹, no bairro de San Martin,

¹⁰⁷ Estou me referindo sobretudo ao período de 2002 e 2003, que foi quando realizei a observação em escola. Desconheço se há mudanças nesse quesito em épocas mais recentes, após a mudança do governo estadual em Pernambuco.

¹⁰⁸ Percebi isso ao perguntar a série a garotos e garotas que estavam muito atrasados. O constrangimento acontece nas entrevistas individuais mas, sobretudo, nas coletivas. Para um estudo sobre a “cultura da repetência” no Rio de Janeiro, ver Sá Earp (2006).

¹⁰⁹ Ver Capítulo 2. Cabe salientar que a escola estava passando por um processo de mudança e a diretoria estava seriamente empenhada em modificar a situação que ora apresento. Para mais dados, inclusive para a comparação com o cotidiano escolar em Hanói e Lusaka, ver Madsen (2008).

percebi que as “aulas vagas” constituíam uma realidade nada esporádica. Nas turmas que acompanhei durante um mês, faltaram professores duas a três vezes por semana. Os alunos não costumavam receber explicações a esse respeito, apenas ficavam esperando pelo professor até que alguém vinha dizer que não haveria aula. Algumas vezes, nem isso era feito e os jovens somente eram lembrados quando faziam algazarra nos corredores.

O cancelamento de uma aula costumava ser bem recebido por muitos jovens, que aproveitavam o tempo vago para exercer sua sociabilidade, mas a estudiosa Mara ressentia-se disso: “para quem não gosta de estudar, é bom, mas para quem quer, não”. De fato, o tempo passado na escola não era, para Mara, um tempo coagido, externo, imposto. Antes, tempo escolar e tempo subjetivo conviviam em harmonia, chegando o primeiro a colonizar os tempos livres da garota, que gostava de “adiantar matéria” em casa. Como observa Colucci (1984, p.18), todas as instituições exercem algum grau de coação temporal, mas esse constrangimento pode não ser sentido como tal quando existe uma coincidência entre os fins do indivíduo e aqueles da instituição. Essa identificação acontecia no caso de Mara, que partilhava a crença da escola na importância do estudo formal para conseguir um futuro melhor.

Mara gostava muito de falar sobre como seria seu futuro. Tinha objetivos a curto, médio e longo prazo, quase todos ligados à formação escolar. Quando a conheci, estava se preparando para entrar no Centro Federal de Educação Tecnológica (Cefet), onde fez prova concorrendo com outros quatro mil candidatos. Não passou. Estava também matriculada num curso de informática no Centro Profissionalizante Dom Bosco, e aguardava o começo das aulas. Um ano depois, conseguiu entrar na Escola Técnica Agamenon Magalhães (Etepm), onde começou a estudar o curso técnico em química. A médio prazo, Mara queria ser bióloga especializada em biologia marinha, o que pretendia conseguir se alistando no Exército. Apenas depois de falar desses planos longamente, Mara lembrava que, no futuro, também gostaria de casar e de ter dois filhos. Esse projeto, contudo, era o mais indefinido (às vezes falava que queria morar sozinha) e o que ficava temporalmente mais longe do presente, pois somente se concretizaria, segundo ela, depois de ter “estabilidade”, lá para os 30 anos de idade. Era, igualmente, o que acreditava ser mais difícil de conseguir pois, enquanto o trabalho dependia somente de seu esforço (“A força de vontade vence tudo”), “encontrar um marido perfeito” não era nada fácil. Mara não tinha dúvidas de que conseguiria seu objetivo e falava em termos assertivos sobre ele: “*Vou ser* bióloga da Marinha” (grifo meu). A baixa qualidade do ensino, contudo, se apresentava como um obstáculo entre a jovem e seu sonho, daí suas reclamações constantes em relação à escola.

Já Nara, embora também fosse crítica quanto à qualidade da educação recebida, não achava ruim a ausência de professores, pois podia aproveitar o tempo para conversar com seus amigos. Nas “aulas vagas”, era comum ver estudantes atravessando a rua da escola em direção a uma cantina próxima, onde podiam desde jogar totó até fumar maconha discretamente, sem ser importunados. A materialidade dos muros e grades, que buscavam proteger a escola das ameaças da rua, era desafiada no cotidiano por uma série de micro-negociações entre os alunos e o porteiro, para que este flexibilizasse a norma que impedia o entra-e-sai de estudantes no horário de aulas. Uma vez que a falta de professores era comum, a aplicabilidade da norma ficava comprometida pelo incômodo resultante de ter alunos “ociosos” nas instalações da escola. Ao invés de segmentação e disciplina, um tempo fluido e permeado pelo tempo da rua era o resultado dessa dinâmica¹¹⁰.

Esse mesmo tempo fluido era observável na dinâmica de sala de aula, onde a disciplina escolar via-se entremeada pelas exigências da sociabilidade juvenil. Muitos alunos chegavam atrasados, outros saíam na metade da aula, ora em silêncio, ora fazendo alarde, atravessando a sala de ponta a ponta com um andar ritmado. Alguns professores impunham mais respeito que outros, mas mesmo esses preferiam não se desgastar chamando a atenção dos alunos mais rebeldes. Na turma da manhã, a segunda-feira era um dia desfalcado, pois muitos rapazes chegavam ressacados e preferiam ficar nos corredores a entrar na sala, como uma forma de mostrar sua competência social e de demarcar sua posição diante dos alunos que não bebiam. Em algumas aulas, principalmente na de física e matemática, era perceptível a dificuldade que os alunos tinham em acompanhar a matéria. A professora de biologia, uma estagiária jovem e cheia de energia, era uma das poucas que conseguia motivar quase todos os alunos trazendo à sala de aula preocupações mais palatáveis do que aquelas apresentadas em outras matérias: sexualidade, gravidez na adolescência, drogas, Aids. Os estudantes adoravam falar desses “problemas sociais”, se envolviam na preparação da aula e tinham uma relação próxima e carinhosa com a jovem professora.

Na casa pequena onde a família morava, a segmentação de atividades também era um ideal difícil de cumprir. De segunda a sexta-feira, as noites de Mara eram domésticas, dedicadas ao estudo e à televisão. Frequentemente a televisão terminava levando a melhor, o que era muito lamentado pela mãe das garotas: “Se tivesse espaço, eu já tinha mandando fazer um birozinho com cadeirinha pra elas estudar, mas não tem espaço, não dá pra fazer uma

¹¹⁰ Em outros trabalhos, também se destaca a imposição de outros tempos, notadamente do tempo da sociabilidade, no cotidiano escolar, bem como as tentativas da escola em disciplinar essa situação (WULFF, 1995b).

escrivaninha de estudo [...] Ela senta no chão, às vezes pega uma cadeira, pega a mesinha do ferro...” Em algumas ocasiões, observei Mara com a atenção flutuante entre a televisão e um livro, ou entre a televisão e a bijuteria que ela e a irmã confeccionavam, eventualmente, para ganhar uns trocados. Em outros momentos, entretanto, todas as atenções voltavam-se para a tela, sobretudo nos filmes de artes marciais, de que a jovem era fã e que chegavam a roubar-lhe boas horas de sono.

Já as noites de Nara eram mais breves. Desde que começou a fazer estágio, sentia-se cansada muito cedo e ia dormir antes das nove horas da noite. O trabalho mudara totalmente sua organização temporal, afetando a esfera do estudo, o tempo familiar e, sobretudo, tornando mais esparsos e desejados os momentos de sociabilidade. Deste modo, embora o estágio não seja, para Nara, a esfera mais significativa de sua vida, ele constitui um evento biográfico importante, demarcador de um antes e um depois, se não irreversível, no mínimo importante o suficiente para mercer um aprofundamento.

Um quase-trabalho: o tempo do estágio

Ser estagiária é uma das circunstâncias que marcam o presente de Nara. Uma descrição detalhada acompanha as gestões que a mãe precisou fazer para conseguir o estágio, uma vez que a demanda é muita e as ofertas de trabalho nessa modalidade, poucas:

Mónica: E quando você começou?

Nara: Comecei em abril do ano passado

Mónica: Como você descobriu esse trabalho?

Nara: Foi através de minha mãe, que ela conhece um senhor que trabalha no Detran [Departamento Nacional de Trânsito], aí ela pediu, aí como essas pessoas conhecem muito deputado, vereador, aí pediu que ele escrevesse uma carta pro deputado, aí ele escreveu essa carta pro deputado, solicitando uma carta dele, pra eu entrar na Fundac [Fundação da Criança e do Adolescente], pra eu conseguir rápido um estágio, aí deu. Mãinha foi lá pra Câmara dos Deputados daqui do Recife, aí quando chegou lá, até o deputado estava lá mesmo, aí ela entregou a carta a ele, aí ele providenciou rapidinho. Aí quando foi no outro dia a gente foi pra Fundac, aí quando a pessoa da Fundac viu a carta, aí mandou logo eu ir pra uma senhora que é um amor de pessoa, [...], aí ela perguntou a minha mãe quanto a minha mãe ganhava, a minha mãe fazia um salário mínimo, pagava uma casa, aí ela fez: “sua filha vai passar na frente de 1.500 pessoas, eu vou colocar ela porque a situação de vocês está ruim mesmo. Você venha amanhã que hoje eu vou providenciar, vou passar um fax pra o IRH”, porque o IRH é quem cuida também ... Instituto de Recursos Humanos, que tem uma psicóloga que a gente trata com ela, aí ela encaminha a gente pra o estágio, pra onde for... isso durou acho que uma semana e em uma semana eu já tava trabalhando. Por isso que foi tão rápido.

O detalhamento do relato indica que estamos diante de um evento biográfico importante, marcado não pela duração cronológica do tempo, mas pela sua duração subjetiva. Como sugere Bergson (1988), a duração é um tempo interior, heterogêneo, formado por momentos distintos e que não pode ser medido. Porém, a duração não diz respeito apenas à consciência individual; ela é também “um tempo social, partilhado e criado em comum” (LASÉN, 2000, p.89¹¹¹). A duração do evento narrado acima é marcada pela rapidez, que não é um dado objetivo (afinal, toda semana tem idênticos sete dias) nem apenas individual, mas resultado dos significados sociais que cercam o processo de conseguir um estágio.

Com efeito, fazer estágio a partir dos 16 anos, constitui o desejo de muitos jovens, pois é uma forma de se inserir no mundo do trabalho e de ganhar algum dinheiro que reverte total ou parcialmente para o próprio consumo. No caso de Nara, as dificuldades econômicas da família adicionavam uma motivação importante, uma vez que, desde a separação, o pai deixara de contribuir com o orçamento doméstico e a mãe apenas recebia um salário mínimo, boa parte do qual se destinava ao aluguel¹¹². Além disso, Nara era a irmã mais velha numa casa sem irmãos, recaindo sobre ela uma responsabilidade maior sobre o bem-estar de sua família. Conseguir um estágio, porém, não era nada fácil. Nara passou na frente de muitos candidatos e se empregou em apenas uma semana graças ao conhecido mecanismo de busca de “padrinhos”. Há um cuidado, por parte da jovem, em tornar esse processo legítimo, produto da “necessidade” e não do privilégio: “sua filha vai passar na frente de 1.500 pessoas, eu vou colocar ela porque a situação de vocês está ruim mesmo”. O papel ativo da mãe para encontrar um atalho no intrincado caminho até o estágio é também destacado em sua narrativa, reforçando igualmente a idéia de merecimento¹¹³.

Para Nara, o estágio não difere muito, a princípio, de um trabalho qualquer. É com a palavra “trabalho” que a jovem costuma descrever essa atividade: “Eu faço tipo de uma secretária *lá no meu trabalho*”; “... *no trabalho* eu pego de 8 a meio dia”; “... um rapaz me emprestou o livro *lá no trabalho*”; “...como *eu trabalho* lá perto do Marco Zero...” (grifos meus). Como qualquer trabalho em que se contrata o tempo do trabalhador¹¹⁴, o estágio

¹¹¹ “Pero la duración también es un tiempo social, compartido y creado en común”. A discussão sobre o caráter social da duração é também muito bem desenvolvida em Halbwachs (2006).

¹¹² A mãe trabalhava como cozinheira numa firma. Em 2002, o aluguel era de R\$100,00 e o valor do salário mínimo, de R\$ 200,00, segundo definição da Medida Provisória n° 35 publicada no D.O.U. em 28.03.2002.

¹¹³ Bila Sorj (2000, p.32) observa que o recurso a redes faz parte das exigências do mercado trabalho nas sociedades contemporâneas, em que cabe aos trabalhadores, individualmente, procurar suas formas de acesso ao mundo do trabalho. Interessante que, neste caso, como em muitos outros, vemos o encontro de práticas tradicionais com outras que podem ser vistas como propriamente contemporâneas. A incorporação da esfera da sociabilidade no tempo do trabalho retorna no Capítulo 6.

¹¹⁴ Diferentemente do trabalho por produto ou serviço prestado.

introduz um ordenamento temporal, tem horário de entrada e de saída, dias em que se trabalha e dias de folga, e a jovem recebe um salário no fim do mês. Entretanto, há muitos aspectos que tornam o estágio um tipo de trabalho diferente, marcado pelo caráter de transitoriedade.

O estágio depende diretamente da idade cronológica e da condição de estudante. Um mês antes de cumprir 18 anos, o estagiário é automaticamente desligado do programa, condição que ele conhece ao ingressar no estágio, e que não pode modificar¹¹⁵. Nara era consciente disso e sabia que o seu presente tinha data marcada para terminar: “Eu sou inscrita pela Fundac, aí só saio antes de completar 18 anos, um mês antes”. O estagiário também pode perder seu trabalho se este interferir na sua vida escolar, mas nesse quesito, diferentemente da idade, os jovens detêm certo controle. Além disso, não se solicita dos candidatos um desempenho escolar específico quando entram no estágio, apenas que continuem estudando:

Mónica: E se a pessoa está muito atrasada na quarta ou quinta série, ela pode pegar o estágio?

Nara: Como lhe falei, é a idade. Eles pegam com 16 anos, não importa o grau de estudo, porque tem muitos amigos meus que têm a minha idade, 17 anos, uns faz primeiro ano, segundo ano, outros fazem a oitava série, sétima série, o que eles querem...

Mónica: Que você não tenha abandonado os estudos.

Nara: Isso, e também se reprovar perde o estágio, eles querem que passem.

Como se vê, o critério etário parece ser mais significativo que o de escolaridade, no mínimo na política de estágio da Fundac, destinada ao “adolescente” de 16 a 18 anos. De todo modo, a obrigatoriedade da escolarização supõe uma determinada representação desse momento da vida como um tempo ligado ao estudo. Isso é muito criticado por alguns líderes comunitários do Vietnã, e também da Ilha João de Barros, pois os jovens que mais precisariam trabalhar seriam aqueles que não estão na escola, e são justamente eles os que menos acesso têm a esse tipo de programa¹¹⁶. O que é importante perceber aqui é que, diferentemente de outros países, onde a adolescência é vista como uma fase de vida apenas de preparação para o trabalho, a figura do estágio entende que cabe ao adolescente, também, trabalhar, embora numa condição diferente à do trabalhador adulto, que não interfira nas suas condições de desenvolvimento.

A representação do adolescente como cidadão de direitos numa condição especial de desenvolvimento decorre, como se sabe, do debate em torno do Estatuto da Criança e do

¹¹⁵ A saída do estágio está sendo agora cogitada mais tarde, aos 24 anos (CASTRO; AQUINO, 2008)

¹¹⁶ No momento em que terminei meu trabalho de campo, o Pró-Jovem ainda não era implementado na cidade do Recife e havia muito poucas políticas que atendessem esses jovens “desinstitucionalizados”. Na escola de Mara e Nara, a coordenadora me informou que muitos alunos se matriculam apenas para poder fazer estágio, mas nunca frequentam a escola.

Adolescente no final dos anos 1980 (ALVIM, 2002). Essa legislação pode ser entendida como um marco importante na redefinição social das idades da vida no Brasil, impondo limitações à inserção de crianças nas esferas do mundo adulto e regulando a forma como essa inserção deve acontecer entre os adolescentes. A figura do estágio insere-se nesse novo marco legal, pois favorece a contratação de adolescentes e desestimula o trabalho infantil, no mínimo no setor formal da economia. Os ecos desses debates estão presentes nas falas de Nara e Mara, que interpretam criativamente as mudanças na legislação a partir dos sentidos que elas próprias atribuem aos diferentes momentos da vida:

Mónica: E tua mãe sabia como desse negócio da Fundac?

Nara: Porque antigamente se inscrevia com 14 anos, [...], inscrevia não! inscrevia de 11, chamava com 14, aí ficava de 14 até 18, só que mudou porque *os adolescentes de 14 só queriam brincar, claro, né, não queriam trabalhar*, aí mudou, é com 16 até 18.

Mara: E também é uma coisa bem divulgada pra *jovens*, pelo menos a gente vê que é bem divulgado... é aquele negócio “primeiro emprego”, aí através do estágio, o patrão, no caso, quando a gente saindo de lá antes dos 18 anos, dá uma carta de recomendação, aí já fica bem mais fácil da gente arrumar um emprego em outros lugares. (grifos meus)

Como se vê, transparece na fala das garotas uma associação entre os primeiros anos da adolescência e a dimensão lúdica, também atribuída à infância, situação que mudaria com o avanço da idade. É significativo o manejo que as jovens fazem da terminologia ligada à idade como uma sucessão de etapas (“jovens”, “adolescentes”) ao falarem do estágio, sinal da incorporação das classificações etárias oficiais em seu cotidiano – o que não é de se estranhar, uma vez que elas são beneficiárias diretas dessas ações.

Resumindo, o estágio pode ser compreendido de várias maneiras. Algumas visões críticas entendem essa modalidade de contratação como mais uma forma precarizada de trabalho, de baixo custo e sem gerar encargos sociais, sobretudo quando envolve empresas do setor privado. Por outro lado, a política de contratação de adolescentes pode ser vista como uma das possíveis formas de driblar o gargalo do primeiro emprego. Nas narrativas de jovens como Nara, o estágio aparece sobretudo nesse segundo sentido, representando uma oportunidade de inserir-se no mundo do trabalho que diminui os impactos dessa nova responsabilidade sobre a carreira educativa¹¹⁷.

Embora o estágio seja um “trabalho”, ele também é percebido por Nara e, principalmente, por Mara, como uma preparação, um passo necessário para melhorar as possibilidades de empregar-se futuramente. Nara sabe que não tem chances de continuar

¹¹⁷ Para o projeto *Os jovens e a cidade*, a pesquisadora Madiana Rodrigues realizou um estudo sobre estágios, que me ajudou a pensar essas questões.

trabalhando na mesma repartição pública após os 18, mas espera que aquela experiência lhe renderá frutos mais adiante. O estágio se insere, portanto, na vivência do presente dessa jovem, pois ordena seu cotidiano, lhe permite ajudar nas despesas da casa e ainda libera algum dinheiro para pequenas compras. Contudo, ele também sugere uma idéia, mesmo que vaga, do futuro, sendo entendido como um passo necessário na construção da carreira educativo-profissional. Quase todos os jovens entrevistados que investem nesse tipo de transição à idade adulta contavam, entre suas experiências, com a passagem por um estágio semelhante ao de Nara.

O tempo livre das “meninas presas”: família, igreja e sociabilidade

No final de semana, o tempo das duas irmãs deixa de ser regulado pela instituição escolar e pelo trabalho. É nesses dois dias que aparecem mais claramente as preferências individuais, quando elas demonstram suas singularidades através de um uso mais liberado de seu tempo:

Mónica: E final de semana, como vocês passam o tempo?

Mara: Em época de férias, fazendo nada. E em época de escola estudando, eu passo estudando. Minha irmã estuda pouco. Ela gosta mais de sair, gosta mais de ir pra casa de colega. Eu não, eu sou um pouco mais caseira. Às vezes ela se irrita comigo, porque ela diz assim: “vamos na casa de uma colega da gente”. Aí eu digo: “vou não”. Ela: “Pô, tu é muito chata, tu nunca sai de casa, só tem um final de semana pra sair, tu não quer sair”. Eu não gosto muito não.

Nara: Domingo eu quase choro, porque ela falou pra mim que ia pra missa, aí eu não chamei as outras meninas para ir junto comigo, aí Mara: “não, eu vou com certeza”. Deu sete horas, que a missa começa de sete e meia, aí é tempo de tomar banho, se arruma rápido e vai, né. Deu sete horas e Mara fez: “eu não vou mais não”. Me deu um desespero, Mónica, porque só tenho o final de semana pra sair, durante a semana eu não saio, porque oito horas, oito e meia já tô dormindo pra acordar cedo, aí não tenho tempo de sair, só tenho sábado e domingo. Aí me arrumei e fui embora sozinha pra igreja.

Enquanto Mara freqüentemente prefere ficar sozinha em casa, estudando ou assistindo os filmes de artes marciais que a deixam, como ela diz, “hipnotizada”, Nara dedica seu tempo livre aos amigos e ao namoro e é nesse sentido, e não como manifestação de uma fé fervorosa, que devemos entender sua insistência em não perder a missa de domingo. Para essa garota, o tempo livre aparece marcado pelo seu caráter de exigüidade diante das imposições do tempo do trabalho: “só tenho o final de semana pra sair”. O sábado e, principalmente, o domingo são

os dias mais valorizados, constituindo “o centro emocional¹¹⁸” de sua semana. Uma vez que a jovem trabalha perto do bairro comercial do Recife, às vezes o final de semana coloniza a sexta-feira: “Se eu quiser, quando eu largo na sexta-feira, dou uma olhadinha na cidade, vou pra lanchonete com meus amigos, aí chego um pouquinho mais tarde em casa”. Mas o domingo é, sem dúvida, o dia mais importante, aquele em que a jovem concentra suas expectativas nas esferas mais significativas de sua vida: sociabilidade e afetividade. Domingo é dia de namorar. É dia, também, de sair com as amigas e de encontrar os amigos. Não à toa, domingo é o dia em que Nara fica de castigo toda vez que transgride a ordem temporal doméstica, chegando em casa depois das dez horas da noite:

Mónica: E quando ela bota de castigo, bota de castigo por quantos dias.

Nara: Um dia só

Mónica: Um dia só?

Nara: Domingo!!

Mónica: Ah! No domingo!

Nara: No domingo o dia todinho só olhando pra televisão e a televisão olhando pra mim, eu não suportando mais a televisão.

Como se vê, as regulações do tempo das duas irmãs não terminam na sexta-feira. No Vietnã, todo mundo sabe que Nara e Mara não são “meninas soltas”, garotas que fazem o que querem sem dar satisfação aos pais. As jovens têm uma relação muito próxima com a mãe, até o ponto de incluí-la em seus projetos de futuro: “fica uma briga entre eu e ela, pra ver quem vai ficar com mãe” (Nara). Contudo, isso não se reverte num afrouxamento da autoridade desta perante as filhas. As garotas têm uma margem de escolha quanto a suas atividades de lazer, mas sempre dentro de um ordenamento doméstico, que estabelece horários de chegada em casa, bem como delimita companhias e atividades. Todavia, tal ordenamento tem mudado bastante ao longo do tempo, acompanhando a mudança da idade social das jovens, bem como respondendo a características dos diversos contextos em que Mara e Nara exerciam (e exercem) sua sociabilidade.

Mara e Nara nasceram e se criaram na zona da mata pernambucana. A mudança para a capital é um evento biográfico importante para elas, pois demarca também a separação dos pais e a conseqüente mudança nas relações domésticas. Caminhoneiro de profissão, o pai das garotas é descrito por elas como uma pessoa muito inquieta, que “carregava” a família de lugar para lugar:

¹¹⁸ Expressão utilizada por Lívia Barbosa (1984, p.17) para se referir às representações do sábado entre suas informantes.

Porque meu pai é o tipo assim: quando tá no interior, faz que lá não dá pra ele, o que dá é cidade grande, e quando tá aqui, diz que não gosta da perturbação da cidade grande, aí quer o interior, aí fica nessa. Aí a gente acabou ficando pra lá e pra cá, pra lá e pra cá, até que a minha mãe fez: “chega”, não agüentou e resolveu se separar dele porque o casamento não ia lá essas coisas, aí a gente veio pra aqui e já vai fazer três anos (Mara).

“Vida de cigano”. Foi assim como Nara se referiu a esse período. Apesar do ônus financeiro, a separação permitiu à mãe das garotas um maior controle sobre a própria vida e tomar decisões pensando também no futuro de suas filhas. Isso aconteceu num momento crucial, em que o pai havia resolvido se instalar num sítio. “Só que o sítio fica longe de escola, longe de tudo!”, disse Nara, opinião compartilhada por Mara, que aprecia, na cidade, principalmente, “a liberdade de poder estudar”.

Comparativamente à cidade grande, o interior é mais calmo, tranqüilo e seguro. Também mais limitado, o que era especialmente sentido por Nara:

Mara: São cidades pequenas e que não têm muita alternativa. Quando a gente tava em B., a gente só ia mais à igreja, a gente ficava muito na igreja porque digamos que era a única coisa, não que a gente fosse por obrigação, por ser a única coisa, porque a gente gostava de tá lá, porque tinha projetos com jovens, a gente fazia catecismo, tinha a quadra da igreja onde a gente jogava, a gente participava do grupo coroinha lá também. Isso já foi depois da gente já maiorzinha, na adolescência já. Quando menor a gente morou também em C., que já é próximo a B., são cidades muito próximas. Lá era infância, a gente tinha amigos lá, brincava, saía com a minha mãe, ia pra escola, depois a gente morou também um tempo em A. que já é próximo de C., que é onde o pai de minha mãe mora, aí lá a gente também tem amigos, ia pra missa algumas vezes, pro colégio...

Nara: [Com um tom negativo] A mesma rotina!

No interior, escola e igreja eram os principais marcadores do tempo das duas irmãs. A igreja, principalmente, regulava o lazer das garotas com uma série de atividades, desde missas a grupos juvenis e campeonatos esportivos, constituindo o principal recurso para a sociabilidade acessível aos jovens naquele contexto. Daí a descrição desse tempo como “rotina”, termo usado por Nara em seu sentido pejorativo, para descrever um cotidiano com poucas alternativas para o lazer.

Após a mudança para o Recife, três anos atrás, as opções para o tempo livre, como também para o estudo, se multiplicam, o que é sentido como um ganho pelas duas irmãs. Contudo, as dinâmicas próprias da “cidade grande” acrescentam novos elementos na regulação do tempo:

Mónica: E vocês estão gostando de morar aqui?

Mara: Sim e não. Sim porque é próximo, sabe...

Nara: De minha parte é sim e não.

Mara: Porque.. Sim pra mim, porque é próximo de escola, do trabalho da minha mãe, dos meus amigos e não porque é um pouco tumultuado aqui, é mais perig... aliás, toda parte daqui do Recife é perigoso, entendeu, da gente sair, essas coisas.

Mónica: E você?

Nara: Eu gosto porque eu saio! Quando a gente morava em Roda de Fogo, é mais perigoso do que o Vietnã, a gente não saía. Pra ir à igreja, como a gente estava comentando com você naquele dia, tinha que ir pro Engenho do Meio, que ficava longe também, que é outro bairro também perigosíssimo. Aqui tudo é melhor pra sair. Aqui não, digamos que eu possa sair de sete horas da noite e chegar de uma da manhã... quer dizer entre aspas pode...

Mara: Mas não deve.

Nara: Como no carnaval mesmo, quando eu fui pro Marco Zero no sábado, que foi o dia do Galo, eu cheguei duas horas da manhã aqui. Não tinha muita gente mas também não tinha pouca gente na rua, mas foi legal. Não aconteceu nada de estranho aqui nesse carnaval, não. O bom é isso. Agora na Roda de Fogo não. Na Roda de Fogo se você sair de sete horas, no máximo dez horas você tem que estar dentro de casa, porque é perigoso.

Aparece aqui, pela primeira vez, a violência cerceando o cotidiano juvenil. Embora no Recife, como afirma Mara, “toda parte” seja perigosa para os jovens – percepção, vale lembrar, que as estatísticas confirmam (WAISELFISZ, 2004) – existem diferenças notáveis de lugar para lugar. Quando moravam em Roda de Fogo, as garotas tinham que chegar sempre cedo em casa. Já no Vietnã, onde as ocorrências violentas são mais esparsas e localizadas, a flexibilidade quanto aos horários de recolhimento é um pouco maior, sobretudo em ocasiões extraordinárias como o Carnaval. A mudança para essa comunidade relaciona-se com um momento de maior expansão da esfera de sociabilidade das irmãs, com a conseqüente pressão das garotas para terem mais autonomia quanto a seu tempo de lazer:

Mónica: Com que idade a mãe de vocês deixa sair com amigos?

Nara: Ela deixa a gente sair com a idade que a gente tem.

Mónica: Mas desde quando?

Mara: Acho que ela deixou mais a gente sair a partir do ano passado, quando ela deixou a gente sair com amigos, assim, pra outros lugares, lugares que possam, que tenham a possibilidade de pegar ônibus, pra mim foi no caso a partir dos 14 e pra ela a partir dos 16 pra 17.

Mónica: E por que o ano passado?

Nara: Porque o ano passado foi ano que estourou mais as amizades. Foi o ano onde a gente arrumou um maior número de amigos e como esses amigos da gente sai, vão pra outros lugares, aí lugares que só vão jovens, aí a minha mãe fica um pouquinho assim, apesar de tá morrendo de vontade de ir, sabe, também, ficava um pouquinho assim... ela dizia: “não, só é pra jovens”, essas coisas, aí acabou deixando a gente ir porque foi um ano que estourou mais as amizades da gente.

Como se vê, a idade cronológica não foi o critério que norteou a maior flexibilidade nos horários de chegada e sim o fato de que “as amizades estouraram”, servindo a sociabilidade enquanto marcador de juventude – lugares “só para jovens” não podem ser freqüentados por adultos. As garotas estavam crescendo. Nara estava com 16 e Mara, com 14. A vida na “cidade grande” trouxe consigo uma maior possibilidade de conhecer gente, pela multiplicação dos espaços de circulação (nova escola, nova igreja, cursos profissionalizantes, novo bairro). Mas foi somente quando passaram a morar num bairro mais tranqüilo que essas condições puderam ser atualizadas na forma da construção de uma esfera autônoma, embora relativamente controlada, de sociabilidade.

Na “cidade grande”, a igreja continua sendo um destino privilegiado nas saídas de Mara e Nara. Assim como os templos evangélicos, as igrejas católicas são locais importantes para a sociabilidade juvenil das “meninas presas”, onde elas podem fazer amigos e paquerar¹¹⁹. Algumas igrejas, como a de Engenho Velho e de San Martin, são melhores do que outras para isso, pois conseguem concentrar maior número de jovens através de eventos como as “missas jovens”. O calendário religioso, inclusive, contribui para a valorização do domingo como o ponto alto da semana das meninas. Porém, a diferença da “cidade grande” para o interior é que, em Recife, a igreja é uma entre várias opções, como o Carnaval ou os cursos de artes marciais, e não a única alternativa possível para o lazer juvenil, não sendo portanto classificada como “rotina” por Nara.

Um outro tipo de regulação temporal é especialmente revelador da forma como se articulam as relações de gênero e geração em comunidades como o Vietnã: a fofoca¹²⁰. Embora homens e mulheres adultas possam ser alvo de comentários maldosos, foram as garotas mais jovens as que mais relataram se sentir incomodadas por esse mecanismo de regulação social, dominado pelas mulheres mais velhas¹²¹. Nara passou a se preocupar mais com “o que o povo fala” depois que começou a namorar, uma vez que o assunto predileto da fofoca parece ser o comportamento sexual feminino. Para não “ficar falada”, prefere namorar na sala ao invés do terraço, “porque aí fora todo mundo passa e fica vendo, aí sabe que vizinho tudo que vê, vai comentando e vai aumentando, aí prefiro namorar dentro de casa”.

¹¹⁹ No trabalho de Scott e Cantarelli (2004) sobre jovens religiosos, realizado com base num trabalho de campo nas comunidades de Vietnã e Vila Arraes, há interessantes indicações sobre a sociabilidade nesses grupos.

¹²⁰ Assunto que já desenvolvi em minha dissertação de mestrado (FRANCH, 2000). Ver também, a esse respeito, o trabalho de Cláudia Fonseca (2000), embora a autora não dê muita atenção à fofoca como mecanismo de regulação entre as gerações.

¹²¹ A calúnia entre amigas da mesma idade não costuma ser entendida como “fofoca” e sim como “falsidade” ou, nos casos mais graves, como “traição”.

Na data de nossa primeira entrevista, o namoro de Nara durava já três meses, nos quais a jovem precisou “proibir” que seus amigos a visitassem em casa, a pedido da mãe: “As meninas vêm, mas os meninos não, porque não foi eu, foi minha mãe. Ela falou assim: ‘De homem, eu só quero o seu namorado’”. Embora o namoro possa ser entendido como uma conquista de autonomia em alguns aspectos, certamente não o é em outros, aumentando as regulações que recaem sobre os usos do tempo livre das garotas. Enquanto Mara continuava recebendo a visita de seu amigo Frederico, fã das artes marciais como ela, Nara não podia mais conversar com “os meninos” em sua própria casa e se contentava com encontrá-los nas ruas. Reencontraremos essas proibições com maior abrangência nos relatos das mulheres casadas.

Da “vida de cigano” à casinha de aluguel na comunidade do Vietnã, a trajetória dessa família de três mulheres parece norteada por um fim maior: que as filhas consigam “vencer na vida”. Mara e Nara não têm os mesmos objetivos mas as duas acreditam que a escola é um passo necessário para ter uma vida melhor. As regulações do cotidiano, mesmo quando suscetíveis de pequenas transgressões, fazem parte de uma tentativa de controle do tempo para que as jovens não se desviem desse fim. Mara tem ideais e valores próximos àqueles dos jovens de classe média: quer seguir uma profissão na qual possa se realizar pessoalmente, morar sozinha num apartamento na Avenida Boa Viagem e casar apenas depois de atingir a tão sonhada “estabilidade”. Já Nara, embora cumpra corretamente com as exigências da escola e do estágio, investe muito em sua esfera relacional, não tendo tanta clareza quanto ao que fará quando concluir o ensino médio. De todo modo, ambas as garotas demonstram ter interiorizado a “racionalização dos controles temporais” (DUARTE, 2005, p.143) necessária para se encaixar na disciplina das instituições e, assim, galgar os passos que as separam (no mínimo no terreno das intenções) de um futuro melhor.

As expectativas da mãe das garotas são, por sua vez, modestas e se apóiam na crença de que o investimento feito irá render bons resultados lá na frente. Devido à situação pela qual passa a família, seu ideal de progresso se concretiza num elemento, a casa, símbolo de segurança, de aconchego, de estabilidade e, sobretudo, de uma vida sem tanto sofrimento:

A gente não tem uma vida muito boa. É muito esforço, paga aluguel. Quando tiver mais idade, não queria viver tão sacrificado. Eu estou preparando elas, que são novas, pra quando tiver idade, ter uma vida melhor, uma casinha, um emprego que não canse tanto porque todo trabalho é esforçado mas tem uns que é mais. Pra gente ter uma vida digna e honesta tem que trabalhar, mas tem trabalho que é mais esforçado. Eu quero que elas tenham uma vida melhor do que a minha. Tem uma gente que até velho tem uma vida sacrificada. Vencer, pra mim, é elas ter uma vida melhor, principalmente ter uma casa. O que

ensino pra eles é isso. Quando eu deixar este mundo, que elas tenham um lugar (mãe de Mara e Nara).

Conseguirão Mara e Nara ter, como a mãe almeja, “um lugar no mundo”? Chegará Mara a concretizar seu sonho de ser bióloga da Marinha do Brasil? Quando deixei de freqüentar a casa dessas duas garotas, ainda não tinha a resposta para essas perguntas. Porém se o futuro é uma dimensão que existe apenas como representação, o presente das duas garotas liga-se a essa ideia através de projetos a curto e longo prazo que articulam, individual e coletivamente, as três dimensões temporais – um passado nômade, um presente esforçado e um futuro aberto e cheio de possibilidades.

4.2 AS “ADOLESCENTES DE RISCO”: TEMPOS NA CONTRAMÃO

Meu pai não gosta que eu fique com menino, mas eu fico. Não gosta que eu fique na praça mas eu fico, por causa das balas, no dia que eu levar eu paro, mas mesmo assim eu não paro, que tem um menino que levou e fica até hoje ainda e assim vai. Não quer que eu fique na pista, ali, olhando os negócios, eu fico. Comigo não tem isso, não. Tudo que ele diz não, eu faço. Tudo que eu gosto de fazer, eu faço (Íris, 15 anos).

Íris e mais oito “adolescentes de risco” constituem o segundo exemplo de temporalidades que abordarei neste capítulo. A qualificação desse grupo como “de risco” não é tomada aqui em seu sentido substantivo mas como uma definição do campo, uma categoria nativa que se revela “boa para pensar”. A ideia de risco se relaciona com a dimensão do futuro, lançando uma dúvida sobre as possibilidades do amanhã daqueles que são classificados dentro dessa categoria. Nesse sentido, o “risco” remete às discussões anteriormente mencionadas sobre o aumento dos graus de incerteza nas sociedades contemporâneas¹²², sendo considerado por alguns autores a característica principal da nossa época (BECK, 1998; ver também SPINK, 2001; NEVES, 2008).

Quem trouxe essa categoria para minha pesquisa foi Graça, líder comunitária da Ilha de João de Barros, que mediou meu contato com as jovens daquela localidade. No passado, Graça estivera inserida no campo de atenção à criança e ao adolescente¹²³, onde a expressão “adolescentes de risco” se tornou popular sobretudo no início dos anos 1990, no bojo do enfoque preventivista em saúde pública, marcado pela noção de grupos de risco (ALVIM,

¹²² Ver Capítulo 1.

¹²³ Como também eu própria. A forma como isso influenciou a pesquisa na Ilha de João de Barros é relatada no Capítulo 2.

2008, p. 136; AYRES, 1997; SPOSITO; CARRANO, 2003, p.8; ver também BERGA, 2004). No primeiro dia em que fui à Ilha, Graça me apresentou quatro garotas. “São todas de risco”, disse-me diante delas, o que me causou certa estranheza. Quando ficamos a sós, perguntei às jovens se elas se consideravam “de risco”, ao que todas responderam afirmativamente. Foi assim que fiquei sabendo que o rótulo “de risco” não era usado apenas em relação a terceiros mas podia ser utilizado igualmente para a auto-definição, sobretudo em situações que envolviam contato com instituições e projetos, como acontecia com minha pesquisa.

Ao sair da retórica oficial e ganhar as ruas, a expressão “adolescente de risco” adquiria novos sentidos, se impregnando de idéias a respeito do que diferencia uma adolescência “normal” de uma outra “de risco”. Tais classificações expressavam normas sobre o tempo e o espaço adequados a cada momento da vida, em que as inscrições de gênero, mais uma vez, fizeram sua aparição. Além disso, no caso específico da Ilha de João de Barros, a temática do risco estava entremeada pelos contínuos episódios de violência que atingem os moradores, assumindo por vezes a inequívoca face da morte.

“Vida de risco”: tempo errático e veloc(idade)

A primeira característica que chamou minha atenção nesse grupo foi o fato de se tratar de meninas muito jovens. Jade era a “veterana”, com 16 anos, seguida por Íris e Ana, que tinham 15. Janaina e Fátima contavam com 14 e Luana e Raquel estavam com 13. As mais novas do grupo eram Bruna, com 12 anos, e Flora, que tinha apenas 11 na primeira ocasião em que conversamos. Esse perfil etário resultou de uma escolha de Graça e revelava suas idéias a respeito da relação entre risco e idade. “Os meninos que estão hoje na vida de risco têm 10, 11, 12 anos”, me disse numa ocasião. “Está faltando trabalho com criança”. Graça não havia se rendido à “moda” da juventude e fazia críticas à idade mínima exigida em muitos projetos, que deixava de fora os jovens abaixo dos 16 anos, justamente aqueles que, segundo ela, estavam entrando “na vida de risco”¹²⁴.

O descompasso entre a idade cronológica exigida pelos projetos e a idade em que os jovens começavam a se envolver com as atividades comumente consideradas como “de risco”, principalmente o consumo e o tráfico de drogas, ficou evidente nas primeiras conversas com as jovens da Ilha:

¹²⁴ O Pró-Jovem Urbano, por exemplo, atinge jovens a partir dos 18 anos. As garotas reclamavam, igualmente, que não eram admitidas na ONG Casa de Passagem, vizinha à comunidade, porque eram muito novas.

Flora: Mataram um menino aqui de 15 anos, faz tempo, esses pirralhas, tudo pequenininho, tudo já na gangue, os pirralhas tudo do tamanho dele, mais ou menos assim do meu tamanho [12 anos]. Eles vieram e meteram bala nele, tudo com 12, com 38, um bocado de revólver. Meteram bala mesmo, e ele morreu.

Mónica: E ele era envolvido?

Flora: Era. Ele e mais dois que estava. [...]

Mónica: Mas menina tu não conhece nenhuma que foi baleada?

Flora: Não. Só menino.

Mónica: E essa coisa de drogas como é que está aqui?

Flora: Tá tudo muito perigoso, esse negócio de drogas. Teve uma filmagem que mostrou as meninas lá na frente vendendo drogas¹²⁵. [...]

Mónica: E que foi que tu achou?

Flora: Não [tirando importância]. Eu já sei que isso é comum, por isso eu nem ligo.

Se cada campo, como diz Bourdieu (1983), tem suas próprias regras de envelhecimento, no campo do “risco” alcança-se o apogeu cada vez mais cedo. Com 14 ou 15 anos, os jovens já fazem parte das gangues que “invadem” as comunidades rivais para assustar ou matar inimigos. Antes dos 20 anos, muitos deles já estão mortos. Quanto às garotas, sua presença nos pontos de venda de crack vinha aumentando sensivelmente nos últimos tempos. Dizia-se que, na maioria das vezes, assumiam o lugar de seus namorados e irmãos, que haviam sido presos ou haviam caído na “guerra do tráfico”.

Com 13 anos de idade, Raquel era a jovem que melhor encarnava a idéia de “risco” no grupo. Seu cotidiano não estava regulado por nenhuma das instituições presentes na vida de adolescentes como Mara e Nara – escola, família, igreja ou trabalho. Durante a semana, Raquel acordava tarde, arrumava eventualmente a casa e logo corria para uma favela vizinha, onde encontrava suas amigas, com quem passava o dia bebendo, fumando maconha e “arriando com os outros¹²⁶”. Quando a fome batia, a jovem voltava para casa, enfrentava as reclamações da avó, comia alguma coisa e deitava para dormir e assistir novela. No início da noite, saía para a rua novamente, retornando para casa apenas de madrugada. Viver no presente, com pouca preocupação a respeito do dia do amanhã, era o traço marcante da construção temporal de Raquel quando a conheci. Um tempo errático¹²⁷ e pouco estruturado, que tornava a jovem objeto de censura e de preocupação na comunidade.

Margarida, mãe de Raquel, era consciente de que a situação há muito lhe fugira das mãos e culpava “o tempo” pela dificuldade que passava com a filha. “No meu tempo era mais

¹²⁵ Em 2007, a Ilha de João de Barros foi objeto de várias reportagens de um canal de televisão local abordando o tráfico de crack.

¹²⁶ Arriar = brincar.

¹²⁷ Na grade proposta por George Gurvitch, o tempo errático é descrito como “tempo de incerteza e de contingência acentuada em que o presente prevalece sobre o passado e o futuro” (*apud* HARVEY, 1992, p.205)

fácil”, disse-me certo dia. Margarida tinha pouco mais de 30 anos mas já achava que “seu tempo” ficara para atrás. Tendo engravidado nos primeiros anos da sua adolescência, a mãe de Raquel fez uma transição curta à idade adulta¹²⁸, o que redundou num ciclo doméstico rápido e, em decorrência, numa rápida sucessão de gerações. Isso não quer dizer que Margarida vivesse do passado. Todavia, “seu tempo” era aquele de sua adolescência, da mesma forma que “o tempo de hoje” é o tempo de suas duas filhas, o tempo da idade perigosa, em que os caminhos se definem e às vezes se distorcem. Para Margarida, havia mais motivos hoje para desviar-se do caminho do que no passado. “No meu tempo era mais fácil. Não tinha esse negócio de roupa de marca, não tinha tanta droga, e tinha o grupo da Casa de Passagem que me ajudou muito”.

Não apenas a mãe como toda a família de Raquel estava visivelmente preocupada com ela, mas as tentativas de disciplinamento não pareciam dar resultado:

Mónica: Com quem é que você se dá melhor da sua família?

Raquel: Com a minha tia [...] Ela conversa às vezes comigo.

Mónica: E o que é que ela diz pra você?

Raquel: Ela fica dizendo que ela não quer que eu saia pra rua mais, porque eu fumo maconha. Ela diz que não é pra sair pra rua muito. Aí eu saio.

Mónica: Então, ela se preocupa contigo?

Raquel: Todinho se preocupa.

Mónica: Todo mundo se preocupa contigo na tua família? E por que isso?

Raquel: Porque eu sou muito danada.

Mónica: O que é ser danada?

Raquel: Porque fumo maconha e chego tarde da noite. Mas agora não estou chegando não, tarde da noite, não [...] porque mataram um menino aí, os caras do outro lado invadiu aqui. Eu vi quando eles invadiram. Aí joguei minha bicicleta e corri. Aí eles pegaram a bicicleta. [...]

Mónica: E a que horas tu chega em casa agora?

Raquel: Eu saio de oito horas, chego de onze horas.

Mónica: E antes, tu chegava que horas?

Raquel: Eu amanhecia. Seis horas eu chegava, no outro dia de manhã.

Dormindo quando os outros trabalham e na rua enquanto todos dormem, Raquel vive sua vida “a contratempo” (LASÉN, 2000), subvertendo o tempo social dominante. Ser “danada” implica na transgressão de muitas ordens¹²⁹, e a ordem temporal não é a menos importante delas. Colonizar os tempos noturnos, porém, tem seu preço. As ruas da favela, que durante o dia já não são totalmente seguras devido à “guerra do tráfico”, tornam-se particularmente perigosas à noite. Muitas “invasões” acontecem nesse horário e é, sobretudo, nas madrugadas que se concentram os relatos de arbitrariedade policial. Contudo, a noite é

¹²⁸ Sobre transições curtas ou rápidas, ver Cabral e Heilborn (2005), Heilborn e Equipe Gravad (2005) e Pimenta (2007).

¹²⁹ Também a ordem sexual, pois Raquel era conhecida por “ficar com liberdade com os homens”.

também o reinado da liberdade e da experimentação, o momento, podemos dizer com João do Rio (1997, p.61), em que a rua mostra sua verdadeira alma.

O tempo livre das “meninas soltas”: a rua e a casa

A rua tem um grande peso na vida de quase todas as garotas que conheci na Ilha de João de Barros, o que contribui para sua classificação na categoria “de risco”. Isso não quer dizer que elas não freqüentem a escola ou, eventualmente, projetos para adolescentes. Das nove meninas entrevistadas, apenas três (Raquel, Luana e Janaína) estavam fora da escola, mas tinham planos de voltar a estudar. Além disso, a maioria tinha passagem por projetos esportivos, culturais ou religiosos, que tinham abandonado “porque deu preguiça”. Comparativamente a outras jovens, entretanto, trata-se de garotas com muitas horas vagas, que costumam passar nas ruas, e não dentro de casa, como se espera de meninas de sua idade. As mais novas procuram as ruas, principalmente, para jogar bola de gude, embora tanto Luana (13) como Flora (11) sejam apontadas como “namoradeiras” pelas garotas mais velhas. Já as jovens de mais idade vão para as ruas para conversar com os amigos, paquerar e, às vezes, “namorar escondido”. Aos finais de semana, muitas vão aos bailes que funcionam na comunidade, ou ficam do lado de fora, aproveitando a aglomeração festiva. Umas mais, outras menos, essas jovens aproveitam qualquer tempo vago para ir “na pista” ou “lá na frente”, até a rua, enfim, onde as coisas acontecem.

Como se sabe, nos bairros populares há uma grande fluidez entre a casa e a rua, porém isso não impede que, no domínio do simbólico, ambas as esferas veiculem valores, normas e sentidos distintos e, de certo modo, opostos. Luiz Fernando Dias Duarte (1988) descreve essa construção simbólica a partir da equação interioridade/exterioridade, que reserva ao homem a esfera externa à casa e à mulher, aquela interna: “ela [a mulher] é interna, privada, imbricando-se de maneira inextricável com o próprio sentido da *casa*. O mundo da *rua* é por ela atravessado apenas em direções muito cuidadosamente balizadas”(p.177). Como bem nos ensinou Roberto Da Matta (1991), a casa é o lócus da família, da proteção, do aconchego. Já a rua é o lugar da aventura, das relações impessoais, do risco. Mas a casa, para as garotas da Ilha de João de Barros, é também o espaço do controle, do conflito e das hierarquias de gênero, enquanto a rua permite a autonomia, o segredo e, em alguns casos, a experimentação de relacionamentos mais igualitários. Se na casa, a princípio, o tempo das garotas é regulado pelas obrigações domésticas e pela autoridade familiar, na rua elas podem exercer uma certa

auto-regulação. Transgredir a ordem espaço-temporal que lhes é imposta torna-se uma tarefa constante, mas constitui também fonte de contínuos conflitos familiares.

A prescrição de ficar em casa se acentua depois da primeira menstruação, que aparece como um evento biográfico significativo para esse grupo. Ficar menstruada pela primeira vez é um dos marcos sociais de saída da infância para as garotas, não pelas mudanças que ocasiona em quem passa por esse processo, mas porque muda a percepção dos outros, o que se traduz inclusive com uma reclassificação etária: de “criança” para “moça”. A primeira menstruação vive-se com ambigüidade. Por um lado, vontade de crescer e de ser mais autônoma. Por outro lado, desconforto físico e a constatação de que o controle parental passa a ser mais acirrado a partir desse momento:

Mônica: Como foi esse negócio de primeira menstruação?

Íris: Foi muito ruim. Passei mal, fiquei passando mal, fiquei com vontade de vomitar, dor de barriga. Depois, quando fui no banheiro, fiquei toda assim... eu queria e agora eu não quero mais.

Luana: Eu também queria.

Íris: Mas depois que a pessoa menstrua as mães controla mais, pensa mal, pensa logo que é um bucho. Se eu chego atrasada eu digo logo: “Eu arrumei um bucho...” Ela pensa que quando a pessoa menstrua vira logo a cabeça [...]

Mônica: Vocês acham que muda a relação com os pais depois que menstrua?

Íris: A mãe fica logo com medo que a filha chegue grávida.

Luana: Eu passei um tempão que minha mãe não queria me deixar sair.

Íris: Eles começam a pegar no pé, mais ainda que era.

Mônica: Eles ficam com medo de que vocês engravidem?

Íris: Que dê logo o danado, mas depois que dá...

“Lugar de moça é lugar de moça, lugar de mulher, é lugar de mulher”. As jovens sabem muito bem que essas prescrições existem, em parte, para garantir suas trajetórias escolares, que seriam interrompidas por uma gravidez “precoce”, mas sobretudo para salvaguardar sua “honra”. Entretanto, diferentemente do que acontece em outros grupos de garotas, elas estão pouco dispostas a cumprir com esse roteiro e pautam seu cotidiano pela busca de uma autonomia temporal que se consegue, sobretudo, fora de casa. Íris, Raquel, Luana e todas as outras “adolescentes de risco” vivem com suas famílias de origem, onde ocupam a posição de filhas. Trata-se de famílias estruturadas em base a marcadas hierarquias de geração e de gênero, o que situa as jovens no pólo mais heterônomo dentro do grupo doméstico, submetidas à autoridade dos parentes mais velhos e dos irmãos:

Mônica: Sobre que coisas que as mães brigam?

Luana: É tanta coisa! As amigas, se a gente fica com os meninos. É muita coisa, também.

Flora: Não quer que a gente arrume namorado...

Mónica: A mãe não quer que vocês namorem?

Luana: Não. Qualquer menino. É que nem meu irmão. Eu dizia: “Mainha, deixa ir pra rua”. Ela: “Vai não”. Aí eu: “A senhora deixa Luís e não deixa eu”. “Não, porque ele é homem”. E eu: “Que é que tem, mainha? Ele foi pra rua, e eu não vou? Só porque ele é homem? Que é que tem? Só por causa que ele é homem ele vai e eu não vou? Só se eu me vestir de homem...”

Mónica: Vocês acham que é melhor ser menina ou menino?

Luana: Menina. Que a mulher é mais privilegiada, né.

Janaina: Fica presa direto, dentro de casa. [Todas riem]

Mónica: Isso é bom ou é ruim?

Todas: É ruim.

Luana: O filho não precisa ajudar a mãe, agora a filha tem que fazer tudo.

Flora: Tem que lavar prato, tem que lavar a roupa, tem que arrumar a casa.

Luana: Às vezes meu irmão vem reclamar comigo, ele diz: “Ah, eu sou homem, não preciso fazer as coisas”. Até parece que homem não pode fazer as coisas, não é?

Em quase todas as casas, cabe às garotas boa parte do ônus do trabalho doméstico, que atua como um importante estruturador do cotidiano, como um elemento de socialização visando o posterior casamento e, também, como uma ocupação para mantê-las longe das ruas. No terreno das práticas, estamos muito longe da Geração @, expressão que Carles Feixa (2001) aplica aos jovens europeus dos anos 1990 em diante, que estariam vivendo uma crescente diluição dos constrangimentos de gênero. Já no que diz respeito a valores, existe sim uma tendência à valorização igualitária dos sexos, o que se pode perceber pelas freqüentes tensões entre as garotas e seus irmãos naquelas esferas onde as desigualdades no tratamento dos filhos são mais evidentes, como na diferença no acesso às ruas e na liberação dos rapazes do trabalho doméstico. As jovens também não consideram legítima a autoridade de seus irmãos sobre elas, questionando explicitamente a hierarquia apenas baseada nas relações de gênero. A existência de um ideário mais igualitário no que diz respeito às relações entre homens e mulheres se manifesta, por fim, na expectativa de algumas garotas por relacionamentos simétricos no futuro e mesmo por alguns experimentos relacionais no presente. Íris era a mais enfática a esse respeito:

Mónica: Como vocês imaginam vocês no futuro? Vocês imaginam uma família como a de vocês ou diferente?

Íris: Eu imagino uma família melhor [...] Eu na minha casa própria, com meu filho, meu marido. Quando ele sair, eu quero sair junto com ele.

Mónica: E se ele não quiser te levar?

Íris: Se ele não quiser me levar, ele sai por um lado e eu por outro. Aí rola galha.

Como se vê, o tempo doméstico apresenta um forte caráter coercitivo para a maioria das jovens desse grupo. Isso é especialmente verdadeiro nas famílias mais numerosas, como

as de Flora (8 irmãos) e Janaína (7), ou naquelas em que a convivência familiar é pautada por tensões e brigas. Por outro lado, as jovens também tentam imprimir seus ritmos em casa, quer desobedecendo a regulação horária que estabelece limites para a ida às ruas, quer introduzindo outros tempos no espaço doméstico – dormindo muito ou escutando o rádio até de madrugada, por exemplo. Contudo, conquistar na própria casa um “tempo para si” (NOWOTNY, 1989) nem sempre é possível. Isso torna as ruas especialmente atrativas para esse grupo, contribuindo assim para sua rotulação como “meninas soltas” ou “de risco”. A única exceção a esse padrão espaço-temporal era representada por Jade:

Não gosto de ficar na rua, nem gosto de ficar na casa dos outros [...] pra estar em casa sem fazer nada e pra estar na rua sem fazer nada, é melhor estar em casa, que a gente em casa evita muitas coisas. Na rua, uma pessoa chega pra você e começa: “Menina, soubesse não sei o que”, aí começa a puxar assunto, você já fala o que não quer falar, aí essa pessoa daqui a pouco vai e diz a outra pessoa, aí já se forma uma fofoca. Olha, não era melhor você estar em casa do que estar na rua?

Com 16 anos de idade, Jade gostava de se apresentar diante das outras garotas como “a voz da experiência”, papel que lhe era facultado pelo fato de ter passado já por vivências muito intensas e traumáticas. Quando tinha 14 anos, Jade saiu da casa da mãe para morar maritalmente com um jovem. Retornou tempo depois, após seu marido ter sido assassinado “por engano”¹³⁰ – embora seu envolvimento com o tráfico de drogas fizesse dele um forte candidato à morte por causas externas ainda na juventude. Desde que voltou à casa da mãe, essa “viúva do tráfico” estava resolvida a refazer sua vida de um outro modo, consertando no presente os “erros” do passado. Investir no estudo e ficar dentro de casa, para evitar a tão temida fofoca, eram algumas das maneiras que ela tinha de retomar as rédeas da sua vida e de apresentar-se, diante das outras jovens, como um modelo de boa conduta. Em seu caso, o “risco” não remetia, portanto, ao comportamento no presente mas às circunstâncias do passado, principalmente à proximidade da experiência da morte, que Jade partilhava com várias outras entrevistadas da Ilha João de Barros.

Uma visita inesperada: presídio e morte no cotidiano juvenil

Um último aspecto que contribui para a classificação dessas jovens como “de risco” é sua convivência maior com os efeitos da violência urbana e do aumento da criminalidade, fenômenos que atingem as metrópoles brasileiras de forma crescente desde a década de 1980

¹³⁰ Retomo essa questão logo mais.

(PERALVA, 2000). Se, ao falarmos dos conflitos familiares e de como interferem na vivência temporal, a experiência das garotas se inseria, de certo modo, naquilo que costuma-se esperar de meninas de sua idade – brigas com irmãos, desobediência aos pais, estratégias para a conquista da autonomia – esse outro aspecto de suas histórias faz delas um grupo um tanto singular, singularidade de que elas próprias têm consciência. A jovem Luana descreve desse modo sua infância logo nos primeiros minutos da entrevista individual que realizei com ela:

Mônica: Como eu te falei, a idéia é que você possa me falar sobre sua vida. Quando foi que você nasceu, como foi sua infância, essas coisas.

Luana: Eu nasci <data>, eu não me lembro muito de quando era criança mas eu passei onze anos indo pra visitar meu pai. Meu pai foi preso, se soltou quando eu era pequena, aí foi preso de novo, aí nunca estava nem São João, em nenhuma festa, no Carnaval, no Natal, nem Ano Novo, a gente passava lá no presídio com meu pai. Era todo tipo de festa, todo domingo, nos sábados a gente dormia lá, de 15 em 15 dias, eu, minha mãe e meu pai. Não gostava não mas tinha que ir, né. Minha mãe nem liga assim, deixa eu sair muito porque eu passei muito tempo indo no presídio, né, aí ela deixa eu ir nesses lugares [inaud.], um bocado de lugares ela deixa agora, às vezes meu pai reclama mas ela diz: “Não, deixa ela ir, que ela passou muito tempo indo visitar tu no presídio”. Era bem pequenininha quando eu comecei visitar meu pai, aí sei lá.

A familiaridade com os presídios é comum nos relatos dessas jovens. Na nossa última entrevista, Flora tinha, ao todo, quatro irmãos presos: dois no Aníbal Bruno e dois (um irmão e uma irmã) em instituições dependentes da Fundac¹³¹. Janaína também tinha irmãos no presídio. O pai de Raquel estava preso e seu namorado mais recente havia sido encarcerado enquanto ainda estavam juntos. Fátima alardeava o fato de ter ganho um celular de seu tio, que cumpria pena na prisão. Muitas dessas experiências eram narradas logo no começo das entrevistas individuais, o que me levou a pensar até que ponto as jovens não estavam construindo uma “narrativa de risco” para mim. Isso não invalida a importância dessas questões, antes pelo contrário, ajuda a pensar de que forma tais experiências são organizadas numa construção identitária que passa pela elaboração de narrativas de si para diversos interlocutores.

O peso de um encarceramento no relato biográfico e no cotidiano é maior quanto mais próxima a relação. Ter pais ou irmãos no presídio introduz uma rotina diversa na vida dessas garotas e de suas famílias:

Mônica: E ontem foi domingo, que foi que tu fizesse?

¹³¹ Embora, a rigor, os dois irmãos de Flora internos na Fundac não estejam “presos” e sim no cumprimento de medidas sócio-educativas, não é desse modo que ela se refere a essa situação.

Flora: Fui pra casa da minha cunhada, ficar com a minha sobrinha e depois fiquei em casa que minha mãe chegou, aí fiquei pela frente. [...] Minha mãe foi visitar minha irmão, depois minha mãe chegou, aí a gente ficou...

Mónica: Tua mãe foi visitar teu irmão aonde?

Flora: No presídio.

Mónica: Tu tens um irmão no presídio?

Flora: Tenho três [...]

Mónica: E tua mãe visita eles com quanta frequência?

Flora: Na quarta ela vai visitar Lucas e no domingo vai Fabíola [a irmã de Flora]. E depois no domingo ela vai visitar meus dois outros irmãos, que estão no Aníbal Bruno.

Mónica: Tu já fosse nos dois lugares?

Flora: Já.

Mónica: E que é que tu achou?

Flora: Foi bom mas só é pior no Aníbal Bruno.

Mónica: Por que?

Flora: Porque é muita gente. [...] Agora no domingo, neste não, no outro, eu vou porque é o aniversário dele. A menina vai comprar um kit pra levar pra ele, pra fazer o aniversário dele lá.

Mónica: Um kit com que?

Flora: Bolo [...] aí vai levar pra ele, pra comemorar lá, aí vai nós todinho.

As experiências de Luana e de Flora demonstram o esforço de continuidade que algumas famílias empreendem, apesar da distância instalada pela prisão de um de seus membros. É interessante nesse sentido o destaque que Luana dá às datas do ciclo festivo, “momentos fortes” (MAUSS, 1974) em que a convivência familiar se reafirma, mesmo em circunstâncias desfavoráveis. Aniversários também recebem um investimento especial, de modo que a reclusão no presídio, em muitos casos, não implica a ruptura dos laços familiares mas introduz novas dinâmicas temporais com vistas a reforçar o sentido de continuidade do grupo.

Os momentos de entrada e de saída do presídio aparecem, por vezes, como eventos biográficos significativos nas narrativas das garotas. Luana, que se diz muito apegada ao pai, narra com entusiasmo o dia em que este voltou para casa. Um aspecto interessante em seu relato é a permeabilidade do discurso psicologizante, também, nessa camada social¹³², pois a jovem relaciona o encarceramento do pai à persistência do hábito infantil de chupar chupeta às noites. Percebemos, deste modo, como psicólogos, assistentes sociais e, por que não, pesquisadores estão presentes na vida de Luana, contribuindo para a articulação de uma narrativa pessoal em torno do “risco”:

Eu gosto mais do meu pai do que da minha mãe. Sinto falta dele. Quando era pequena eu só dormia cheirando as camisas dele. Aí teve uma vez que fui pra psicóloga e ela disse pra minha mãe que não tirasse a chupeta, que deixasse,

¹³² A influência da psicanálise costuma estar mais presente, de acordo com a literatura, nas classes médias urbanas (VELHO, 1987; 1989).

que eu me apeguei mesmo à chupeta. [...] Quando tinha 12 anos eu saía com a chupeta na rua, agora eu chupo só pra dormir. [...] Quando meu pai soltou, aí eu disse assim, eu fiz um voto: “Quando meu pai se soltar, hei de jogar minha chupeta”. Aí quando meu pai se soltou, aí minha mãe fez assim: “Luana, teu pai está solto”. Aí eu disse: “Que mentira!” Aí eu vim correndo por aqui assim, ele por aqui assim. Eu não sabia que ele vinha, aí quando eu vi ele eu me abracei, comecei a chorar, ficaram tudo olhando pra mim, aí ele me levou de braço pra casa, e quando foi depois eu joguei minha chupeta longe. Aí quando foi na hora de dormir eu não consegui. Aí ele: “Você vai dormir assim”. Aí eu consegui dormir só um dia, fui dormir foi tarde por causa da minha chupeta. Aí mainha no outro dia olhou pra minha cara [...] e ainda pegou e comprou uma chupeta pra mim.[...]

Em alguns casos, é evidente o cuidado em proteger a imagem daquele que está preso. É isso que podemos ver no trecho abaixo em que Flora defende que um de seus irmãos foi parar no presídio porque foi vítima de um “forjado”, ou seja, porque foi incriminado pela polícia. O interessante aqui não é avaliar a veracidade ou não dessa informação, mas perceber que a garota tem um cuidado em detalhar melhor esse caso, o que não acontece quando se refere aos outros dois irmãos, presos em circunstâncias mais suspeitas:

Mônica: O que foi que aconteceu com eles?

Flora: Pegaram droga com ele, aí ele foi preso. E meu irmão ali na frente, aí arrombaram uma casa lá, aí pegaram, acharam ele, botou pro meu irmão Lucas. Aí depois pra Mário [outro irmão preso], porque ele vinha ele, a minha outra cunhada e uns amigos dele, vinha tudo abraçados, aí daqui a pouco os homens [a polícia] chegaram cataram eles aí e botaram junto também. Até mesmo Lucas [outro irmão] estava. Aí pegou meu irmão Lucas foi solto, e Mário foi preso. Aí pegou quatro anos ele.

Mônica: Mas eles acusaram ele de que?

Flora: De tráfico de drogas. Por causa da menina, que a menina [inaud.] Aí pegaram, arrombaram a casa lá e acharam um bocado de droga.

Mônica: Mas não era dele?

Flora: Ela foi que botou pra ele. Aí depois botou forjado pra meu irmão e forjou pro outro também.

Mais significativos são, ainda, os eventos ligados à morte violenta de irmãos, namorados ou outros parentes. A convivência com a morte é um dos aspectos que mais chama a atenção nas jovens que conheci na Ilha João de Barros, e se relaciona com minhas indagações iniciais a respeito do impacto dessa convivência na temporalidade juvenil. Comecei a vislumbrar algumas dessas questões numa tarde em que ocorreu uma “invasão” na favela, justo na hora em que eu me preparava para dar início a mais um grupo de discussão com as garotas. Jovens de uma favela “inimiga” foram até a Ilha de João de Barros e atiraram em dois rapazes, que logo morreram em decorrência dos ferimentos. As garotas conheciam os jovens assassinados, um deles inclusive tinha sido “ficante” de uma delas algum tempo atrás.

A mãe de Luana foi quem trouxe essa informação, acompanhada da recomendação de não sairmos do galpão onde estávamos até que as coisas se acalmassem.

Quando ouviram a notícia, algumas meninas começaram a chorar, outras discavam ansiosas os números de telefone dos irmãos em seus celulares, buscando se certificar de que nada de ruim acontecera com eles. Minutos depois, entrou no galpão uma garota soluçando e visivelmente perturbada. Era Janaína, que logo se tornaria uma das assíduas de nossas reuniões. A jovem havia testemunhado o tiroteio e foi procurar as amigas no Centro Comunitário para partilhar com elas o acontecido. As garotas não pouparam de perguntas a única testemunha ocular (onde ela estava quando tudo aconteceu; como foi que ocorreu; onde os garotos levaram os tiros, etc.), que dava as respostas com o máximo de precisão possível. Deste modo, as jovens foram reconstruindo a morte dos rapazes, trazendo à tona momentos do passado que, à luz dos novos acontecimentos, eram apresentados como antecipações ou premonições do desfecho dessas histórias. “Eu sei que vou morrer, mas eu só quero ver meu filho nascer”, teria dito um dos rapazes assassinado, cuja namorada estava grávida. Essas lembranças eram como lenha na fogueira das emoções coletivas. As garotas choravam, apresentavam uma outra lembrança e choravam de novo, perguntavam a Janaína detalhes sobre o tiroteio e voltavam a chorar. Não que desse modo conseguissem explicar aquela morte violenta a poucos metros de onde estávamos, mas partilhando os sentimentos e construindo uma narrativa coletiva podiam, no mínimo, rerepresentar o que acontecera, apropriar-se desse evento e, quiçás, dar-lhe algum tipo de sentido.

Depois de reconstruírem essas duas mortes, as jovens passaram a falar sobre as mortes próximas. Luana perdeu dois irmãos, Janaína, quatro (dois “de tiro” e dois “de doença”) e Jade, como já foi dito, é uma “viúva do tráfico”. Como também vimos no relato de Flora, existe um cuidado na apresentação das circunstâncias dessas mortes, junto com uma tentativa de preservar a memória do morto:

O meu [irmão] mataram ele enganado, pensando que era outra pessoa. Ele estava fazendo [limpeza] num terreno, o homem dava cinquenta reais a cada um. Aí ele estava ajudando, aí disseram assim: “Bora lá, que vêm os caras”. Aí ele disse: “Eu não vou, eu vou ficar”. Aí deram um tiro nele. Ele morreu, ele passou ainda um dia no hospital. Minha mãe foi visitar, eles ficam com um negócio na mão, que não podem falar, aí minha mãe falou muito com ele, disse que ficou apertando a mão dela assim, aí quando minha mãe virou as costas, aí o aparelho começou a apitar, aí minha mãe não sabia o que era, saiu chorando, aí tia G. foi lá, falou com doutor, aí ela saiu chorando, aí minha mãe disse assim: “foi o que, foi o que?” “Não foi nada, não. Vamos embora”. Quando foi depois ela fez, mandou a gente ligar, aí quando a gente ligou: “Teve mais jeito, não”. Minha mãe começou a chorar. Aí meu irmão ainda foi atrás desse homem que matou ele, só que não pegou não, não pegou não. Esse

aí [refere-se ao assassino do irmão] minha mãe deu comida a ele. Ele pediu desculpas a minha mãe, minha mãe disse que não queria falar sobre isso. Ele está preso, só que não está preso quem matou mesmo ele, não. Minha mãe deu comida a ele, ele estava com fome, minha mãe deu comida a ele, deu pão, deu água. Minha mãe não gosta dele mas tem que falar com ele, né. Ele fala com minha mãe, minha mãe quando vai no presídio visitar os meninos, ela é crente, aí ela vai lá, ela vê ele toda vez, ele vê ele (Luana)

O trecho acima merece alguns comentários. Podemos perceber que Luana não testemunhou nem o assassinato do irmão, nem seus últimos momentos na UTI, mas descreve ambos os fatos como se deles tivesse um conhecimento de primeira mão. Em sua narrativa convergem o relato dos trabalhadores que estavam com o irmão antes de sua morte, e que presumivelmente presenciaram esse evento, e o relato da mãe de Luana, que foi quem, efetivamente, esteve no hospital. O fato da jovem assumir, apesar de sua não presença, uma posição de narradora onisciente sugere que estamos diante de um episódio de memória familiar (MÜXEL, 1996), uma narrativa construída coletivamente com vistas a dar continuidade simbólica ao grupo, apesar da presença de rupturas e descontinuidades. É interessante, nesse sentido, a caracterização do irmão como trabalhador, logo no início do relato (o irmão estava limpando um terreno em troca de dinheiro), bem como a classificação de sua morte como sendo “por engano”, interpretação fortalecida pelo arrependimento do assassino no presídio. Cabe salientar que Luana perdeu outro irmão em decorrência da violência, mas não há, nesse caso, um investimento semelhante, uma vez que se trata de um meio-irmão, apenas por parte de pai, não sendo portanto incorporado à linhagem simbólica que se constrói e reconstrói através das memórias.

Além de marcar firmemente os tempos biográfico e cotidiano dessas garotas, a violência também interfere em seus deslocamentos dentro e fora do bairro. Na comunidade, a presença constante de “invasões” e de outros eventos que põem em perigo a vida dos moradores não parece inibir excessivamente o acesso das jovens às ruas. Representações e práticas sobre essa questão são ambíguas, ora as garotas reclamam da violência, ora dizem não se importar com ela, ora reconhecem os riscos mas nem por isso deixam de ficar nas ruas, mesmo naqueles lugares que são considerados mais perigosos. Do modo semelhante ao que já foi observado em populações que vivem próximas a riscos naturais¹³³, o “risco” não é uma situação que se faça lembrar o tempo todo, ocasionando o enclausuramento dos moradores, no mínimo entre as garotas entrevistadas. Deste modo, embora a violência contribua para a regulação dos ritmos de entrada e saída de casa, não se percebem diferenças notáveis entre

¹³³ Ver o trabalho de Miranda (2004) sobre moradores próximos a um vulcão.

tais ritmos na Ilha de João de Barros e num lugar mais “tranquilo” como o Vietnã. Com exceção de Raquel, que amanhece o dia nas ruas, a evitação da área externa à casa se reduz ao período noturno, o que também acontece em outras comunidades. Durante a semana, as garotas costumam ficar nas ruas até às dez ou onze horas da noite, sendo esse horário estendido aos finais de semana, quando as ruas ficam mais movimentadas.

Nos deslocamentos externos à comunidade, a situação é outra. O acirramento da “guerra do tráfico” mudou as regras de convivência entre os moradores da João de Barros e das comunidades vizinhas, de forma que as garotas não podem circular livremente por algumas áreas “inimigas”. Transparece, na fala do grupo, uma cronologia dos conflitos, que deixaram de ser restritos às pessoas diretamente envolvidas no tráfico de drogas e atingem, hoje, todos os moradores da Ilha. Assim, se na comunidade é possível sentir que existe certa margem de certeza na incerteza, essa margem é menor quando se sai do bairro. Várias jovens comentaram ter deixado de freqüentar projetos que ficavam em áreas “inimigas” (vide Capítulo 3). O caso de Luana era o mais preocupante, pois largou a escola na metade do ano, ao se sentir insegura pela presença de dois homens que ficavam observando-a na saída do colégio. A principal lamentação das garotas, entretanto, vai em outra direção:

Íris: O Shopping Tacaruna não pode ir a pé, antigamente podia ir a pé e pra ir é fácil, pra voltar é uma contramão.

Mônica: Pra voltar onde que vocês pegam ônibus?

Íris: Tem que arrodar o viaduto, é dois e pouco de passagem. Antigamente a gente ia a pé, voltava a pé a hora que quiser. [...]

Ana Luzia: E agora que eles [os traficantes] não estão respeitando mais ninguém...

Mônica: Vocês deixam de fazer coisas?

Flora: Não, mas nós vai [ao Shopping], assim, de ônibus ou de táxi, mas minha mãe vai mais de táxi porque de ônibus tem que atravessar pra poder pegar, aí ela vai de táxi.

Mônica: Então vocês não deixam de ir...

Íris: Mas é meio difícil agora.

Ana Luzia: Meu pai me leva de carro. Vai trabalhar de carro, aí vai me deixar e vem me pegar.

Mônica: Antigamente vocês iam mais?

Íris: Ôxe, todo final de semana a gente ia lá, nera?

Mônica: E como foi que vocês souberam disso? Aconteceu alguma coisa com vocês ou vocês souberam por outras pessoas e deixaram de ir a pé?

Jade: Já aconteceu com outras pessoas.

Luana: Eles manda recado, ameaçando, por uma pessoa que estava por lá.

Mônica: E com mulher também?

Jade: Eles gostam de matar mulher.

Como se vê, as garotas mencionam as dificuldades de acesso ao Shopping Tacaruna como a principal mudança ocasionada pelo acirramento da “guerra do tráfico” em seu

cotidiano. Trata-se de um assunto recorrente em seus relatos, o que convida a pensar sobre o lugar que esse equipamento possui na experiência temporal desse grupo.

No templo (e no tempo) do consumo

A importância dos shoppings centers como espaços de lazer dos jovens moradores de grandes cidades da América Latina é assunto amplamente estudado pela literatura das ciências sociais (ver ARIOVICH; PARYSOW; VARELA, 2000; MÜLLER, 2004; PEREIRA, 2003). A expansão desse tipo de “enclave fortificado” (CALDEIRA, 2000) costuma ser relacionada ao esmorecimento da esfera pública nas cidades contemporâneas, à degradação dos centros urbanos e à crescente importância da esfera do consumo no lazer juvenil. Por isso, os shoppings são habitualmente estudados em relação ao público das classes médias e são vistos, em geral, como espaços excludentes, que impõem barreiras para os jovens das classes populares. Como explicar, então, o importante papel que esse equipamento detém na experiência temporal das garotas que conheci na Ilha João de Barros?

Em seu trabalho sobre garotas freqüentadoras de shoppings em Recife, Elaine Müller observa: “temos hoje uma primeira geração de jovens que nasceram após a implantação destes empreendimentos, e que cresceram tendo o shopping como um espaço cuja freqüentação é algo ordinário em seu cotidiano” (2004, p.64). Essa idéia pode ser aplicada às adolescentes desta pesquisa. O Shopping Tacaruna, considerado o segundo maior centro comercial desse tipo na cidade do Recife, foi inaugurado no ano de 1997, ainda na infância dessas jovens. Talvez por se tratar de uma segunda geração de shoppings na cidade¹³⁴, ou pelo fato de estar rodeado de comunidades pobres, o shopping atrai desde sua implantação um público socialmente diversificado, o que se reflete numa oferta igualmente diversa de produtos e serviços. Lojas populares de roupas e calçados, além das muito freqüentadas lojas de departamentos, partilham o espaço físico com requintadas boutiques de grife – embora, muito sugestivamente, o andar superior concentre as lojas mais caras.

Para as garotas da João de Barros, o Shopping Tacaruna parece propiciar um tempo de sonho. Um sonho, entretanto, que apenas eventualmente se torna realidade:

Mônica: Vocês vão muito ou pouco aqui no Tacaruna?

Jade: Fui ontem e vou amanhã se Deus quiser. O ruim só de estar no shopping é que a pessoa quer comprar e não compra.

Mônica: Vocês sentem isso no shopping?

Jade: A pessoa olha assim, uma roupa que agrade...

¹³⁴ O Shopping Recife data dos anos 1980.

Luana: Não, as roupas não, as tortas que a pessoa vê, chega dá água na boca! Não quero nem falar...

Ana Luzia: Quando a pessoa está sem dinheiro aparece um bocado de coisa nova, quando a pessoa está com dinheiro não aparece quase nada.

Flora: Já visse aquele sorvete de morango?

Mônica: Qual é o sonho de consumo de cada uma?

Ana Luzia: Roupa, comprar roupa, uma calça bonita.

Flora: Uma calça ou uma saia bonita.

Luana: Uns tamancos, que quando Jade vê, Jade faz: “Ah, mas que tamanco lindo”. Se fosse por ela a gente passava o dia todinho só olhando pro tamanco.

Mônica: Vocês querem coisas pra ficar mais bonitas, né.

Ana Luzia: Perfume também.

Flora: Quando eu vou pro Shopping eu queria ter dinheiro pra comprar uma torta. [...]

Mônica: E na semana, esse momento em que vocês não fazem nada, que é que vocês gostariam que acontecesse?

Flora: Eu estava no Shopping comprando um bocado de coisas.

Jade: Todo dia eu estava no Shopping, passeando, olhando as vitrines.

Luana: Comendo as tortas [risos].

Ana: Comendo pipoca.

Flora: Guaraná...

A fala das meninas não deixa dúvidas: passear pelo Shopping é, antes de tudo, encantar-se com as mercadorias expostas, que parecem se oferecer ao passeante por trás das reluzentes vitrines. Tortas deliciosas. Roupas e tamancos. Perfumes. Um sonho de consumo hedonista em que os interesses aparecem influenciados pela idade social. As meninas mais jovens sonham com tortas, guaraná e pipoca. Prazeres da boca. As “moças” de mais idade se perdem nas vitrines de roupas e sapatos, fantasiam perfumes e maquiagem. Prazeres dos olhos. O tempo do sonho insere-se em cheio na cultura de consumo, que não apenas se volta à criação de distinções sociais mas também ao prazer consigo mesmo. Como afirma Mike Featherston (1995, p.48), “...a cultura de consumo usa imagens, signos e bens simbólicos evocativos de sonhos, desejos e fantasias que sugerem autenticidade romântica e realização emocional em dar prazer a si mesmo, de maneira narcísica, e não aos outros”. Esses desejos e fantasias, mesmo quando inatingíveis, pontuam o cotidiano das jovens, lhes permitindo penetrar simbolicamente num mundo de coisas novas, saborosas e belas. Ao impedir a livre circulação das jovens pelas comunidades em seu caminho para o shopping, a “guerra do tráfico” não se interpôs, apenas, entre a João de Barros e o Shopping Tacaruna. A violência terminou por criar um fosso entre a realidade e o temp(l)o do sonho.

Como se vê, o consumo é uma dimensão muito presente na vida dessas garotas, o que tem efeitos na organização cotidiana de seu tempo mas também em seus valores e expectativas para o futuro. Moram nas redondezas de um shopping center e sabem tudo que qualquer jovem sabe sobre moda. Muitas sonham, ainda, em trabalhar no shopping no futuro,

nas lojas de roupas ou como atendentes na praça da alimentação. Além disso, a circulação de mercadorias roubadas, revendidas a baixo custo na comunidade, possibilita a algumas delas o acesso a bens de consumo muito cobiçados, principalmente telefones celulares. Luana, Jade, Íris e Flora são também assíduas de uma *lanhouse* onde, mais uma vez, suas preferências se relacionam com sua idade social – as mais novas acessam os produtos virtuais associados ao seriado mexicano *Rebelde*, que pode ser considerado um exemplo de cultura *teeny-bopper*¹³⁵; Íris e Jade se informam sobre eventos musicais na cidade e entram nos chats. Estão familiarizadas, portanto, com as experiências temporais de simultaneidade que as novas tecnologias propiciam (ADAM, 1992; AUGUSTO, 2007; LECCARDI, 2005a).

A inserção das jovens no mundo do consumo, ao qual atrelam seus sonhos mais imediatos, não deve nos levar a pensar, contudo, que elas não vivem situações de pobreza, às vezes severa. Janaína não falava, como as outras garotas, de todas as maravilhas que se exibem por trás das vitrines espelhadas das lojas do shopping center. Raramente cruzara os portões de lá. Vestia sempre roupas visivelmente usadas, só andava de chinelo e tinha poucas experiências para relatar toda vez que suas colegas conversavam animadamente sobre saídas e divertimentos. Num dos dias em que eu ofereci um lanche para o grupo, as outras meninas juntaram os restos (um pedaço de bolo, algumas bolachas, requeijão e refrigerante) para que Janaína os levasse para casa. Esse gesto espontâneo e silencioso de solidariedade trazia implícita a mensagem de que a garota passava fome. Como as outras jovens, entretanto, ela também tinha um celular, pelo qual a mãe pagou vinte reais “aos homens que vendem por aí”. Era um “celular pai de santo”, que “só recebe”, porém sua utilidade ia além das ligações telefônicas – o celular ligava Janaína ao restante do grupo. No dia em que ganhou o aparelho, ficou exibindo-o, mostrando seus jogos para as colegas. Depois o guardou no bolso de sua saia puída, esperando a oportunidade de atender uma ligação. O consumo propicia, ao mesmo tempo, esferas de inclusão e de exclusão para jovens como Janaína e torna mais complexa qualquer tentativa de compreensão do modo de vida dos grupos populares, incluindo-se nisso suas experiências do tempo.

¹³⁵ Expressão usada para definir artigos de consumo voltados à população feminina adolescente, utilizando uma variedade de meios (revistas, televisão, rádio e, agora, internet) e que leva em consideração as limitações de mobilidade mais comuns entre esse segmento (MARTÍNEZ, 2003, p.32). O seriado mexicano *Rebelde*, que foi exibido pelo SBT, responde a essa definição. Sua trama se desenrola num colégio secundário particular onde são admitidos alguns alunos bolsistas pobres. Tem todos os elementos que fazem parte da cultura *teeny-booper*: moda, amor romântico, ficção. As garotas entravam na Internet para ver os atores e acompanhar os capítulos on-line.

Capítulo 5

TEMPO EM FAMÍLIA

Conjugalidade e parentalidade na experiência temporal juvenil

Amanheci um dia pensando em casar. Foi uma idéia que me veio sem que nenhum rabo de saia a provocasse. Não me ocupo com amôres, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, difícil de governar.

Graciliano Ramos, *San Bernardo*

Casar, ter filhos, descasar, ter filhos de novo, não casar e ter filhos, casar e não ter filhos. As equações são diversas mas o certo é que a maioria dos jovens dos bairros estudados abandona, em algum momento, a “vida de solteiro” para empreender a formação de uma nova família. Os jovens cujas histórias apresento neste capítulo têm em comum o fato de estarem passando por esse processo. Eles não deixaram de ser filhos, e muitas vezes continuam morando sob o mesmo teto que os pais, porém seu papel na família mudou. No capítulo anterior, observamos aspectos dos tempos cotidiano e biográfico de jovens solteiras, submetidas (embora em graus distintos) às hierarquias de geração e gênero em suas famílias de origem. Neste capítulo, o olhar se volta para aqueles que estão construindo suas próprias famílias, e que se situam numa posição de maior poder na hora de estabelecer normas para sua vivência do tempo.

Do ponto de vista social, embora não necessariamente cronológico, os jovens que aqui apresento situam-se no futuro das jovens que descrevi no Capítulo 4. Aquelas habitavam o tempo do sonho. Para estes, pode-se dizer que o futuro já começou. Se as narrativas anteriores remetiam amiúde à fronteira com a infância, as histórias descritas neste capítulo colocam em questão a transição à idade adulta, com todas as ambigüidades que essa passagem comporta nas sociedades contemporâneas, em que os sentidos relativos às várias “etapas da vida” são freqüentemente relativizados e questionados (BASSIT, 2000; DEBERT, 1997; FEIXA, 1998; GALLAND, 2004; MÜLLER, 2008; PAIS, 2003).

As quatro narrativas apresentadas neste capítulo mostram caminhos diversos, e também momentos diferentes, no processo de formação das próprias famílias pelos jovens: uma garota casada¹³⁶ e mãe de um filho; uma outra jovem também casada mas sem filhos ainda; um jovem que está constituindo sua segunda família; e, por fim, uma “mãe solteira”.

¹³⁶ Utilizo o termo “casado” e “união consensual” indistintamente, uma vez que a maioria dos jovens em união se diz “casado”, embora poucos tenham formalizado essa situação.

Essas histórias servem de guia para abordar melhor a esfera do tempo familiar, ou seja, aquelas áreas da experiência temporal que se relacionam com decisões do campo reprodutivo e afetivo, envolvendo a conjugalidade e a parentalidade. É preciso ressaltar que as narrativas escolhidas não esgotam a diversidade de arranjos familiares que encontrei em campo, mas já oferecem uma boa mostra de sua pluralidade.

Um aspecto importante para a compreensão do tempo familiar é o conceito de *timing*, que implica a coincidência, seqüência, coordenação e sincronização dos diversos tempos – individuais, coletivos e sociais (HAREVEN, 1991, p.167; ver também ADAM, 1990) – e também seu oposto, a dessincronização, muito referida na literatura sobre a transição à idade adulta nas sociedades contemporâneas (vide Capítulo 1). Pensar no *timing* das transições implica identificar que idéias os jovens têm a respeito das diversas passagens em suas vidas e o que eles consideram um “tempo certo” para cada evento, aspectos que usualmente remetem à idade cronológica mas, sobretudo, à possibilidade de sincronizar o tempo familiar com outros tempos (trabalho, estudo, necessidades da família de origem). Nas histórias aqui apresentadas, veremos até que ponto as idéias de um “tempo certo” informam o processo de formação de famílias entre esses jovens, e como elas contribuem para sensações de rapidez, lentidão, adequação e inadequação entre eles.

Outra questão relevante para a compreensão do tempo familiar é sua localização na encruzilhada dos tempos público e privado. Como se sabe, a sociedade industrial produziu uma dualidade organizadora da vida dos indivíduos, separando os tempos pessoal e familiar do tempo do trabalho, bem como outorgando a cada uma dessas esferas um valor desigual: “O tempo pessoal e familiar aparece, no plano das representações, como espaço de desejo, de emoções e de aspectos que não só são do domínio das competências dos indivíduos em si, como não contam para o “funcionamento” e organização macro-social” (ARAÚJO, E., 2005a, p.17). Segundo Zerubavel (1981), a separação entre público e privado decorre da não completa superposição dos papéis sociais na vida dos indivíduos, o que permite aos sujeitos o estabelecimento do que o autor chama “nichos de indisponibilidade”, tempos pessoais dos quais é possível afastar as obrigações da esfera pública. Nesse sentido, embora não sejam equivalentes, o tempo familiar e o tempo privado freqüentemente se sobrepõem e até mesmo se confundem. Contudo, existe também um vínculo entre o tempo familiar e o tempo público, que se manifesta pela interferência do Estado na vida familiar e pela dependência da família em relação a este (HAREVEN, 1991; SCOTT, 2004; SEGALLEN, 1999; SINGLY, 2007).

No Brasil, o tão mencionado caráter relacional da sociedade (DAMATTA, 1991) torna especialmente difícil estabelecer diferenciações claras entre tempo privado e tempo público.

Além disso, a literatura sobre grupos populares destaca que as famílias nesses grupos raramente respondem ao modelo nuclear conjugal, que acompanha historicamente o desenvolvimento da esfera privada (entre outros, FONSECA, 2000; SARTI, 1994). Nas narrativas que apresentarei, o tempo familiar tanto nos permite descobrir de que forma os jovens constroem seu tempo privado – à rebeldia, em algumas ocasiões, do tempo familiar – como nos reenvia para a permeabilidade do público e do privado, que transparece sobretudo no entrecruzamento das diversas trajetórias (escolar, profissional, familiar) e na imbricação da família conjugal ou monoparental com as redes mais amplas de parentesco e vizinhança, nem sempre de forma tranqüila.

5.1 LAURA: “A FELICIDADE NÃO MORA EM MEU CORAÇÃO”

Eu digo uma coisa a vocês: a minha vida é difícil. Eu tenho 20 anos agora, mas pra mim a vida tem uns 50 anos porque eu estou vivendo e minha vida não tem sentido, dá vontade de jogar tudo pro alto e sei lá, fazer mil besteiras, mas me pego com Deus, quando eu estou muito deprimida eu me pego com Deus. Eu acho que é minha única saída, é buscando Deus constantemente porque em outro sentido... A felicidade não mora em meu coração.

Laura tinha 20 anos quando a conheci. Morava, com o marido e uma filha pequena, numa “puxada” construída nos fundos da casa da mãe, numa das ruas laterais do Loteamento Santana. Embora o espaço da casa fosse pequeno para as necessidades do casal, o terraço era amplo o suficiente para abrigar um grupo reduzido de convivas. Foi lá que, numa tarde de sábado, em 2002, eu e minha colega, Anne Line Dalsgaard, conversamos com ela e com mais três jovens participantes de um curso de panificação oferecido na sede do Conselho de Moradores do Loteamento, com financiamento do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). Entrecortado pelas falas dos colegas de curso, o relato de Laura se destacava por uma tensa mistura de desespero e esperança.

No meio do caminho... uma gravidez

O evento biográfico destacado na fala dessa jovem é a gravidez, divisor de águas entre um passado que, à luz das dificuldades posteriores, se afigura como uma época alegre e despreocupada, e um presente marcado pela precariedade material e pela falta de perspectivas para o futuro. A gravidez não constitui, para esta jovem, um evento biográfico comum. Ele é um *turning point* (HAREVEN, 1991, p.173), um ponto de virada, que demarca claramente

dois momentos em sua biografia. Os *turning points*, segundo Hareven, “representam avaliações subjetivas de continuidades e descontinuidades sobre o curso de vida [...]. Em alguns casos, os *turning points* são percebidos como mudanças críticas, em outros casos, como recomeços¹³⁷”. Ao longo da entrevista, a importância que Laura dá à gravidez se aproxima mais da idéia de uma mudança crítica do que daquela de recomeço. Seu relato sugere uma representação linear do tempo, articulada a partir da idéia de irreversibilidade. Linearidade não se traduz, entretanto, em continuidade. A gravidez é apresentada como um acontecimento que irrompeu e interrompeu o curso de vida de Laura e de seu marido, ocasionando uma série de mudanças imprevistas e inexoráveis. “Se você faz uma besteira – ela disse – não tem condições de melhorar”. Chama a atenção a compreensão da gravidez como uma “besteira”, idéia que incorpora o senso comum sobre a vida sexual dos jovens, entendida geralmente como uma prática impulsiva e irresponsável. Igualmente, é de se destacar o pessimismo que norteia seu relato biográfico, oferecendo uma visão, a princípio, bastante determinista de seu próprio futuro (“não tem condições de melhorar”).

Os efeitos da “besteira” cometida por Laura e pelo marido podiam ser percebidos em todas as esferas de suas vidas. Antes de engravidar, os jovens curtiam um namoro sem as responsabilidades de adulto. Laura estudava e freqüentava uma igreja evangélica. João, seu então namorado, gostava de jogar futebol em suas horas vagas, que eram muitas. A gravidez pôs fim a esse cotidiano hoje visto como prazeroso. Laura saiu da Igreja porque “adulterou”, ou seja, porque teve relações sexuais antes do casamento com seu namorado, contrariando os preceitos da Igreja. Ela e João foram morar juntos. Logo que a criança nasceu, a jovem abandonou a escola para amamentar. João, por sua vez, encontrou trabalho numa padaria. O que poderia ser um final feliz (casamento, filho, trabalho), é apresentado por Laura como uma sucessão de dificuldades e constrangimentos.

É no trabalho do marido que Laura verte boa parte de suas queixas. Longe de constituir uma referência identitária, o emprego numa padaria em Camargibe é visto pela jovem como uma tarefa enfadonha que subtrai o tempo da vida de João:

Meu esposo é louco por jogar futebol mas fica difícil porque ele trabalha. Ele trabalha de segunda ao sábado, de seis às oito... Eu acho uma exploração o trabalho dele. Ele deixa de viver muitas coisas... Ele ganha muito pouco, ele ganha R\$70,00 por semana, não recebe vale transporte, não recebe vale almoço, não recebe nada, é R\$ 75,00 pra comprar as coisas pra casa, pagar

¹³⁷ A citação inteira é: “*Turning points* are perceptual roadmarks along the life course. They represent the individuals’ subjective assessments of continuities and discontinuities over their life course, especially the impact of special life events on their subsequent life course. In some cases, turning points are perceived as critical changes, in other cases as new beginnings.”

almoço, pagar passagem. Ele trabalha com panificação na padaria e lá ele não faz só uma coisa, ele trabalha com forneiro, como mestre, como auxiliar, ele faz tudo, ele vai pra o balcão, ele trabalha lá dentro e quando termina lá dentro, [o chefe] manda ele ir pra o balcão até oito horas, não tem hora pra largar. Tem vez que ele vai de cinco da madrugada e fica até oito... No feriado ele não tem direito a largar, ele trabalha. Ele gostava muito quando a gente namorava, ele tinha responsabilidade em casa com nada, ele gostava de jogar futebol, passear... Agora ele é como um pai de família só com 22 anos. [...] Tem dia que ele chega com muita vontade de jogar futebol, mas ele chega tão cansado que o cansaço não deixa ele se divertir, e domingo o pessoal chama ele pra jogar bola e ele não vai, a vontade dá mas não há condição física.

Trabalho mal remunerado, pouco especializado (apesar de João ter uma profissão), muitas horas por dia, desgaste físico. O trabalho desse jovem se situa no pólo mais desfavorável da exploração econômica, o que explica a imagem de tempo roubado: “ele deixa de viver muitas coisas”. Para jovens como João, a vida está em outro lugar, no futebol, por exemplo, ou na convivência com Laura e sua filha. Transformações do sentido do trabalho? Essa discussão fica para mais adiante.

Entre a rotina e a renovação

Se o cotidiano de João, após o casamento, se reduz ao tempo do trabalho e à reposição de forças, o dia-a-dia de Laura é descrito, pela jovem, através da categoria de “rotina”. Etimologicamente, rotina vem do francês *route*, “caminho muito freqüentado”. Pelo mecanismo da metáfora, a *route* ou rota virou rotina, ou seja, aqueles caminhos muito freqüentados em nossas vidas, as repetições que estruturam, de algum modo, nosso tempo cotidiano, dando-lhe forma e predictibilidade: “A vida cotidiana tem uma duração, um fluxo, mas não leva a parte nenhuma; o próprio adjetivo “cotidiano” e seus sinônimos indicam que o tempo, neste caso, é constituído apenas em repetição” (GIDDENS, 2003, p.40). No relato de Laura, “rotina” é um termo polissêmico, assumindo sentidos que traduzem valores e expectativas de vida, sobretudo quando contrastado com outras categorias temporais. Em primeiro lugar, “rotina” refere-se às repetições de um cotidiano pautado pelos cuidados com a criança, pelas obrigações domésticas e, recentemente, pelo curso de panificação:

Line: A rotina é o que?

Laura: A minha vida. De segunda a sexta, eu não tenho tempo de sair, tenho ela [a filha] também, aí fica superdifícil. Minha vida assim, dia de segunda, acordo cedo, faço minhas coisas, arrumo minhas coisas, cuidar da minha filha, dar banho, deixar ela prontinha pra minha mãe ficar com ela, aí vou pro curso, aí fico lá até seis, vou jantar, depois da janta venho pra casa ficar com ela,

fazer a janta do meu esposo quando chegar... até no sábado. Sábado dou umas voltinhas por aqui mesmo, não saio e no domingo vou à igreja... sempre assim.

Line: A igreja faz parte da rotina?

Laura: Sempre é uma renovação porque você estar com Deus é sempre uma coisa diferente, sempre é uma coisa interessante.

Dênis: A igreja quebra a rotina, porque quando você vai o pensamento foge, se volta completamente pra Deus, sempre é uma hora de meditação.

Laura: E renovação.

Como pode ser visto no trecho acima, Laura identifica a “rotina” às atividades que marcam seu dia-a-dia de segunda a sexta-feira, contrapondo essa categoria às atividades de final de semana, principalmente à ida à igreja, que é vista como uma “renovação”. Chama a atenção a forma de descrever a rotina, como uma enumeração (“acordo cedo, faço minhas coisas, arrumo minhas coisas, cuidar da minha filha...”), o que indica uma seqüência repetida, mais ou menos automática e equivalente, próxima da idéia de “tempo reversível”¹³⁸ (GIDDENS, 2003, p.40). Embora o curso de panificação (tempo institucional) contribua para a recorrência no cotidiano, é o tempo da reprodução doméstica que mais responde pela sensação de repetição, uma vez que os cuidados com a criança seguem uma seqüência diária rotinizada e muito semelhante de dia para dia. Já a “renovação” constitui uma suspensão do cotidiano, marcada pelo signo do diferente e da transcendência, que repercute no dia-a-dia, dando à jovem força para lidar com suas dificuldades. “Rotina” e “renovação” constituem, desse modo, dois regimes temporais diferentes, embora reciprocamente definidos.

Além de remeter às tarefas habituais de seu dia-a-dia, a “rotina” é, para Laura, uma metáfora ou expressão da exclusão social que sofre. Deste modo, “rotina” traz implícito um sentido negativo, de limitação e tédio, que fica especialmente evidente ao se falar da falta de oportunidades para o lazer que um bairro como o Loteamento de Santana oferece. Tempo e espaço aparecem aqui interligados, se definindo mutuamente:

O problema daqui que eu não gosto porque *sempre vira rotina* porque não tem um lazer, não tem uma pracinha pra você conversar, ficar com os amigos, não tem um lugar pra se divertir. Eu não gosto muito por conta disso. Se minha mãe fosse pra outro lugar, enricar... eu saia daqui, só por causa disso. Eu gosto mais de movimento. (grifo meu)

“Rotina”, nessa segunda acepção, se contrapõe à categoria de “movimento”, e ambas estão ligadas à percepção de que a vida, num lugar como o Loteamento de Santana, é limitada pela ausência de lugares para a sociabilidade. O lazer aparece, aqui, como um valor significativo na visão de mundo dessa jovem mãe. Nesse sentido, a presença ou ausência de

¹³⁸ Giddens, em verdade, se apropria criativamente da idéia de “tempo reversível” utilizada por Lévi-Strauss para descrever o tempo do mito. Retorno a essa questão no Capítulo 7.

equipamentos para o ócio dos moradores seria uma medida do valor social do bairro. Bairros ricos, na percepção de Laura, teriam esses equipamentos e, conseqüentemente, mais movimento. Já lugares como o Loteamento “viram rotina” porque não há o que se fazer. Uma acepção semelhante da categoria “rotina” foi observada na adolescente Nara, que reclamava das poucas opções de lazer quando morava no interior. Deste modo, através da descrição do uso do tempo e das representações subseqüentes, se descortina uma constelação de sentidos que valoriza a variedade e a novidade como importantes fontes de sentido para a existência. A “busca da excitação” (ELIAS; DUNNING, 1996) no cotidiano emerge como uma expectativa legítima para essa geração. Reciprocamente, um cotidiano sacrificado e monótono não possui, aos olhos de Laura, qualquer valor intrínseco – moral, religioso ou de qualquer outra ordem.

A “novidade”, o “movimento”, dependem, por fim, da possibilidade de consumir. Deste modo, a “rotina” é uma categoria que remete à exclusão do universo de consumo, o que se evidencia especialmente aos finais de semana:

Eu não sou feliz. Eu tenho vontade de dar o melhor a minha filha, dar um lazer, sair com ela final de semana, passear, levar ela a um parque, a um zoológico, levar ela a um shopping, e eu não tenho essas condições de dar... por mim, por não fazer eu fico superdeprimida. Tem dia que eu estou na cama que não dá nem vontade de levantar, de enfrentar o dia, porque eu já sei como vais ser o dia... *Uma vida pra ter tranqüilidade tem que estar sempre renovando a vida, sempre buscando coisas novas.* Você tendo... sabendo o que você tem pra fazer durante o dia, você não tem ânimo de fazer (grifo meu).

Reaparece, aqui, o consumo como importante aspiração juvenil, voltado, neste caso, para a convivência familiar, mais precisamente para o divertimento da filha, como corresponde ao forte investimento material e simbólico que se faz nas crianças (FONSECA, 2002) e ao momento de vida que Laura atravessa. Novamente, o shopping é referido como espaço desejado, junto a outros destinos habituais das famílias populares aos finais de semana, parques e zoológicos, espaços abertos ou muito baratos, facilmente acessíveis para quem mora mais perto, ou para quem tem o dinheiro da passagem. Não é esse o caso de Laura. Morando na “periferia da periferia”, com o dinheiro curto e um marido esgotado depois de seis dias de trabalho pesado, Laura raramente frequenta esses lugares. Deste modo, seu final de semana partilha as características da rotina semanal, repetitiva e sem novidades, com o agravante de que esses dias concentram as maiores expectativas de “novidades” (BARBOSA, 1984; FRANCH, 2000).

Uma última idéia é importante para compreender a representação temporal no relato de Laura: a inadequação de seu cotidiano com as representações sobre o que corresponde ao tempo social da juventude. “Eu tenho 20 anos agora, mas pra mim a vida tem uns 50 anos”, disse-nos, logo no início de nossa conversa. E em relação ao marido, Laura afirmou: “Agora ele é como um pai de família, só com 22 anos”. Em ambos os comentários, prevalece uma representação da juventude como uma fase que não comporta as responsabilidades da vida adulta, principalmente aquelas decorrentes de se ter um filho. O abandono da escola, da igreja e a falta de tempo para o lazer são, deste modo, o ônus da “besteira” de engravidar na adolescência. Se a juventude é percebida como um momento de possibilidades e de curtição, a idade adulta é representada, contrariamente, como um caminho árduo e de poucas recompensas (DALSGAARD; FRANCH; SCOTT, 2008). Parafrazeando Lévi-Strauss, poder-se-ia dizer que, para essa jovem, a vida passou da juventude à velhice sem conhecer a maturidade. Crescer é, deste modo, abandonar a inocência da infância, acordar do sonho da juventude, para descobrir que a vida, afinal, nada mais é do que uma entediante rotina, entrecortada aqui e acolá por momentos de renovação, propiciados pela transcendência religiosa.

5.2 NATÁLIA: DIÁRIO DE UMA DONA DE CASA

Aqui a gente tem a chave da gente. É o cantinho da gente.

Quando conversei com Natália, a jovem vivia um dos melhores momentos de sua vida. Depois de cinco anos morando com seu marido Lúcio na casa dos pais, o casal tinha conseguido se mudar para seu “cantinho”: uma casa com sala, quarto, cozinha, banheiro e terraço, construída no terreno da avó. Natália extraía muitas satisfações de sua condição de dona da própria casa, mais ainda depois que ficou grávida, pois a maternidade era um de seus principais objetivos na vida: “Ter um filho é meu sonho!”. Mas chegar até essa situação não lhe fora fácil. Para compreender melhor os usos e representações do tempo de Natália, é preciso traçar, em linhas gerais, sua trajetória de vida, o que farei a partir de dois eventos biográficos destacados em seu relato: o casamento com o atual marido e o estabelecimento do domicílio próprio. Esses dois eventos apareceram nas entrevistas como “momentos fortes” (MAUSS, 1974) ou *turning points* (HARAVEN, 1991), responsáveis por um “antes” e um “depois”, expressivamente demarcados. Começemos pelo casamento.

Rapidez e espera

O casamento de Natália foi “uma coisa rápida, não demorou muito”. Como veremos posteriormente, a idéia do súbito domina as representações de garotos e garotas a respeito desse evento biográfico. “Rápido” e “de repente” são as expressões mais comumente utilizadas pelos jovens quando narram como casaram. No caso específico de Natália, a “rapidez” remete a dois aspectos. De um lado, Natália casou muito jovem, antes dos 16 anos, contrariando as expectativas sociais de prolongamento da juventude cada vez mais expandidas entre os grupos populares. Nesse sentido, “rápido” diz respeito ao *timing* das transições, situando-se na mesma constelação de significados que levava Laura a se sentir com 50 anos de idade. Trata-se de uma percepção crescente de inadequação entre os modos de transição próprios dos grupos populares, marcados pela rápida mudança de status pelo casamento e/ou pela parentalidade, e as representações hegemônicas dessa fase da vida, mais próximas à realidade das camadas médias, embora também presentes nos grupos populares¹³⁹, que põem ênfase no caráter preparatório da juventude, a partir do investimento educativo (CABRAL; HEILBORN, 2005; HEILBORN, 2006; DALSGARD; FRANCH; SCOTT, 2008). Por outro lado, o casamento foi “rápido” porque precedido por um namoro muito curto, de apenas um mês, de acordo com os cálculos da jovem. Depois desse breve romance, Natália e Lúcio mantiveram relações sexuais, fato que redundou em seu casamento.

O casal não realizou um casamento oficial ou religioso (“de véu e grinalda”), mas nem por isso deixaram de formalizar sua mudança de status. Lúcio foi até a casa dos pais de Natália e comunicou que eles agora eram marido e mulher. Em seguida, Natália e seu marido convidaram os respectivos familiares para um almoço de domingo no terreno da família da garota, onde o casamento foi novamente anunciado e celebrado. Foi uma festa bonita, em que as famílias se conheceram e eles ganharam presentes para sua vida em comum. Depois disso, o jovem casal se estabeleceu na casa dos pais de Natália, onde morariam durante os anos seguintes a esses eventos.

Apesar da “rapidez” com que tudo aconteceu, houve um intervalo entre a primeira relação sexual do casal e o anúncio aos pais de Natália. Cronologicamente, pode-se dizer que foi um breve período, de apenas uma semana. Entretanto, esse tempo foi subjetivamente vivido por Natália como uma espera interminável e tensa, dominada pela angústia de não saber qual o desfecho do passo que ela resolvera dar na vida:

¹³⁹ O caso de Mara, no Capítulo 4, é um exemplo disso.

Mónica: Tu já tinhas namorado muito antes?

Natália: Já, eu era muito namorada, mas me entreguei só pra ele.

Mónica - E por que tu te entregaste para ele?

Natália: E eu sei! Sei lá, acho que me senti mais segura, porque tem namorado que a gente já conhece logo que não presta, que não vai assumir nada, e tem outros que a gente sabe que vai assumir... Pelo jeito, eu tinha certeza que ele ia assumir, por isso que eu fiz.

Mónica: Vocês falavam disso antes? Se um dia eu me entregar a você...

Natália: A gente conversava. Ele dizia que ia assumir, que não porque ele era novo não ia me assumir. Eu dizia “rapaz se não for...” Eu ficava com medo, com um pé na frente e outro atrás. E até mesmo depois que eu me perdi com ele, ele... foi no mês, a gente passou uma semana sem se ver. Depois que eu tinha me entregado para ele, passou uma semana sem se ver porque ele tinha ido pro quartel, passou uma semana sem me ver... Menina! Eu pensei que ele tinha me abandonado. Fiquei com medo, chorava dia e noite, porque tinha feito o que fez e tinha ido embora. Mas não. Aí ele ligou pra mim, não, eu fui na casa da mãe dele, aí a mãe dele disse que ele tinha ido pro quartel, que não deu pra ele se comunicar comigo antes. Aí eu “tá bem”... Aí eu peguei, não liguei. Aí passou um tempo e depois de uma semana ele voltou, veio do quartel, o carro do quartel parou aí de frente de casa, quando eu vejo, ele! Eu chega fiquei aliviada, chega eu tirei um peso da minha consciência. Aí ele conversou com meus pais, disse que não veio porque tava no quartel, que não tinha me abandonado, que ia ficar comigo.

A riqueza de detalhes do trecho acima é reveladora dos significados postos em jogo nesse momento da vida de Natália, definidores de um regime de temporalidade dominado pela espera. Tratava-se da primeira transa da jovem. E apesar de todas as mudanças no terreno dos valores e comportamentos sexuais no Brasil nas últimas décadas a primeira relação sexual ainda possui uma carga simbólica e social diferente para homens e mulheres, sobretudo nos grupos populares. Para os rapazes, a iniciação sexual não passa de “uma obrigação social e ‘técnica’” (BOZON; HEILBORN, 2006, p.200), podendo muito bem prescindir do compromisso com a parceira. Já para elas, trata-se de “um momento dentro do processo mais lento de construção de um primeiro relacionamento estável (ou conjugal)” (BOZON; HEILBORN, 2006, p.200).

Existe um vocabulário específico para definir a iniciação sexual feminina, que não encontra paralelo na experiência masculina. Natália faz uso desse vocabulário ao longo de sua entrevista: “quando eu me perdi”, “quando eu me entreguei a ele”, “quando fui mulher dele”. Como se vê, a primeira transa estabelece um marco biográfico (“quando”), definidor de um antes e um depois. Entretanto, diferentemente dos relatos de outras jovens, esse evento é subsumido por um outro, o casamento, escolhido por Natália para articular sua biografia. Isso somente é possível porque a estratégia matrimonial da jovem foi bem sucedida. Em outros

casos, a perda da virgindade torna-se o evento biográfico principal para a definição da mudança de status.

Ainda em relação ao vocabulário da primeira transa, é interessante perceber que tanto diz respeito ao valor pessoal – como na expressão “eu me perdi”, em que a virgindade, aquilo que é “perdido”, transforma-se metonimicamente no eu – como à criação de um laço com o outro – “eu me entreguei”, “eu fui mulher dele¹⁴⁰”. Embora as relações sexuais costumem estabelecer vínculos entre as pessoas, o laço criado pela primeira relação sexual parece ser insubstituível. A garota “se entrega” e o rapaz passa a ser o “dono” dela. Estamos dentro de um script sexual de caráter tradicional¹⁴¹, em que a primeira relação não é percebida em termos de experimentação ou de busca de prazer sexual, mas como um momento crucial na trajetória das mulheres, definidor das possibilidades presentes e futuras no mercado matrimonial. Algumas têm a “sorte” de que o primeiro namorado as assuma, enquanto outras “se perdem” e não conseguem um casamento. É isso, no mínimo, o que Natália pensa: “Tem umas que se perde e não se casam não, mas tem umas que tem a sorte que se perde e casa, e tem uns que fazem e não querem assumir, não, deixa pra lá”.

Agora estamos em condições de melhor perceber o caráter angustiante da espera de Natália. Uma semana é um tempo muito longo quando está em jogo a definição de si. A narrativa, nesse ponto, ganha densidade. Natália descreve seus sentimentos e ações, fazendo-nos penetrar numa temporalidade específica, marcada pela lenta passagem dos dias, na espera de um acontecimento que defina sua situação. Trata-se de um período de liminaridade, uma terra pantanosa de indefinição social e subjetiva para Natália que, de repente, sente-se sem garantias para a passagem a sua condição desejada, de mulher casada. Nesse período, chegou a cogitar ir embora para o Rio de Janeiro, caso o namorado não voltasse para assumi-la. Mas, como num conto de fadas contemporâneo, finalmente ele voltou, se não montado num cavalo branco, ao menos numa versão moderna da cavalgadura romântica: o carro do quartel. A metáfora não é casual. Permito-me acrescentar mais um trecho da entrevista para mostrar de que modo a narrativa da jovem se assemelha à estrutura do conto – diferentemente de Laura, com um final feliz:

Natália: Aí ele veio, parou o carro do quartel, veio até fardado e tudo, aí veio um colega dele que é Major e disse que tava no quartel, que não deu tempo

¹⁴⁰ Richard Parker (1991) ressalta a constelação de sentidos morais que se elaboram, no Brasil, para a iniciação sexual das mulheres – queda, perda, pecado.

¹⁴¹ Com todas as ressalvas que essa palavra merece. Utilizo-a aqui para expressar a divisão entre uma perspectiva relacional do sexo para as mulheres (sexo como prova de amor, a serviço da relação) e uma outra individualista para os homens (sexo como prazer pessoal). Ver Bozon e Heilborn (2006) e Duarte (1988).

[...] Fiquei com muito medo, pensei que ele tinha me abandonado, eu ficava pensando: “meu Deus, será que Lúcio foi embora e me abandonou?” Eu fiquei com medo, ele novo, com 17 anos...

Mónica: Como teria sido se ele não tivesse voltado?

Natália: Eu acho que eu tava lá pelo Rio, na casa da minha tia, ia pro Rio. Se ele não viesse assumir, eu ia pro Rio, terminava meus estudos lá e vivia por lá, ta entendendo. [...] Aí quando eu vi ele, chegou no sábado, justamente no sábado que é o dia que eu mais gosto, ai ele chegou, aí falou, todinho, com painho, ai a gente ficou junto.

Tempo de espera. Na experiência de Natália parecem ecoar, suavizadas, palavras escritas há muito tempo por Simone de Beauvoir (1980, p.66), ao refletir sobre a adolescência feminina: “Já desligada de seu passado de criança, o presente só se lhe apresenta como uma transição; ela não descobre nele nenhum fim válido, tão somente ocupações. De uma maneira mais ou menos velada, sua juventude consome-se na espera. Ela aguarda o Homem”. E quando o Homem chega, toda a vida se transforma.

Um tempo de rupturas

Após o casamento, Natália volta-se a um trabalho ativo de construção de seu novo ser social: “quando a pessoa é solteira é uma coisa, e quando é casada já é totalmente diferente”. Parte desse trabalho acontece para os outros. É hora de dar um novo caráter às relações de amizade e ao relacionamento com a família. Mas trata-se também de um trabalho interno, uma mudança que Natália expressa a partir da idéia de amadurecimento:

Depois que eu me casei, eu me dediquei mais ao estudo, porque quando eu não era casada, eu era mais menina, sabe, meu negócio era brincar, jogar bola no meio da rua, que eu adorava, brincar assim de pega se esconder, eu era assim, mais moleque. Aí depois que eu me casei amadureci mais. Eu me vejo assim, me vejo um pouco mais amadurecida, sabe.

No que diz respeito ao tempo cotidiano, ajustes são necessários para que todas as atividades fiquem a serviço do principal locus de nova identidade da mulher casada: a domesticidade (DUARTE, 1988). Mesmo morando na casa dos pais, Natália muda o horário da escola, de forma a deixar as manhãs livres para o serviço doméstico. Outras atividades, como cursos profissionalizantes, são igualmente negociadas a partir da prioridade da atenção à casa. A mudança mais significativa, contudo, parece operar-se na esfera do tempo livre. A partir do casamento, Natália limita suas atividades de lazer às saídas com Lúcio, evitando participar de encontros juvenis onde sua presença poderia ser mal interpretada:

... quando eu era solteira eu tinha muitos amigos, pra falar a verdade eu tinha mais amigo rapazes do que moças, aí mudou um pouquinho, aliás, mudou e mudou muito, porque não é como antes, porque quando era antes, já como eu não podia sair, painho não deixava eu sair, os meninos tinham que vir pra casa, aí ficava aqui brincando, tomando uma cervejinha, fazendo pagode [...]. Mas agora não posso mais porque eu estou casada, isso não é certo, pelo menos eu não acho certo uma mulher casada estar no meio de um bocado de homem bebendo e dançando, aí eu mudei, falei com os meninos que não dava mais que eu era uma menina casada, eu tinha que por a minha cabeça no lugar, aí pronto.

Natália diz sentir saudades desses encontros, embora a falta seja compensada pelos benefícios do casamento: “Sentir falta eu sinto, eu sinto falta da baderna, mas é bom a pessoa casada, ter alguém ao lado, que respeite [...] alguém que goste da gente, que valorize”. Poderíamos discorrer mais sobre o ideal do amor romântico entre as garotas, ou sobre a necessidade de reconhecimento de todo ser humano, mas isso pouco explicaria do *timing* desses eventos na vida da jovem. Por ora, basta percebermos que, diferentemente do que acontece com muitas outras garotas, a mudança na vida de Natália pode ter sido menos drástica do que parece. Por ser a mais velha de três irmãs, ela foi também a mais submetida ao controle paterno. Enquanto suas colegas de escola e até suas irmãs mais novas iam a festas, saíam à noite, passavam o dia fora, se relacionando com outros jovens sem a vigilância de adultos, Natália sofria inúmeras restrições nessas atividades. O excesso de controle é, inclusive, um dos motivos aduzidos pela jovem para justificar o fato de ter casado tão nova: “eu acho que me casei mais por causa dele [de meu pai], porque ele pegava no meu pé”.

Ao casar com Lúcio, Natália sentiu que ganhava autonomia e liberdade. Restringir os próprios movimentos e a rede de relações sociais não foi vivido, pela jovem, como uma mutilação dessa liberdade. Trata-se de um sacrifício auto-imposto visando obter os benefícios simbólicos da mulher casada, bem como uma forma de fortalecer sua posição nas negociações cotidianas com o marido, pois como ela própria disse: “se eu não fizer, não tenho como depois cobrar dele”.

O “tempo a dois” e o “tempo para si”

O segundo evento biográfico que estrutura a narrativa de Natália é a mudança para a própria casa. Além da sua data de aniversário, este é o único acontecimento situado de forma precisa no calendário: “eu vim em dezembro do ano passado. Foi dia de Nossa Senhora, 8 de

dezembro de 2001”. Estabelecer-se na própria casa inaugura o tempo presente de Natália, junto com outro evento biográfico muito significativo, mas ainda incipiente na experiência da jovem: a gravidez. Em nossa segunda entrevista, logo após informar seu nome e sua idade, é assim que Natália fala sobre si¹⁴²:

Sou casada há cinco anos, vou ter um neném que vai fazer dois meses, o mês que vem faço dois meses, e cuido da minha casa, independente, durmo na minha casa, assim, sou independente, eu não moro assim... eu não dependo dos meus pais, tá entendendo, vivo aqui e pronto, eu e meu marido, ele trabalha e eu não, faço curso e vou pro colégio, sabe?

A nova temporalidade na vida de Natália articula-se, principalmente, a partir do projeto de família conjugal e, num segundo plano, da vivência da individualidade. Dito de outro modo, a casa propicia tanto um “tempo a dois” (e, em breve, a três) como um “tempo para si¹⁴³”. Até certo ponto, apesar dos cinco anos de convivência com o marido, é somente após se estabelecer em sua própria casa que Natália concretiza seu ideal conjugal. Independência, privacidade, intimidade e comunicação são os termos escolhidos por Natália para definir este momento:

Mónica: Qual a diferença de morar lá [na casa dos pais] e morar aqui?

Natália: Morar lá foi bom porque a gente passou um tempo lá e morar aqui é melhor ainda porque aqui tem mais *privacidade*, a gente fica mais assim *à vontade, somente eu e ele mesmo* praticamente até agora, sei lá, a gente tem mais *intimidade* um com o outro, é mais melhor, mais calmo, somente a dois, e lá é um pouquinho difícil a gente viver lá porque é muita gente, é movimentado, aí a gente mudou pra cá, aí ficou... *se comunica* mais um com o outro, tá entendendo, é melhor, pelo menos aqui a gente está no nosso cantinho, lá é ruim porque a gente fica com maíña. (grifos meus)

No terreno dos valores, estamos diante daquilo que François de Singly (2007) designa como o ideário da família conjugal moderna, em que a qualidade das relações entre seus membros torna-se mais importante do que os laços com redes familiares mais extensas. Vê-se que as vantagens de morar na própria casa, para Natália, decorrem da possibilidade de poder voltar-se para a relação conjugal, reservando um espaço “privado”, “íntimo” para a mesma, que não seria invadido pelas demandas de outros familiares. Nesse “tempo a dois”, o casal “se comunica” mais, superando assim eventuais dificuldades que possam pôr em risco o relacionamento. Natália contrapõe a “calma” do seu “cantinho” ao “movimento” da casa da

¹⁴² A pergunta era bastante aberta, embora pedia explicitamente a idade: “Fale seu nome, sua idade, e um pouco de onde nasceu, e onde você foi criada, a sua história...”

¹⁴³ A expressão “temps à soi” é de Helga Nowotny (1989) e é tomada aqui livremente, pois o autor não a identifica com o tempo privado e sim com a autogestão do tempo, cada vez mais comum nas sociedades contemporâneas.

mãe, com o entra-e-sai de crianças e adultos, que dificultaria encontrar um tempo específico para a conjugalidade.

A ênfase na família conjugal é um aspecto interessante para se pensar, uma vez que é freqüente a compreensão de que, nos grupos populares, a família apenas se concebe como rede e não como um núcleo independente, privado e íntimo, conforme o desejo de Natália. Pode-se argumentar que a independência do casal é mais simbólica do que material. O terreno onde Lúcio e Natália construíram sua casa pertence à avó da garota, e fica situado num sítio onde também moram os pais, tios e primos de Natália. Ao todo, são sete casas de parentes com os quais é possível contar quando há uma dificuldade, bem como se divertir, sempre que há algo a comemorar. Apesar dessa interdependência, Natália experimentou uma mudança qualitativa em seu tempo quando finalmente conseguiu se instalar em seu novo espaço conjugal. Diminuiu o ônus das tarefas domésticas, uma vez que na casa da mãe havia sempre a presença de crianças que “bagunçavam” aquilo que ela cuidadosamente havia arrumado. Sozinha, ela consegue organizar melhor seu dia-a-dia, tendo como recompensa um espaço sempre arrumado e limpo e, sobretudo, uma maior disponibilidade de tempo para si:

Na casa de mãe eu tinha que fazer tudo direitinho, tudo nos mínimos detalhes. Aqui é bom porque eu faço o serviço, somente eu e ele, fica tudo limpinho, faço de uma vez só, somente dois adultos, não tem criança nem nada, e na casa de mainha tinha que fazer de instante em instante por causa dos meninos, meus primos que ia pra lá e ficava bagunçando tudo, as minhas irmã, a caçula mesmo não pode ter um quarto arrumadinho porque tira a coisa de um canto e bota noutra, e fica aquela desarrumação, e aqui não, aqui é bom somente eu e ele, dois adultos, fica tudo no canto, limpinho. Aqui eu não preciso arrumar muito, somente dia de sábado que eu faço faxina, só faxina mesmo. Durante a semana eu fico mais só, ele só tá em casa durante a noite, lá pras sete, sete e meia, oito horas. Eu fico mais só, arrumo as coisas, faço almoço, almoço, tomo banho e vou pro curso, a porta fica fechada, fica tudo limpo.

Quando moravam com os pais de Natália, os jovens também não tinham autonomia nos horários de entrada e saída, pois somente havia uma chave na casa que ficava sempre com a mãe da garota. Deste modo, embora os pais não proibissem ao casal de sair à noite, eles sentiam-se constrangidos em fazê-lo: “Eles não falavam, mas a gente compreendia porque atrapalhava, pra estar se acordando pra estar abrindo a porta...” Ter a chave de casa passa a ser um símbolo do novo momento na vida, da conquista desse espaço para si, em que podem exercer o pleno domínio de seu tempo: “Aqui a gente tem a chave da gente. É o cantinho da gente”.

Em síntese, se o casamento propiciou a Natália o sentimento de maturidade, a casa lhe deu “independência”. Essa independência, entretanto, não pode ser entendida num sentido

restrito, pois Natália não tem auto-suficiência financeira e também porque as decisões a respeito de diversos aspectos de sua vida, como o estudo, dependem de negociações com seu marido. Independência refere-se, portanto, à auto-regulação em relação aos pais, e não a uma categoria abstrata centrada no indivíduo. Nesse sentido, o relato de Natália mostra como a passagem para a vida adulta, ou para a “independência”, é diferente para homens e mulheres, para solteiros e para casados. No caso específico das jovens casadas, estar até certo ponto submetidas à autoridade do marido pode ser mais ou menos bem aceito, mas é, certamente, uma situação dada, dentro de cujo marco pode-se falar em independência sem incorrer em engano. Já depender dos pais, morar sob o mesmo teto deles, é visto como uma situação intermediária, necessária porém passageira, em direção ao estado definitivo, propiciado pela nova casa. Existiria, nesse sentido, um *timing* específico para tais passagens (“ficar muito tempo na casa de mãe é muito ruim”), embora nem sempre seja possível sair no tempo considerado adequado para isso.

Por fim, a casa é o espaço onde Natália constrói também um “tempo para si”, longe não apenas dos pais, mas também do marido, dedicada a atividades que exigem solidão e concentração. Esta última temporalidade doméstica, embora sugerida em vários momentos da entrevista, é especialmente destacada quando a jovem fala sobre sua trajetória escolar:

Mónica: Agora que você está estudando, você sente diferença do tempo em que você estudava quando morava na casa de sua mãe e agora você que está estudando aqui?

Natália: Sinto um pouco de diferença, que pelo menos aqui eu fico mais concentrada, sabe, eu sozinha, já lá é um pouquinho dificultoso de estudar por causa da zoada, a casa muito movimentada, muita gente, tinha muita dificuldade, aqui não, aqui já é melhor, é mais calmo, dá pra gente raciocinar mais melhor, dá pra estudar bem melhor. Até durante a noite mesmo eu fico aqui sozinha estudando. Eu gosto muito de ler, meus livros, eu só vivo lendo.

Mónica: Que livros? [Levanta para mostrar]

Natália: Dicionário, tenho meus livros do colégio, esses livros da escola que eu gosto de ler também, revistinha, essas coisas. Tenho um caderninho aí que eu fico escrevendo. Eu gosto de escrever pensamentos, eu escrevo.

Mónica: Pensamentos que tu tens ou de outras pessoas?

Natália: Os meus mesmo... “Hoje eu fiz isso, fiz aquilo”, fui pra aquele canto, fui pro outro... que nem um diário. Sempre escrevo, quando é à noite eu escrevo o que aconteceu comigo durante o dia, o que passou, o que está passando, o que melhorou, o que piorou. Até mesmo no caderno do colégio eu fico escrevendo lá quando tem aula vaga, pego uma folha e fico escrevendo.

Embora o “tempo para si” possa ser incorporado em qualquer atividade, como quando a jovem faz seus escritos individuais em horário escolar, o espaço da casa propicia o surgimento de uma esfera de reflexividade, em que Natália se entrega a seus próprios

pensamentos e os registra em seu diário. A existência dessa individualidade tão íntima na era dos *blogs* não deixa de ser um fato curioso, que mereceria uma atenção maior. Neste ponto, o que interessa destacar é a junção, no espaço doméstico, de um tempo conjugal e um tempo individual, contribuindo para criar a sensação de presente, de momento único, na vida de Natália.

Ao despedirmos, a jovem nos mostrou toda sua casa, se desculpando pela falta de mobília, que maculava, de algum modo, a imagem que queria nos oferecer de seu aconchegante lar. Somente então ficamos sabendo que Lúcio, depois de uma briga por ciúme, tinha se mudado para a casa da mãe, levando consigo boa parte dos móveis. Lúcio e Natália já haviam se reconciliado, mas os móveis ainda demorariam a voltar. À primeira vista, essa informação parecia desmentir todo o esforço do relato de Natália, uma apresentação de si norteada pelo comprometimento com sua vida a dois. Olhando toda a situação mais de perto, no entanto, a narrativa de Natália ganha ainda mais força, pois diz respeito à vontade de afirmação de seus ideais de conjugalidade, mesmo quando a vida não é nem tão linear, nem tão controlável.

5.3 ARNALDO: ADULTO AOS 14 ANOS

Eu já venho de constituir família não é de agora, é desde meus 14, 15 anos que eu já estava nessa vida de constituir família.

O caso de Arnaldo convida a refletir sobre dois aspectos da experiência do tempo: de um lado, a interdependência entre a situação familiar e as diversas fases do ciclo da vida; de outro lado, a possibilidade ou impossibilidade de projetar-se no futuro a partir de diversas condições de inserção na esfera da cidadania, mais precisamente no mercado formal de trabalho. No primeiro relato masculino deste capítulo, deslocam-se ligeiramente os referenciais, com a introdução do trabalho na compreensão do amadurecimento social e pessoal, mas mantêm-se as mudanças na situação familiar como os eventos biográficos mais significativos na linha do tempo individual. Reaparecem os valores individualistas encontrados em Natália embora com características próprias decorrentes de uma diferente posição de gênero. Vejamos como esses elementos se articulam em nosso novo personagem.

Tornar-se adulto: família e trabalho

Quando conversamos¹⁴⁴ com ele, Arnaldo tinha 22 anos de idade mas já andava pelo segundo casamento. Tudo em sua aparência indicava que estávamos diante de um homem feito: nenhum adereço propriamente juvenil, fala serena, segura, confiante, postura aberta embora séria, sem recorrer a brincadeiras fáceis na sua interação conosco. A entrevista ocorreu na escada de acesso a sua minúscula casa, um vão com subdivisões situado num dos becos da “invasão¹⁴⁵”. Arnaldo estava acompanhado da sua esposa, Camila, e do filho do casal, de dois anos e alguns meses de idade, mas foi ele quem liderou toda a conversa. Somente perto do término da entrevista descobrimos que aquela era a sua segunda família. Não à toa, essa informação nos foi revelada em resposta a uma questão sobre sua idade social:

Mónica: Outra coisa que a gente está perguntando na pesquisa é como a pessoa se sente em relação à idade. Se se sente jovem, se sente adulto, ou se sente adolescente, eu queria saber um pouco como vocês se sentem e desde quando.

Arnaldo: Da minha parte eu me sinto jovem na idade. Na mentalidade, pra mim eu sou um cara muito maduro, eu já venho de constituir família não é de agora, é desde meus 14 anos, 15 anos que eu já estava nessa vida já de constituir família, já, aí sou um cara bem mais...

Mónica: Tu estás nessa vida de que, desculpa, que eu não entendi... desde os 14 anos?

Arnaldo: Que eu moro no meu lugar já... eu tenho outro filho... ela é minha segunda esposa.

Como muitos outros jovens, Arnaldo identifica a idade adulta com a responsabilidade de formar uma família. O termo nativo para essa fase é o de “maturidade”, também presente no relato de Natália. Para Arnaldo, a maturidade é um processo que se dá na “mentalidade” de cada um, uma vez que não decorre apenas do fato de casar e de ter um filho (o que seria uma atribuição automática) mas principalmente da atitude em relação a essas situações. Assim, amadurecer é um processo consciente, fruto de uma escolha individual. O conteúdo dessa escolha, contudo, permanece informado por expectativas sociais claramente definidas e diferenciadas por gênero: cabe aos homens trazer dinheiro para dentro de casa de forma honesta, enquanto recai sobre as mulheres a responsabilidade pelas tarefas domésticas e pelo cuidado com os filhos. Tornar-se adulto, desse modo, consiste em identificar-se subjetivamente com um papel social dentro da família – o do pai provedor – mas também em

¹⁴⁴ Entrevista realizada com Kate Gough.

¹⁴⁵ A “favela” ou “invasão” é uma área que pertencia à Chesf e era usada por alguns moradores como horta. Em 1996, foi organizada uma invasão para acomodar famílias que estavam precisando de uma moradia independente, como é o caso de Arnaldo e Cleide. Aproximadamente cem pessoas moram hoje na área. A posse das terras está em tramitação. Ver Capítulo 3.

diferenciar-se de outros homens que ganham dinheiro com práticas moralmente condenadas e muitas vezes ilegais, como o roubo ou o tráfico de drogas. Essa dupla identificação – como pai e como trabalhador – está no cerne da condição adulta masculina para Arnaldo.

Embora complementares, as formas feminina e masculina de tornar-se adulto não são plenamente simétricas, pois só o homem alcança o pleno amadurecimento, restando à mulher uma espécie de maturidade tutelada, incompleta. Essa hierarquia transparece na fala de Arnaldo mas também na de Camila, que se sente muito jovem, apesar de ser apenas dois anos mais nova do que o esposo. O principal agente da diferença no quesito maturidade é o trabalho. Aqui o relato de Arnaldo diferencia-se claramente das narrativas das mulheres casadas analisadas até aqui. O acúmulo de experiências profissionais, mais ou menos bem sucedidas, faz parte da construção da identidade social desse jovem:

Mónica: Você trabalhava com o quê, antes de ficar desempregado?

Arnaldo: Eu trabalhava com construção civil, mas eu tenho muita profissão, eu não trabalho só nisso não, está difícil trabalho, né?

Mónica: Está difícil.

Arnaldo: Sou bombeiro, tenho diploma, tenho carta de apresentação...

Mónica: Bombeiro, assim, de apagar fogo?

Arnaldo: Não, bombeiro de manutenção em posto de gasolina. Já trabalhei também como office-boy na Fundac, trabalhei quase dois anos na Fundac, era aprendiz, tinha uns 15 anos, tem muita coisa na carteira, mas emprego está difícil...

Mónica: Mas tu tens carteira já assinada?

Arnaldo: Assinada, tenho, tenho.

Mónica: Então isso já melhora, porque quando a pessoa não tem...

Arnaldo: Com certeza. Eu tenho muito conhecimento, eu não fico muito tempo parado, não. Também não quero trabalhar agora porque tenho o meu seguro pra receber, aí vou pegar trabalho agora clandestino até acabar o seguro que eu não vou deixar pro governo não.

Como o trecho acima sugere, o trabalho é um vetor fundamental na construção da identidade de Arnaldo. Porém não se trata de uma identidade exclusiva, com uma única profissão que permitiria ao jovem desenvolver um sentido de continuidade para suas experiências. De fato, seus diversos trabalhos são enumerados de forma a mostrar versatilidade, uma estratégia para fazer frente às demandas de um mercado que exige muita maleabilidade aos jovens pouco qualificados como ele. Nesse sentido, o trabalho não é importante pelo que representa enquanto realização, crescimento pessoal ou identidade profissional. Dificilmente poderia sê-lo, sob essas circunstâncias. O trabalho é significativo pelo fato de ser o meio através do qual um homem responsável assume seu lugar à frente da família que formou. É o papel de provedor, e não o trabalho em si, o que possibilita o senso de continuidade biográfica, diante da descontinuidade das experiências profissionais. No caso

de Arnaldo, ainda, o senso de continuidade é facilitado pelo fato de estar inserido no setor formal da economia. Mesmo insuficiente para suas necessidades, o auxílio de desemprego funciona como um anteparo nos momentos de dificuldade, dando ao jovem uma maior possibilidade de controle sobre sua vida e, como veremos logo mais, de projeção futura¹⁴⁶.

Tornar-se um pai de família não deve ter sido uma tarefa fácil para um garoto de 14 anos. Trabalhando, Arnaldo adquiriu experiências que são desconhecidas para quem fica em casa, enfrentou sofrimentos e realizou conquistas que o transformaram em uma outra pessoa. Como ele próprio diz, trata-se de uma outra vida, a vida de constituir família. Por isso, o trabalho não se atrela a uma individualidade *stricto sensu*, corporificada num sujeito isolado. Antes, trata-se de uma individualidade que somente se concebe no entorno familiar, a partir de uma identidade posicional e de gênero. É essa identidade posicional que dá sentido também à categoria de independência:

Arnaldo: Eu sempre trabalhei pra me manter e manter minha família, desde pequenininho, eu fui sempre independente.

Mônica: Sempre foi, né. [a Camila] E tu?

Arnaldo: Essa aí sempre foi dependente [risos].

Camila: Eu dependia de minha mãe pra tudo. Ela não deixava a gente trabalhar, nem eu, nem Maria e nem a outra de lá, ela nunca deixou nem paíño. Sempre eles dois trabalharam pra sustentar a gente.

Arnaldo: É a santa mãe, a mãe dela.

Mônica: Tem a ver com o trabalho, essa coisa? Quem trabalha amadurece mais rápido ou como é?

Arnaldo: Não é nem a questão de trabalho, é a questão de ter responsabilidade mesmo, entendeu, porque você tem que arrumar pra botar dentro de casa, sem falar de outros modos, né, do modo sempre correto, a obrigação de manter, né. A mãe dela sempre ajuda quando a gente está passando um momento muito difícil, a mãe dela sempre ajuda.

Independência *versus* dependência organizam as representações de gênero nesse casal a partir do eixo interioridade/ exterioridade (DUARTE, 1988), a esposa mantendo-se ligada à família e à domesticidade enquanto o esposo faz a mediação com o espaço da rua. Em Arnaldo, como em Natália, o presente é um momento de independência, e a independência é uma categoria constitutiva da maturidade dos sujeitos. Interessante que quando mudamos de perspectiva, de Natália para Arnaldo, a independência deixa de ser sinônimo de autodeterminação e assume seu sentido mais utilizado, o de autonomia financeira. Ser independente, para Arnaldo, equivale a conseguir as bases materiais para si e para sua família, embora esporadicamente um recurso a terceiros seja necessário. Vejamos agora de que forma

¹⁴⁶ Cabe salientar que o que se apresenta, na narrativa, como uma estratégia de ação (trabalho, desemprego remunerado, trabalho) pode ser apenas uma forma de mascarar ou minimizar o fato de estar desempregado (FONSECA, 2004). As experiências de trabalho serão melhor detalhadas no próximo capítulo.

essa independência foi sendo conquistada por Arnaldo, e quais as representações temporais que se depreende de seu relato.

Presente, passado e futuro: o difícil equilíbrio entre querer e poder

Em parte devido ao próprio contexto da entrevista, o casamento aparece no relato de Arnaldo como um dos eventos biográficos mais significativos. A vida de solteiro, de modo semelhante a outras narrativas, é descrita como uma existência lúdica e despreocupada – “quando eu era mais novo era se divertir, brincar, essas coisas”. Mas não parece existir nostalgia desse momento. Antes, casar, ter filhos, aparecem como o curso natural da existência, não sendo objeto de problematização por parte desse jovem. Pouco sabemos de sua primeira família, mas a descrição do casamento com Camila incorre na mesma tipologia do súbito observada em outros relatos – “de repente aconteceu... foi rápido demais”. Trata-se de uma idéia interessante pois desresponsabiliza os jovens desse ato, como se a vida tivesse estranhos ritmos que se impõem às pessoas sem que elas nada possam fazer a esse respeito. Na prática, como vimos no caso de Natália, a temporalidade “de repente” é composta de escolhas, negociações e também acidentes que desvirtuam, até certo ponto, a noção de “rapidez” presente nas narrativas. Entretanto, esse tipo de casamento ganha seu sentido quando contraposto a outro modelo, o do casamento “planejado”, que veremos posteriormente, em que o casal procura estabelecer as condições para sua vivência conjunta antes de começar a viver junto. No casamento “de repente” essas condições não são dadas a princípio mas precisam ainda ser construídas.

Sem poder levar uma vida “independente”, Camila e Arnaldo se instalaram provisoriamente na casa dos pais da garota. Abro aqui um pequeno parêntese para apresentar Camila e sua família. Membros ativos da comunidade evangélica (ou “crente”) do Vietnã, os pais de Camila moram numa casa simples, mas bastante espaçosa, situada numa das principais ruas do bairro. Camila é a filha do meio de três irmãs que seguiram estratégias diferentes na conquista de um espaço para suas respectivas famílias de procriação. Maria, a mais velha, morava, à época da entrevista, junto com o marido e os dois filhos na casa dos pais dela. De certo modo, parecia ter sido escolhida como herdeira em vida, e não manifestava intenção de procurar um espaço próprio. A relação familiar era bastante harmônica, uma vez que Maria e o marido também professavam a fé evangélica. Quanto à caçula, Alexandra, era um caso típico daquilo que a literatura denomina “circulação de crianças” (FONSECA, 2002) pois desde os onze anos, aproximadamente, começara a viver em casas de amigas, às vezes em

troca de serviços domésticos, para fugir de uma relação conflituosa com o pai. Recentemente, havia se mudado para a casa da sogra, onde morava com seu jovem marido e seu bebê. A situação não era muito tranquila, uma vez que a sogra de Alexandra não gostava dela, mas o casal contava com o apoio da avó dele que, afinal, era a proprietária da casa.

Já Camila ocupava, em tudo, um lugar intermediário. Não tão submissa como Maria nem rebelde como Alexandra, foi a partir do casamento com Arnaldo que a jovem pensou em sair da casa dos pais para se instalar em seu próprio espaço. A oportunidade se apresentou quando um grupo de moradores começou a organizar uma invasão dentro do Vietnã. Arnaldo não se encontrava na comunidade no dia em que a invasão ocorreu, perdendo a chance de pegar um bom terreno, mas conseguiu negociar metade da parcela que sua irmã ocupou. Ali construiu um pequeno casebre onde começou sua vida independente com Camila. Arnaldo expôs deste modo seus motivos para trocar o conforto da casa dos sogros pelas restrições de sua nova morada:

Mónica: Se vocês já estavam morando na casa da tua mãe e tal, por que vocês decidiram que queriam vir pra cá? [...]

Arnaldo: Não tinha *privacidade*, n'era? [...] Tinha que respeitar. Como que eu ia ficar sem camisa? Não gosto de ficar sem camisa [na frente da sogra] porque eu acho que incomoda, é ruim, apesar que ela [a sogra] é como se fosse uma mãe pra mim, sempre foi, sempre respeitei ela e o marido dela como se fosse meus pais, sempre me aceitaram, me ajudaram muito, eu fiz isso tudo aqui por causa deles também, e eles não queriam deixar eu vim pra aqui não, queria que eu ficasse morando lá, ia fazer um quartinho pra gente lá trás.. eu disse: “não, vou pra lá mesmo, dá não”, aí vim pra cá. (grifo meu).

Como se vê, Arnaldo, como também Natália, cujo relato apresentei anteriormente, coincidem em sua reivindicação por “privacidade”, valor que justifica a busca de um espaço conjugal próprio, em que o casal possa ser árbitro de suas ações, sem se preocupar com julgamentos alheios. Tirar a camisa quando der vontade simboliza esse livre arbítrio, um gesto que só é possível realizar na intimidade da própria família e não na presença dos sogros, ainda mais quando estes são evangélicos. Na narrativa de Arnaldo, a privacidade liga-se a uma valorização da solidão, de um “tempo para si”, que também observamos na entrevista de Natália. Neste caso, porém, não se trata de um tempo para a reflexividade. Arnaldo anseia pôr uma distância das redes de parentesco e suas múltiplas obrigações que determinam, inclusive, a impossibilidade da posse individual de objetos:

Na minha opinião, eu só moro aqui porque eu não tenho condições de comprar uma casa em outro canto, entendeu? Se eu tivesse condições eu preferia morar em outro canto. Eu não gosto de morar perto de família, não, mas só tem esse lugar, a gente tem que ir de acordo com o que a gente pode. Tem a casa da

minha mãe ali também, mas eu também não gosto de morar com a minha mãe por causa dos meus irmãos. Eu gosto de morar mais só, minha vida é mais reservada, aí sempre quis ter minha casinha, meu quartinho pra ficar à vontade, de ter minhas coisas, porque é ruim você morar com outra pessoa que você compra um negócio e ficam bolindo, ficam mexendo, quebrando, tá usando. Eu quero ter meu canto pra tudo que eu construir ficar sob o meu comando, o meu controle, por isso que eu moro aqui.

O primeiro lar do casal foi um barraco muito simples, feito de tábuas, onde passaram quase um ano. As coisas poderiam ter ficado desse jeito por mais algum tempo não fosse a gravidez de Camila. Com efeito, do lado do casamento e às vezes com mais importância do que este, a gravidez aparece nos relatos dos jovens como um evento biográfico que impõe mudanças importantes, a começar pela preparação de um espaço que acomode o novo membro da família. Aos poucos meses de gravidez, Cleide voltou a morar com os pais enquanto Arnaldo construía, com ajuda do sogro, uma nova casa de alvenaria no mesmo lugar. Descrevendo essa passagem de sua vida, Arnaldo diferencia sua estratégia temporal daquela de seus sogros:

Mônica: Quando ela engravidou que você decidiu que não queria mais a casa de tábuas?

Arnaldo: Eu sempre não quis não, que a mãe dela falava muito: “não, agora não, porque tá muito cedo ainda, fazer de alvenaria agora pra que?” Aí eu me decidi sozinho, porque se fosse por ela e pela mãe dela isso aqui ainda tava de tábuas ainda.

Mônica: É mesmo?

Arnaldo: É um pessoal muito demente, não liga muito pra fazer as coisas não, tem tempo, aquele tempo certo pra fazer. Eu não sou assim, tendo o dinheiro na mão, comprar o material e faço logo. Deixar de fazer hoje pra fazer amanhã? Fazer logo hoje! Eu fiz todinha até hoje, só que não é muito grande, mas dá pra morar, graças a Deus.

Ao invés de um “tempo certo” para fazer as coisas, como querem os sogros, Arnaldo opta por “fazer logo hoje”. Trata-se de duas estratégias contrapostas, uma que projeta o futuro, prepara as condições e realiza (ou não), e outra que encurta a distância entre o projeto e a realização. Para Arnaldo, o momento certo está ligado às condições imediatas de realização com os recursos de que se dispõe. Quando não se tem recursos, não é possível realizar nada, mas quando se tem poucos recursos, é preferível realizar alguma coisa a guardar esses recursos na espera de um momento melhor. Essa estratégia, que coincide com aquilo que a literatura vem descrevendo em relação à temporalidade juvenil, não é específica de Arnaldo, antes, parece responder às situações de precariedade. Um simples passeio pela comunidade do Vietnã mostra casas a meio construir, reformas inconclusas, rebocos pela

metade, marcas de projetos que não podem ser feitos de uma vez mas vão sendo construídos aos poucos, em presentes sucessivos, quando o momento permite.

Isso não quer dizer que não existam, na fala de Arnaldo, projetos de futuro. O jovem ambiciona comprar a casa da irmã, vizinha à sua, para ter mais espaço – “estou planejando comprar essa dela para aumentar, fazer boazinha”. Sua idéia de um futuro “planejado” difere, de certo modo, do passado, onde as coisas aconteceram “de repente” mas se conecta com a estratégia do “fazer logo”. Trata-se de um futuro que vai se tornando possível à medida que as circunstâncias assim permitem, e que às vezes se frustra, devido à instabilidade das condições de vida:

Mónica: Outra coisa que a gente quer saber, se a família crescer no futuro como que vocês vão fazer, porque a gente vê muita gente que faz um andar em cima, o que vocês pensam?

Arnaldo: Que a gente pensa, se a família aumentar? Aqui, né, porque lá em cima não tem muito futuro não, se comprar aqui [se referindo à casa da irmã] fica maior, né, dá pra fazer um espaço pro menino, um outro pra uma outra criança que pode vim, fazer quarto pros dois, aí ficava bom.

Mónica: Pegando a casa da tua irmã.

Arnaldo: É, a casa da minha irmã. A gente planeja, planeja...

Mónica: Tu compraria a casa dela...

Arnaldo: (com ênfase) Compraria! Com certeza... eu tinha feito um trato com ela mas não deu certo não, porque por enquanto eu estou desempregado, eu estou no seguro desemprego, estou no seguro ainda, a primeira parcela foi a semana passada, aí eu ia dar quinhentos reais a ela e ia dar esse som nesse quarto dela, já tem mais dois quartos.. ela tem uma casa e outro quarto alugado, ela ia ceder pra mim nesse sentido, aí não teve condições, porque se eu tivesse trabalhando aí ficava mais fácil porque eu ficava parcelando a ela, aí por enquanto ela me deu um tempo pra quando eu começar a trabalhar numa obra que vai ter aqui, aí eu vou ficar pagando a ela. Se der certo, se não der espera, não vai ter outro filho agora não, nem tão cedo.

Uma família conjugal composta de pai provedor, mãe cuidadora e filho do casal, morando numa pequena casa construída na invasão. Essa é a situação presente de Arnaldo e Camila, embora outras relações (com a mãe de Camila ou mesmo com a primeira família de Arnaldo) estejam sempre constelando esse núcleo aparentemente auto-contido. Diferentemente de Natália, Arnaldo não está satisfeito com o que tem. À diferença de Laura, acredita nas suas possibilidades de transformar suas condições de vida. Essa confiança em relação ao futuro está baseada numa trajetória de conquistas se não fáceis, ao menos adequadas ao que cada momento lhe permitia. Mas nem sempre o futuro se apresenta dessa maneira. Às vezes, as coisas acontecem “de repente”, como se a vida se lhe impusesse, exigindo uma resposta. Em outras ocasiões, ele fica à espera, “planeja”, porém não vislumbra

mudanças. Há momentos, ainda, em que é preciso “fazer logo” pois a oportunidade é passageira e, se esperar demais, perde-se para sempre.

5.4 SANDRA: CONSERTOS E DESCONSERTOS

Tudo é ilusão do mundo. Se diverte hoje, amanhã passou tudo. Se eu pensasse antigamente como eu penso agora, nunca tinha feito isso. Nunca tinha entrado na turma dessas colegas que eu conheci, não.

Este capítulo começou com a história de Laura, para quem a gravidez foi um evento irreversível, que promoveu mudanças indesejadas em seu cotidiano e a conduziu a um presente pejorativamente caracterizado por ela própria como “rotina”. Natália nos brindou o contraponto dessa história, com sua celebração do lar conjugal, do “tempo a dois” e “do tempo para si”, após ter conseguido a “independência” em relação aos pais. Em ambos os casos, o tempo vital parece transcorrer numa linha reta, que leva da “vida de solteira” até a maternidade e/ou o casamento, situação em que as jovens se encontravam quando as entrevistei. Com Arnaldo encontramos a primeira indicação de uma trajetória familiar bifurcada, pois a vida de solteiro terminou aos 14 anos, quando casou e teve filhos, mas no momento da entrevista ele já “andava pelo segundo casamento”. Os filhos do primeiro casamento ficaram com a mãe, de modo que, do ponto de vista da organização do cotidiano, pode-se pensar que Arnaldo teve um “recomeço”, iniciando uma nova família conjugal sem “herdar” os filhos do casamento anterior¹⁴⁷.

A história de Sandra e de sua família nos mostra que não somente aos homens é dada uma “segunda oportunidade”. Sandra é o retrato da tão temida gravidez na adolescência. Aos 14 anos, engravidou pela primeira vez e dois anos depois teve seu segundo filho. Como veremos, ser mãe trouxe conseqüências em sua vida, mas elas não a transformaram no modelo feminino encarnado por Natália e Laura. A organização familiar, baseada num forte sentido de solidariedade intergeracional, tornou sua maternidade, se não um evento totalmente irreversível, ao menos um acontecimento passível de se contornar sem abandonar os hábitos da “vida de solteira”. Por esse motivo, Sandra constitui o quarto e último exemplo de temporalidades neste capítulo.

¹⁴⁷ Isso não quer dizer que tenha “abandonado” os filhos do primeiro casamento. Ver o trabalho de Márcia Longhi (2001) a respeito de diversas formas de continuidade da relação parental sem coabitação nos grupos populares.

“A vida antiga”: um tempo de ilusão

A vida de Sandra é cheia de percalços. Quando a conheci, nos idos de 1996, a garota fazia parte do grupo de adolescentes da Casa de Passagem, liderado por Cídia. Seu nome era freqüentemente mencionado nas reuniões de supervisão, pois era uma das jovens que mais preocupavam a líder pelo seu “comportamento de risco¹⁴⁸”. Em 2002, quando a reencontrei, Sandra estava com 19 anos e falava com distanciamento de seu passado, que acreditava ter deixado para atrás: “Minha vida foi assim até hoje, e até hoje eu tô vivendo animada, sem pensar na vida antiga, pensando na de agora”. A “vida antiga” começou aos 13 anos de idade, idade em que ela “ficou virada”. Sua mudança aconteceu de forma mais ou menos repentina quando a jovem se inseriu numa nova rede de sociabilidade e deu início a sua vida afetivo-sexual:

Mónica: Agora a gente quer falar um pouquinho como foi essa coisa de ter filho com 14 anos, o que você fazia, se mudou muito tua vida ou se não mudou, o que mudou...

Sandra: Sei lá, mudou tanta coisa! Porque antes eu era crente, era mais cuidadosa, só ligava pra igreja, de casa pra igreja, depois que tive filho, *desconsertou tudo na minha vida*. Eu fiquei mais virada, saí da igreja, fiquei virada, aí *desconsertou tudo na minha vida*, fiquei sem ligar pras coisas, não fazia. Antigamente, eu ligava mais pra ajudar minha avó, mas depois que eu saí da igreja, parei de ligar pras coisas. Eu mesmo digo isso porque eu parei mesmo de fazer as coisas, não fazia como antigamente. Ia pra igreja com a minha vó, mas quando eu saí da igreja, eu deixei tudo.

Avó: Só queria estar na rua, nem em casa ela dormia.

Sandra: É. Só queria estar na rua. É. Só com as colegas, com as colegas, porque amigas não. [...]

Mónica: Tu dormia na casa das colegas?

Sandra: Era, pra não vir pra casa.

Mónica: Mas depois que tivesse a criança?

Sandra: Não, foi antes.

Mónica: Tu estavas indo pra igreja, tudo direitinho, aí tu saía pouco...

Sandra: Todo dia eu estava na igreja.

Mónica: Nessa aqui?

Sandra: Não, em San Martin. Aí depois que eu me envolvi com certos tipos de amizade, que quis sair mesmo, viver...

Avó: Depois que ela arrumou namorado foi que ela virou a cabeça.

Sandra: É. *Aí desconsertou tudo*. (grifo meu)

Conhecemos a história. A “revolta” das meninas implica numa transgressão da ordem de gênero e das regulações temporais, que inclui a ida às ruas, muitas vezes em horário noturno, a saída de instituições que disciplinam o tempo juvenil (igreja, escola), uma prática sexual considerada “precoce”, desenvolvida fora dos marcos de relacionamento socialmente

¹⁴⁸ Ver Capítulo 4.

legitimados (casamento ou relacionamento estável) e, freqüentemente, o consumo de drogas. No caso de Sandra, ainda, a “virada” acarretou o abandono das obrigações domésticas, que lhe eram atribuídas pelo fato de ser mulher. A forma como essa jovem define esse momento de sua vida não deixa de ter interesse: “quis sair mesmo, viver...” A busca de experiências próprias, desbravando o mundo com a única assistência de um grupo de pares, livremente escolhido, foi o *leitmotiv* de sua “vida antiga”, radicalizando a busca por autonomia que faz parte do processo individualização próprio da juventude (BRANDÃO, 2003). A compreensão do elemento transgressor desse comportamento aparece na repetição do mote “desconcertou tudo na minha vida”, que chama a atenção para a existência de um modelo de uso do cotidiano e de transição à idade adulta do qual Sandra se afastou sem, no entanto, questionar totalmente enquanto padrão válido de comportamento.

Como era de se esperar, Sandra não demorou a ficar grávida, evento que a jovem atribui, retrospectivamente, a sua inexperiência na época: “Comecei a namorar com 13 anos, aí tive complicação na vida, aí engravidei com 14 anos, sem querer, sem saber. Engravidei com 14 anos, fui, criei meu filho, meu filho tá criado, graças a Deus. Fui, tive o segundo, aí pronto, tá com dois anos o segundo, mora com meu pai, aí pronto”. Nessa e em outras passagens da entrevista, a gravidez aparece como uma “complicação”, de forma semelhante ao que vimos em Laura. No entanto, esse evento não se singulariza tanto na fala de Sandra como naquela de Laura, uma vez que não provocou uma mudança efetiva em seu estilo de vida, não constituindo, portanto, um *turning point*. Embora Sandra afirme ter criado seu primeiro filho, os cuidados cotidianos foram ministrados pela avó, o que deixou Sandra livre para seguir com sua “vida de solteira”:

Mónica: E aí quando tivesse o menino mudou alguma coisa tua vida? Tu continuou saindo?

Sandra: Depois de um tempo foi que eu comecei a sair de novo.

Mónica: E quem cuidava de teu filho?

Sandra: A minha vó, [meu filho] ficava com ela.

Avó: Até hoje ainda tô cuidando.

Sandra: Fica com ela.

Avó: Tem cinco anos ele. Vai fazer seis agora, mas é medonho, viu?

Diferentemente do que foi observado em outros estudos com “adolescentes de risco” (BERGA, 2004), a maternidade não atuou como um elemento normatizador para Sandra. Pelo contrário, a gravidez foi apenas um dos vários fatores que, de forma conjunta, definiram o momento em que Sandra “virou a cabeça”, e que incluem também a abertura para a sociabilidade e o namoro com um rapaz mais velho. Pode-se estabelecer um paralelo algo

paradoxal entre a resolução dada por Sandra e sua família à gravidez “precoce” e aquela freqüentemente encontrada nas classes médias, em que o apoio dos pais permite que os jovens não interrompam, na maioria das vezes, suas carreiras educativas, mantendo-se “jovens”, embora se tornem pais (BRANDÃO, 2003). Neste caso, a rede de apoio de Sandra permitiu que ela prolongasse seu estilo de vida juvenil transgressor, sem com isso ser afastada do convívio de seus filhos. É mais, a gravidez aprofundou esse estilo de vida, uma vez que demonstrou publicamente que ela já não era “moça”, o que a libertava do controle mais acirrado que costuma se instalar na puberdade:

Mónica: E essa coisa de dormir na casa de colega, casa de namorado, sempre foi tranqüilo ou foi depois que teve filhos que...

Sandra: Liberou.

Mónica: Depois que você teve filhos?

Sandra: É, porque não tinha mais jeito. *Só tinha mesmo a vida pra perder. Me soltou de vez.*

Mónica: Prendia antes?

Sandra: Prendia e como prendia!

Mónica: Sua mãe ou sua avó?

Sandra: Minha mãe a minha vó, todas as duas.

Mónica: Faziam como pra prender?

Sandra: Até me amarrar me amarravam, com a corda!

Ao invés da gravidez, há outro evento que parece ter tido uma importância maior na vida de Sandra, e que ela faz questão de singularizar em seu relato biográfico. Quando tinha 14 anos, foi atropelada por um carro, ficando por alguns dias entre a vida e a morte: “Levei uma batida de carro, foi tão complicada minha batida de carro. A coisa pior da minha vida foi essa batida de carro. Passei um bom tempo sem conhecer ninguém, sofrendo no hospital”. Reencontramos aqui o elemento do risco do Capítulo 4, não apenas como uma rotulação normativa mas como uma exposição maior de certos jovens aos perigos que a rua pode oferecer. Sandra estava sob o efeito da maconha quando foi atropelada pelo carro. Porém esse evento, que marcou sua biografia ao ponto dela oferecer um relato bastante detalhado do mesmo¹⁴⁹, não mudou seu estilo de vida, antes ao contrário. Sandra ficou “mais virada” depois do acidente, versão que é corroborada pela avó: “Não teve mais acerto, depois da batida de carro não teve mais acerto”.

Sair para os bailes *funk* e dormir fora de casa, namorar um jovem não aprovado pela família e dele engravidar, consumir drogas, andar com “meninas erradas”. Em várias ocasiões, Sandra refere-se à sua vida antiga com a categoria “ilusão”. É claro que essa

¹⁴⁹ Que evitei reproduzir para não sobrecarregar o leitor.

categorização deve ser entendida retrospectivamente, como uma avaliação de um momento de vida que se deixou para atrás, a partir dos valores e do aprendizado do momento presente. De todo modo, trata-se de uma categoria interessante que parece ter duas acepções complementares. De um lado, viver na “ilusão” significa não ter contato com a realidade. Esse sentido parece inspirado na ideologia da Assembléia de Deus, Igreja da qual Sandra participava e para a qual “a ilusão do mundo” afasta do verdadeiro caminho a ser seguindo pelos fiéis. Mas Sandra também usa a categoria “ilusão” na voz passiva, se colocando de certo modo como vítima de pessoas mais espertas que a “iludiram”. Amadurecer, portanto, significa poder encarar o real sem recorrer a ilusões (principalmente, drogas) e também ser mais esperto ao ponto de não se deixar iludir pelas promessas de outros (sobretudo, dos homens, mas também das amigas):

Eu era criança, abestalhada... o que as colegas dizia, eu ia atrás. Não ligava para conselho de mãe e pai. Tudo que as amigas dizia, eu me iludia.

Se eu estou com um rapaz, eu não gosto logo de me iludir, eu não sou feito a primeira vez, me iludi com ele, fui me embora de vez com ele.

Tudo é ilusão do mundo. Se diverte hoje, amanhã passou tudo. Se eu pensasse antigamente como eu penso agora, nunca tinha feito isso. Nunca tinha entrado na turma dessas colegas que eu conheci, não.

Não podia ver essas amizade que não serve, que eu ia atrás, bastava eu me iludir, que eu ia trás.

“A vida de agora”: responsabilidade com liberdade

A mudança da “vida antiga” para a “vida de agora” constitui o segundo *turning point* na história de Sandra. Diferentemente da descrição sobre o momento em que “virou a cabeça”, marcada pelo caráter espontâneo e irrefletido, essa segunda mudança implicou a adoção de uma atitude reflexiva em relação à própria vida. Foi, por isso mesmo, uma transição mais demorada. Se, no momento anterior, prevaleceu uma lógica hedonista, de procura do prazer imediato, fortemente calcada no momento presente, a “vida de agora” é resultado de uma superação do instante, de um movimento em que Sandra conseguiu pôr sua vida em perspectiva e projetar-se para o futuro. No passado, a vida “se desconsertou”. Agora, é possível fazer o movimento contrário, se não se acertando completamente, “consertando” algumas coisas que no passado saíram do lugar.

A artífice dessa mudança, segundo a jovem, foi Cídia, sua orientadora nos tempos em que ela participou do grupo de adolescentes da Casa de Passagem. De fato, teria sido graças

ao contato com as adolescentes atendidas por essa instituição que o processo de mudar de vida foi deflagrado:

Sandra: Aí fui vivendo a vida, animada, sem pensar em preocupação, sempre procurando uma amizade, aí foi quando encontrei a conselheira da Casa de Passagem, aí foi quando minha vida mudou mesmo.

Mônica: Tu já tinha os meninos?

Sandra: Tinha. Ela foi me dando conselhos, aí quando fui seguindo os conselhos dela, foi que eu mudei um pouco. Aí foi que eu descobri a realidade da vida, que na Casa de Passagem o que você mais vê é garota de rua que mora lá. Garota da Casa de Passagem é uma coisa que você olha, chega dá vontade de chorar, aí que você tem gosto de mudar mesmo, e eu consegui mudar, porque eu era virada aqui. Não podia ver essas amizade que não serve, que eu ia atrás, bastava eu me iludir, que eu ia trás, mas agora minhas amizades é tudo boa, graças a Deus, tudo me compreende, em vez de me dar conselho pro mal, me dá conselho pro bem. Eu agradeço a Deus e a minha conselheira, que é Cídia, graças a Deus, que Deus botou ela no meu caminho e no caminho das minhas outras colegas.

As “garotas da Casa de Passagem” personificaram, para Sandra, seu possível futuro. Esse foi o choque de realidade de que precisava para encerrar o tempo da ilusão. Salvando as distâncias, o relato de Sandra se assemelha aos “relatos de conversão”, muito comuns nas narrativas dos jovens evangélicos, em que também acontece uma metamorfose pessoal. Contudo, não estando vinculada a um ordenamento moral do tipo religioso, a mudança de Sandra foi seletiva, atingindo algumas áreas de sua vida, não afetando outras. Deste modo, existem rupturas e continuidades entre passado e presente. Sandra abandonou as “amizades erradas”, porém não perdeu sua autodeterminação. Trata-se de ganhar responsabilidade, sem abrir mão da liberdade que a transgressão das normas relativas às “moças” lhe franqueou:

Eu vou por mim mesmo, eu não vou pelos outros, eu vou por mim mesmo. Não me importa o conselho que os outros dá, não. Eu faço o que vim na minha cabeça, o que vim na minha cabeça é o que eu faço, se eu quebrar a cara é por causa de mim mesmo, não por causa dos outros, eu não sigo conselho de ninguém. Pode chegar o príncipe e virar família, mas eu não ligo pra conselho. Eu vou por mim. O que eu pensar, eu vou fazendo. Não sei porque minha mãe me fez assim. Minha mãe era santa, santa, minha vó não se aperreava com ela, com minha mãe.

Segunda chance?

Depois da ilusão, a vida coloca vários desafios a Sandra que não são entendidos por ela, entretanto, como problemas ou como encruzilhadas na vida. De fato, se há alguma estratégia temporal no presente dessa garota, ela pode ser definida a partir de uma expressão que vez por outra Sandra utiliza: “e assim vou levando”. “Vou levando” implica tomar

decisões num horizonte estreito do tempo, num presente estendido (NOWOTNY, 1989), à medida que os eventos vão se sucedendo e as opções, sempre contingentes e delimitadas, emergem. Projetos a longo prazo, por enquanto, mostram-se inviáveis. Terminar a escola não parece mais possível depois de ter ficado várias vezes retida na quinta-série. No passado, Sandra abandonou a escola pelo chamado da sociabilidade, mas também pela dificuldade em acompanhar as aulas. Agora, fica mais difícil ainda se situar nas matérias e por mais que tenha tentado, sempre termina desistindo aos poucos meses. Para tudo, depende da avó e do pai de um dos filhos, que manda algum dinheiro para ela mas essa é uma situação que Sandra não quer para a vida inteira. A solução que está encontrando para sair desse impasse revive, embora com diferentes motivações, a forma como problemas semelhantes foram resolvidos por essa família em outros momentos.

Há alguns meses, Sandra começou um namoro novo. Está mais madura, não quer “se iludir”, resistindo às demandas do namorado para ir morar com ele. Durante o dia, fica no Vietnã com o filho, a avó e os irmãos, a mãe e o marido da mãe, que moram numa casa nos fundos do terreno da avó. À noite, porém, dorme na casa do namorado, com quem começa a vislumbrar a possibilidade de co-residência. Para esse casamento, entretanto, não pretende levar seus dois filhos. O segundo ficará com seu pai, que até hoje cuida dele, e o primeiro com a avó de Sandra. Uma geração atrás, a mãe de Sandra teve uma atitude parecida. Com três filhos do primeiro casamento, entre eles Sandra, a mãe dessa jovem terminou seu casamento com o primeiro marido e deu início a uma nova relação, na qual continua até hoje. Os três filhos do primeiro casamento ficaram com a avó, enquanto ela iniciava uma nova família e dava mais três filhos a seu segundo marido. Isso não quer dizer que ter filhos seja algo “reversível” mas sim que, fazendo o uso adequado das redes familiares, é possível ter uma segunda chance na vida. “Consertar” aquilo que tempo atrás se “desconsertou”.

Capítulo 6

TRABALHO EM TEMPOS INCERTOS

Narrativas de inserção

Esta vida é de cabeça-para-baixo, ninguém pode medir suas pêrdas e colheitas.
João Guimarães Rosa. *Grande Sertão: Veredas*.

A inserção no mundo do trabalho é o mote que aglutina o último grupo de narrativas aqui consideradas. O trabalho constitui uma das dimensões mais importantes na organização cotidiana do tempo, bem como na conformação do tempo biográfico. Esta afirmação é especialmente verdadeira para as sociedades industriais e pós-industriais, onde o trabalho se impôs como atividade dominante no seio das práticas sociais (ARAÚJO, E., 2005a; BOULIN et al., 2006; SUE, 1994). Como se sabe, o desenvolvimento da sociedade industrial esteve atrelado à adoção do relógio como instrumento de medida temporal (THOMPSON, 1998). No capitalismo, os empresários compram o tempo dos trabalhadores, o que significa dizer que o tempo é o principal meio através do qual o trabalho se traduz num valor de troca. No mundo que surgiu após a Revolução Industrial, o tempo passou a ser um componente da produção, uma mercadoria, e seu controle tornou-se um aspecto integral da vida social (ADAM, 1995).

As mudanças que vêm acontecendo no mundo do trabalho alteraram, contudo, essa organização temporal. “O paradigma de emprego definido por um trabalho assalariado, único e estável, com uma perspectiva de carreira contínua e progressiva e um vínculo salarial firme se modifica” (GAULLIER, 1984, p.9). A flexibilidade, as discontinuidades, a instabilidade e a fragmentação fazem parte das condições postas pelo mercado de trabalho nas sociedades contemporâneas, multiplicando as situações de incerteza que atingem os trabalhadores e contribuindo para a desinstitucionalização do curso da vida. Por outro lado, percebe-se uma diversificação crescente no mundo do trabalho, tanto no que tange às condições de realização como aos setores de atividades, com a multiplicação de novas profissões surgidas a reboque do desenvolvimento das tecnologias de informação. Machado Pais (2003) utiliza a metáfora do arco-íris para definir o mercado de trabalho que os jovens europeus encontram hoje (*black market, blue market, white market, etc.*). O autor sugere, igualmente, que estão em curso combinatórias diferentes das tradicionais éticas do trabalho por parte de jovens que tentam compatibilizar trabalho e lazer, nem sempre de forma fácil. Outro aspecto da esfera do trabalho é a maior incorporação das mulheres, o que se traduz numa expectativa maior das garotas quanto a sua inserção no mercado laboral, comparativamente a outras gerações.

Os jovens cujas histórias apresentarei aqui são solteiros e casados, em geral de idades um pouco mais avançadas do que os componentes do primeiro grupo, embora muitas vezes as experiências de trabalho estejam presentes desde muito cedo em suas vidas. Mais uma vez, a escolha dos casos tenta ilustrar, sem esgotar, a diversidade de situações encontradas: uma jovem que trabalhou como empregada doméstica e agora está desempregada; um rapaz inserido no mercado formal, porém ocupando uma posição que não lhe agrada; um outro jovem galgando degraus na nova economia do mundo da computação; e, por fim, um rapaz cujas experiências com a criminalidade questionam, aparentemente, a ética do trabalho.

6.1 CAROL: DA FANTASIA À EXPLORAÇÃO

Teve uma mesma que falou que trabalhava em casa de família e ela, quando passava, aí ficava uma turminha arriando, “olha a piniqueira!”, humilhando. A gente andava igual a elas, roupa, calçados, pra elas não saber que a gente trabalhava. Não é que a gente tinha vergonha, pra evitar constrangimentos.

À primeira vista, a vida de Carol não tem nada de extraordinário. Moradora de um dos bairros da periferia do Grande Recife, essa jovem de 19 anos se iniciou no mundo do trabalho tomando conta de crianças. No ano anterior ao nosso encontro, Carol largou a escola, onde amargava uma trajetória de abandono e repetências, e foi trabalhar como doméstica numa “casa de família”. Até aqui, a biografia de Carol é semelhante à de muitas outras jovens das classes trabalhadoras urbanas, ontem e hoje. Como se sabe, o trabalho doméstico continua à cabeça do emprego feminino e é realizado, maciçamente, por mulheres dos grupos populares. De geração em geração, jovens e até crianças dos centros urbanos e do interior do país supriram a demanda por trabalho doméstico das classes média e alta, conciliando como podiam a formação de suas próprias famílias com a dedicação quase exclusiva aos cuidados de uma família alheia. O que chama a atenção na história de Carol não é, entretanto, a repetição de um destino atávico. Muito pelo contrário, a narrativa desta garota nos convida a refletir sobre a maneira pela qual velhas estruturas se articulam com motivações, expectativas e significados que são novos. Para compreender as configurações temporais resultantes dessa tensão é preciso, antes, conhecer sumariamente a trajetória de vida dessa jovem, que acrescenta outras dimensões interessantes para a compreensão da experiência juvenil do tempo em contextos de exclusão social.

Entre a escola e o hospital: a experiência da doença

Quem vê Carol pela primeira vez, provavelmente se surpreende com sua cuidadosa aparência externa. Eu me surpreendi. Tínhamos marcado um encontro com vários jovens que participavam de um curso de panificação no Loteamento Santana. A tarde era muito quente, como corresponde à região, mas mesmo assim, Carol apareceu vestindo um macacão de cor branca, impecavelmente limpo, de calça cumprida, que contrastava com as bermudas e saias curtas da maioria dos jovens do lugar. Só depois que começamos a conversar descobri o motivo de sua diferença. Carol tem uma ferida muito evidente numa das pernas, que a obriga a usar roupas cumpridas durante todo o ano. As cicatrizes são a inscrição física de uma biografia que sofreu, aos nove anos de idade, a irrupção de um evento que mudaria seu curso de vida. Nessa idade, Carol desenvolveu uma doença grave na perna que a impediu de prosseguir seus estudos normalmente, embora sua trajetória escolar já fosse descontínua antes disso. Como fica patente em seu relato, esse evento instala uma temporalidade organizada a partir de uma sucessão incessante de doenças, recuperações, intervenções cirúrgicas e seqüelas que anulam ou subordinam todas as outras esferas de sua vida àquela do tempo corporal (ADAM, 1995, p.43-59):

Eu tinha nove anos [quando] eu tive esse problema. Foi um germe que eu peguei... um micróbio, aos nove anos eu peguei ele, só que um ano antes eu tinha parado porque eu desisti de estudar, não sei nem por que. Aí com nove anos eu peguei o germe, aliás, ele me pegou, aí eu fiquei doente, aí eu parei [de estudar] porque estava sem condições, passei três meses internada e estava muito mal. Depois eu voltei pra casa e não estava conseguindo andar porque minha perna estava no gesso e enfermidade, estava com ferimento, aí eu não podia estudar porque a perna tava por aqui e eu fiquei com medo de andar, porque quando eu olhei estava muito deformada, as cicatrizes estavam muito feias, então eu fiquei com medo de olhar para ela, fiquei com medo de andar. Foi que minha mãe me deu uma dura pra eu poder andar porque ela disse que se eu não fosse andar eu ia ficar aleijada dependendo de todo mundo. Aí eu fiz um esforçozinho, aí eu peguei comecei a andar. Foi muito ruim, sei lá, eu pensei que eu não ia andar mais, porque estava muito... *pra o que eu era antes estava difícil de eu acreditar o que tinha acontecido comigo* [grifo meu].

O elemento de surpresa, de evento inesperado, é evidente no relato de Carol sobre os primeiros anos de sua doença. Vendo-se seriamente adoentada, a jovem mal consegue significar sua nova condição e é acometida por um sentimento de perplexidade: “pra o que eu era antes, estava difícil de acreditar o que tinha acontecido comigo”. Em pouco tempo, Carol se viu privada de tudo aquilo que constituía seu mundo infantil. Perdeu o movimento e, com ele, o acesso à escola, à sociabilidade entre os pares, às brincadeiras. Sua perna transformou-

se num apêndice estranho de si mesma, algo que lhe dava medo e nojo, ameaçando sua integridade. Seu cotidiano, por outro lado, passou a estar pautado pelos cuidados com a ferida que precisava ser lavada três vezes ao dia, em condições higiênicas hospitalares difíceis de reproduzir em casa. Logo vieram as complicações e a normalidade foi se afastando de seu horizonte, ainda mais quando o “germe” não foi a única ocorrência, mas sim a primeira de uma série de doenças que ocupariam um lugar central nos próximos anos de sua vida:

Foi aos nove anos, aí não pude estudar aos nove, aos dez também não, porque eu tive que fazer outra cirurgia e mais outra, problema de coração. No ano em que eu fiz a da perna, fiz a do coração. Aí no outro ano apareceu outro problema que foi a enfermidade, que eu pensei que estava cicatrizando mas não estava, estava criando um tecido verde, carne podre, mal lavada... Acho que quando a gente vai pro médico eles fazem lá tudo com muita higiene, luva, e lá em casa a gente não tinha essas condições de toda vez que fosse fazer, que era três vezes ao dia, fazer com luva. Uma vez só usar a faixa não podia, tinha que usar várias vezes, lavando e passando. Minha mãe teve que trabalhar, meu pai também, então eu comecei a fazer em casa, aí eu fazia de todo jeito porque doía, doía muito, aí no que doía eu parava, e os outros fazendo não, os outros fazendo doía e eles não estavam sentindo, só eu fazendo doía, aí eu parava. Aí tive que fazer a terceira cirurgia que foi daqui até aqui, foi uma limpeza no osso.

Como se vê, o tempo da doença implica a irrupção de ritmos e de temporalidades que não se ajustam ao tempo do relógio (ADAM, 1995, p.43-59). Ele dá, inclusive, a medida de seu passado, que passa a ser lembrado em função das internações, das cirurgias e das complicações de saúde, e não a partir de datas do calendário nem do cotidiano institucional. A doença, apresentada como um tempo extraordinário, uma suspensão ou descontinuidade em sua vida, é entrecortada por eventos biográficos menores que fazem parte de uma temporalidade corporal mas também social. Com efeito, ao adoecer, Carol se incorporou à ordem médica, ficando seu cotidiano nas mãos de terceiros e em função dos cuidados com sua saúde. O contato com hospitais, médicos e enfermeiras foi além de afetar seu dia-a-dia mas transformou-se numa referência na hora de projetar seus sonhos para o futuro, despertando-lhe uma vocação:

Foi uma experiência que eu passei porque é muito interessante o que eles fazem pra salvar a vida da pessoa, é interessante como eles descobrem. Às vezes você chega diz o que está, ele já sabe o que passa, sabe o que tem. Muitos médicos são competentes mas tem alguns, minoria deles não atende bem, não sabe dizer o que é e passam coisas erradas, passa medicamento errado. Eu queria ser médica pela experiência que eu passei, quer dizer, pelo o que eu passei nas mãos dos médicos, eu acho muito interessante como eles fazem as coisas. Eu queria ser médica.

Se tornar-se médica passa a ser o “sonho” de Carol – o que, como veremos, não necessariamente quer dizer seu projeto – o futuro também exhibe uma face ameaçadora. Anos depois do episódio da perna, Carol desenvolveu uma outra doença na coluna e sua trajetória, desta vez no trabalho, foi novamente interrompida por uma nova seqüência de tratamentos e convalescenças. No momento em que conversamos, ela se furtava de investigar sua nova doença e até rejeitava a possibilidade de fazer uma cirurgia reparadora na perna com medo de vir a reviver os sofrimentos dos anos em que esteve doente:

Eu estava fazendo o tratamento da perna no Hospital das Clínicas, mas da coluna eu não fui lá ainda não. Fui na Restauração só, depois fui aí no Cemeque e não fui lá no meu doutor ainda não. Mas eu estou precisando ir, eu tenho que ir porque tenho que estar fazendo sempre revisão pra saber, porque às vezes está calminho lá mas a gente nunca sabe, só sabe tirando radiografia, fazendo os exames, eu tenho que voltar. Vou voltar pra ver como é que está. Às vezes eu tenho até medo de voltar porque eu fico com medo dele dizer “tem alguma coisa aí”, assim, ele mandar fazer o exame e dizer “tem alguma coisa aí”. Eu sofri tanto com isso que eu prefiro deixar do jeito que está. Foi uma enfermidade que durou sete anos pra cicatrizar. Eu estou com dezenove, foi aos nove, faz dez anos. Então foi sete anos de muito sofrimento, muita dor, que era dor de dia à noite, de madrugada, qual hora for, era sempre na medicação pra poder passar. Aí agora eu tenho medo. O médico falou pra mim pra fazer uma plástica, um enxerto também pra poder, porque tem baixa aqui [na perna], tem baixa aqui, aí ele falou pra fazer enxerto, depois a plástica, mas eu tenho medo de mexer com o que está quieto.

Sete anos de sofrimento. O tempo biográfico de Carol está marcado pela experiência de uma doença que interrompeu sua trajetória escolar e a transformou em uma pessoa diferente às outras crianças e jovens. Quando, por fim, a jovem se reintegra à escola e tem condições de acompanhar o calendário contínuo e cumulativo da instituição escolar, já é tarde demais.

Entrevendo outros mundos: trabalho doméstico e manipulação da identidade

Usualmente, as trajetórias de exclusão escolar aparecem, no discurso dos sujeitos, como relatos de abandono ou desistência. Os jovens costumam se atribuir a maior parcela de responsabilidade naquilo que, exteriormente, pode ser também compreendido como uma dificuldade da instituição escolar para acolher estudantes que não se encaixam nos padrões do “aluno modelo” (MADEIRA, 1998). Por muitos motivos, Carol não correspondia a esse modelo. Como vimos, o tempo corporal da doença não é compatível com o tempo escolar, que demanda do aluno presença contínua na sala de aula e aprendizagem cumulativa

regularmente testada por meio de provas que não levam em consideração situações individuais (vide Capítulo 4). Ao se reincorporar a esse mundo de regras, mas também de intensa sociabilidade, Carol se insere com maior facilidade entre seus pares do que no currículo escolar. É ao sabor dessas dificuldades que podemos entender a “escolha” da jovem por trabalhar ao invés de prosseguir com seus estudos, apesar de acalentar o sonho de ser médica:

...aí no outro ano eu comecei a estudar, uns onze anos eu acho, doze, estudei. Aí foi quando eu comecei a ter muitas amizades, aí comecei a gazar aula, aí reprovei. E o ano passado desisti de estudar porque queria trabalhar, fui trabalhar. Aí saí do trabalho que fui trabalhar de babá era um e terminou sendo dois, aí ficou muito pesado pra mim, eu não conseguia dormir com criança chorando e saí.

Tomar conta de crianças é uma das ocupações mais comuns das garotas de grupos populares à procura de uma primeira fonte de renda. Para Carol, ser babá foi o primeiro passo antes de entrar no trabalho doméstico, área em que já trabalhavam sua mãe e sua irmã. Não se pense, entretanto, que Carol queria para si a mesma trajetória das outras mulheres de sua família. Muito pelo contrário, sua atitude em relação ao trabalho doméstico lembra, guardando as devidas distâncias, a postura de muitos jovens europeus e norte-americanos diante dos trabalhos temporários que lhes são reservados na atual fase do capitalismo. Para esses jovens, os trabalhos a tempo parcial não necessariamente produzem identidade nem se articulam com um projeto de vida. Antes, estão a serviço de seus planos de consumo, respondem a projetos de curtíssimo prazo ou, ainda, são percebidos como forma de acumular experiências enquanto se é jovem (LASÉN, 2000). Na escolha de Carol, articulam-se elementos semelhantes. Por um lado, a jovem abre mão de um projeto a longo prazo, representado pela escola, em favor da recompensa imediata de começar a ganhar dinheiro com seu trabalho:

Line: Parou [de estudar] em que série?

Carol: Na oitava.

Line: Era porque você não queria mais o estudo ou você queria trabalhar?

Carol: Porque eu precisava em casa e também eu precisava comprar as minhas coisas porque nem todo tempo nossos pais podem dar, quando dizem não tem, aí tem que aceitar. Então eu queria comprar minhas coisas, aí eu fiquei sabendo desse trabalho, aí eu fui trabalhar, não quis saber se era de quinze em quinze dias, ou o que era pra fazer, eu quis trabalhar. *O estudo vai me garantir no futuro, dinheiro vai me dar no futuro e eu queria o dinheiro no agora, no hoje.* Aí eu peguei fui pra esse trabalho, mas me prejudiquei com problema de coluna. (grifo meu)

A ênfase dada à dimensão do agora nos leva, à primeira vista, a classificar a atitude temporal desta jovem como próxima do presenteísmo ou imediatismo muito referido pela literatura sobre tempo e juventude. Entretanto, é importante assinalar que a opção pelo curto prazo é facilitada pela precária escolarização de Carol, que torna a via escolar altamente incerta. Seria muito arriscado, portanto, entender sua escolha como uma opção apenas baseada no hedonismo, mesmo que a jovem enfatize a dimensão do consumo em seu relato. Nesse sentido, é interessante perceber que, embora Carol não negue a dificuldade econômica da família, conseguir dinheiro para o próprio consumo parece ser o motivo principal para aceitar o trabalho de doméstica. O trabalho se liga, deste modo, à busca por autonomia, ao permitir à garota realizar escolhas na esfera econômica. Roupas, bijuterias, cosméticos e CDs, além dos gastos com saídas, fazem parte dos itens de consumo juvenil que, em geral, não podem figurar entre as prioridades de uma família de baixa renda. Trata-se de objetos que imprimem uma marca geracional, e que são consumidos sobretudo pelos jovens solteiros ou sem filhos, uma vez que casamento e parentalidade introduzem novas responsabilidades que se manifestam, também, no âmbito do consumo. Deste modo, Carol passa a gastar o dinheiro que ganha em seu consumo pessoal, ainda mais quando, pelo fato de ser mulher, não se lhe pede uma contribuição para o orçamento doméstico¹⁵⁰.

Outro aspecto que chama a atenção na descrição do trabalho dessa jovem é seu caráter de tempo extraordinário em relação à rotina. Com efeito, o trabalho em casa de família adquire, para Carol, características de experiência, de aventura, por lhe permitir sair de sua existência conhecida num bairro periférico para entrar, mesmo que pela porta dos fundos, num dos endereços mais nobres do Recife: o bairro de Boa Viagem, na zona sul da cidade. Como já disse em outra ocasião¹⁵¹, o Loteamento Santana situa-se na periferia do Grande Recife, longe, portanto, dos bairros de praia onde se concentram boa parte dos equipamentos urbanos e as moradias de prestígio da cidade. Muitos jovens nunca estiveram lá. Guardam apenas uma noção idealizada de uma vida mais fácil e prazerosa, ainda mais quando a imagem mental da cidade corresponde muito à de suas praias. Dos cinco jovens do curso de panificação que entrevistei, dois nunca tinham visto o mar. Nesse contexto, dizer que Boa Viagem é um outro mundo, uma outra realidade, não é uma definição a priori, mas uma reflexão trazida por esses jovens, que são muito conscientes das desigualdades que perpassam uma cidade como o Recife:

¹⁵⁰ Não quero dizer, com isto, que as mulheres jovens não contribuam nunca com o orçamento familiar. O relato de Nara mostra a diversidade de situações possíveis a esse respeito.

¹⁵¹ Capítulo 3.

[Lá em Boa Viagem] É outra realidade porque é fácil e diferente. As pessoas vivem bem, têm estabilidade, vivem passeando, se divertindo, estudando em colégios particulares, diferente, totalmente diferente dessa vida. [É como se fosse] um outro lugar, uma coisa totalmente diferente da minha vida. Não foi bom pra mim porque eu não me dava com as pessoas, eu me sentia assim... vi desigualdade, não me sentia igual com a pessoa. É bom você estar num lugar que se sinta igual, tenha igualdade, quando tiver que falar comunica com a pessoa de igual pra igual, mas quando a pessoa quer se engrandecer na sua frente não fica fácil, eu não gosto de pessoas assim, eu procuro pessoas que seja igual comigo de conversar, dialogar, discutir, assim, aquela coisa sadia, não é aquela coisa de humilhar.

A experiência do extraordinário é, portanto, ambígua. Até certo ponto, Carol se integra na nova realidade através de um frágil jogo de manipulação de identidade. Nesse empenho, seu biótipo jogou a seu favor. Carol tem a pele clara e os cabelos loiros, cacheados. É uma garota bonita, com alguns dos atributos estéticos celebrados pelas classes médias do Recife. No tempo em que trabalhou em Boa Viagem, aproveitava as horas vagas para sair com outras trabalhadoras domésticas e conhecer jovens moradores dos prédios vizinhos. Esse aspecto lúdico do trabalho é narrado às vezes com humor pela jovem, como uma prova de sua astúcia. Carol e suas amigas nunca diziam que trabalhavam em casa de família. Ocultavam esse estigma lançando mão de um expediente muito comum entre as classes médias: a figura da sobrinha que mora no interior e precisou vir para a capital para estudar. Embora divertida, a farsa podia ser descoberta a qualquer momento e as jovens eram então brindadas com o desprezo social que as classes médias não raro destinam para os membros dos grupos populares. Nesse momento, a consciência da desigualdade, a humilhação, a falta de valor social são claramente percebidos pela jovem, mostrando os limites de seu jogo de manipulação de identidade:

Carol: Teve uma mesma que falou que trabalhava em casa de família e ela quando passava aí ficava uma turminha arriando “olha a pinueira!”, humilhando. A gente andava igual a elas, roupa, calçados pra elas não saber que a gente trabalhava. Não é que a gente tinha vergonha, pra evitar constrangimento. Algumas, não todas.

Line: O que é humilhar?

Carol: Assim, você passar e falar “pinueira!”, não ter amizade, se afastar. Algumas são, mas outras são humildes, chega... nem parece que tem diferença social...

Mônica: E você dizia o quê?

Carol: Eu dizia que morava aqui em Camaragibe, mas que tava lá na casa de uma tia, eu e as meninas dizia, a gente era tudo amiga do prédio, a gente dizia que estava na casa de uma prima, de uma tia e eu não estudava lá, as outras estudava porque dava pra estudar e eu não dava pra estudar. [...] Às vezes alguns meninos iam levar até o apartamento que a gente morava, aí a gente entrava em outra rua: “Não, está bom, está bom aqui, a gente vai embora”. Aí

ficava olhando pra trás pra ver se eles não estavam seguindo a gente pra saber onde a gente morava, a gente ia desviando, ia cortando caminho pra chegar lá no apartamento que a gente trabalhava.

Trabalhar numa “casa de família” em Boa Viagem comporta, igualmente, outras ambigüidades decorrentes das características do trabalho doméstico. Nesse sentido, o caso de Carol ganha contornos dificilmente comparáveis com outras situações de trabalho temporário juvenil. Para essa jovem, a experiência do trabalho doméstico foi também uma experiência pessoal, quase familiar. Nesse sentido, a farsa da sobrinha do interior não era apenas uma encenação, mas uma forma simbólica de elaborar as contradições desse tipo de trabalho. Por um lado, os patrões a tratavam “como se fosse da família”, o que se expressava sobretudo na hora das refeições, quando Carol sentava à mesa com todo mundo, tratamento diferente ao que a mãe e a irmã recebiam nas casas de família onde trabalhavam. Por outro lado, a jovem estava inserida numa relação de forte exploração. Na casa dos patrões, Carol lavava, cozinhava, arrumava a casa e tomava conta de duas crianças. Somente Ihe era permitido visitar sua família quinzenalmente e trabalhava mais horas do que deveria, impedindo mais uma vez a continuidade de sua trajetória escolar.

Nesse sentido, a relação de trabalho em que Carol esteve inserida funciona como um bom exemplo de “violência simbólica”: “insensível, invisível para suas vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias simbólicas da comunicação e do conhecimento – ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento” (BOURDIEU, 2002, p.7). Esse caráter de exploração somente se mostra com clareza para Carol no momento em que, novamente, a doença faz sua aparição. Afligida por uma insuportável dor de coluna, a jovem procura solidariedade na sua nova “família” e encontra, surpreendentemente para ela, a mais completa indiferença:

Carol: Eu quando eu trabalhava eles me tratavam como pessoa da família, eu jantava com eles, eu almoçava, eu não ia jantar na cozinha, eu jantava na sala. Aí quando eu adoeci, eu pedi pra sair porque eu não tava agüentando mais, ela também me colocou pra fora, aí eu pedi pra sair, aí depois disso eu vi que era só enquanto eu estava lá, que eu era considerada como da família depois que eu adoeci eu não prestava mais pra nada. Vim pra casa, fiquei doente...

Laura: Uma coisa sem valor

Deste modo, aquilo que começou como um tempo extraordinário, como uma forma de ganhar dinheiro mas também de acumular experiências, termina, no relato desta jovem, como um profundo sofrimento social. Ao se sentir abandonada por sua segunda família, Carol mergulha numa depressão de que somente sai graças ao curso de panificação:

Um mês depois que eu saí do emprego, eu entrei em depressão, eu chorava dia e noite. Ali [em Boa Viagem] eu tinha muitas amizades e também acho que eu senti falta das crianças que eu estava. Fiquei muito chateada porque eu saí de lá e a mulher não me deu nada. Eu acho que ela queria que eu fosse pra justiça mas eu não queria ir, pra evitar, porque é complicado isso, negócio de justiça, é complicado, aí eu fiquei muito, sei lá, aquele negócio preso, porque meus pais em casa ficaram falando pra eu colocar na justiça, porque ela não devia ter feito isso, e ela tinha feito acordo comigo e não cumpriu, aí eu fiquei com aquilo preso dentro de mim. Não estava saindo de casa por causa da coluna, aí fiquei um bom tempo sem conversar com as pessoas, aí entrei em depressão. Aí aconteceu o negócio dos Estados Unidos [refere-se aos atentados do 11 de setembro], aí comecei a assistir e fiquei ali concentrada naquele negócio dos Estados Unidos, no que aconteceu. Aí começava chorar de noite, comecei a imaginar coisas, aí foi que veio esse curso [de panificação], aí depois que veio esse curso, graças a Deus que veio esse curso, aí eu comecei a me reanimar, voltar de novo, porque eu sou sempre alegre, eu sempre converso muito e tava um tempo sem isso, sem sair, sem conversar, aí entrei em depressão.

O curso de panificação inaugura o momento presente de Carol. Aparentemente, sua experiência como trabalhadora doméstica foi encerrada, bem como as seqüelas que dali decorreram. Aparentemente, sua saúde não lhe impede levar uma vida normal, algo limitada em seus movimentos, porém com condições de imprimir continuidade em seus projetos de vida. Para quem sonha em ser médica, aprender a fazer pão não parece o caminho mais adequado. Mas se a história de Carol nos ensina alguma coisa, é o grande fosso que separa, para essa geração, o sonho da realidade. A fantasia da exploração.

6.2 ROBERTO: “CADÊ A OPORTUNIDADE?”

Eu tenho 2º grau, eu tenho também experiência, cadê a oportunidade?

De todos os jovens que conheci, Roberto foi um dos que melhor exemplificava o “teto de vidro” que alguns deles enfrentam em seu sonho de ter uma vida melhor. Depois de seguir à risca todas as obrigações da carreira educativa concluindo o “segundo grau”, conseguiu aquilo que muitos de seus colegas sonhavam: um emprego com carteira assinada. Sua empolgação inicial com o trabalho, contudo, deu logo lugar ao desencantamento quando percebeu que as chances de sair de sua posição de servente numa rede de supermercado eram poucas. Na época que realizei esta entrevista, Roberto se encontrava num momento de reavaliação de sua vida. O resultado, embora em alguns aspectos positivo, estava longe daquilo que sonhara um tempo atrás, quando ainda se considerava “jovem”. O desencontro entre as expectativas e a realidade marcava o momento presente, em que o jovem sentia-se amarrado a um presente cansativo e, à primeira vista, com poucas saídas.

Vida de trabalhador

Roberto começou a trabalhar ainda na infância. Com apenas 10 anos de idade, andava pelas ruas do Recife acompanhado de seu irmão mais velho, atrás de sucata para vender num ferro-velho que funcionava na comunidade do Vietnã. O orgulho com que se refere a esse tempo nos informa da construção de uma identidade fortemente ligada ao trabalho e à responsabilidade com a família, que constituem ainda hoje os dois pilares de sua vida:

Mónica: Você começou a trabalhar com 11 anos, não foi?

Roberto: Comecei a trabalhar a partir dos 10 anos, 11. Trabalhava com ferro-velho, né, negócio de ferro velho, lata, plástico, essas coisas velha, apanhava, juntava numa carroça e levava pra um depósito que tinha ali, que fechou e vendia... papelão, essas coisas recicláveis, papel, ferro, lata...

Mónica: Você andava com uma carroça?

Roberto: Eu puxava carroça. O pessoal até se admirava de ver, eu menino, puxando uma carroça.

Mónica: E foi de tu mesmo que começasse, foi a família que te incentivou, como foi?

Roberto: Eu mesmo, eu sempre fui esforçado. Meu irmão que morreu também trabalhou muito, também carregou muito ferro-velho. A gente ia até pras marés, às vezes, e na maré a gente deixava a calça num canto e ia ver o que juntava por lá, na maré tem muita... junta muito aquilo, né [...]. Tinha vezes que eu e ele, cada um trazia duas carroças por dia, que enchia as carroças, pra encher uma carroça daquelas tinha que ter muita coisa, a gente socava. Papelão, a gente molhava papelão, que pesava mais, muito barato era. Um quilo era 7 centavos, não pagava nem o esforço que a gente tinha de se acordar de madrugada pra pegar carroça.

Um trabalho pesado, insalubre e pouco valorizado marca o início da trajetória desse jovem pelo mundo do trabalho, que sofreria uma primeira transformação aos 16, quando conseguiu um estágio como Office-boy pela Fundac. Graças aos contatos feitos no estágio, Roberto conseguiu se empregar, posteriormente, em duas firmas “terceirizadas” de limpeza: nove meses numa e um ano em outra. Eu o conheci num intervalo entre esse trabalho e o trabalho atual. Na época, embora desempregado, se divertia bastante saindo com os amigos e tocando pagode. Mas tratava-se de umas “férias” que não podiam se prolongar por muito tempo. Sua família continuava precisando dele.

Quando o entrevistei de novo, em 2001, Roberto tinha 24 anos e vivia num presente inaugurado dois anos e meio atrás, quando começou a trabalhar como servente numa conhecida rede de supermercados da região. Como costuma acontecer nesses casos, o jovem não ficou sabendo desse trabalho pelos jornais ou pela Agência de Trabalho. Foi uma amiga que lhe informou de que abriram vagas na empresa. Roberto preencheu uma ficha, apresentou

seu currículo (apetrecho indispensável de todo jovem que procura trabalho) e foi selecionado para a posição de servente para a qual exigiam segundo grau completo. Desde então, trabalhara sem parar, seis dias na semana, com exceção de um período em que precisou se afastar para fazer uma cirurgia de hêrnia.

O trabalho no supermercado mudou totalmente o cotidiano de Roberto. Entrando cedo pela manhã e saindo tarde à noite, Roberto chegava cansado em casa e não tinha muita vontade de estudar, tocar pagode ou fazer qualquer outra coisa além de ficar na frente de casa: “conversando com os meninos aqui [...], a gente fica conversando aí na frente. Às vezes fico sozinho também, refletindo um pouco, pensando um pouco, botando algumas idéias no lugar, fico ali, vendo o movimento também, as meninas passando, fico fazendo uma horinha”. O final do dia era o horário dessa particular “sociedade de esquina” se encontrar, e Roberto gostava de encerrar seu dia entre conversas e pensamentos. Sua folga estava inserida num sistema de rotação, de modo que apenas a cada sete dias coincidia com um domingo. Deste modo, ficava difícil se sincronizar com os amigos em outros horários que não os da noite, dificuldade acrescida ainda pelo parco salário, que precisava entregar por completo à família, diante das importantes dificuldades financeiras pelas que todos passavam.

Com pouco tempo para a sociabilidade e menos ainda para estudar ou dedicar-se a alguma afição, o trabalho no supermercado tomava seu tempo da vida, marcando seus dias com a precisão do relógio:

Mónica: Mas você acorda de que horas?

Roberto: Eu acordo seis, seis e meia no máximo pra mim aprontar, tomar banho, todinho, trocar de roupa e trabalhar. Chego lá sete e meia – pego de oito horas. Chego lá de sete e meia, sete e quarenta, aí eu chego praticamente fardado, calça e a bota, só boto só a camisa lá, vou no refeitório, faço um lanchezinho rápido e ...

Mónica: Tem lanche lá no refeitório?

Roberto: Tem... a gente se delicia lá com os alimentos que tem lá encima.

Mónica: É bom?

Roberto: É bom, tem todo tipo de alimento pra pessoa se alimentar, né, e a gente... antes de começar, geralmente eu faço isso.

Mónica: Tu toma café aqui e depois faz um lanche lá?

Roberto: Não, eu como lá. Às vezes eu saio daqui mais cedo pra passar mais um tempinho lá no refeitório. Ai lá eu tomo um leitinho, quando quero tomo um suco, às vezes tem danone, tem... essas coisas pra pessoa se alimentar.

Mónica: Tem queijo, tem pão?

Roberto: Tem. Inhame, salsicha, presunto, tudo isso tem lá. Geralmente de manhã tem uma sopinha, eu gosto muito de sopa, né, uma sopinha de manhã é bom. Tem inhame com carne, é bom, estou ficando.. ó [risos]. Pra trabalhar, né, porque o serviço é um pouco pesado, algumas caixas são pesadas...

Mónica: Não pode chegar com fome, não.

Roberto: Tem que se alimentar bem. Já tô um pouco barrigudo aqui já [Risos].

A comida e os alimentos para “se deliciar” são o lado bom do trabalho. Reencontramos, em outra ordem de coisas, uma participação vicária no mundo do consumo pelo acesso a alimentos que raramente figuram na dieta da família. Trabalhar num supermercado freqüentado, principalmente, pelas classes médias se aproxima assim do sonho das garotas de Ilha de João de Barros de trabalhar num shopping center. Contudo, Roberto não trabalha no mundo encantado dos objetos dispostos na prateleira e sim nos bastidores, entre as caixas, fazendo um serviço pesado que exige dele apenas sua força física. No passado, Roberto gostava do seu trabalho. Hoje ele vê que é um serviço “pesado”, um setor “desvalorizado”, se sente “discriminado”, mal pago e não consegue uma promoção. À época da entrevista, ainda, Roberto era o único que trabalhava “fichado” na casa, razão pela qual sair do emprego ficava fora de cogitação.

Como se faz “um bom rapaz”

Quando fala da família, Roberto menciona alguns dramas, situações que foram contribuindo para que ele assumisse o lugar do provedor, principal responsável por uma família numerosa e com um histórico de muitas dificuldades. De seis irmãos (cinco homens e uma mulher), apenas dois homens e a moça escaparam de destinos funestos. O irmão mais velho, com quem ele se iniciou no mundo do trabalho, morreu de tuberculose. O segundo mais velho foi morto porque se envolveu com uma mulher que “era cheia de homem”. Outro irmão está agora preso, depois de ter assassinado a esposa por ciúme. A violência desse irmão constituía um evento biográfico importante para Nilton e para sua família, não apenas pela brutalidade do fato (que se expressava numa narrativa crua e rica em detalhes) mas também por ter provocado uma reviravolta na família. A mãe de Roberto, que àquela altura precisava cuidar do pai doente, recebeu em casa os três netos, filhos do homicida, que precisavam comer, estudar, vestir-se e adaptar-se a uma nova situação traumática. “Eu não me conformo”, disse-me a mãe de Roberto, olhando para a fotografia da nora, “como ele pôde fazer uma coisa dessas?”

Além de Roberto, a única pessoa que tinha “dado certo” na família era sua irmã, que casara e foi morar com o marido, num outro bairro. Já o irmão mais novo engravidou a namorada e resolveu amigar-se, porém, como estava desempregado trouxe a esposa para casa e, com isso, mais despesa às custas de Roberto. Quando parecia que a situação não podia piorar, o pai de Roberto faleceu. Perguntei se ele pensava em ter sua própria casa: “Agora

não. No futuro talvez, se um dia eu casar, que eu não penso agora mas... Já tem muita gente aqui.” Roberto se considera

praticamente como um adulto. As responsabilidades que eu tenho aqui em casa, a ajuda que é pouca que eu dou aqui, né, já a pessoa amadurece um pouco, vai aprendendo um pouco o que é casamento, o que é filhos, o que é uma família. Muitas coisas que eu quero fazer mas eu não posso, porque não tenho condições. Se eu não ajudar, quem vai ajudar? Mãe não é aposentada, pai também não tem aposentadoria, eu vou ter que ajudar. Isso faz com que eu amadureça.

Sonho escolar e “teto de vidro”

Na escola, Roberto chegou ao topo das expectativas para seu grupo social: terminou o ensino médio. Um dia, sentados na cama de seu quarto, mostrou uma fotografia e comentou, “Isso aqui foi em 98, depois que eu terminei o 2º grau fiquei relaxado”. Também parou de desenhar depois disso, uma habilidade que lhe agradava e para a qual parecia ter talento. Ainda estudando, fez curso profissionalizante: “Minha profissão mesmo é serralheiro” e trabalhou como ajudante durante algum tempo. Ao término do curso, ficou desempregado durante nove meses: “fiquei parado assim, entre aspas, né, trabalhando com meu pai, procurando também, né, colocando curriculum nos cantos”.

A história de Roberto nos ajuda a situar o campo das aspirações e o espaço das possibilidades em que se situa a transição dos jovens das classes populares à vida adulta. No que diz respeito à escola, jovens como Roberto experimentam na pele a desvalorização dos títulos acadêmicos de que Bourdieu fala (1983). No grupo social de Roberto, completar o 2º grau considera-se uma trajetória escolar bem sucedida. O prolongamento da juventude em instâncias educativas como a Universidade seria impensável para ele: significaria priorizar um projeto individual incerto às necessidades da família, da qual ele havia se tornado o principal responsável. O teto educativo do 2º grau parece ter sido construído em relação ao que idêntica titulação conseguia em outras épocas. Os pais fazem questão de que os filhos “terminem os estudos”, “se formem”, ou seja, terminem o ensino médio. Terminar o segundo grau, para muitos jovens, é um dos marcos de passagem para a vida adulta. Com o fim do ensino médio, entretanto, estabelece-se uma das mais evidentes discontinuidades nas trajetórias juvenis. Enquanto estão na instituição escolar, os jovens gozam de uma série de benefícios. Ser estudante significa ter um papel social bem definido, que se traduz numa certa leveza nas pressões familiares para se obter sustento, nas possibilidades de conseguir estágios, vale de transporte e outras vantagens, e na posse de um documento próprio a essa condição –a carteira

de estudante. Mas essa situação de definição e vantagens termina abruptamente sem que, em muitos casos, uma inserção profissional satisfatória seja realizada. Nesses casos, os jovens experimentam uma ruptura, uma descontinuidade no seu projeto de “ter responsabilidade”: fizeram a passagem mas não chegaram onde esperavam¹⁵².

Apesar de insuficiente para realizar seu sonho de um trabalho “de colarinho branco”, o ensino médio oferecia a Roberto uma importante valorização em seu grupo social. O trabalho no supermercado era, igualmente, um avanço em relação a seus inícios, quando trabalhava puxando uma carroça pelas ruas do Recife. Mas terminar o segundo grau não lhe permitiu realizar a mobilidade social que seus pais projetaram para ele. O caso de Roberto é paradigmático nesse sentido – para a sua função, hoje se requer ensino médio; antes, somente era preciso o ensino fundamental. Ao longo do tempo, as expectativas do jovem de promoção no trabalho foram se frustrando:

Roberto: [...] Apesar que preconceito tem muito, né, inclusive nesse setor que eu estou lá, isso aí existe muito preconceito porque, por causa do que eu falei mesmo antes de quando tem promoção. Tem promoção agora pra têxtil, teve uma pessoa que pediu pra sair, aí eu quero ir para têxtil, aí eu falei para o gerente do setor, falei pro meu gerente e não saiu nada, foi indicada uma pessoa, uma menina embaladora. Quer dizer, a gente não tem muita oportunidade de ir pro outro setor, a gente é como se fosse discriminado lá dentro. Quando tem vaga pra outros setores, as pessoas de frente de loja que vão, mesmo tendo menos tempo de que eu. Quando eu cheguei lá disseram que a pessoa com 6 meses já pode ir pra outro setor. Já estou com dois anos e seis meses já e já vi muita gente chegando, não passa nem seis meses direto e já vai pra outro setor [...] Eu tenho 2º grau, eu tenho também experiência, cadê a oportunidade?

Difícil é perceber que a oportunidade que Roberto recebeu foi, justamente, essa: a de ser um trabalhador braçal.

6.3 JOAQUIM: “MIL UTILIDADES”

Enquanto a gente trabalhava com sucata, muitas pessoas trabalhavam com drogas, e a felicidade deles era boa, mas curta, sem futuro.

Joaquim foi um daqueles jovens com quem mantive contato aprofundado, ainda que intermitente. Nosso primeiro encontro, por meio de Lu, ocorreu quando estava iniciando minha pesquisa no Vietnã, em 1999. Na época, Joaquim estudava o segundo grau numa escola do centro da cidade e o que o diferenciava de outros adolescentes era sua forma de

¹⁵² Discutirei novamente as descontinuidades no Capítulo 7.

socialização de infância, mais subordinado ao núcleo familiar do que à rua. Joaquim não deixava por menos, provocando freqüentes entreveros com o pai, proprietário de um galpão de peças, conhecido com “ferro-velho”, e com o irmão mais velho, soldado da Polícia Militar e membro da Igreja Presbiteriana do bairro. Na casa, ainda viviam a mãe, que se ocupava em apaziguar as desavenças provocadas pelo filho caçula, e uma irmã mais velha, que trabalhava num escritório. Joaquim gozava de condições econômicas diferenciadas dos outros jovens aqui analisados, o que se observava no padrão da casa e no fato da família não morar no Vietnã, mas na Vila Arraes, um passo adiante numa carreira de ascensão social que o filho também tentaria empreender por meio de uma trajetória profissional adaptada às exigências do mercado de trabalho atual.

Ao longo do tempo, Joaquim foi criando expectativas e oportunidades diversas e, em alguns casos, diferenciadas daquelas de outros jovens da comunidade. Diferentemente de Roberto, que se inseriu no mundo de trabalho a partir da força física, atributo inequivocamente masculino, Joaquim desenvolveu habilidades de fronteira. Uma delas era a dança, que transformou em capital econômico ao ingressar na qualidade de dançarino num conhecido conjunto musical do Recife. O pai e o irmão mais velho desaprovaram essa atividade: “(...) dançava escondido do meu pai, depois foi que ele ficou sabendo, porque meu pai ele é muito conservador....então para ele homem não podia dançar”.

Conciliando o estudo e a dança, Joaquim conseguiu juntar algum dinheiro ainda em casa dos pais. Nessa época já havia deixado de ajudar o pai no “ferro-velho”, atividade na qual se iniciou aos dez anos de idade e onde absorveu as habilidades indispensáveis para o comércio. Dono de muitas ambições, concomitante à dança, iniciou um estágio na prefeitura onde aprendeu os primeiros passos na informática. Mas logo abandonou a dança e foi experimentar outras “virações”, enquanto complementava o estágio, para as quais a experiência com seu pai foi de muita utilidade: “vendi coxinha, cachorro-quente e trabalhei com ornamentação de festas, já trabalhei com buffet como garçon, sei transformar uma mesa de bar numa mesa para buffet com pouco material, sei aproveitar de tudo um pouco....”.

Se a vida profissional apresentava um caráter cumulativo, embora diverso, a esfera familiar caracterizava-se por freqüentes conflitos e uma crescente urgência por rupturas. Ao completar dezoito anos, em 2000, Joaquim reuniu a família e os amigos para comemorar em grande festa, financiada por ele, servindo como uma espécie de prova iniciática à vida adulta. Naquela ocasião fui também convidada e pude presenciar o quanto Joaquim se esmerou em montar tudo aquilo: cerveja à vontade e o churrasco que foi assegurado até à noite quando a maior parte dos convidados já havia deixado o local. Dias depois, Joaquim me contou o

ocorrido. Discuti com o pai e o irmão, sendo convidado naquela mesma noite a deixar a casa, sob ordem do pai: “discuti com ele e ele me botou para fora... Eu disse: não se preocupe, não, que eu vou sair da casa, aí ele disse: quer a passagem para ir agora? Eu disse: meu pai já são dez e meia da noite e não vai dá tempo de arrumar minhas coisas, mas não se preocupe, não, que amanhã cedo eu saio...”

É interessante observar que a festa marcou ritualmente um evento biográfico na vida de Joaquim: a saída da casa dos pais para estabelecer-se maritalmente com Marluce, a qual conhecera já fazia algum tempo, e com quem tinha um “cantinho” para se encontrar. Todavia, foi somente depois da festa que o jovem deixou a casa dos pais para definitivamente coabitar com Marluce. Esse evento confere para ele o status de adulto, marcando uma nova etapa em sua vida, como já foi observado em outras narrativas:

Eu me considero um adulto por conta das responsabilidades que eu adquiri, sendo chefe de uma casa, uma família. Me considero jovem pela maneira de viver, eu levo o estudo como se fosse uma brincadeira para tentar ser mais fácil, porque a gente sabe que a vida não é fácil, então eu tento levar como se fosse uma brincadeira, um jogo. Estou aqui tanto para ganhar como para perder. Eu me considero um jovem adulto ou um adulto jovem.

Por essas épocas, foi convidado a trabalhar com o Dr. Bruno, dono de uma pequena empresa privada na área da construção civil, onde Joaquim exerce atividades no escritório: “na verdade eu sou multi-uso na empresa.... trabalho no departamento pessoal e também no departamento de cobrança e de vez em quando sou telefonista também...” Sua trajetória sugeria uma notável plasticidade, uma estratégia temporal flexível baseada na abertura para o novo, adaptando-se rapidamente às situações e aproveitando as oportunidades que lhe aparecem, em conjunção com as demandas de um mercado de trabalho que se transforma continuamente.

Algum tempo depois, o reencontrei. Joaquim continuava na mesma empresa, onde continuava sendo o jovem “mil utilidades”, mas já havia mudado de casa, se instalando na rua que faz a fronteira com o bairro vizinho. Esse movimento espacial condensa uma idéia de mobilidade social, como ele bem assinala: “ali é talvez o lado pobre, talvez aqui o lado civilizado, não que a pobreza virasse a civilização, mas o pessoal ali faz com que as suas coisas fiquem cada vez pior, ao invés do oposto, melhorar”. Novos planos para o futuro estavam entre suas intenções do momento: “eu gostaria muito de trabalhar com minha esposa e por isso penso em abrir um dia, quem sabe, uma manutenção em micro, SOS Computer, ou um restaurante, porque ela gosta de cozinhar...”

Driblando as dificuldades e com uma atitude aberta e flexível para captar o fluxo de oportunidades, Joaquim parecia condensar os atributos da carreira juvenil adaptada aos tempos de incerteza. O sucesso ou fracasso dessa estratégia, como já vimos em outras oportunidades, foge aos objetivos deste trabalho.

6.4 LUIS: “NEGÓCIO FÁCIL”

Eu tava trabalhando com meu padrasto. Nisso, era o que? Cada dia era dez reais trabalhando com ele, mas eu passava o dia todinho pra ganhar dez reais. E esse trabalho com celular [habilitar celulares roubados], cada viagem que eu dou é 180, cada vez que eu vou pra cidade é cento e pouco, e eu não preciso passar o dia todinho trabalhando. Vou agora, volto com negócio de meia hora, uma hora, já ganhei cem, depende do aparelho. Aí tem isso: eu não vou me ferrar o dia todinho pra ganhar dez reais.

Conheci Luis em 1999 na Escola de Música Dom Bosco, que funcionava na comunidade do Vietnã. Sendo eu uma “forasteira” e ele um rapaz “esquisito”, logo simpatizamos. Naquela época, eu não entendia os motivos da “esquisitice” de Luis, da qual apenas me chegavam certos indícios. Luis tinha largado a escola na quinta série e não parecia se interessar em retomar os estudos. Pouco tempo depois de nossa primeira conversa, abandonou igualmente a Escola de Música. “Pegavam muito no meu pé”, foi a explicação evasiva que me deu, quando lhe perguntei os motivos. Também saiu do grupo jovem da capela católica do Vietnã, aparentemente chateado com os outros participantes. Algumas pessoas restavam importância à progressiva ruptura de vínculos institucionais do jovem. “Ele é doido, você não percebeu ainda?”, foi o que escutei em várias ocasiões, quando pedia interpretações sobre seu comportamento.

Dois anos depois, reencontrei Luis numa das ruas principais da comunidade, a caminho do ponto de ônibus. Quase não o reconheci. O rapaz franzino e nervoso parecia ter ficado para trás e em seu lugar surgia um jovem mais forte e de aspecto amadurecido. Estava impecavelmente vestido, com sapato fechado, calça comprida, cinto de couro, e uma T-shirt de cor escura por dentro da calça. Marcamos uma primeira entrevista, que realizei junto com Kate Gough, na soleira da porta da sua casa. Foi então quando fiquei sabendo que a boa aparência fazia parte do disfarce usado toda vez que ele ia ao Shopping Recife para negociar celulares roubados. Quando me disse que agora costumava andar armado, precisei utilizar os artifícios da entrevista a três para lidar com essa informação (“Kate quer saber por que você anda armado”, “Kate quer saber se é normal carregar uma arma aqui no Vietnã”) –

embora isso lhe desse a chance de exagerar seus feitos para impressionar sua plateia internacional!

Nessa nova fase, Luis voltou a ficar próximo de mim. Frequentemente ligava para minha casa e me procurava sempre que eu ia à comunidade, para me contar as novidades. As pessoas conhecidas logo me alertaram a respeito dele. “Você está sabendo que esse rapaz é errado?”, perguntavam os mais enfáticos. “Vá com cuidado, ele anda fazendo coisa errada”, comentavam os mais discretos. A classificação desse “jovem errado” nos reenvia às discussões do Capítulo 4 sobre as “adolescentes de risco”. Mas se a terminologia “de risco” se inseria no campo do atendimento aos adolescentes, sendo norteadada pela necessidade de intervenção, a classificação de Luis como uma “pessoa errada” remete a uma lógica dicotômica que, no terreno da moral, divide o mundo entre os bons e os maus, os “certos” e os “errados” (FRANCH, 2000). Essas duas lógicas, embora originadas em campos diferentes (o campo do atendimento a adolescentes e o senso comum), podem igualmente ser lidas como dois momentos distintos na trajetórias dos indivíduos: para o adolescente “de risco”, o perigo se situa mais adiante, enquanto o jovem “errado” presentifica a ameaça. No primeiro caso, a intervenção busca impedir um dano futuro; no segundo, a classificação reordena as relações e significados ao redor dos sujeitos rotulados como “errados”, estabelecendo uma distância simbólica em relação a eles, que anuncia, inclusive, sua possível morte.

A dicotomia certo/errado que encontrei no Recife é muito discutida na literatura sobre classes populares e violência no Brasil, embora geralmente a partir da oposição entre trabalhadores e “bandidos” (SARTI, 1996; ZALUAR, 1985). Na maioria dos trabalhos, ressalta-se o caráter ambíguo dessa diferenciação, que tende a se suavizar dependendo do grau de proximidade de quem classifica em relação àqueles rotulados como “bandidos”, bem como do tipo de relação que o “bandido” mantém com os moradores de sua área. De todo modo, o questionamento do trabalho enquanto valor situa-se no cerne dessa discussão, o que me levou a incorporar a narrativa de Luis neste capítulo.

Nas próximas páginas, apresentarei alguns dos eventos biográficos que fazem parte da incipiente “carreira desviante” (BECKER, 1971) desse jovem, bruscamente interrompida numa sexta-feira do mês de julho de 2003, quando Luis contava com 21 anos de idade. Discutirei, igualmente, aspectos de seu cotidiano, que se inserem num estilo de vida visto pela maioria dos moradores como perigoso. Antes de ir adiante, o leitor deve saber que a natureza dos dados que encontrará nesta narrativa é um pouco diversa daqueles utilizados em outros relatos. Pelo tipo de atividades em que Luis estava envolvido, o uso do gravador se limitou à primeira entrevista. Os demais contatos, incluindo uma longa conversa que tivemos fora do

Vietnã e que me permitiu compreender bem melhor sua trajetória, não foram gravados. Além da prudência necessária devido à ilegalidade de muitas das “confissões” que escutei naquele tempo, não usava o gravador para não caracterizar uma situação de pesquisa “pura”, uma vez que tentei, inutilmente, interferir em sua trajetória que anunciava, desde nossos primeiros encontros, seu trágico desfecho¹⁵³.

A tentação da loja de departamentos

Segundo Howard Becker (1971, p.33), “O primeiro passo na maioria das carreiras de desvio é a realização de um ato não conformista, um ato que quebra algum conjunto de regras em particular”. Na vida de Luis, esse ato foi um furto numa conhecida loja de departamentos do Recife. Se ele já havia cometido outras transgressões antes dessa, ou mesmo se ele teve realmente a intenção de cometer um furto naquela ocasião, nunca saberei, mas foi esse o evento biográfico que Luis apresentou como ponto de inflexão em sua vida, a partir do qual a percepção das pessoas em relação a ele começou a se transformar. O momento, portanto, em que sua trajetória de “jovem errado” começou a ser traçada.

Como costuma acontecer com os eventos mais significativos na vida dos indivíduos, Luis narrou o que aconteceu naquele dia com profusão de detalhes e grande investimento emocional. A loja de departamentos ficava situada na Avenida Conde da Boa Vista, e era um destino corriqueiro em suas idas ao centro da cidade. Naquele fatídico dia, Luis entrou na loja acompanhado de um colega, também morador do Vietnã, que tinha intenção de comprar ali algumas canetas. Subiram juntos até o terceiro andar, onde o material de escritório ficava exposto. Uma vez lá, o colega entregou as canetas a Luis e pediu que ele descesse até o térreo, onde o encontraria depois de pagar a mercadoria. Luis desceu, deu um tempo e resolveu sair do estabelecimento, para esperar pelo colega do lado de fora. Porém, ao tentar cruzar a porta da rua, um segurança da loja o interceptou. O jovem foi conduzido até uma sala nos fundos, onde o acusaram de furto. Luis ainda tentou argumentar repetidas vezes que as canetas iriam ser pagas pelo seu colega, mas o segurança foi irredutível.

Sem dinheiro para pagar a mercadoria e diante do sumiço do colega – a única pessoa que poderia confirmar sua história –, Luis foi parar na Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), onde passou a noite. Ter sido preso deixou nele marcas profundas. Disse-me que, depois disso, a mãe não confiou mais nele como antes. Na Escola de Música, também passaram a olhá-lo com desconfiança. “Foi por isso que eu saí de lá”, comentou

¹⁵³ Discuto brevemente o embate entre pesquisa e intervenção no Capítulo 2.

numa explicação muito mais convincente sobre esse episódio em sua vida. Luis sentia que o diretor o estimulava a participar mais das atividades da Escola, mas a atitude dos outros responsáveis não era tão receptiva. Por aqueles dias, o jovem havia começado a tocar o saxofone e o diretor o convidara a chegar mais cedo para ensaiar sozinho, com um dos saxofones propriedade do centro. Depois do acontecido, entretanto, não quiseram mais deixá-lo a sós nas instalações da Escola. A pessoa responsável pela chave inventava desculpas para não abrir a sala até a chegada dos professores. “E ela estava certa!”, defendeu Luis em várias ocasiões, pois ele seria responsabilizado pelo eventual sumiço de qualquer instrumento. O afastamento do grupo de jovens da igreja respondeu a motivos semelhantes.

Afora as mudanças na percepção dos outros, a passagem pela DPCA colocou Luis em contato com todo um aparato jurídico para jovens infratores. Designaram uma “orientadora” para ele, que o visitava regularmente em casa. Vez por outra recebia notificações para comparecer ao Juizado de Menores. Segundo Luis, a orientadora simpatizou muito com ele e por isso não lhe causou problemas, nem mesmo quando ele deixou de freqüentar a escola. Porém, as visitas, os telegramas e o fato de ter estado na DPCA funcionavam como um sinalizador para todos seus vizinhos e conhecidos, um lembrete de que ele era um jovem sobre o qual podia se lançar todo tipo de suspeita.

O evento biográfico relatado por Luis, o grande divisor de águas em sua vida, a partir do qual é possível delimitar um antes e um depois, responde àquilo que Becker (1971, p.29) denomina uma “falsa acusação”: “Uma pessoa é acusada pelos demais de ter cometido um ato incorreto, embora na realidade não o tenha feito”. Não é uma escolha que se faça, muito menos um “projeto de vida”, mas uma situação que se impõe ao indivíduo e com a qual é preciso lidar, embora somente possa ser significada retrospectivamente. Diferentemente de outros *turning points*, como o casamento ou a gravidez, que explorei no Capítulo 5, a passagem pela DPCA é um fato estigmatizante, protegido pelo segredo. Ele se transformou numa passagem oculta da vida de Luis, num dado implícito partilhado pelos que o conheciam e que somente vinha a luz como confidência.

Ser acusado de furto transformou a imagem pública de Luis, que já não era muito boa, na comunidade, introduzindo a questão da confiança como uma interrogação constante na sua relação com os outros. Nesse sentido, confidenciar a própria história oferecia ao jovem a possibilidade de construir uma versão favorável sobre si, negando os boatos acerca dele que circulavam a boca miúda. Esse trabalho de reconstituição do passado se aproxima daquilo que vimos em algumas “adolescentes de risco”, no Capítulo 4. Luana e Flora utilizavam as categorias de “forjado” e de “morte por engano” para criar uma imagem positiva da prisão e

do homicídio dos irmãos. Para elas, como também para Luis, recontar o passado foi o recurso que lhes restou como forma de contestar uma classificação que não escolheram.

Por outro lado, a história de Luis também sugere que as instituições de controle (juizado, polícia, presídio) podem ter um peso mais importante, no cotidiano e no tempo biográfico juvenis, do que aquelas instituições usualmente encarregadas da socialização dos jovens – família, escola, projetos, igreja. Aqui, mais uma vez, encontramos afinidades entre a experiência do tempo de Luis e de algumas das meninas rotuladas como “de risco”, na Ilha João de Barros. O passado de Luana, por exemplo, se organizava a partir do tempo em que o pai estivera preso, sendo as entradas e saídas da prisão eventos articuladores de sua memória pessoal, e as festividades que passavam juntos os “momentos fortes” em que o vínculo familiar era reforçado. Em Luis, a passagem pela DPCA organiza sua narrativa biográfica, emergindo como ponto de ruptura em relação ao passado. Foi esse o evento, por fim, que precipitou seu progressivo afastamento de outras instituições reguladoras do cotidiano juvenil, empurrando-o, cada vez mais, a uma vida nas margens.

O tempo nas margens: a construção de uma “carreira desviante”

Pouco tempo depois do episódio na loja de conveniências, Luis deixou de frequentar a escola. Sua trajetória escolar havia sido descontínua, marcada pela repetência e pelas dificuldades em acompanhar as matérias, o que também gerava uma dificuldade em aceitar a disciplina escolar: “O ruim era ficar preso lá na sala. O cara não pode fazer nada”. Como costuma acontecer nesses casos, Luis se atribuía a responsabilidade pelo abandono da escola, que foi desencadeado por uma briga. Durante alguns meses, ele ainda tentou continuar vinculado a alguma instituição que lhe protegesse daquilo que todos começavam a dizer a seu respeito, mas o contato com um amigo lhe mostrou uma alternativa que terminou se encaixando mais com seu momento de vida:

Mónica: Quanto tempo tu estudasse, quanto tempo que tu largou?

Luis: Larguei faz um bom tempo.

Mónica: Tu estudasse até que ano?

Luis: Quinta série.

Mónica: Em que escola tu estudava?

Luis: Eu estudei até a quinta-feira no Hugo Gerdau, aí depois teve uma bronca, eu deixei de estudar de novo, aí foi quando eu fui estudar no Helena [Pugô]. Fiquei na quinta porque eu tava só passando o tempo, só dizendo que tava estudando, aí eu parei de estudar.

Mónica: E qual foi a bronca que tu tivesse?

Luis: Não teve bronca não, teve só uma briga e por isso eu desisti. [...]

Mónica: Mas foi briga por besteira?

Luis: Por besteira, aí eu não quis ir pro colégio mais não. Teve a briga, aí o professor queria botar a gente pra fora. Eu puxei a cadeira... eu ia jogar, os caras segurou... aí peguei, não estudei mais. Toda vez que eu passava... a cadeira era aqui, dá pra passar, aí toda vez que ele passava, ele me chutava, aí passou a primeira vez, a segunda, na terceira vez, aí ele chutou, aí eu puxei a cadeira pra jogar, aí veio dois caras, pegou a cadeira e segurou, aí o professor queria colocar eu pra fora. Aí a diretora veio falar comigo: “não, venha amanhã”, e eu: “vou nada!” Eu não fui mais não. [...]

Mónica: Ai depois ficasse sem ter o que fazer.

Luis: Não tinha mais o que fazer. Passei um bom tempo em casa sem sair, ia de casa pra igreja, da igreja pra casa, depois eu morguei da igreja, não quis mais não [...]

Mónica: Aí tu ficasse um tempo... teve alguma coisa que tu fizesse?

Lula: Não, depois eu comecei amizade com Filipe, aí a gente saía, aí quando surgiu esse negócio de telefone, que eu peguei a manha, comecei a fazer.

Embora o trecho acima oculte algumas informações importantes (como o motivo real para ter abandonado o grupo de igreja, que se relaciona, mais uma vez, com a desconfiança), ele é revelador do modo como a trajetória de Luis foi sendo feita de pequenas escolhas e acasos. Entre o momento em que ainda tentava se enquadrar numa igreja e os últimos dias de sua vida, quando parecia ter abandonado qualquer intenção de ter uma vida “certa”, as micro-decisões do cotidiano parecem ter jogado um papel mais importante do que os grandes planos ou projetos orientados para o futuro. Luis não tomou uma decisão refletida para sair da escola, apesar de talvez ter motivos para isso. Saiu porque um colega o provocou, exigindo dele uma resposta para manter seu já tão maculado prestígio como homem.

A saída da escola, logo depois da acusação de furto, provocou uma perigosa descontinuidade em sua vida, num momento em que as pessoas começavam a olhá-lo com desconfiança. Quando as suas duas tentativas de se encaixar (Igreja e Escola de Música) também falharam, Luis foi jogado numa situação de liminaridade (TURNER, 1974), um tempo indefinido em que se distraía jogando videogame numa *lanhouse* próxima de sua casa (e passeando com uma antropóloga!). Àquela época, tinha poucos amigos, razão pela qual passava mais tempo em casa do que na rua. Seu sonho era ir morar em João Pessoa, onde tinha família e poderia recomeçar sua vida sem carregar o peso de um estigma tão incômodo. O encontro com Filipe encerrou esse momento de relativa anomia e possibilitou que Luis começasse a construir uma identidade mais positiva para si.

O “negócio do telefone” era descrito por Luis como uma tarefa que não demandava nem muito tempo nem esforço físico, apenas alguns deslocamentos espaciais, contatos e o conhecimento necessário:

Mónica: Quando tu sai daqui, que lugares você vai?
Luis: Cidade-shopping, shopping-cidade.
Mónica: Qual é o shopping?
Luis: Shopping Recife. É só pro negócio do telefone.
Mónica: Mas no shopping tu encontra com alguém que vende, como é que é?
Luis: Encontro sempre um colega meu ou se não uma colega, aí eu passo o serial, aí ela vai e ajeita.
Mónica: Lá na cidade
Luis: Lá na cidade ou no shopping.
Mónica: E tu consegue os telefones aqui mesmo.
Luis: É. [inaud.] liga pra mim e passa o seriado.

Luis havia sido apresentado ao “negócio do telefone” três anos antes de nossa primeira entrevista, através de um colega. Porém, seu relato não é construído na forma passiva, como simples receptor de um conhecimento alheio. Muito pelo contrário, Luis tenta caracterizar sua iniciação nesse assunto como um processo simétrico, em que ele tanto aprendeu como ensinou ao mestre. A esperteza e a agilidade mental são qualidades implícitas em seu relato, contrastando com a situação da loja de departamentos, em que o jovem não teve qualquer controle, e com a sua passagem pela escola, onde não conseguia responder às expectativas dos professores:

Mónica: Como começou isso?
Luis: Eu conheci um rapaz que fazia, aí ele começou a me ensinar.
Mónica: Você fez amizade com uma pessoa que fazia isso?
Luis: Aí ele começou a me ensinar, e eu também ensinei um negócio a ele, aí eu fiquei direto.
Mónica: O que foi que ele te ensinou?
Luis: Ele me ensinou a preencher a nota, a entrar pra mexer na programação...
Mónica: É você mesmo que faz isso. Eu pensava que você levava pra algum lugar pra reprogramar.
Luis: Eu que programo.
Mónica: E como você aprendeu? Mexendo ou você conhece alguém.
Luis: Eu chegava na loja e as pessoas me ensinavam.
Mónica: Tu dizia que tu ia comprar?
Luis: Eu pedia a programação, aí ela não podia dar, aí eu começava a conversar aí ela me dava.
Mónica: Só conversando?
Luis: Só conversando. Aí ela dava.

A valorização da esperteza, que se expressa no fato de ter conseguido convencer as atendentes da loja a darem a informação de que ele precisa “só conversando”, traz à memória o universo da malandragem, tão bem descrito por Roberto DaMatta (1978). O “jovem errado” e o malandro partilham a rejeição à ética do trabalho, e a busca de formas de ganhar a vida que impliquem o máximo lucro com o mínimo esforço¹⁵⁴. Como observou Luis, reprogramar

¹⁵⁴ Alba Zaluar (1985) mostra as aproximações e diferenças entre o malandro e o bandido.

telefones roubados é “um negócio fácil. Ganha dinheiro sem fazer bem dizer nada”. Porém, conhecendo a trajetória de Luis é importante salientar que essa “ética da malandragem” é construída a posteriori, como justificativa para uma trajetória que foi sendo marcada pela exclusão social de forma cada vez mais irreversível.

Do ponto de vista da experiência temporal, o “negócio” com os telefones não introduz uma rotina repetitiva e estruturadora do cotidiano. Trabalha-se quando se quer, ou quando se precisa ou, ainda, quando a oportunidade é irrecusável, mas sempre se pode optar por ficar em casa ou matar o tempo na rua. Não se conhece, igualmente, o mecanismo de adiamento das satisfações, trabalhar um mês inteiro para depois receber um (mísero) salário. Ser “esperto” foi, paulatinamente, tornando Luis mais confiante em relação a si mesmo. Sendo esperto, livrava-se do estigma da loja de departamentos, substituindo uma atitude passiva (ser pego) por uma ativa (fazer “negócios”). Sendo “esperto” contestava, igualmente, os comentários dos outros a seu respeito, que costumavam pôr em questão sua inteligência e bom juízo (“ele é doido”, “ele é meio abestalhado”).

Até onde pude entender, as experiências de trabalho e os pequenos golpes, como a habilitação de celulares roubados, não constituíram duas áreas diferenciadas na vida de Luis¹⁵⁵. Ambas as esferas se conectavam, ora se sobrepondo, ora se sucedendo, ora se complementando de uma forma um tanto paradoxal. Para tentar evitar que Luis escorregasse para a marginalidade, o padrasto conseguiu um trabalho para ele como segurança num supermercado. Mas o cálculo de Luis foi frio que nem contabilidade:

Eu tava trabalhando com meu padrasto. Nisso, era o que? Cada dia era dez reais trabalhando com ele, mas eu passava o dia todinho pra ganhar dez reais. E esse trabalho com celular [habilitar celulares roubados], cada viagem que eu dou é 180, cada vez que eu vou pra cidade é cento e pouco, e eu não preciso passar o dia todinho trabalhando. Vou agora, volto com negócio de meia hora, uma hora, já ganhei cem, depende do aparelho. Aí tem isso: eu não vou me ferrar o dia todinho pra ganhar dez reais.

Pouco dinheiro para muito trabalho. Esse raciocínio, calcado no momento presente, parece extremamente lógico quando desprovido de qualquer valoração moral. Por isso, Luis começou a criar justificativas para seus atos, afastando a idéia de que eles pudessem ser “errados” ou moralmente incorretos. Essa mesma lógica temporal, que privilegia a dimensão do presente, dominava a esfera do consumo:

¹⁵⁵ Bem como a participação em projetos. Luis fez um curso de pintura em grafite e outro de marcenaria depois de sair da escola, quando já estava envolvido em pequenos crimes.

Mônica: Esse dinheiro que tu ganha guarda alguma coisa pra mais na frente

Luis: Não, não, de vez em quando eu guardo assim mas eu não consigo guardar muito não.

Mônica: Tu gasta mais com que?

Luis: Se alguém me chamar pra uma diversão, eu tô dentro.

A importância dada aos divertimentos, que começaram a levar a fatia mais grossa do dinheiro que Luis ganhava, mostra uma reviravolta em sua vida social. De garoto “estranho”, com poucos amigos, havia se transformado num rapaz se não totalmente popular, ao menos considerado o bastante para ter com quem passar o tempo. O espaço da casa, domínio do tempo privado onde Luis se refugiava nos momentos mais difíceis de sua vida, foi sendo substituído pelo espaço das ruas, onde as coisas começaram a se complicar.

O fim dos tempos

Luis não gostava muito de falar sobre sua família. Diferentemente de outros jovens, que incorporam a memória familiar à própria história de vida, ele respondia muito vagamente em relação ao passado, ao processo de instalação dos pais no Vietnã e às situações pelas quais a família passara até chegar ao presente. Tinha um único irmão, Marcos, com quem dividia o quarto, mas não a vida. Os pais haviam se separado algum tempo atrás embora, por razões econômicas, continuassem morando no mesmo terreno, o pai na casa enfrente, e a mãe na de trás, junto com seu novo marido e os dois filhos. Apesar da proximidade física, a relação com o pai era praticamente inexistente. Luis explicava essa distância afetiva a partir do investimento diferencial que, segundo ele, o pai fizera com os dois filhos. Funcionário da Chesf, o pai conseguiu empregar o irmão mais velho na empresa quando este cumpriu 18 anos, porém não fez a mesma coisa com Luis. O jovem lamentava o fato do irmão ter agora uma profissão enquanto ele continuava sem nenhum valor agregado para se inserir satisfatoriamente no mercado de trabalho.

A única figura de referência familiar era um tio, que morava a poucos metros de sua casa, com quem tinha uma relação de confiança, apenas ameaçada uma única vez, em que o tio duvidou dele. Afora essa relação, Luis reafirmava sua exterioridade em relação à família e ao lar, bem como a dependência do mundo da rua para a criação de sua identidade. “Mal eu paro em casa. Só vivo na rua”, disse-me logo no início de nossa primeira entrevista pós-reencontro. A procura das ruas em horários desaprovados, principalmente noturnos, apareceu, nos capítulos anteriores, como uma forma das garotas construir suas temporalidades na contramão. Contudo, se para aquelas, a conquista das ruas acarreta a transgressão da ordem de

gênero, a ligação de Luis com o espaço público levava até as últimas conseqüências a ambivalência de uma socialização masculina centrífuga em relação à casa. Espera-se que o jovem se socialize nas ruas. Entretanto, sua exterioridade deve estar subordinada às obrigações como a família (DUARTE, 1988, p.174-176), como observamos nas três histórias masculinas apresentadas até aqui. No caso de Luis, não era a vontade de contribuir com a família que o motivava a sair de casa. A rua era um fim em si mesma, o lugar onde ele tentava demonstrar aos outros que já não era um menino “doido” e sim um novo homem, jovem, destemido e esperto.

Novos amigos e dinheiro no bolso. A maior circulação de Luis pelas ruas veio acompanhada de confrontos que deram ensejo a sucessivos círculos de reciprocidade negativa. Os conflitos afetavam sua mobilidade e definiam áreas de afastamento e de convivência, que foram mudando ao longo do tempo. Quando nos reencontramos, Luis evitava ficar pelas ruas da sua comunidade, preferindo passar suas “horas vagas” em Roda de Fogo, um bairro popular próximo ao Vietnã, que conheceu quando começou a trabalhar no supermercado. A busca de novidades e a vontade de conhecer gente nova, principalmente garotas, eram alguns dos motivos que levavam Luis para longe de sua localidade. Suas duas últimas namoradas, inclusive, eram daquela comunidade. Contudo, não era apenas por isso que o jovem atravessava “a pista” em direção a Roda de Fogo toda vez que tinha um tempo livre:

Mónica: Aqui não dá pra ti mais não, por que? Enjoaste?

Luis: É não. Tem muito fuleiro.

Mónica: Fuleiro, como assim?

Luis: O cara que faz um negócio para ferrar o cara. Eu não gosto daqui não. Prefiro lá [...]

Mónica: Me dê um exemplo de uma pessoa fuleira.

Luis: Até um pouco tempo atrás aí, nesse beco que não tem o portão, tinha um cara que ficava aí, aí ele viu que eu estava com um revólver, aí ele pegou, ele tomou, ainda deu dois tiros em mim, aí pegou, ele foi chamar outro cara, aí quando chamou o outro cara entrou atrás, peguei no pé. Depois de duas semanas, o outro cara desceu, foi preso [...] perdi o revólver e o cara perdeu seis mil. Aí quando a gente se encontra já é pra se acabar.

Andar com um revólver na cintura e se dispor a enfrentar um adversário perigoso faziam parte das características do novo Luis, do jovem que pretendia deixar para atrás a fama de “doido” e o estigma de ter tido o nome manchado por um punhado de canetas. O novo Luis era corajoso, merecia respeito, entrava e saía da comunidade nos horários mais perigosos, e estava sempre preparado para qualquer eventualidade:

Mónica: Ela [Kate] quer saber por que você tem um revólver?

Luis: É porque eu chego aqui muito tarde, aí é muito esquisito aqui, muito tarde, aí tem que chegar de revólver. Eu chegava porque era uma hora da manhã, duas, aí não tem ninguém na rua, só tem fuleiro, alma sebosa¹⁵⁶ que gosta de atirar nos outros. Aí eu tenho um.

Embora existisse um certo exagero na alegação de andar sempre armado, o trecho acima incorpora aspectos encontrados na construção de uma temporalidade na contramão pelas “adolescentes de risco” da Ilha da João de Barros. Como acontecia com Raquel, Luis também gostava de avançar pela hora perigosa, se contrapondo aos tempos do trabalho e desafiando o implícito toque de recolher das comunidades. Às noites, as ruas não dormem, elas apenas pertencem a outros donos, e Luis tinha vontade de fazer parte desse mundo. Mas uma vez que, na vida desse jovem, todas as ações pareciam ter conseqüências além do esperado, a bravata de andar armado pelas ruas do Vietnã pela madrugada redundou no roubo de seu revólver e no primeiro espiral de vingança em que se enredou.

Perder o revólver nas mãos de um adversário virou uma questão de honra, dominada pela reciprocidade negativa (SAHLINS, 1970). O roubo da arma constituía a primeira “prestação” demandando, obrigatória mas voluntariamente, uma “contraprestação” do mesmo teor por parte de Luis. Ouvindo-o falar, parecia que o jovem vivia à espera desse momento. Fantasiava sobre o modo em que iria “trocar bala” com o inimigo e dizia orgulhosamente que ele era o único na favela a não ter medo do oponente. Porém, até onde eu soube, isso nunca aconteceu. De fato, Luis até chegou cogitar sair do Recife mas não conseguiu dinheiro para a viagem e ficou esperando a poeira baixar. A segunda situação foi bem mais séria.

Quando Luis trabalhava de segurança no supermercado, foi acusado de ter participado num assalto, o que lhe custou o emprego. Chateado pela falsa acusação, resolveu não devolver a arma, que passou a carregar para impressionar os colegas e na esperança de poder resolver sua pendência no Vietnã. Certo dia, depois de uma cena de ciúmes com a namorada, mostrou o revólver no meio da rua, “só por brincadeira”. Se deu mal. A notícia de que Luis estava com a arma do supermercado chegou aos ouvidos dos seguranças do local, que deram uma surra no rapaz em plena luz do dia. Segundo deu a entender, doeu mais na honra do que no rosto, que também ficou muito machucado. “Antes tivesse morrido”, repetia em diversas ocasiões. Se a afronta anterior acontecera de madrugada, sem violar o espaço do corpo, essa ocorreu durante o dia, num lugar público, deixando-lhe marcas visíveis no rosto, um dos lugares do corpo onde se assenta simbolicamente a honra masculina (a face).

¹⁵⁶ Termo aplicado sobretudo em relação a pessoas que praticam assaltos, sobretudo quando não diferenciam morador da área de quem não é.

Esse novo evento teve repercussões importantes no aprofundamento da “carreira desviante” de Luis. A partir de então, deixou de frequentar Roda de Fogo e retornou ao Vietnã, onde tentou montar uma “equipe” para fazer frente ao pessoal da favela vizinha. Além disso, a facilidade com que o dinheiro entrava e saía terminou gerando uma dívida considerável com os traficantes de crack, droga que Luis consumia em grandes quantidades em suas saídas com os amigos. Aquilo que no início parecia uma alternativa para a falta de perspectiva imediata havia se transformado, em três anos, num estilo de vida perigoso e, aparentemente, sem volta. “Não dá mais”, era assim que avaliava qualquer outra alternativa. E realmente não deu. Luis morreu numa sexta-feira à tarde, baleado, a poucas ruas de sua casa.

Capítulo 7

HORIZONTES FORTUITOS

Elementos de uma cultura temporal no plural

E abrir os braços e viver a vida:
– Quanto mais funda e lúgubre a descida,
Mais alta é a ladeira que não cansa!

Florbelá Espanca, *Sonetos*

Até aqui, discuti as temporalidades juvenis por meio de uma análise aprofundada de um número reduzido de entrevistas, escolhidas de forma a ilustrar minimamente a variedade de situações com que me deparei em minhas pesquisas: jovens de diversas idades, com diversos graus de inserção no mundo do trabalho e nas diversas instituições juvenis, em variadas situações familiares, e com diferentes estilos de vida. Em cada uma das histórias escolhidas, tentei evidenciar dimensões do cotidiano e do tempo biográfico, dando ênfase às práticas temporais e aos sentidos que os jovens atribuem às mesmas. O resultado desse primeiro momento da análise foi um mosaico de temporalidades muito variadas, em que um olhar transversal é capaz de desvendar elementos de convergência, repetições mas também significativas diferenças.

As histórias desses jovens parecem confirmar, em parte, as teses defendidas por autores como Emília Araújo (2005b), Carmen Leccardi (2005b) e Monica Rampazzi (2005): a tarefa de fazer sentido do próprio tempo torna-se cada vez mais individual. Essa individualização, contudo, esconde linhas de força na construção das temporalidades juvenis, que nos sugerem a importância da condição de gênero e das condições de produção e reprodução da vida material e simbólica nos grupos populares, que por sua vez modelam a feição do curso da vida e o significado social da juventude no grupo estudado. Pensando especificamente na idéia de “crise da biografia normal” (LECCARDI, 2005b; 2005d), as narrativas apresentadas até aqui apontam a permanência de certos eventos biográficos como valores simbólicos do amadurecimento social, mas também indicam a pluralidade de formas que a ordenação temporal, sincrônica e diacrônica, pode assumir nos dias de hoje.

Neste capítulo, tentarei aprofundar alguns desses elementos, trazendo novamente para análise as histórias apresentadas, bem como acrescentando exemplos extraídos dos relatos de outros jovens que não incluí nos estudos aprofundados. Evitarei, na medida do possível, incorrer na tentação de encerrar essa diversidade de vivências temporais em algumas tipologias, que poderiam empobrecer a riqueza que as histórias revelam. Trata-se, antes, de

retomar as questões com que abri este trabalho, organizando-as a partir de alguns eixos presentes em minhas indagações iniciais: a forma de organização do tempo cotidiano de jovens em diversas situações; a construção do tempo biográfico; a organização do tempo do curso de vida; e, por fim, as representações e práticas orientadas para o futuro.

7.1 O TEMPO COTIDIANO E SEUS MÚLTIPLOS SENTIDOS

A dimensão do tempo cotidiano é uma das mais problematizadas nos trabalhos sobre as mudanças na experiência temporal nas sociedades contemporâneas, ocupando um espaço relevante no debate sobre juventude no Brasil (vide Capítulo 1). Falar sobre cotidiano remete às maneiras como os diversos grupos sociais estabelecem os ritmos da vida coletiva, de que modo qualificam seu tempo estabelecendo distinções entre, por exemplo, sagrado e profano ou público e privado, mas também, e sobretudo, de que modo diversos registros temporais convivem numa mesma sociedade (TABBONI, 2006). Como as narrativas juvenis sugerem, o tempo cotidiano reveste-se de uma grande pluralidade. Nele concorrem práticas diversas, qualificadas de forma diferente a partir da expectativa para cada momento da vida, da condição de gênero e das diversas situações em que os jovens se encontram (estudantes, trabalhadores, desempregados, etc.). Além disso, a crescente individualização dos modos de vida, associada à relativa perda de importância das instituições no cotidiano juvenil, se reflete em soluções bastante singulares das quais apresentei apenas uma mostra.

Neste momento, tento sistematizar algo dessa diversidade, a partir da compreensão dos vários tempos em que se pode decompor o cotidiano. A literatura consultada aponta que estão acontecendo importantes transformações na articulação dessas esferas nas sociedades industriais. No que diz respeito à juventude, existe uma certa insatisfação quanto ao que as tradicionais divisões, sobretudo aquelas advindas do tempo institucional, podem contribuir para a compreensão do que realmente interessa aos jovens de hoje. Além disso, as transformações nas relações de gênero tensionam algumas das bases em que repousava o cotidiano das sociedades industriais. O que parece estar em questão é a permanência ou a mudança da ordem temporal surgida da industrialização, e seus diversos desdobramentos para os vários momentos na vida dos sujeitos – embora tais questões, conforme assinaléi no Capítulo 1, precisam ser sempre postas em perspectiva no caso de países de industrialização tardia, como o Brasil.

Segundo a conhecida análise de E.P. Thompson (1998), nas sociedades industriais o cotidiano foi emoldurado pelo tempo do relógio mecânico, que estandarizou a multiplicidade

de temporalidades antes existentes, subordinando os ritmos sociais à caminhada implacável de suas agulhas. Como diversos autores já demonstraram, esse tipo de organização temporal tem suas raízes históricas nos mosteiros beneditinos, primeira experiência de organização disciplinar do tempo com base na medida do relógio (LASÉN, 2000; THOMPSON, 1998; ZERUBAVEL, 1981). No modelo surgido da sociedade industrial, a disciplina temporal, a oposição trabalho-lazer e a rígida segmentação das atividades refletem uma ideologia produtiva do tempo, em que o trabalho passa a ocupar um lugar de centralidade (BOISARD, 1984). Desta forma, os ritmos cotidianos são encompassados pela disciplina do trabalho, que demarca horários de faina e de descanso ao longo do dia, bem como períodos de afastamento do trabalho no decorrer do ano.

A organização temporal industrial, se por um lado substituiu o enraizamento comunitário rítmico em favor das “cadências monótonas das máquinas” (LASÉN, 2000, p.46), também contribuiu para estruturar o cotidiano numa série de seqüências repetitivas e predizíveis. O ritmo de vida de uma vila operária é, talvez, o melhor exemplo do modo pelo qual as cadências familiares e sociais se articulavam à disciplina fabril: “Em resumo, os apitos são, para os moradores da vila operária, um referente geral de tempo. É através deles que os habitantes de Paulista datam os mais variados acontecimentos ali ocorridos: ‘aconteceu antes do apito das 11’ ou ‘depois do apito das 5’, etc.” (ALVIM, 1997, p.155). Nas sociedades contemporâneas, essa estruturação começa a se transformar, porém, o alcance dessa mudança é avaliado de forma muito diversa. O sociólogo Renato Miguel do Carmo (2006) identifica duas tendências básicas na literatura sobre o tema: alguns autores tomam como referência o paradigma da modernidade, enfatizando a noção de tempo contínuo; outros dão relevo aos componentes fragmentários do tempo, que decorrem de mudanças acontecidas nas sociedades contemporâneas nas últimas décadas. Para os primeiros, entre os quais situa Anthony Giddens (2003), o cotidiano se organiza de forma repetitiva, o que pode ser apreendido a partir da idéia de tempo reversível de Lévi-Strauss:

A rotina (tudo que é feito habitualmente) constitui um elemento básico da atividade social cotidiana. [...] O termo “cotidiano” condensa exatamente o caráter rotinizado que a vida social adquire à medida que se estende no tempo e no espaço. A natureza repetitiva de atividades empreendidas de maneira idêntica dia após dia é a base material do que eu chamo de “caráter recursivo” da vida social (nome que, segundo entendo, designa a recriação constante das propriedades estruturadas da atividade social – via dualidade de estrutura – a partir dos próprios recursos que as constituem). A rotinização é vital para os mecanismos psicológicos por meio dos quais um senso de confiança ou de segurança ontológica é sustentado nas atividades cotidianas da vida social (GIDDENS, 2003, p.XXV)

Já para os autores que defendem a idéia de fragmentação, o cotidiano contemporâneo não está mais sujeito aos ritmos repetitivos da primeira modernidade. Richard Sennett (2003) se alinha a essa tendência, que atribui às mudanças no mundo do trabalho: uma maior elasticidade nos horários de trabalho, a compressão das rotinas em períodos temporais cada vez mais curtos e indeterminados; a precariedade e instabilidade contratual. Ao invés de um único tempo social, marcado pelo ritmo diário e anual do trabalho industrial, como no exemplo da vila operária, infinidade de pequenos tempos difíceis de sincronizar entre si: “Hoje estamos numa linha divisória na questão da rotina. A nova linguagem de flexibilidade sugere que a rotina está morrendo nos setores dinâmicos da economia. Contudo, a maior parte da mão-de-obra permanece inscrita no círculo do fordismo” (SENNETT, 2003, p.50).

Os jovens estudados mostram ambas as tendências. Por um lado, existe um forte sentido de rotina, na acepção de Giddens, mas ele alcança de forma diferenciada as diversas áreas da vida social e não marca o cotidiano de todos os jovens do mesmo modo. Além disso, o sentido atribuído à rotina, assim como à quebra da mesma, pode variar bastante, o que faz do cotidiano um significativo vetor de valores e expectativas da juventude estudada.

A circularidade dos tempos privados: cuidado de si e cuidado dos outros

Os tempos privados, incluindo a esfera dos cuidados diários com a higiene e com o corpo, bem como o trabalho doméstico não remunerado, são marcados nos relatos dos jovens pelo seu caráter recursivo, aproximando-se da idéia de reversibilidade de Lévi-Strauss. Seguindo a sugestão de Adam (1990), acredito que a idéia de reversibilidade precisa ser entendida com cuidado, uma vez que o tempo da vida não é o tempo do mito, não sendo possível *stricto sensu* voltar no tempo. Contudo, o tempo privado constitui uma esfera menos submetida à fragmentação encontrada em outras áreas da vida dos entrevistados, pois depende da realização mais ou menos idêntica de uma série de pequenos atos diários de forma a garantir a ordem cotidiana da casa e do corpo. Repetição mas também novidade fazem parte da rotina, e o caráter recorrente advém tanto da seqüência de acontecimentos como, sobretudo, da percepção dos sujeitos de um tempo idêntico baseado na repetição¹⁵⁷.

Como vimos nas narrativas, os jovens de ambos os sexos costumam narrar sua rotina começando com os rituais de higiene, formas, como nos ensinou Mary Douglas (1976, p.14),

¹⁵⁷ Para uma discussão sobre as diversas posições a respeito da idéia de “tempo reversível”, ver Carmo (2006).

de eliminar a impureza e a desordem e assim contribuir para organizar nosso meio. Escovar os dentes, tomar banho, pentear os cabelos, vestir-se, essas pequenas ações fazem parte da relação de atividades habituais de todo jovem, embora o tempo destinado a esses cuidados seja mais exíguo entre aqueles que começam a trabalhar cedo ou entre os que comparecem à escola no horário matutino. Seqüência semelhante repete-se à noite, antes de dormir, às vezes na volta da escola ou do trabalho. Diferentemente da seqüência que dá início ao dia, os cuidados em outros horários e mesmo à noite não recebem tanto detalhamento nos relatos, ao não estar submetidos a uma ordem seqüencial tão definida como pela manhã. O fim do dia, sobretudo, costuma a ser narrado a partir do encontro com terceiros (namorados, amigos, família) ou dos “passatempos” como assistir televisão, restando importância aos rituais de higiene, que são momentos de individualização.

O tempo do cuidado de si ganha maior relevância aos finais de semana, sobretudo entre as garotas solteiras, muitas das quais reservam um ou mais expedientes para tratamentos de beleza um pouco mais demorados, como aplicar uma máscara hidratante no cabelo, fazer escova ou fazer as unhas. Lara, por exemplo, gostava de ficar no sábado pela manhã “em casa, me produzindo pro meu belo”, assim como várias outras jovens, que também marcavam o tempo extraordinário desses dias com um maior “tempo para si” destinado aos cuidados com a aparência. Como afirma Prost (1992, p.94), “Não existe maior manifestação do primado da vida individual do que o moderno culto do corpo”. Todavia, o tempo dedicado ao culto ao corpo também incorpora o “outro” enquanto possível destinatário do cuidado de si, como mostra a fala de Lara acima transcrita. Além disso, nos finais de semana esses momentos podem se tornar eventos de sociabilidade feminina no espaço da casa, pois muitas vezes são as amigas que realizam os tratamentos estéticos em suas colegas. É desse modo que algumas jovens, como Kátia, que reencontrei casualmente trabalhando num salão de beleza em Boa Viagem, três anos depois de nosso último encontro, adquirem suas primeiras habilidades profissionais, num exemplo bastante comum de interpenetração das esferas privada e pública.

Cabe salientar, ainda, que embora as jovens casadas e as mães também destinem tempo aos cuidados com a aparência, isso parece ser mais comum entre as garotas que não iniciaram suas famílias de procriação. Mesmo quando às vezes essas jovens têm muitas mais tarefas a realizar (cursos, escola, projetos, estágio), parece ser mais fácil para elas encontrar um “tempo para si” – apesar do exemplo de Natália, em que o “tempo para si” foi conseguido depois do estabelecimento da própria casa. Nas palavras de Jade, “[Quando a mulher casa] fica em casa, cuidando do marido, cuidando da casa e dos filhos. Esquece de si mesma. Aí é

um problema”. Por outro lado, é maior a expectativa de que as jovens solteiras se mostrem jovens e belas, existindo a compreensão de que o corpo feminino perde rapidamente sua beleza, sobretudo depois da chegada dos filhos.

Como vimos nos capítulos anteriores, o tempo do trabalho doméstico é desigualmente distribuído entre homens e mulheres, correspondendo à oposição interioridade/exterioridade que vincula as garotas ao domínio do doméstico e os rapazes ao espaço das ruas. A destinação de um tempo cativo para a realização de tarefas domésticas apareceu em 20 dos 32 orçamentos semanais (agenda da semana) preenchidos por garotas moradoras do Vietnã, e apenas em um dos 11 orçamentos masculinos, respondido por um jovem de 23 anos que morava sozinho com sua avó de 82 anos. Embora tais orçamentos não tenham qualquer intenção estatística (vide Capítulo 2), eles mostram, contudo, uma tendência retratada em estudos nacionais e internacionais sobre os usos do tempo, e mostrada também nas narrativas juvenis dos três capítulos anteriores: o fato de as mulheres destinarem mais tempo do que os homens ao trabalho doméstico, em todos os grupos sociais e em todas as fases da vida.

Como vimos no Capítulo 4, o trabalho doméstico não remunerado é um importante elemento da socialização de gênero e atua como mecanismo de controle, contribuindo para a manutenção das garotas dentro da casa. A destinação de uma parcela do dia ou da semana para o trabalho doméstico pode ser algo não problemático, como acontecia na família de Mara, em que o fato de se tratar de três mulheres torna mais pacífica a distribuição de tarefas. Ou pode, pelo contrário, ser objeto de brigas, como ocorre entre várias “adolescentes de risco” da Ilha de João de Barros, que somente com muita dificuldade aceitam a manutenção da norma de gênero que beneficia seus irmãos. Problemas entre irmãs pela desigual distribuição do ônus do trabalho doméstico também foram narrados, sugerindo que o trabalho da casa é pouco valorizado pelas jovens, e costuma a ser visto como uma obrigação ou até mesmo como um “fardo”. Contudo, existem diferenças significativas que não decorrem apenas da disposição individual mas também da posição das jovens nas suas famílias e de seu momento de vida.

Entre as jovens solteiras e sem filhos, raramente a esfera do trabalho doméstico é apresentada como um tempo verdadeiramente significativo em suas vidas, sendo mais comum que apareça como uma obrigação não desejada. Existem tarefas consideradas mais interessantes pelas garotas como, por exemplo, arrumar o próprio quarto (para aquelas que têm um espaço próprio dentro de casa), cozinhar, em alguns casos, e sobretudo cuidar de crianças. Frequentemente, “fazer de babá” constitui uma atividade limítrofe, situada entre o prazer e a obrigação, uma vez que as crianças, como bem mostrou Claudia Fonseca (2002),

são muito valorizadas nos grupos populares, assim como a maternidade. Também aqui ocorre a interpenetração entre público e privado observada em relação aos cuidados com o corpo, uma vez que é comum as garotas transformarem a habilidade em tratar de crianças, adquirida em casa, em fonte de renda, trabalhando para as vizinhas ou em casas de família.

Cabe salientar que a parcela de tempo que as jovens solteiras dedicam às tarefas domésticas é muito variável. Na maioria das famílias que conheci, o trabalho doméstico dessas garotas, sobretudo quando ainda são estudantes, é entendido como uma “ajuda” às suas mães, que são as que assumem na prática o grosso dessa responsabilidade. Essas jovens costumam dedicar um a dois expedientes por semana a fazer faxina, embora possam ter algumas atribuições menores todos os dias, como lavar os pratos, passar a vassoura, arrumar a própria cama e muitas vezes a cama dos irmãos.

Circunstâncias particulares colocam as jovens solteiras como principais responsáveis pelo trabalho necessário à reprodução doméstica em suas famílias de origem. Na comunidade do Vietnã, dois casos chamaram especialmente minha atenção: Lu precisou interromper sua carreira escolar para tomar conta da casa e da avó doente, enquanto a mãe trabalhava fora; e Rosália, uma jovem criada pelos avôs, também teve que mudar de vida com a doença da avó, ficando responsável, de quebra, pelo cuidado de todas as crianças da família (incluindo uma filha sua, que nasceu quando Rosália já era responsável pelos cuidados de sua avó) para possibilitar que suas irmãs e outras parentes trabalhassem fora. Nesses casos, o tempo do cuidado com os outros tornou-se, apesar da sua condição de “jovens solteiras”, seu principal tempo de vida, deixando pouco espaço para outras atividades afora a sociabilidade noturna. Posteriormente, retomo o caso de Lu e o impacto desse momento de sua vida em seu tempo biográfico.

Com o casamento e/ou a chegada dos filhos, essa situação tende a se transformar. É então que o tempo familiar e doméstico passa a ser o lócus privilegiado da identidade social de muitas jovens, que não apenas começam a se dedicar mais a ele mas também lhe conferem um sentido maior em suas vidas. Foi isso que vimos no relato de Natália, e também nas experiências de garotas como Marita, que fugiam do serviço doméstico quando solteiras e passaram a realizá-lo com surpreendente entusiasmo depois do casamento. Nesses casos, o tempo doméstico constitui um importante mecanismo de regulação temporal na vida das jovens, conformando uma rotina de tarefas que dão cadência aos dias e às semanas. Trata-se de uma marcação temporal baseada na realização das atividades que fornecem a medida do tempo (fazer almoço, dar banho nas crianças, etc.), como costuma acontecer em sociedades que, a título comparativo, podemos chamar de “pré-modernas” (THOMPSON, 1998). Essas

tarefas costumam seguir uma seqüência mas não ela não é exata, nem segue uma regularidade cronométrica. Eventualmente, essa organização temporal se articula com o tempo “moderno” do relógio – por exemplo, nos horários da creche, da escola das crianças ou da programação televisiva. No caso das mulheres que também trabalham ou que fazem estágio, a temporalidade da tarefa articula-se ainda mais com o tempo mesurável do relógio e é nesses casos que a menção ao horário de cada atividade pode ser melhor percebido. De todo modo, é importante salientar que a temporalidade dominante na esfera doméstica independe da medida abstrata do tempo, embora possa se articular com ela.

A diferença de atribuições domésticas entre homens e mulheres faz toda a diferença em situações de desinstitucionalização e de desemprego pois se, para as jovens, o cotidiano doméstico pontua o tempo, fornecendo a medida dos dias através da sucessão de tarefas que precisam ser feitas diariamente, o tempo dos jovens desempregados têm menos pontos de referência, e estes raramente se situam no domínio doméstico. Todavia, a história de Laura nos convida à prudência quanto à valorização que as jovens dão ao tempo doméstico enquanto organizador do cotidiano, pois ele pode se apresentar como o protótipo de uma vida desinteressante e monótona, que não corresponde às expectativas traçadas por elas antes de constituir família. Nesse sentido vimos emergir em várias circunstâncias o termo “rotina” num sentido negativo, ligado ao tédio e à falta de novidade no cotidiano. Essa polissemia da rotina, ao mesmo tempo segurança e prisão, está presente na própria valorização teórica desse assunto (SENNETT, 2003, p.35-51) e não foge, de modo algum, à compreensão dos jovens.

Entre os garotos solteiros, o tempo do trabalho doméstico é praticamente inexistente ou pouco relevante. Alguns jovens forram a própria cama pela manhã mas fora isso não são usualmente responsabilizados pelas tarefas domésticas, que são assumidas pelas irmãs e pelas outras parentes do sexo feminino. Quando casam, esperam das esposas idêntico tratamento, mesmo naqueles casos em que as mulheres exercem trabalho remunerado, dentro ou fora de casa¹⁵⁸. Há, contudo, algumas exceções que apresentam um interesse para esta pesquisa. O jovem Joaquim, a quem apresentei no Capítulo 6, tinha gosto pelo cuidado da casa, e se considerava um cozinheiro razoável, sobretudo depois que casou e aprendeu alguns “truques” com sua mulher. Mas não era essa a única “rareza” com que Joaquim contava, em relação ao modelo dominante de masculinidade no bairro. O jovem já havia sido dançarino e seus movimentos eram algo afeminados, sobretudo quando saía à noite para dançar com os amigos, o que levava sua amiga Lu a tentar “corrigi-lo” em algumas ocasiões. Além disso, tinha muito

¹⁵⁸ Todos os dados sobre a distribuição das tarefas domésticas na família são amplamente confirmados na literatura sobre grupos populares.

cuidado com o vestuário e com sua imagem, bem como com a forma de se expressar, lançando mão de um parafrazeado não muito usual entre seus colegas e vizinhos. Cozinhar fazia parte, portanto, de uma individualização desse jovem em relação ao padrão dominante de gênero (e também de classe), que lhe permitia experimentar algumas das habilidades habitualmente atribuídas ao gênero feminino, embora pagasse, por isso, o preço de uma dúvida constante em relação a sua virilidade. Semelhante situação enfrentava Dênis, cujo gosto pela cozinha o levava a assistir todas as manhãs o programa televisivo de Ana Maria Braga – e cuja virilidade também era posta sob suspeita. É interessante que, em ambos os casos, o tempo dedicado às tarefas domésticas é visto como um tempo prazeroso e fora da rotina, pois para os jovens o fato de cozinhar constitui uma escolha e não uma obrigação. De fato, Joaquim “ia para a cozinha” apenas em determinados momentos, deixando nas mãos de Marluce, sua esposa, a reprodução do cotidiano.

Afora esses casos, é comum os jovens realizarem trabalhos domésticos quando correspondem à lógica de gênero: eles cuidam da parte externa da casa, dos animais, quando tem, e de eventuais consertos em que é preciso o uso da “força” ou de habilidades que sugerem “capacidades mentais” tidas como masculinas (consertos na rede elétrica, a construção de um muro de arrimo ou de uma laje, etc.). Se o serviço feminino com a casa e, sobretudo, com as crianças, é organizado de forma a que cada dia siga uma seqüência semelhante ao anterior, reforçando a representação cíclica muito comumente atribuída à temporalidade feminina, o trabalho masculino na casa não tem a mesma regularidade, respondendo em geral a demandas específicas e que eventualmente mobilizam terceiros. Para elas, o trabalho constante e muitas vezes invisível do dia-a-dia, um tempo destinado a um contínuo refazer-se; para eles, momentos de concentração e de esforço acompanhados de outros tempos em que o trabalho doméstico inexistente. Apenas em alguns casos, o cuidado dos filhos introduz uma certa rotina, no sentido dado por Giddens, no cotidiano masculino. Entretanto, o mais comum é que os pais “ajudem” no cuidado dado às crianças, considerando, porém, que a responsabilidade com os cuidados do dia-a-dia cabe às mulheres, opinião partilhada pela maioria das mulheres, apesar de ocasionar eventuais tensões entre a casa e a rua:

Mônica: E Ernesto, como é como pai?

Sofia: Ele é super... eu acho que ele é um pai, não vou dizer exemplar né, eu *fico assim chateada porque ele sai e eu fico em casa, mas isso aí é responsabilidade minha e não dele* e eu tenho que entender que ele toca [Ernesto é músico], tem que sair, e eu agora nesse momento não posso estar direto atrás por causa da zoada... por causa do neném, mas ele... mas ele tá

bestinha. Se for possível ele não vai nem trabalhar pra ficar com o menino. Ele, não tenho o que falar, não. Só fico arretada com ele mas eu tenho que entender que ele vai sair dia de sábado e domingo.. Aí eu digo: “por que tu não fica pra ficar com o teu menino?! não sei o que...” arengando, mas por besteira, mas depois eu fico pensando que eu que tô errada porque a obrigação não é dele, *a obrigação dele eu acho assim, é dar carinho ao menino quando ele estiver em casa porque ele vai ter que trabalhar né, e dar as coisas pra o menino*, ele compra de tudo pra o menino, compra remédio, compra as coisas tudinho, graças a Deus nunca faltou não, ele nunca deixou... ele bebe sim, final de semana mas antes ele me dá o dinheiro pra comprar o leite, tudinho, as coisas, porque se ele não desse!! Oxê, sei não.

Marita: Isso é a obrigação de todo homem que arranja viver com mulher, tem que ter obrigação mesmo. A pessoa não vai pegar seu dinheiro, vai beber sabendo que ali vai faltar alguma coisa... Por isso às vezes eu me arrependo, puxa, era melhor tá lá mesmo porque lá não gastava um real final de semana, quando vinha gastar era quando recebia demais.

Outro aspecto interessante para pensar o tempo privado em relação às mudanças nas temporalidades diz respeito à segmentação espaço/temporal. Como já sugeri em outras ocasiões¹⁵⁹, a segmentação de espaços para a realização de tarefas distintas, que produzem temporalidades diferentes, está na base da organização do cotidiano que emergiu da industrialização e que se impôs *pari passu* ao avanço da ideologia individualista. Segundo DaMatta, em nossas sociedades “...o indivíduo é o foco da maioria das ações da vida cotidiana e todos os espaços são marcados individualizadamente” (1991, p.45). Para o autor, nas rotinas da sociedade, tudo é individual e somente nos momentos extraordinários, nos transformamos em seres coletivos. Entretanto, nos bairros pesquisados, os espaços raramente são individualizados, apenas entre as famílias com mais recursos os jovens possuem um espaço próprio. Isso afeta a segregação de atividades, como vimos no caso de Mara, que não conseguia estudar em casa. Até mesmo as camas são não raro partilhadas por vários irmãos, às vezes pela mãe e seus filhos. Existirá um espaço onde os jovens constroem, então, um “tempo para si”? Muitos deles o fazem, como vimos, nas ruas. Outros apenas conseguem seu tempo próprio quando formam seu núcleo doméstico, independente da casa da família de origem. O fato de estarem menos submetidos ao tempo do trabalho também contribui, em muitos casos, para a possibilidade de se criar temporalidades próprias, na contramão ou a contratempo, dos tempos de outros membros da família, como veremos sobretudo na análise do tempo de lazer. As instituições juvenis, por fim, também caracterizam uma temporalidade singular no cotidiano, cujos principais aspectos tentarei destacar a seguir.

¹⁵⁹ Ver a introdução ao Capítulo 5.

Instituições para jovens e socialização paradoxal do tempo

Se, como afirma Colucci (1984), as instituições tendem a criar uma temporalidade cíclica para conseguir seus objetivos, o tempo institucional é uma outra esfera onde deveríamos encontrar o elemento recorrente do cotidiano. Porém, as instituições juvenis não estão presentes do mesmo modo na vida de todos os jovens que moram em bairros populares do Grande Recife, nem conferem sempre o sentido de rotina ao cotidiano juvenil. Nesse sentido, as histórias dos jovens entrevistados constituem exemplos da necessidade de contextualizar a idéia de “desinstitucionalização”, que freqüentemente acredita-se afetar as experiências temporais dos jovens. Como já foi sugerido, a “desinstitucionalização” tanto atinge o tempo biográfico, modificando os sentidos que atrelavam o curso da vida à passagem por uma série de etapas com suas correspondentes inscrições institucionais, como a configuração do tempo cotidiano, gerando aquilo que nos anos 1980 passou a ser chamado, de forma um tanto alarmista, de “síndrome da desestruturação temporal” (CAVALLI, 1985; COLUCCI, 1984). Neste momento, minha atenção se volta a este segundo sentido, focando o papel que certas instituições jogam no dia-a-dia dos jovens pesquisados.

Diferentemente do tempo doméstico, o tempo institucional está igualmente presente (e às vezes ausente) no cotidiano dos jovens de ambos os sexos, embora meus dados apontem uma maior inserção das garotas nos graus mais avançados do ensino formal. Esse dado – que, repito, não tem intenção estatística – confirma uma tendência observada nacionalmente, que costuma ser atribuída à inserção mais rápida dos rapazes no mundo do trabalho. No quesito idade, observa-se uma maior presença de certas instituições, sobretudo da escola, entre os entrevistados mais novos e solteiros, isso não impede porém que encontremos jovens casados ou jovens com filhos estudando e fazendo parte de projetos juvenis. As igrejas, que apenas aparecerão superficialmente neste capítulo, constituem a única instituição que não têm uma clara ligação com a idade social de seus freqüentadores – embora existam atividades e espaços adequados a cada momento do curso da vida em algumas delas (SCOTT; CANTARELLI, 2004). Porém, se por um lado o casamento ou o fato de ter filhos não levam necessariamente ao abandono da escola ou de outros projetos, pode acontecer uma despriorização do tempo institucional face a outras esferas, como o tempo do trabalho e o tempo familiar. Pude observar, por exemplo, uma preocupação por parte das jovens casadas para que a continuidade dos estudos não atrapalhe a conjugalidade, o que as leva a mudar os horários da escola ou a reavaliar sua participação em projetos educativos.

Feitas essas considerações, dois aspectos precisam ser levados em consideração para compreender melhor o papel das instituições na organização temporal do cotidiano entre os jovens estudados: a vinculação diferencial dos jovens às diversas instituições; e as particularidades das instituições em si. Nesse sentido, uma primeira constatação é que, embora existam diferenças no cotidiano dos jovens que estão vinculados a instituições (jovens “institucionalizados”) e aqueles que não o estão (jovens “desinstitucionalizados”), há muitas diferenças, também, no tipo de vínculo estabelecido, o que redundará em diferenças nas temporalidades. Para alguns jovens, as instituições funcionam como os principais marcadores de tempo, aos quais é preciso subordinar todos os outros tempos da vida. Isso ocorre quando o jovem extrai de sua adesão a determinada instituição sua principal identidade (estudante, estagiário, etc.), como vimos acontecer com Nara, cujo cotidiano era regulado pela escola, pelo estágio e, em menor medida, pela igreja. Os jovens que fazem estágio, como também acontece com os trabalhadores, são mais norteados que os demais pelo horário do relógio, dando uma descrição detalhada de seu cotidiano, a partir da sucessão de atividades, deslocamentos, paradas para almoço, etc. Trata-se de jovens com a agenda cheia que experimentam a exigüidade do tempo como uma condição permanente. Além disso, para aqueles que investem na educação como um caminho para a transição à idade adulta, o tempo gasto nas instituições juvenis pode não ser um tempo coagido, ao lhes conferir um sentido de progresso e continuidade em relação ao futuro esperado, como vimos acontecer com Mara.

Muitos jovens, por outro lado, mantêm uma relação pontual com as instituições juvenis. Vão à escola, freqüentam projetos mas não é essa a dimensão mais relevante de suas vidas, nem a que ocupa a maior parte de seu tempo. Nesses casos, o caráter coercitivo do tempo institucional pode aparecer com mais clareza, em decorrência da não sobreposição dos objetivos de vida e os objetivos da instituição. Muitos jovens reclamam dos horários da escola, sobretudo do horário matutino, pois interfere na vontade de dormir até mais tarde – uma das formas comuns de “contratempo” juvenil. Flora, do grupo de “adolescentes de risco”, classificava como chatos aqueles professores que mais se opunham à interrupção da aula, impedindo-a de ir ao banheiro ou de beber água no horário de classe. Muitas vezes, percebe-se que os jovens não entendem o sentido dessas proibições, experimentando o tempo na escola como um tempo externo, cheio de normas arbitrárias que tolhem sua expressividade e impedem uma autorregulação temporal, ainda que considerem importante ir à escola e “terminar os estudos”.

Mónica: Tu não recebes o Bolsa Escola?
Raquel: Não, porque eu não fui pra escola mais.
Mónica: Como é isso?
Raquel: Porque eu não fui mais. Deixei e ir [...] porque cansa.
Mónica: Como era quando você ia pra escola?
Raquel: Eu gazeava. Às vezes eu gazeava. E eu briguei com um menino lá na escola. Ele jogou meu caderno no chão e eu bati nele. Ele falou um palavrão e eu dei-lhe um murro nele.
Mónica: E aí que foi que aconteceu?
Raquel: Eu fiquei suspensa [...] mas eu vou voltar de novo.
Mónica: Quando que você pretende voltar?
Raquel: Quando acabar as férias [...] porque quando eu ficar grande vou precisar de um emprego e não tenho. [...]
Mónica: E como vai ser lá na escola?
Raquel: Vai ser ruim porque o diretor é chato [...]
Mónica: O diretor é chato, como assim?
Raquel: Só pode entrar de calça e de camisa, oxe!, não pode entrar de corsário... Mas as meninas grávidas vão de saia.

Mónica: Como é a relação que vocês têm com os professores?
Flora: Tem uns que é bonzinho com o aluno, tem outros que não. Fica brincando com ele, você pede pra ir beber água, “vai não, não está na hora do lanche”, aí por isso que é chato.
Mónica: Porque eles não deixam sair da aula quando tem sede. E no banheiro, deixa?
Flora: Também não.
Mónica: Também não. Todos ou só os chatos?
Flora: Quase todos, mas tem uns que é chato e tem uns que é bom.
Mónica: Que é que é um bom professor pra ti?
Flora: É que deixar, *quando quiser beber água, ir, quando quiser ir no banheiro, ir*. Tem uns que só deixa quando é na hora do lanche, tem uns que só deixa quando a pessoa está com um problema de ir no banheiro direto, aí ele deixa, mas quando não tem, não deixa não. (grifo meu)

Mesmo entre os jovens que estão totalmente “desinstitucionalizados” é comum encontrar algum tipo de vínculo insitucional no presente ou em determinados momentos de sua vida. É o que vimos no caso de Luis, cujo tempo biográfico havia sido pontuado pela ação de instituições como a DPCA e que, mesmo quando já estava no “negócio fácil” dos telefones, frequentou um curso de *graffite* oferecido por uma ONG local. Jovens que abandonam a escola podem tentar retomar seus estudos repetidamente. Contudo, chega uma hora em que essas tentativas vão ficando cada vez mais esparsas até desaparecer. Em todos esses casos, o tempo institucional não chega a pautar o cotidiano, que se articula a partir de outras referências. Com efeito, os jovens que não trabalham e não estudam vivem, às vezes, um cotidiano indiferenciado, entrecortado pela esfera do lazer. Retomarei essa questão mais adiante, ao analisar o tempo dos jovens desempregados.

Afora as diferenças quanto ao tipo de vínculo que os jovens têm com as instituições, o ordenamento temporal do cotidiano pode mudar bastante a depender da instituição. A igreja, por exemplo, concentra suas atividades no final de semana, ao passo que a escola e os projetos juvenis se alinham com o tempo de trabalho, funcionando de segunda a sexta-feira. Por outro lado, é apenas com uma certa licença que podemos aplicar o rótulo de “sociedade metronômica” (LASÉN, 2000; YOUNG, 1988) a algumas das instituições com as quais os jovens entram em contato. Foi o que vimos em relação à escola, que termina por falhar no estabelecimento de uma disciplina que se torne significativa para o aluno, isso por vários motivos. Como costuma acontecer, há resistências por parte dos estudantes, que propõem seus “contratempos” ao tempo institucional – dormir em sala de aula, ficar do lado de fora ou sair em metade da explicação do professor, conversar e fazer barulho com os colegas, escrever diários ao invés de prestar atenção na aula, etc. Trata-se de ações que podem ser entendidas como fazendo parte de uma cultura anti-acadêmica, conforme descreveu Paul Willis (2005), ou simplesmente como pequenos desafios que não chegam a ameaçar a hegemonia da instituição. Como afirma Amparo Lasén¹⁶⁰, resistências acompanham quase que obrigatoriamente qualquer tentativa de disciplinamento porque o tempo disciplinar é, por definição, um tempo imposto:

O absentismo, faltar às segundas-feiras [el San Lunes], o dia da amizade ou as pausas para o café e o cigarro são outra forma de introduzir intervalos, momentos inativos, ali onde os métodos da organização do trabalho teriam gostado de expulsá-los em nome da continuidade da produção (LASÉN, 2000, p.53¹⁶¹).

Por outro lado, em muitas escolas, a falta constante de professores e diversos outros problemas fazem com que a organização do tempo cotidiano seja menos rigorosa que, por exemplo, a esfera do trabalho. Essas descontinuidades no dia-a-dia escolar, que quebram o sentido de recorrência, são também observadas em alguns projetos. Um grupo de jovens participantes do Projeto Agente Jovem reclamou comigo do atraso de vários meses da sua bolsa e da falta do lanche que deveria ser oferecido durante as atividades, problemas que levaram vários deles a desistirem do projeto. Não estou com isso negando o sucesso de muitas dessas iniciativas nem sua importância para os jovens, atestada por histórias como a de Sandra e pela literatura sobre juventude (CASTRO et al., 2001; NOVAES, 1997). Porém, existe por

¹⁶⁰ E antes dela, obviamente, Michel Foucault (1987).

¹⁶¹ “El absentismo, el “San Lunes” día de la amistad, o las pausas del café y del pitillo son otra manera de introducir intervalos, momentos inactivos, allí donde los métodos de la organización del trabajo habrían querido expulsarlos en nombre de la continuidad de la producción”.

vezes um descompasso entre a retórica encontrada nesses projetos – “mente ociosa, oficina do diabo” (FRANCH, 2000; 2002a) –, que sugeriria a adoção de uma visão produtivista do tempo, e aquilo que ocorre no cotidiano dos mesmos.

Indo mais longe, a recorrência com que se falta com compromissos básicos, como o dinheiro a receber e os horários de aula, convida a pensar que está existindo uma socialização do desvalor do próprio tempo, da espera, do descaso, se não de forma consciente, ao menos como um *habitus* incorporado à forma como as instituições lidam com o tempo dos jovens pobres. Isso remete às discussões com que abri este trabalho a respeito do tempo como medida de exclusão social. Em sua análise sobre “o homem sem futuro”, Pierre Bourdieu (2001) afirma que existe uma diferença no tempo dos executivos e naquele dos subproletários. Estes possuem “um déficit de bens e um excedente de tempo” (p.276), enquanto aqueles têm “um excesso de bens e um déficit extraordinário de tempo” (p.276), o que confere a seu tempo um maior valor social e econômico:

A raridade, logo o valor concedido ao tempo de uma pessoa, e especialmente ao tempo que ela concede, esse último o dom mais precioso por ser o mais pessoal – ninguém pode fazê-lo em seu lugar e dar seu tempo equivale, verdadeiramente, a “oferecer-se em pessoa” –, constitui uma dimensão fundamental do valor social dessa pessoa. Tal valor é continuamente rememorado, de um lado, por meio de solicitações, expectativas e demandas e, de outro, quer pelas contrapartidas, como, por exemplo, é claro, o preço conferido ao tempo do trabalho, quer também pelas contraprestações simbólicas como as marcas de *diligência*, forma de deferência concedida às pessoas “importantes”, sobre as quais se sabe que estão apressadas e que seu tempo é precioso (BOURDIEU, 2001, p.277).

Se as “marcas da *diligência*” lembram aos sujeitos o valor de seu tempo, portanto, de sua pessoa, as “marcas da espera” podem muito bem conformar seu desvalor, de que alguns têm consciência, ao criticarem a falta de professores e os descompromissos dos projetos em que participam. Cabe lembrar que muitos desses jovens, como vimos em Nara, não podem ser caracterizados pelo “excedente de tempo”, antes pelo contrário, têm a agenda cheia de obrigações diversas. Porém, o tratamento que recebem, tanto na escola como em outros serviços, como os postos de saúde, parece partir do princípio de que nadam na abundância de horas à toa. Talvez um dos retratos mais reveladores do que descrevo aqui como uma socialização paradoxal do tempo foi a cena que assisti repetidamente durante o período de observação que realizei numa escola pública estadual freqüentada por muitos jovens do Vietnã. O governo do Estado estava realizando uma reforma no prédio, que deveria ter terminado com as férias, mas findou avançando pelo período escolar. Para não deixar os alunos sem escola, e ao mesmo tempo prosseguir com a reforma, chegou-se a um acordo

singular: as aulas, de 50 minutos de duração, seriam transformadas em aulas de meia hora. Os alunos mal começavam a se concentrar e já estava na hora de mudar de matéria, o que provocava reclamações e chacotas constantes. Interessante que, nesse tempo, a sineta não foi desprogramada e continuava tocando regularmente – metronomicamente –, a cada 50 minutos para marcar o fim de uma aula, e dez minutos depois, para sinalizar o início da aula seguinte. Essa chamada ao vazio condensa, no plano anedótico, a incongruência dos tempos institucionais que os jovens freqüentemente enfrentam.

Os trabalhos e os dias

Ainda na trilha de pensar o papel das instituições no cotidiano juvenil, o tempo dedicado ao trabalho emerge como uma esfera especialmente relevante, uma vez que é sobre essa atividade que recaem boa parte dos debates sobre as mudanças nas temporalidades (vide Capítulos 1 e 6). O que está em questão, nesse quesito, é a permanência ou não do tempo de trabalho como regime temporal dominante em nossa sociedade e como isso ocorre na juventude, época em que a articulação dos diversos tempos acirra certas incompatibilidades, como aquela existente entre tempo de lazer e tempo do trabalho, o tempo da escola e o de trabalho, além da dicotomia básica entre tempo de trabalho e tempo familiar.

Embora o trabalho ainda apareça como uma área vital para a construção da identidade masculina, experiências de trabalho foram encontradas entre os jovens de ambos os sexos, assim como situações de desemprego, que foram significadas de formas variadas tanto por homens como por mulheres. No que diz respeito à idade social, a responsabilidade de trabalhar parece se acirrar, para os homens, depois da formação da família, quando assumem o papel de provedores. Como vimos nos trechos da entrevista com Sofia e Marita, é “obrigação” do homem que “arruma uma mulher” trazer dinheiro para dentro de casa. Nesse sentido, encontrei entre os entrevistados uma forte associação entre trabalho masculino e obrigação *versus* trabalho feminino como ajuda, o que é freqüentemente referido na literatura sobre as classes populares. Todavia, essa associação não esgota os sentidos do trabalho para ambos os sexos, nem seu papel na organização do tempo cotidiano.

Por outro lado, não se pode encerrar a compreensão do tempo de trabalho à formação de família. Várias circunstâncias atuam como estímulo para a entrada dos jovens no mundo do trabalho na adolescência, ou até mesmo ainda na infância, usualmente a necessidade de contribuir com o núcleo doméstico e, cada vez mais, a vontade de consumir. Essas duas lógicas, que podem ser entendidas como contrapostas, uma relacional (o jovem como filho) e

outra individualista (o jovem como indivíduo autônomo), não se encontram necessariamente em oposição para os entrevistados:

Jade: Eu queria logo era arrumar um trabalho pra comprar minhas coisas, não depender de ninguém, não precisar pedir dinheiro a ninguém, eu trabalhar, ganhar o dinheiro com meu suor, nem que for qualquer coisa, mas trabalhar, principalmente quando você já é uma mulher que precisa, precisa ter suas coisas, ter um creme, um xampu, um batom, um perfume que você queira comprar, você não pode comprar, depender sempre dos outros. [...]

Mônica: Todo mundo se sente assim, também, todo mundo gostaria de trabalhar?

Ana Luzia: Gostaria também, já disse a mainha um bocado de vezes. Mainha: “Vai trabalhar, não sei o que”, mas tá cedo, sou muito novinha ainda.

Jade: A demora é só em aparecer, porque na hora que aparecer, eu vou. [...]

Mônica: Isso faria vocês se sentirem melhor? Se vocês tiverem esse dinheiro, vocês dariam uma parte para a família?

Jade: Eu dava.

Ana Luzia: Eu sempre dava.

Jade: Sempre quando eu pego dinheiro eu ajudo minha mãe em casa, comprar as coisas. Se minha mãe não tem, que eu tenho, eu compro, compro as coisas pra ela, compro as coisas pra mim.

Quando pensamos especificamente na dimensão do cotidiano, um primeiro aspecto a destacar é que, comparativamente às outras esferas vistas até agora, o tempo do trabalho mostra-se mais inapreensível, apresentando um grau maior de dificuldade na hora de se estabelecer padrões ou recorrências. A pluralidade de experiências e de relações que os jovens estabelecem com o trabalho parece confirmar que essa é, de fato, uma esfera sujeita a grandes transformações tanto no que tange às condições objetivas (mercado formal ou informal, modalidade de contratação, etc.) como no terreno dos valores. A relevância do trabalho no cotidiano relaciona-se a uma série de circunstâncias, que compreendem desde a quantidade do tempo que o jovem dedica a essa atividade até sua identificação subjetiva com essa esfera, quer através daquilo que o trabalho lhe permite ser (um “trabalhador”, um chefe de família ou um consumidor), quer pelo trabalho em si mesmo, enquanto uma atividade valorizada pelas suas características intrínsecas. Nesse sentido, e mesmo correndo o risco de uma certa simplificação, podemos estabelecer uma gradação de experiências temporais de trabalho, que nos permitam discutir melhor o papel dessa atividade na organização do cotidiano juvenil.

Num dos polos, teríamos as experiências de jovens como João, o marido de Laura: um cotidiano totalmente tomado pelo tempo de trabalho, numa atividade desvalorizada econômica e socialmente, sem o gozo de quaisquer direitos trabalhistas. Nesse caso, o tempo de trabalho recebe seu significado externamente, pois possibilita ao rapaz ser o provedor de sua família. Contudo, o baixo salário compromete o cumprimento desse papel a contento,

tornando a situação familiar potencialmente tensa e pouco satisfatória. Um pouco melhor é a situação de rapazes como Roberto que, apesar de passarem muitas horas fazendo um “trabalho pesado”, gozam do amparo proporcionado pelo mercado formal, que atua como uma garantia diante de situações como doenças, além de permitir planejar o presente e, como veremos mais adiante, projetar algumas ações para o futuro. Nesse sentido, o contrato de trabalho põe um freio à precariedade que, conforme afirma Pierre Bourdieu (1998b), está hoje por toda parte, o que faz com que “trabalhar fichado”, com carteira assinada, seja uma das expectativas mais comumente encontradas entre os jovens.

Tanto o trabalho de João como, sobretudo, o de Roberto são considerados “trabalho pesado”, um tipo de atividade que raramente figura entre as expectativas desta geração. Por isso, o estatuto do tempo de trabalho é ambíguo para eles, tendendo a ser percebido como “tempo roubado”, mesmo quando eventualmente certos aspectos possam ser considerados interessantes – aprender a se relacionar com outros, ter contato com os clientes, além de outras habilidades que se adquirem na esfera pública. Um exemplo paradoxal deste tipo de distanciamento nos foi dado por Carol, que construía uma outra identidade para si que lhe permitisse trabalhar como empregada doméstica sem *ser* uma empregada doméstica. A diferença entre *fazer* e *ser* é uma das características apontadas por Zerubavel (1981, p.140) ao descrever a maneira pela qual os tempos públicos e privados são separados nas sociedades industriais, e uma das formas possíveis de individualismo, em que o indivíduo pode exercer uma multiplicidade de papéis sociais sem que eles dêem conta da totalidade de sua identidade pessoal. O aumento das expectativas desses jovens bem como o caráter desinteressante de boa parte dos trabalhos a que essa parcela da juventude têm acesso – que frequentemente reduzem os jovens à função de “pernas ágeis” e “braços fortes” (SOUTO, 2000) – acirram a separação subjetiva dos indivíduos com seu trabalho, lembrando de algum modo experiências de outros trabalhadores desqualificados nas chamadas economias desenvolvidas. Richard Sennett (2003, p.83) encontrou semelhante desapego entre os trabalhadores de uma padaria mecanizada na cidade de Boston: “Repetidas vezes as pessoas me disseram a mesma coisa com palavras diferentes: Não sou padeiro mesmo. Eis aí pessoas cuja identificação com o trabalho é fraca. Se Bill Gates não é muito apegado a produtos específicos, essa nova geração é indiferente a trabalhos específicos”.

Situação diferente é vivenciada por jovens como Joaquim, que desenvolvem afinidade com seu trabalho. Para eles, existe uma sobreposição maior entre o tempo do trabalho e o tempo da vida, de modo que o trabalho não é apenas um ganha-pão, mas constitui um tempo plenamente vivido e incorporado à imagem de si. Aquilo que se é aproxima-se, deste modo,

àquilo que se faz. Cabe salientar que o trabalho de Joaquim tem algumas características que o tornam mais adequado para isso: não é um “trabalho pesado”, envolve responsabilidades que valorizam o jovem diante de seus colegas e, por fim, incorpora novidades e aprendizagem no seu dia-a-dia. Nesse sentido, o trabalho de Joaquim se afasta do sentido negativo de “rotina”. Tem, ainda, características consideradas, pela literatura, como as mais desejadas pelos membros das novas gerações, que buscam aproximar a esfera do trabalho de outras áreas de suas vidas, principalmente do lazer, criando uma nova ética do trabalho pautada na novidade e nas experiências e não na repetição e na estabilidade (LASÉN, 2000; PAIS, 2003). Contudo, é importante destacar que, para os jovens estudados, a estabilidade é uma situação desejada, que permitiria, em tese, furtar-se à angústia de viver na incerteza. Retomarei essa temática um pouco mais adiante, ao abordar as representações dos jovens sobre seu futuro.

Entre os jovens que trabalham em empresas ou firmas, públicas e privadas, percebe-se uma temporalidade do tipo industrial, dominada pela medida do relógio. Esses jovens trabalhadores costumam ser precisos na descrição de sua jornada, fazendo frequentemente referência ao horário em que começam e terminam suas atividades, ao tempo que gastam nos deslocamentos, no almoço, bem como em cada uma das diversas tarefas realizadas no local de trabalho. Foi o que vimos na narrativa de Roberto, que pontuava a descrição de um dia normal com contínuas referências às horas em que cada atividade era realizada: “Eu acordo seis, seis e meia no máximo pra me aprontar, tomar banho, todinho, trocar de roupa e trabalhar. Chego lá sete e meia, pego de oito horas. Chego lá de sete e meia, sete e quarenta”; “Eu bato a saída de cinco e vinte, dezessete e vinte eu bato a saída”; “Almoço lá, dá duas horas de intervalo, aí eu bato de meio-dia pra o almoço e retorno às duas, catorze horas.” Não apenas Roberto assinala precisamente o horário do dia em que realiza cada uma de suas atividades rotineiras como ainda dá as horas nos dois sistemas, de 12 e de 24 horas (“retorno às duas, catorze horas”). A alternância dia/noite, dias úteis/feriados é especialmente marcada nos jovens que trabalham, sendo que o “tempo para si” costuma apresentar caráter de exigüidade.

Um aspecto interessante nos relatos dos jovens que têm muito tempo tomado pelo trabalho é sua contínua referência ao “cansaço”. Mesmo Nara, cuja situação profissional era bastante favorável por se tratar de um estágio, sentiu o peso de começar a trabalhar enquanto tentava manter suas outras obrigações inalteradas: “Estudar é muito cansativo quando a gente faz estágio também. Tem hora que dá vontade de jogar tudo pro alto! Eu trabalho de oito a meio-dia e não sento nem um segundo porque eu sou cem por cento utilidades”. O cansaço também fez com que Roberto deixasse de sair com os amigos e que o marido de Laura quase abandonasse o futebol de várzea, sua paixão de toda uma vida. Podemos entender o “cansaço”

de muitas maneiras mas, numa análise sobre o tempo, ele se torna interessante quando contraposto a uma outra categoria que costuma ser acionada pelos jovens quando referem sua relação com o tempo institucional: a “preguiça”. Vez por outra, os jovens faltam a aula porque “dá preguiça”. Muitos projetos são abandonados porque “deu preguiça”.

Luana: É bom a pessoa estudar, a pessoa aprende mais coisas, mas às vezes a pessoa acorda sem vontade de estudar.

Mônica: E aí vocês fazem o que? A mãe deixa vocês não ir pra escola?

Luana: Nem toda vez.

Flora: Hoje mesmo minha mãe, porque estava chovendo que só, eu disse: “Deixa ir pra escola não”. Ela não deixou não. Mas só não vai porque está chovendo.

Mônica: [...] Por que é chato estudar?

Flora: Porque dá preguiça pra estudar.

Jade: Porque é sempre o mesmo assunto, toda vez o mesmo assunto, o professor começa a falar de um bocado de coisas, e a pessoa ali só escutando... chega dá sono na pessoa, só de ficar escutando.

“Preguiça” e “cansaço” são duas formas de responder à demanda por disciplinamento, bem como indicam os diversos graus em que a disciplina consegue se impor aos jovens – mais no trabalho, menos nos projetos e na escola. Com efeito, é na esfera do trabalho que os jovens se deparam com um maior disciplinamento do tempo, com um uso produtivo dos minutos e das horas imposto externamente, e que encontra na sanção econômica sua garantia de adesão. Já nas instituições juvenis, espera-se que o jovem se comprometa com a disciplina, que ele a interiorize e a transforme numa parte de si. Trata-se de um princípio básico da temporalidade moderna, que repousava, por um lado, na crença de que a autodisciplina e o adiamento das satisfações eram necessários para conduzir a própria existência e, por outro, na legitimidade da autoridade das instituições encarregadas por essa socialização temporal. No contexto estudado, essa legitimidade é posta em questão, bem como a existência de uma recompensa no fim da linha. O resultado é uma relação mais flexível com as instituições socializadoras, que admitem uma margem razoável de indisciplina por parte dos jovens.

A importância do trabalho no dia-a-dia costuma ser relativizada naqueles casos em que os jovens têm trabalhos que não lhes ocupam toda a jornada ou quando detêm certo controle sobre a organização de seu tempo. É nessas situações que se percebe uma autonomia maior na estruturação do cotidiano, menor dependência do tempo do relógio e uma interpenetração dos tempos do trabalho com outros regimes temporais. Essa era a situação de Saulo, dono de uma pequena barbearia que funcionava em sua casa:

Mónica: Qual é o horário da barbearia?

Saulo: De abrir?

Mónica: É.

Saulo: Às vezes... fica até à noite aberto, enquanto eu tô aqui conversando com a rapaziada, porque eu moro aqui mesmo, aí enquanto eu tiver por aqui, a não ser que eu saia, mas eu estando aqui, aparecendo, eu corto.

Mónica: De manhã, você abre a que horas?

Saulo: De manhã... hoje mesmo eu abri era dez e meia, mas abro geralmente de oito, de oito e meia... [...]

Mónica: E dia de domingo?

Saulo: Dia de domingo é mais devagar aqui.

Mónica: Fecha?

Saulo: Fecho. Agora, quando eu tô aqui em casa, eu deixo aberto, porque geralmente dia de domingo é dia de sair, de passear, de bater uma bola, de ir a um clube, aí eu fecho. Quando eu tô por aqui, fica aberto.

Como se vê, apenas a pesquisadora tinha interesse no tempo do relógio, mas ele era muito pouco significativo para Saulo, cujo ritmo de trabalho não é cronometrado. Um cotidiano fluido, possibilitado pela não segmentação entre o espaço de trabalho e o lugar de moradia, permite uma conciliação maior dos diversos tempos da vida. Não há, aqui, lugar para o cansaço derivado de uma coação externa. Quando Saulo sente-se cansado, fecha a barbearia e dá um cochilo. Embora exista também uma diferença entre o *ser* e o *fazer*, pois Saulo é marceneiro e trabalha como barbeiro, ela não se mostra tão problemática, entre outros motivos, devido a essa fluidez temporal, que não se encaixa com as temporalidades industriais modernas (THOMPSON, 1998).

Davi também trabalhava apenas quando aparecia o serviço. Auxiliar de uma oficina mecânica, esse jovem freqüentador da Assembléia de Deus mostrava-se insatisfeito com sua situação laboral, uma vez que o dinheiro era pouco e a flexibilidade do trabalho não se adequava ao modelo que seus pais tinham em mente. Acusavam-no freqüentemente de não fazer nada e, à medida que os anos iam passando, a possibilidade de não conseguir mudar de situação profissional deixava ele preocupado sobremaneira. Neste caso, encontramos a justaposição de várias situações consideradas desfavoráveis para esse jovem: um trabalho que não é identificado pelos outros como trabalho, por não ter “a cara” de um emprego, precarizado, ganhando pouco dinheiro e, ainda, submetido à autoridade de um chefe.

Por fim, há aqueles jovens que se encontram se não totalmente afastados do mundo do trabalho, o bastante para se considerar desempregados. Como já foi salientado, essa situação é significada de forma bastante diferente dependendo do momento da vida e da condição de gênero dos sujeitos. Enquanto as mulheres que não trabalham costumam pautar seu cotidiano pelas tarefas domésticas, sobretudo depois que se tornam mães, é comum que os homens

recorram à sociabilidade, ao lazer e, em alguns casos, à convivência familiar como forma de “passar o tempo”. A presença do tempo do relógio, nesses casos, é mínima. São os eventos relativos à sociabilidade e ao divertimento que permitem contar o tempo, singularizar os dias e, deste modo, dar aos jovens um sentido de duração:

Mónica: Hoje é três e é sábado. Ontem tu fizesse o que?

Douglas: Ontem eu passei o dia em casa jogando videogame com os meninos, o dia todinho. Acordei tarde, aí passei a tarde aqui jogando.

Mónica: Acordasse que horas?

Douglas: Acordei de onze horas.

Mónica: Acordasse às onze horas, aí fosse jogar videogame aqui mesmo?

Douglas: Ele [um amigo] tem, aí foi com ele mesmo [...]

Mónica: E à noite?

Douglas: À noite fiquei namorando. [...]

Mónica: Ontem como foi?

Douglas: Quinta-feira? Passei o dia em casa também e à noite a gente saiu. A gente foi pra San Martin pra uma festinha, pro parque. Ficamos bebendo lá até quase três horas da manhã e depois fui dormir.

Mónica: E em casa fizesse o quê na quinta?

Douglas: Passei o dia assistindo. Sempre é assim, assistindo, jogando dominó, conversando... [...]

Mónica: E quarta feira?

Douglas: *Quarta-feira... não lembro. É a semana todinha sem fazer nada, a mesma coisa que a gente faz, por isso que fiquei sem assunto pra falar. Só muda quando é um feriado ou final de semana que muda que a gente sai, vai jogar bola, pra praia, mas de segunda a quarta e quinta feira, quando não tem feriado é sempre essa rotina. Fiquei em casa a semana todinha [...]*

Mónica: Domingo passado tu lembrás?

Douglas: Domingo passado eu lembro, fui pra um piquenique na Cachoeira do Urubu. (grifo meu)

Desempregado, sem ainda ter formado sua própria família e sem nenhum vínculo institucional no presente, Douglas (23 anos) representa bem o desafio de “fazer tempo” quando existem tão poucos marcadores externos. A sincronização com os amigos e a eventual participação em atividades de lazer (ir à praia, jogar bola, etc.) são as únicas formas de fixar um tempo que escoar, simultaneamente, veloz e devagar – veloz porque, sem referências que permitam sincronizar as temporalidades individuais e aquelas coletivas, a memória não consegue fixar os dias que se passam (HALBWACHS, 2006); e devagar porque as horas, quando não há o que fazer, parece que demoram mais a passar. Curiosamente, esvaziado o tempo, esvazia-se, de certo modo, o ser, e é por isso que Douglas afirma ter ficado “sem assunto pra falar”. O presente, nessas circunstâncias, passa a ser a dimensão temporal privilegiada, como também observou Pierre Bourdieu ao analisar a temporalidade dos membros do subproletariado na França:

Excluídos do jogo, esses homens destituídos da ilusão vital de ter uma função ou uma missão, de ter que ser ou fazer alguma coisa, podem, para escapar ao não-tempo de uma vida onde não acontece nada e da qual não se pode esperar nada, e para se sentir existir, recorrer a atividades as quais, como as apostas no jôquei, a *loteria esportiva*, o *jogo do bicho* e os demais jogos de azar em todos os bairros miseráveis e *favelas* do mundo, permitem desguiar do tempo anulado de uma vida sem justificativa e, sobretudo, sem investimento possível, ao recriar o vetor temporal e ao reintroduzir a expectativa, por um momento, até o final da partida ou até a noite de domingo, ou seja, o tempo finalizado que constitui por si só fonte de satisfação. (BOURDIEU, 2001, p.272).

Existe uma diferença, contudo, entre o contexto descrito por Bourdieu e aquele dos jovens que conheci nas periferias do Grande Recife. Na descrição do sociólogo francês transparece uma percepção do tempo fora do trabalho como um “não-tempo”, quase como um resíduo, duvidando-se deste modo da capacidade dos sujeitos encontrarem sentido e direção em outro lugar que não no tempo do trabalho. No contexto estudado, a importância atribuída à sociabilidade entre amigos, à rede familiar, aos afetos e ao divertimento, dimensões expressivas e situadas temporalmente no presente, podem diluir bastante a sensação de não-tempo descrita por Bourdieu. Isso não quer dizer que os jovens desempregados estejam (necessariamente) satisfeitos com sua situação, porém eles não estão sozinhos, e encontram nas relações com os outros uma certa medida do seu valor.

Mesmo sem intenção de ser exaustiva, uma análise do cotidiano e do tempo do trabalho estaria incompleta sem uma referência às trajetórias como a de Luis, que a literatura usualmente compreende a partir da idéia de negação da ética do trabalho (ZALUAR, 1985). Sob alguns aspectos, podemos ver o “negócio fácil” deste jovem como uma atividade inserida nas novas lógicas do mundo de trabalho, apresentando características que também são encontradas em outros setores da economia contemporânea: organizado a partir de tarefas e não pelo tempo do relógio, cheio de novidades e aventuras, e que mistura lazer e trabalho. Conforme observa Amparo Lasén (2000, p.58), “O tempo do trabalho não apenas deixou de ser a medida dos outros tempos, como também o tempo de lazer se transforma em modelo ideal do tempo de trabalho sonhado¹⁶²”. De forma semelhante ao que vimos em Saulo, existe no cotidiano de jovens como Luis uma constante interpenetração entre o tempo de trabalho e aquele de lazer, pois é a partir das relações que se tem acesso aos “negócios”. Acirra-se, igualmente, entre esses jovens a recusa à rotina do “trabalho pesado” e mal recompensado embora, como a narrativa de Luis sugere, essa recusa pode aparecer apenas como justificativa a posteriori, depois de uma vida marcada pela exclusão e pelo fechamento de portas.

¹⁶² “El tiempo de trabajo no sólo ya no es el patrón de los demás tiempos, sino que además el tiempo del ocio se convierte en modelo ideal del tiempo de trabajo soñado”.

Em suma, quando se trata de relacionar tempo de trabalho e cotidiano percebe-se que, entre aqueles jovens cujo dia-a-dia é pautado pelas obrigações de um trabalho a tempo completo e os jovens desempregados, pode-se encontrar uma multiplicidade de arranjos que conferem maior ou menor centralidade ao tempo de trabalho. É apenas entre os primeiros que encontra-se uma temporalidade do tipo descrita por E.P. Thompson, vinculada ao tempo do relógio e que subordina todas as outras esferas, ao ponto de às vezes se sobrepôr ao estudo e ao tempo, tão precioso, que os jovens dedicam à sociabilidade.

O tempo da escolha: lazer e sociabilidade

Se os tempos vistos até agora, sobretudo o tempo institucional e o tempo de trabalho, nos remeteram aos dias úteis, ao entrarmos na esfera do lazer¹⁶³ o foco desvia-se para os finais de semana e, em menor medida, para os horários noturnos ao longo da semana. Esses são os momentos que muitos jovens utilizam para sincronizar-se com os seus amigos, tempos em que a coação externa diminui sensivelmente e são encenados os aspectos mais lúdicos e expressivos de cada ser social: afeto, sexualidade, emoção. Livia Barbosa (1984) já havia observado essa divisão em seu estudo sobre as representações dos dias da semana entre mulheres que trabalham. Inspirada nas análises de Roberto DaMatta, a autora assimilou a alternância entre dias úteis e finais de semana a um processo cíclico pondo em jogo os valores hierarquizantes e individualizantes que atravessam o universo social brasileiro. Assim, se durante a semana as representações dos dias acentuavam os valores hierarquizantes, os finais de semana constituíam, para essas mulheres, os momentos de individualização. Barbosa chamava a atenção para o componente de gênero envolvido nessa representação, uma vez que os homens costumam se individualizar no trabalho, e não necessariamente em casa. Já para elas, “Não a fábrica e o escritório onde trabalham, pois se não fossem aqueles seriam quaisquer outros. Mas a família que possuem, a casa onde moram é que tornam cada mulher diferente da outra” (p.39).

O que Barbosa disse sobre as mulheres pode-se afirmar sobre a maioria dos jovens desta pesquisa. Mesmo naqueles casos em que existe uma feliz coincidência entre os objetivos dos sujeitos e aqueles das instituições em que estão inseridos, o tempo livre costuma ser a parte mais significativa do cotidiano juvenil. As noites de sexta-feira e, sobretudo, os sábados e domingos constituem os “momentos fortes” (MAUSS, 1974) de sua semana, tempo onde

¹⁶³ Aqui apenas apresentarei aqueles aspectos em diálogo com as questões em foco. Para um estudo detalhado sobre o tempo livre entre jovens de periferia, ver Franch (2000).

concentram as maiores expectativas – e onde podem, também, experimentar as maiores frustrações:

Mónica: Vocês falaram também “não fazer nada” como uma coisa ruim. Vocês passam muito tempo sem fazer nada?

Jade: Quando estou em casa sem fazer nada, ou eu vou dormir, ou vou fazer comer, um bocado de besteira, senão fico assistindo novela, aí bate o sono e vou dormir.

Mónica: E tu acha ruim também, Jade, passar uma tarde assim na preguiça, sem fazer nada, dormindo?

Jade: Só no final de semana, porque final de semana não sair, aí eu fico chateada porque pra eu sair sozinha, eu não saio só, aí eu fico chateada ou chorando: “Não tem ninguém pra eu sair...” Fico com raiva.

Mónica: Então pra ti é diferente não fazer nada numa segunda-feira e num domingo?

Jade: Quero ir pra uma praia, não tem ninguém pra sair, quero ir pra um pagode.

Ana Luzia: É. Domingo que passou eu queria ir pra uma praia, maíinha disse: “vai só”. Eu vou só não. Também no final de semana passado não fui, fiquei em casa.

Jade: Porque no sábado é dia de final de semana, dia de descansar, dia de lazer.

Ana Luzia: E não tem nada que presta na televisão.

Se a rotina, no dia a dia, pode-se revestir, como vimos no caso de Laura, de um caráter negativo, isso é mais evidente aos finais de semana, que precisam ser marcados pela novidade, custe o que custar. Em muitos aspectos, sobretudo para os jovens que trabalham ou para os que têm seu cotidiano fortemente institucionalizado, o tempo do final de semana, assim como as férias, anda na contramão do restante da semana, o que pode ser percebido principalmente na significação diferente para esses dias da alternância básica para o tempo institucional entre o dia e a noite: “A noite vive-se a contratempo de seu uso corrente. Não é o momento privilegiado do repouso, mas da criação, da diversão, da distensão entre amigos, do lazer e da paquera” (LASÉN, 2000, p.63). No final de semana, dorme-se mais, sai-se mais, conversa-se mais, buscando-se construir um tempo mais flexível e permeado de afeto ali onde, durante a semana, a disciplina impõe ordenamentos mais rígidos. Contudo, não deixam de existir certas rotinas no tempo livre, algumas advindas da continuidade dos laços afetivos (os mesmos encontros, com as mesmas pessoas, a cada final de semana), outras pela presença de instituições, principalmente da igreja, que propõem atividades dependentes do tempo do relógio – as missas e cultos têm horário para começar e para terminar, e uma seqüência formalizada de ações, corresponendo a uma temporalidade ritualística.

A alternância dias úteis/final de semana é menos marcada no caso dos jovens que não estão trabalhando nem estudando. Isso não quer dizer que a representação do final de semana

como “momento forte” da semana desapareça, nem que não exista uma maior sincronização dos jovens com seu grupo de pares nesses dias. Como vimos no caso de Douglas, são justamente os eventos acontecidos na esfera do lazer que freqüentemente marcam a duração, acrescentando um colorido especial a um dia-a-dia construído com poucos pontos de referência externos. Contudo, a falta de dinheiro, “combustível” importante para boa parte das atividades de lazer, pode tornar indistintos o tempo da semana e aquele do final de semana:

Mónica: O que você faz durante o dia?

Tomás: Eu fico mais em casa, sem trabalhar, à tarde eu saio e jogo bola, e à noite eu fico em casa, vou na casa da família, levar o menino pra passear um pouco e só.

Mónica: Tu acorda que horas?

Tomás: Nove horas.

Mónica: E final de semana você faz alguma coisa diferente?

Tomás: Final de semana pego o menino e levo em casa da família mais distante pra visitar. Tem muita diferença não.

Mónica: Qual é a família mais distante?

Tomás: É lá no Prado, minha vó mora lá, por parte de pai, aí eu vou visitar ela lá.

Mónica: O Prado é o lugar que você vai mais longe ou tem outros lugares que você também vai?

Tomás: É porque eu fico mais dentro de casa. Quando eu trabalhava eu ia pro trabalho, pra casa... saía, porque tinha mais dinheiro, aí ia pra uma praia, ia pra parque...

Reencontramos, no tempo livre, diferenças importantes de acordo com a condição de gênero e com o momento do curso de vida dos jovens, até o ponto de poder afirmar que essa esfera constitui um indicador bastante eficaz para mostrar o modo como são significadas as mudanças de status dos sujeitos. Entre os jovens que ainda não casaram, esse tempo é freqüentemente marcado pelos amigos, sendo portanto um tempo de escolhas, o momento de construir e reafirmar a própria esfera de sociabilidade. Já quando casam e/ou têm filhos a convivência familiar ganha mais importância, existindo todavia diferenças importantes entre o que se espera dos homens e das mulheres na hora de constituir suas famílias. Com efeito, garotas e rapazes, solteiros e casados, vivem essa esfera de seu tempo de forma bastante diferenciada embora, como não poderia deixar de ser, com inúmeras interseções. Como tive ocasião de mostrar no Capítulo 4, o tempo livre das meninas mais novas é mais sujeito à regulação familiar, institucional e comunitária, esta última através do eficaz mecanismo da fofoca. As duas atitudes em destaque naquele capítulo (“meninas presas” *versus* “meninas soltas”) constituem as duas posições extremas das garotas mais novas diante de tais regulações, indo desde uma aceitação mais ou menos consentida das regulações externas até a sua total transgressão.

A equação interioridade/exterioridade torna menos presentes as regulações para os jovens, embora elas não desapareçam totalmente. De fato, o medo de que os filhos sejam vitimados pela violência introduz uma regulação mais sutil em relação a seu tempo livre, que inclui os cuidados para a autopreservação (não voltar para casa de madrugada, evitar certos lugares de fama duvidosa) e a informação aos pais sobre o destino das saídas, principalmente noturnas. Essas regulações estão presentes enquanto os filhos viverem sob o mesmo teto que os pais, não importa sua idade, como uma deferência hierárquica. Assim, Aluísio, um jovem trabalhador de 25 anos, precisava “dar o roteiro” à mãe quando saía à noite e, mesmo gozando de total autonomia, sabia que eles se incomodavam toda vez que ele exagerava na dose, na hora de sair com os amigos. Entre os jovens casados, mas que continuam vivendo na casa dos pais de um dos membros do casal, a “chave da casa” pode igualmente inibir uma autonomia maior no tempo livre, como vimos nas histórias de Natália e de Arnaldo.

Um traço interessante na esfera do tempo livre desses jovens é que, apesar de existir uma individualização neste momento da vida, a família não deixa de ter sua importância, quer regulando os horários de entrada e de saída, quer participando de muitos encontros juvenis de caráter festivo que acontecem nas casas. Nesse último aspecto, estamos às voltas, mais uma vez, com a pouca segmentação espaço/temporal nos grupos populares. Aos finais de semana, o espaço que rotineiramente serve à sociabilidade mais imediata, à passagem do trabalho para a casa e a pequenas atividades econômicas, volta-se para o divertimento. Os jovens imprimem um uso lúdico e afetivo às suas casas, tornando-as lugares de encontro entre amigos e, no caso dos jovens que bebem, de convivialidade regada a álcool. Embora esses tempos sejam marcadamente juvenis, adultos não são excluídos, sendo sua maior tolerância em relação a essa temporalidade lúdica um condicionante importante na hora de escolher os locais de reunião (FRANCH, 2000). Nos estudos internacionais, a presença da família no tempo de lazer é minimizada e mesmo no Brasil ela não recebe muito destaque (LASÉN, 2000). A presença da família no tempo livre juvenil talvez seja mais forte no Nordeste que em outros lugares, denotando possivelmente uma maior relevância dos laços familiares na conformação de si, mesmo na juventude.

Mais importante, ainda, é a convivência familiar no tempo livre entre os jovens casados e/ou com filhos, o que é especialmente verdadeiro para as mulheres. De fato, como mostrei nos Capítulos 4 e 5, as jovens costumam experimentar uma contradição entre a esfera da sociabilidade e aquela da afetividade, de modo que quando começam a namorar precisam abrir mão daquela em benefício desta. Como vimos, isso afeta sobretudo as relações com o sexo oposto, se acirrando depois do casamento e com a chegada dos filhos, que impõem o

tempo reprodutivo como esfera prioritária na vida dessas garotas. Nesse sentido, embora não se possa falar propriamente de um equilíbrio de gênero nos tempos de lazer e do trabalho doméstico quando os jovens ainda são solteiros, esse desequilíbrio se acentua depois do casamento. Essa tendência foi também observada por Ramón Ramos em relação aos jovens europeus, que viveriam uma “democracia acadêmica juvenil”, com predomínio do tempo de estudo e do lazer até que a entrada no mercado de trabalho e a formação de uma família põem fim a essa utopia temporal (RAMOS, 1990, *apud* LASÉN, 2000, p.62).

O desequilíbrio no tempo para a sociabilidade, e no acesso às ruas, pode tensionar as relações domésticas, uma vez que muitos jovens tentam manter sua esfera de sociabilidade à margem da nova família que criaram, esfera que costuma ser negada a suas esposas. Como nos outros tempos cotidianos, há também aqui uma variedade de arranjos, desde os rapazes que priorizam o tempo familiar em seu tempo livre, até aqueles que tentam manter seu cotidiano inalterado (saindo com os amigos, bebendo, etc.), apenas deixando de incluir a namorada, hoje esposa, nesses programas. Presenciei muitas brigas entre os jovens casais por esse motivo. As amigas Marita e Sofia tiveram uma grande decepção depois que casaram:

Mónica: Vocês já pensavam que ia mudar tanto assim? Já imaginam ou se surpreendem?

Sofia: Eu mesma me surpreendo muito, porque quando a pessoa é namorado, o marido é totalmente diferente. Depois que a pessoa se casa ele quer mandar, quer fazer isso, não pode usar isso, muda muito, quando arenga não é do jeito que era... Muda muito, eu acho assim.

Mónica: A mudança da relação quando é namorado e quando passa a casar, tu fala que ele manda mais. Como que é isso?

Sofia: Eles exigem mais. Roupa ele não falava, agora não pode botar uma roupa curta, sair levava a gente pra todo canto, agora não leva, que eles tocam, como eles tocam pagode, quando a gente vai, eles ficam com raiva. Eles bebiam, bebia tudo em grupo, agora eles saem pra ir pros canto e não levam a gente... Porque quando é namorado é uma coisa e quando a pessoa vira mulher né, aí é outra coisa, eu acho assim, né.

Mónica: E isso está acontecendo contigo?

Sofia: Acontece, eu acho que é a maioria da população é a mesma coisa, pelo que eu vejo pelas meninas que casaram, às vezes eu fico pensando tirando o meu como pior mas tem pior do que o meu. Muitas vezes eu tento me controlar porque eu vejo que também não é só o meu, e eu vejo que ia chegar sempre o tempo que eu ia casar e tudo isso eu ia passar.

Mónica: Sempre acontece.

Marita: Sempre acontece. Agora, antes de casar a gente não pensava isso, a gente saía, ele saía com a gente, a gente não pensava: “a gente vai casar... agora a gente vai sair porque não tem problema por causa dos pais”, mas quando não é os pais, é eles.

Sofia: Agora é eles.

Marita: Eu pensava assim: quando eu casar eu vou pra onde eu quero com [o esposo].

Sofia: No começo é assim, eles ficam tapiando mas depois, querem mandar, fazer de tudo.

Tensões desse tipo no cotidiano dos jovens casais levam novamente a perceber que existem “assuntos mal resolvidos” no que tange às relações de gênero e ao uso do tempo nessa geração. O tempo da escolha, portanto, também é um tempo negociado, às vezes em conflito, em que as coerções do trabalho, da família e, por vezes, das instituições não deixam de estar presentes, mostrando, mais uma vez, como os tempos se interligam influenciando-se mutuamente.

Em suma, ao buscar elementos em comum e singularidades na organização do cotidiano juvenil, observa-se que o sentido de rotina, posto hoje em questão pela literatura sobre o tempo, marca fortemente algumas áreas (o tempo do cuidado de si e do cuidado dos outros), é problematizado em outras (o tempo do trabalho e das instituições) e, ainda, expulsa-se de certas esferas (o tempo do lazer), onde predominam a busca pela novidade e o predomínio do momento. Nas vidas desses jovens, a rotina carrega uma forte ambigüidade, que Richard Sennett (2001, p.49) soube muito bem traduzir: “A rotina pode degradar, mas também pode proteger; pode decompor o trabalho, mas também compor uma vida”. O sentido que a rotina tem para cada jovem, em cada momento da vida, depende em grande medida do equilíbrio entre expectativas e realidades, e da forma como sua trajetória foi sendo construída, ganhando dinamismo ao complementar esse recorte com um olhar aprofundado sobre o tempo biográfico.

7.2 TEMPO BIOGRÁFICO: LINEARIDADE E DESCONTINUIDADES

Um segundo aspecto que as narrativas analisadas convidam a discutir é até que ponto pode-se depreender delas uma representação linear ou, pelo contrário, uma percepção fragmentada do tempo biográfico, reflexão que também se insere no debate geral a respeito das mudanças nas temporalidades contemporâneas. Para a maioria dos autores pesquisados, o desenvolvimento de uma percepção linear do tempo foi fundamental na época da primeira industrialização, apoiada no desenvolvimento do sistema temporal relógio-calendário e na expansão da ideologia individualista (ADAM, 1995; ARAÚJO, E., 2005b; CASTELLS, 1999; LECCARDI, 2005a; 2005c; 2005d; ØIAN, 2004; PAIS, 2003; SENNETT, 2003). Tempo linear implicava trajetórias contínuas marcadas pela passagem dos indivíduos por uma série de instituições que coordenavam os ritmos individuais àqueles coletivos – escola,

serviço militar, trabalho, aposentadoria. Nessa configuração temporal, passado, presente e futuro estavam ligados a partir da idéia de progresso. O futuro, inclusive, era uma dimensão crucial ao longo da primeira modernidade, tendo sua expressão individual na idéia de projeto de vida.

Como já foi sugerido, essa interpretação tinha alguns limites, como a dificuldade em incorporar o tempo das mulheres, que era frequentemente considerado “cíclico” ou “natural”, em oposição ao tempo social masculino, “linear” e “social” (ARAÚJO, E., 2005b; LECCARDI, 2006). Por outro lado, há de se ter cuidado para não cair no etnocentrismo ao ponto de negar a existência de representações lineares de tempo em sociedades ditas tradicionais¹⁶⁴, atreladas ou não a ideologias individualistas, que precisariam ser melhor conhecidas. Mas a articulação linearidade-individualismo parece assumir características específicas nas sociedades ocidentais (ØIAN, 2004), ligando-se ao desenvolvimento de narrativas de si em que domina uma visão do tempo como uma linha reta, irreversível e contínua. Um bom exemplo desse tipo de percepção nos é dado por Richard Sennett, ao descrever a vida de Enrico, a quem conheceu trabalhando como faxineiro, e sua esposa Flavia:

O que mais me impressionou em Enrico e sua geração foi ver como o tempo era linear em suas vidas; ano após ano trabalhando em empregos que raras vezes variavam de um dia para o outro. E, nessa linha de tempo, a conquista era cumulativa: toda semana, Enrico e Flavia conferiam o aumento de suas poupanças, mediam a vida doméstica pelas várias melhoras e acréscimos que haviam feito na casa da fazenda. Finalmente, o tempo que viviam era previsível. As convulsões da Grande Depressão e da Segunda Guerra Mundial haviam-se esfumado, os sindicatos protegiam seus empregos; embora tivesse apenas quarenta anos quando o conheci, Enrico sabia exatamente quando ia aposentar-se e o pecúlio que teria. (SENNETT, 2003, p.14).

Uma trajetória contínua, um tempo cumulativo e previsível, que admitia projetos a médio e longo prazo, esse é o retrato que a maioria dos autores traça ao se referir ao tempo biográfico da primeira modernidade. Retrato que a crescente incerteza em nossas sociedades tende a embaçar. A maioria dos autores consultados defende a idéia de que a linearidade, quando não desapareceu continuamente, encontra-se no mínimo ameaçada na modernidade tardia, sem que tenha sido substituída por um fortalecimento das visões cíclicas da vida social e individual¹⁶⁵. Helga Nowotny (1989) adverte que nossas sociedades tendem a viver num presente ampliado ou estendido, dificultando a percepção do tempo como uma linha reta e

¹⁶⁴ Alerta também feito por Alfred Gell (1992) e John Postill (2002).

¹⁶⁵ Digo fortalecimento e não ressurgimento porque, como mostra Harvey (1992), as percepções cíclicas não estavam ausentes na modernidade, porém elas não eram dominantes.

contínua. Além disso, a simultaneidade de experiências, propiciadas pelas novas tecnologias, propõem alternativas às narrativas lineares, que se vêem, ainda, ameaçadas pela precariedade e pelo aumento da incerteza. Emerge desse contexto um tempo fragmentado, que acompanha o esmorecimento das instituições, afetando igualmente o “projeto de vida” e a construção biográfica:

A segunda modernidade tende a apagar, com a idéia de continuidade temporal, também a idéia de projeto antes construída pelo ápice da modernidade. Hoje nos confrontamos, portanto, com construções biográficas de um caráter inédito, desvinculadas das formas de projeto tradicionalmente entendidas (LECCARDI, 2005d, p.46).

Já Claudia Fonseca (2002) acredita que, no Brasil, a crença no tempo linear nunca foi adotada pelos membros das classes populares, uma vez que suas experiências coletivas e individuais não lhes permitem alimentar a ilusão de um tempo em linha reta que segue firme e sem tropeços em direção ao futuro: “Nos grupos populares, o contexto histórico contribuiu pouco para essa crença no tempo linear. Desemprego, inflação e outras condições adversas, que não dependem da vontade individual têm, em repetidos casos, reduzido a pó anos de esperança e investimento” (FONSECA, 2002, p.134). Ou seja, descontinuidade e fragmentação não seriam, propriamente, uma experiência “pós-moderna” para os pobres brasileiros. Se pensarmos na relação entre linearidade e individualismo defendida por Øian (2004), a ausência de uma percepção linear do tempo coincidiria com a idéia de que, nos grupos populares, o individualismo enquanto ideologia está pouco presente, idéia, como vimos, hoje posta sob suspeita.

Para poder compreender de que modo essas questões se refletem na construção das biografias entre os jovens entrevistados, proponho diferenciar linearidade e continuidade. Ao dizer linearidade refiro-me à representação hegemônica do tempo no Ocidente, que têm suas origens na idéia de salvação cristã e se desenvolveu, sobretudo, com a modernidade, acompanhando a ideologia do progresso. Essa categoria se opõe, de um lado, à idéia de ciclo, usualmente atribuída às sociedades mais tradicionais, e de outro à fragmentação, característica apontada pela literatura em relação às temporalidades contemporâneas, em que a idéia de um sentido do tempo parece ter se perdido. Já ao me referir à continuidade, desloco meu olhar para o campo das práticas. Deste modo, podemos encontrar carreiras contínuas e descontínuas e, o que é bastante freqüente, continuidades e descontinuidades em diferentes áreas da vida dos mesmos indivíduos.

O que observei entre os jovens estudados é que existe uma predominância das visões lineares do tempo, mas que ela não se traduz necessariamente em trajetórias contínuas, o que constitui um motivo de preocupação em muitas ocasiões. A descontinuidade nas trajetórias percebe-se em várias esferas da vida social – nas instituições educativas que submetem os estudantes a uma contínua socialização da descontinuidade e, como tentei mostrar, do desvalor de seu próprio tempo; nos projetos, que se apoiam discursivamente nas idéias meritocráticas e numa visão normativa das idades que reserva à adolescência e à juventude a construção de um projeto de vida mas que, na prática, raramente cumprem seus objetivos; no trabalho, onde a desqualificação amiúde se reverte em trajetórias descontínuas de trabalho precarizado. A descontinuidade também é percebida pela não sincronização de tempos diferentes como, por exemplo, pelo entrecruzamento conflitivo das trajetórias reprodutivo-sexual e escolar-profissional. O risco e a mortalidade de jovens introduzem descontinuidades que são, na verdade, interrupções, entendidas aqui a partir da idéia de “fim dos tempos”, numa interpretação livre da temporalidade apocalíptica freqüentemente encontrada nas igrejas neo-pentecostais.

Todavia, o sentido dado às descontinuidades varia bastante de jovem para jovem. Em alguns casos, a interrupção da trajetória profissional ou institucional pode funcionar como uma espécie de férias, apenas uma forma de “dar um tempo”. Paulo, um jovem de 22 anos, se encontrava nessa situação. Estudante mediano, Paulo começou a estagiar aos 17 anos e desde então, não lhe faltara o que fazer. No último trabalho, numa firma de entrega de remédios, saía-se muito bem, e começava a fantasiar possíveis futuros progredindo na empresa. O desentendimento com um dos chefes terminou prejudicando suas expectativas. Ao ficar desempregado, porém, Paulo não entrou em desespero nem se apressou em conseguir um novo trabalho. Antes, resolveu encarar aquilo como umas bem merecidas férias. Ficava nas ruas empinando sua pipa, jogava futebol todas as tardes, passou a dormir muito. O trabalho mais sério que encarou nesse período foi pescar peixes do tipo beta numa laje, para vendê-los no varejo e assim tirar algum dinheiro para suas despesas mais imediatas. Perguntei se as pessoas estavam preocupadas com sua atitude: “Falam nada não, porque eu sempre fui moleque”. O jovem só veio “criar juízo” quando arrumou uma namorada que estava a fim de casar.

Um exemplo próximo ao de Paulo é o da jovem Carol, para quem existia uma clara diferença entre a descontinuidade introduzida pela doença em sua vida, e aquela outra que ela buscou conscientemente, largando a escola para trabalhar em casa de família. Como vimos, o jogo de manipulação da identidade permitia a essa jovem encarar o trabalho como umas férias

na praia, não problematizando a possibilidade de estar, com isso, fechando as portas para outras oportunidades representadas pela escola. Por fim, lembremos que Arnaldo optou por não procurar um outro trabalho durante um tempo para poder receber o seguro de desemprego a que tinha direito.

Nesses três casos, as discontinuidades não põem em risco o sentido linear do tempo, antes são vividas como experiências (Carol), adiamento das responsabilidades e curtição (Paulo) ou, ainda, como repouso e respondendo a uma lógica contábil para a qual deixar de receber o seguro de desemprego é o mesmo que dar dinheiro ao Estado (Arnaldo). Finda a experiência alternativa, retoma-se o curso da existência. Nesses casos, a dimensão do presente não se torna problemática e não transparece uma duração lenta, antes ao contrário. A jovencíssima Luana também pode ser encaixada nessa modalidade, seu caso se aproximando daquele de Paulo. Luana teve que sair da escola ao se sentir ameaçada pela presença de uns homens suspeitos, que ficavam rondando o lugar e olhando para ela. Todavia, ao invés de reclamar pela situação de inatividade em que se encontrava, passava o tempo “muito bem, obrigado”, ficando acordada até tarde da noite e saindo da cama depois do meio-dia, pois sabia que no próximo semestre a “moleza” iria acabar.

A situação é bem diferente quando as discontinuidades não são buscadas mas impostas e indesejadas. A história de Carol, em que a irrupção de uma doença inesperada se interpôs na sua trajetória escolar e existencial, é o exemplo paradigmático desse tipo de discontinuidade, que pode ser encontrada de uma forma menos dramática em boa parte dos participantes desta pesquisa. Jovens que investem em carreiras educativas ficam, com muita frequência, “parados” ao término do ensino médio, momento em que perdem acesso a outras formas de inserção institucional, como os estágios. Esse foi o caso de Dênis, mas também de Lu, de Gisele, de Roberto e de muitos outros jovens que numa hora vivem com a agenda cheia, experimentando a exigüidade do tempo, e pouco depois vêm-se às voltas com a dificuldade de transformar seu capital escolar num trabalho. Diferentemente das discontinuidades voluntárias, esse outro tipo de interrupção de trajetória submete os jovens a um grau de ansiedade relacionado à incerteza em relação ao futuro.

Descontinuidades problemáticas são, igualmente, as dos jovens que se inserem cedo no mundo do trabalho mas demoram a conseguir uma inserção minimamente satisfatória. Isso aconteceu com Saulo, que antes de abrir sua barbearia era muito cobrado para assumir seu status adulto. Outras discontinuidades afetam as mulheres como Natália na definição de suas vidas reprodutivas e de sua identidade social, processos que fogem ao seu controle pois dependem de uma decisão masculina, ali onde existe uma clara assimetria de gênero.

Reencontramos, numa micro-escala, a espera como regime temporal mediado por relações de poder:

A espera é uma das maneiras privilegiadas de experimentar o poder e o vínculo entre o tempo e o poder [...]. A espera implica em submissão: mira ininteressada de uma coisa altamente desejada, ela modifica duravelmente, ou seja, durante todo o tempo em que dura a expectativa, a conduta daquele que está, como se diz, em suspenso pela decisão esperada. (BOURDIEU, 2001, p. 279).

Diferentemente das discontinuidades desejadas, esse tipo de interrupção apresenta as características daquilo que Emilia Araújo (2005a) define como temporalidade faseática: um intervalo que introduz uma ruptura, objetiva e subjetiva, em relação à rotina da organização e ao ciclo da vida. A doença, o desemprego, o silêncio do namorado são situações que não têm um tempo demarcado, deixando os sujeitos com pouco controle sobre seu cotidiano e seu futuro. A autora recorre ao conceito de *fatefull moment*, de Anthony Giddens, para definir esses períodos de interrogação identitária, descontínuos, extraordinários, transitórios e suspensos, que também podemos compreender a partir da idéia de liminaridade de Victor Turner (1974). Um aspecto interessante na idéia de liminaridade, tanto em Turner como no trabalho de Mary Douglas (1976), é o fato dos estados liminares comportarem perigo para as pessoas que passam por eles. Algumas histórias juvenis se encaminham nessa mesma direção, percebendo-se uma maior exposição a riscos em épocas de discontinuidade biográfica. É o que aconteceu com Aluísio, que começou a beber mais e a chegar de madrugada em casa quando ficou desempregado – até levar um “susto”:

Agora há pouco quando eu saí do quartel, que eu servi no quartel do exército, passei quatro anos lá, aí quando eu saí passei um tempo desempregado, aí eu ficava direto na rua com Douglas bebendo, mas agora eu parei mais um pouco até porque aconteceu um negócio comigo aí, que eu vinha da casa do meu irmão aí cheguei aqui e o pessoal me confundiu com alguém e deram uns tiros, sorte que um dos tiros pegou na carteira, não chegou a perfurar, não.

Aluísio guardava na carteira a moeda que talvez havia salvado sua vida, deformada pelo impacto de uma bala que, “por engano”, lhe fôra destinada. O acaso, cujo papel nunca será sobrestimado nas pesquisas sobre o tempo, deu-lhe uma segunda chance e pôs fim a um momento de liminaridade, empurrando-o para uma nova mudança em sua vida.

Nas discontinuidades indesejadas o presente é problematizado, gozando de uma duração elástica. É nesses casos que os jovens vivem um excesso de tempo, reclamam de não ter o que fazer e, às vezes, se dizem arrependidos pelas escolhas do passado, como

observamos na história de Sandra. Alguns deles manifestam, inclusive, sensações de lentidão diante de um mundo veloz que não olha para eles e para o qual não se sentem preparados. A idade cronológica faz por vezes sua aparição enquanto limite objetivo que põe fim a algumas possibilidades abertas para a juventude, como fazer concursos públicos ou ser beneficiado por projetos, o que é traduzido na idéia de que “a idade vence” ou, de modo mais enfático, que tem uma hora “que a idade chega”. Marla, de 21 anos, era uma das jovens que olhava para o passado com arrependimento. “A idade passa muito rápido”, disse-me um dia, “e a gente vai ficando”.

Para as duas amigas Poliana e Lu, “terminar os estudos” (isto é, concluir o ensino médio) inaugurou um momento de reflexão, motivado pela ruptura da expectativa de continuidade escola-trabalho: “É da defasagem entre o que é antecipado e a lógica do jogo em relação ao qual se constitui essa antecipação, entre uma disposição “subjéctiva” [...] e uma tendência objectiva, que nascem certas relações com o tempo como a expectativa ou a impaciência” (BOURDIEU, 2001, p.256). Em ambos os casos, interromper a trajetória trouxe à tona a passagem do tempo, fazendo com que as jovens sentissem o peso de arcar com a própria vida: “Agora a responsabilidade da gente aumentou mais, acho que é porque a gente está parado. Tem mais tempo parado, aí as coisas se aproximam mais” (Poliana, 19 anos). De fato, Poliana não estava propriamente “parada”, pois trabalhava como babá na casa de uma vizinha, mas sentia-se “parada” uma vez que cuidar de uma criança não era a recompensa que ela esperava depois de ter estudado durante tantos anos. Um aspecto interessante nas histórias dessas duas amigas é que o fato de deixar de estudar se traduziu numa demanda por assumir responsabilidades perante a família: Poliana ficou noiva e Lu passou a tomar conta em tempo integral de sua avó, doente do Mal de Alzheimer, precisando abandonar para isso o estágio que realizava. Ter conhecido essa jovem anos atrás, quando tinha a agenda cheia (escola, estágio, aulas de capoeira) e reencontrá-la depois nessa espécie de clausura doméstica foi um fato “bom para pensar” – e bom para perguntar!:

Mónica: Como você está vivendo esse momento?

Lu: Na medida do possível. Ter que acordar cedo, fazer as bagagem e fazer almoço, meio-dia tem que estar o almoço pronto. É horrível, mas eu gosto.

Poliana: Está aprendendo.

Mónica: Você acha que essa situação vai durar quanto tempo?

Lu: Eu não sei. E esse meu bebê [refere-se à avó] é um caso. Não posso deixar ela sozinha de jeito nenhum. Por isso que eu não posso trabalhar. Minha mãe não quer que eu trabalhe, mas se aparecer, tem que pagar alguém pra ficar com ela, por isso que maíinha não quer. Em vez de pagar alguém, ela me paga.

Como se vê, a jovem lidava com essa nova circunstância em sua vida apelando para o bom humor (“Esse meu bebê é um caso”), e ressignificando o momento a partir do amadurecimento pessoal e da aquisição de uma série de habilidades para a futuro. A noção de que existe um elo de responsabilidade com a família e o afeto que a garota nutria pela sua avó amenizavam o sentimento de parada no tempo, igualmente suavizado pela compensação econômica que a mãe lhe dava. Isso não impedia, porém, que a jovem considerasse “horrível” viver nessa descontinuidade, restando-lhe apenas o recurso à sociabilidade para amenizar seu cotidiano. Uma vez que qualquer expectativa de mudança trazia implícita a morte de sua avó, a quem ela amava muito, suspender o tempo, deixar de pensar no futuro e abandonar qualquer tentativa de controle do presente, era a estratégia menos pungente para aquele momento.

Uma forma muito comum de combater a descontinuidade é investindo no “currículo”. Marcelo, amigo de Douglas, fez curso de vigilante aproveitando o tempo em que estava desempregado: “eu tô parado, peguei a indenização do trabalho e aproveitei e fiz logo esse curso”. Muitos jovens fazem treinamentos, se matriculam na Agência do Trabalho, estudam informática, inglês e vários cursos profissionalizantes em organizações não governamentais, fundações ou projetos do governo, mobilizando às vezes os recursos familiares e mostrando-se ativos na tentativa de se inserir, novamente, no tempo linear. Dênis guardava numa pasta todos os diplomas, apostilas e fotografias dos cursos e treinamentos em que participara, que tanto perseguiram o objetivo de melhorar suas chances no mercado de trabalho como tentavam negar a evidência de um tempo em que nada acontece.

Percepções lineares do tempo podem ser encontradas também entre jovens como Laura, que têm sua trajetória escolar-profissional interrompida pela trajetória reprodutiva. A valorização de um tempo linear e sem rupturas, e a percepção de “tempo parado” e de “besteira” em relação à própria trajetória é uma mostra da dificuldade de articular diversos tempos em nossa sociedade e do desvalor que a carreira reprodutiva detém. Com efeito, a narrativa de Laura parece indicar que ela ficou de fora do tempo linear, vendo-o correr sem poder aproveitá-lo em seu favor. Em outros casos, pareceria que o tempo das jovens acaba (lembramos Margarida, ao falar de “no meu tempo”), projetando-se as idéias de futuro nos filhos, que ainda teriam tempo pela frente.

É apenas no caso das descontinuidades indesejadas que o dia-a-dia passa a ser, igualmente, problematizado, observando-se um “fatalismo do presente” (ØIAN, 2004). A idéia de fatalismo do presente precisa ser manejada com a mesma precaução que as idéias de fatalismo ou de cultura da pobreza demandam. Ou seja, não quer dizer que essas pessoas

estejam imóveis, antes que percebem com um marcado pessimismo as possibilidades de seu presente e de seu futuro, como observamos pelo uso que Laura fazia da idéia de “rotina” .

Por fim, o exemplo das “meninas de risco” é talvez o mais significativo para perceber que, mesmo as discontinuidades mais gritantes, podem ser incorporadas num sentido de linearidade ou mesmo de continuidade, através de práticas como a visita aos presos e a celebração de aniversários no presídios e pela construção simbólica de narrativas que visam salvaguardar a imagem do morto e, com ele, da família.

A existência de discontinuidades aproxima as trajetórias femininas, “tradicionalmente” descontínuas, das masculinas. Mas parece-me que a forma em que se controem as esferas de continuidade que permitem dar um sentido linear ao tempo mudam um pouco nos homens e nas mulheres. Entre eles, a esfera do trabalho costuma se destacar, embora não enquanto escolha vocacional e sim prioritariamente como meio de vida, o que remete em última instância a seu papel social de provedores. Já no caso das mulheres, a família se autonomiza mais pois a maternidade, sobretudo, se apresenta com caráter de irreversibilidade e vem acompanhada de imagens relativas à continuidade. Se na análise do tempo cotidiano, o tempo do trabalho apresentava-se como tempo dominante, ao qual as outras esferas mostravam algum grau de subordinação, isso não acontece quando colocamos em foco o tempo biográfico. Mesmo com diferenças, família e relações parecem ser, nesse sentido, mais significativas quando se trata de criar algum senso de continuidade em tempos de extrema incerteza e de trajetórias marcadas pela freqüente irrupção da discontinuidade.

7.3 TEMPO E IDADE SOCIAL: O CURSO DA VIDA DAS MULHERES JOVENS

Ao analisar os tempos biográfico e cotidiano, a idade social emergiu como uma variável significativa, demarcadora de diferenças no uso do tempo e nos sentidos atribuídos às diversas situações espaço-temporais. Nesta seção, busco acrescentar alguns elementos acerca da relação tempo/idade social focando nas narrativas das mulheres jovens, cujas histórias tive ocasião de conhecer. Mulheres e jovens costumam ser apontados na literatura como os grupos que mais fortemente contribuíram para as mudanças na experiência do tempo, e que foram igualmente mais afetados por elas (LECCARDI, 2006). As mulheres jovens são, portanto, um grupo especialmente rico para perceber continuidades e rupturas na forma de organizar o cotidiano e de significar o tempo, o que traz conseqüências na própria compreensão do momento da vida que as jovens atravessam. Neste trabalho, como já foi assinalado, a juventude das mulheres recebeu mais atenção que aquela dos homens, contudo ao falar dos

marcos biográficos e de sua significação para a organização do curso da vida, as idéias que homens e mulheres têm sobre essas questões serão, na medida do possível, incorporadas.

A discussão que empreenderei aqui relaciona-se com os debates anteriormente mencionados a respeito da importância do fator idade nas sociedades contemporâneas¹⁶⁶. Como já foi sugerido, alguns autores afirmam que as transformações a que está submetido o curso da vida na atualidade estão gerando uma sociedade descronologizada, em que os clássicos marcadores de idade tornam-se menos definitivos e perdem sua importância. Essa situação relaciona-se com o questionamento da linearidade biográfica anteriormente mencionada, que por sua vez repousa na perda do papel das instituições que emolduravam o curso da vida moderno. Como afirma Carmen Leccardi:

Hoje, essa trajetória biográfica, capaz de garantir um percurso previsível para o ingresso na vida adulta, constitui não mais a regra, mas a exceção. Para os jovens, o processo de desinstitucionalização do curso da vida, que arrasta consigo igualmente o conceito de “biografia normal”, comporta o desaparecimento de um aspecto até aqui determinante na reflexão juvenil: a identificação da juventude como um conjunto de etapas, socialmente normativas, que conduzem progressivamente em direção ao mundo adulto [...]. Essas etapas, habitualmente sintetizadas pelo termo “transição”, identificavam a fase de vida juvenil como uma “travessia” guiada por passagens de *status*. (LECCARDI, 2005d, p.48).

A análise das narrativas vistas até aqui leva a considerar com cautela as análises que chamam a atenção para a perda de importância da idade social como critério importante na orientação temporal dos sujeitos, sem negar, contudo, que a organização do curso da vida seja especialmente diversa, fluida, complexa e imprevisível entre os jovens estudados¹⁶⁷. O que se percebe é uma simultaneidade de registros etários que promovem identidades diversas, algumas norteadas pela lógica do Estado e outras por lógicas particulares sexualmente diferenciadas. Indo mais longe, podemos identificar duas tendências paralelas, de um lado um processo de individualização dos jovens em relação a suas famílias, norteadado pela busca de autonomia e, do outro, a forte imbrincação com redes de obrigações, mais próxima de uma ideologia holista, que subordina o indivíduo ao coletivo. Trata-se de sistemas de classificação diversos que, mesmo sem dar conta da complexidade do tempo vital (ADAM, 1990), propõem enquadramentos e direções para o mesmo.

¹⁶⁶ Vide Capítulo 1. Para um estudo aprofundado sobre essa temática, ver Müller (2008).

¹⁶⁷ O que já vem sendo apontando em inúmeros estudos, entre os quais menciono Bassit (2000), Feixa (1998), Debert (1997), Featherston (1994), Müller (2008) e Pais (2003).

Jovens de ambos os sexos dão importância à idade cronológica, que é um importante critério de acesso a políticas, programas e instituições. Nesse sentido, ter uma determinada idade pode marcar até certo ponto o calendário juvenil e a organização do dia-a-dia, o que se expressa no uso de terminologias que fazem referência às classificações etárias propostas em documentos oficiais – adolescência, juventude, crianças, etc. O discurso da idade cronológica (AAPOLA, 2002) é uma das formas pelas quais os jovens expressam seu momento de vida, entroncando com a cronologização do curso de vida instituída na modernidade (ARIÈS, 1986; DEBERT, 1997; FEATHERSTON, 1994). Certas idades, por outro lado, são investidas de um valor simbólico maior: os 15 anos, para as mulheres, que ganhou importância a partir dos “bailes de debutantes”; e os 18, para os jovens de ambos os sexos, relacionado com o acesso à cidadania plena.

Como vimos em outra ocasião, o critério etário também é utilizado em momentos de avaliação da própria trajetória, como quando os jovens se preocupam porque “a idade pode vencer” ou com a “idade que passa”. Nesse sentido, embora eventos como conseguir um trabalho, casar e ter filhos, não acompanhem a idade cronológica na vida desses jovens, tampouco estão totalmente afastados dela, e eles podem sentir que “está ficando tarde” para que certas mudanças importantes aconteçam em suas vidas. A esfera do Estado (projetos e políticas) e do mercado (trabalhos, concursos) são as mais diretamente relacionadas com o critério cronológico de divisão do curso de vida.

Quando nos movemos para a esfera da família e das relações afetivas, entretanto, lógicas particulares se tornam mais significativas, demarcando o tempo da vida dos jovens bem como estabelecendo classificações que, embora articuladas com aquelas de caráter universalista, baseadas na idade cronológica, não se confundem com elas. As histórias de Natália e de Laura nos oferecem um bom ponto de partida para perceber o modo como essas diferentes questões se tornam presentes no processo de amadurecimento social das mulheres.

Conforme descrevi no Capítulo 5, Laura e Natália exemplificam duas posturas extremas entre as jovens em processo de formação de família, a primeira pelo desencantamento e senso crítico, e a segunda pela esperança e pelo ajustamento a seu novo papel social. Seus relatos biográficos caracterizam-se por semelhanças mas também por diferenças na valorização de seu momento da vida, nos usos e representações do tempo, bem como no sentido que atribuem ao casamento.

Por um lado, a importância que essas duas jovens outorgam a esse evento em seus relatos biográficos nos convida a questionar a chamada crise das instituições e, mais precisamente, a crise da biografia normal (LECCARDI, 2005a; 2005d). Para Laura e Natália,

bem como para a maioria das jovens entrevistadas, o casamento é um momento importante em suas vidas, na maioria das vezes esperado (embora raramente planejado), que as conduz imediatamente a uma outra fase da vida, que podemos classificar de idade adulta. É certo que, ao considerarmos as jovens que já foram casadas e agora estão sozinhas ou em segundo casamento, essa afirmação precisa ser matizada, como vimos no caso de Sandra e de várias outras jovens que participaram desta pesquisa. Entretanto, nos bairros estudados, existe uma forte expectativa de que as mulheres ingressem na vida adulta via casamento e, como uma entrada menos desejável (e cada vez mais comum), pela maternidade. Mesmo nos casos em que a família realiza um investimento na educação e profissionalização das filhas, o casamento e a maternidade continuam sendo entendidos como a ordem natural das coisas, encontrando-se poucas jovens que expressam abertamente o desejo de se manterem solteiras ou mesmo sua indiferença em relação a esse quesito.

Como se pôde observar nas entrevistas de Laura e Natália, o casamento supõe uma mudança na vida das jovens que não se percebe como reversível, uma vez que se relaciona com seu acesso à atividade sexual. Com efeito, uma segunda reflexão que podemos extrair dos relatos dessas jovens é a forma como o ciclo de vida feminino liga-se fortemente à vida reprodutiva e sexual, ganhando prioridade diante, por exemplo, da escolarização e da profissionalização. Nesse sentido, três eventos superpõem-se de forma diversa chamando a atenção para um roteiro implícito de iniciação sexual e maturidade social: a perda da virgindade, a gravidez, o casamento. No caso de Laura, a perda da virgindade é subsumida na gravidez e aparece sob o eufemismo “fazer besteira”. A gravidez liga-se, por outro lado, ao casamento, sendo ambos eventos biográficos indissolúveis na trajetória dessa garota. Já no relato de Natália, a perda da virgindade recebe uma maior atenção, mas aparece ainda englobada no casamento, evento que lhe deu status e um papel social definido. É exemplar, nessa jovem, o tratamento dado à espera, como um regime de temporalidade que evidencia justamente a expectativa social a respeito do roteiro sexual feminino. Uma terceira combinação possível nos é oferecida pela jovem Poliana, que apareceu em outros momentos deste trabalho. Membro ativo de uma igreja neo-pentecostal desde criança, Poliana experimentou o casamento e a perda da virgindade concomitantemente, seguindo assim o *timing* marcado pela instituição religiosa. Cabe salientar, ainda, que no caso de jovens que se iniciaram sexualmente e não casaram, é a perda da virgindade que aparece como o evento biográfico definidor de um “antes” (“quando era moça”) e um “depois” (“quando fui mulher”).

Uma reflexão que decorre da anterior refere-se à periodização do curso da vida feminino. As classificações ligadas ao ciclo reprodutivo e sexual (moça, mulher, casada, solteira, mãe) são, no cotidiano, acionadas com muito mais frequência do que as categorias de adolescente, jovem e adulto, mostrando que a organização social do curso da vida segue roteiros indiferentes às classificações evolutivas etárias. Esses roteiros são diferenciados por gênero, dando diferentes significados a eventos paralelos como, por exemplo, a primeira relação sexual. Essas definições, por outro lado, supõem enquadramentos morais (LANGEVIN, 1987), uma vez que há uma escala de idoneidade para as transições – é diferente casar na igreja do que ser mãe solteira!

Além de elucidar aspectos da organização social do curso da vida, os relatos das duas jovens nos permitem conhecer outras representações e usos temporais relacionados com o novo estatuto de “mulher casada” nas três comunidades pesquisadas. Assim, um primeiro aspecto que chama a atenção é a percepção temporal do casamento sob o signo do súbito, do repentino, do rápido, o que responde às representações espontaneístas da atividade sexual anteriormente mencionadas (BOZON; HEILBORN, 2006). Apenas no caso de jovens evangélicas como Poliana o casamento aparece, eventualmente, como algo planejado e seqüenciado segundo etapas que envolvem o próprio casal, as famílias e os outros membros da Igreja. Nos outros relatos, as jovens narram seu casamento como uma mudança brusca de situação ligada a eventos que, apesar de serem produto de suas ações, parecem ter irrompido inesperadamente em suas vidas.

Encontramos, aqui, uma forma, no mínimo, curiosa de individualização do curso da vida. De um lado, as jovens colocam-se como únicas responsáveis pelo que lhes acontece, raramente questionando, por exemplo, a falta de acesso a informações ou a meios contraceptivos. Por outro lado, elas não se descrevem enquanto agentes autônomos nesse processo, antes seus relatos são marcados pela heteronomia, relativizando desse modo as teses que defendem a passagem à idade adulta como uma conquista progressiva de autonomia. No caso de Laura, é a gravidez inesperada que a empurra a seu novo status. No relato de Natália, o ônus da decisão recai no companheiro. Essa representação do inevitável ou do imponderável, se por um lado pode nos levar a questionar as relações de poder que envolvem os namoros juvenis, também precisa ser entendida como uma forma de narrar as próprias escolhas como se fossem ditadas pelo acaso ou por terceiros. Com base nos meus dados, não fui capaz de determinar se essa construção narrativa é comum aos jovens de ambos os sexos, destacando a indeterminação de suas vidas, ou se é uma construção tipicamente feminina. Nesse caso, ainda poderíamos nos perguntar se ela é resultado da distribuição desigual de

poder nos relacionamentos afetivos juvenis ou se pelo contrário, é uma estratégia narrativa que persegue criar a ilusão da passividade.

Outro aspecto que se extrai dos relatos apresentados, e que já foi devidamente aprofundado em outras ocasiões, é a mudança nos usos do tempo entre as jovens casadas. Em ambos os casos, bem como nas narrativas das outras jovens entrevistadas, o casamento introduz modificações significativas no cotidiano condizentes com o novo status das jovens. A prioridade ao doméstico, mesmo quando ocorre uma coabitação com os pais, e a reconfiguração do tempo do lazer são os dois aspectos mais destacados nos relatos. Entretanto, o valor atribuído a essas mudanças pode mudar bastante. Laura concebe seu novo cotidiano a partir da categoria de “rotina” que, como vimos, expressa tanto a seqüência repetitiva de tarefas ligadas à esfera da reprodução do cotidiano, como seu descontentamento quanto à exclusão social que vive. Nesse sentido, o relato de Laura é o paradoxo das idéias a respeito da incerteza e do risco na contemporaneidade. O que assusta essa jovem não é a incerteza mas o excesso de certeza em relação a seu cotidiano, isto é, saber que seus dias estão condenados à repetição porque a “novidade” depende da capacidade de consumo.

Já em Natália, a mudança no uso do tempo, incluindo o abandono da convivência com rapazes em seu tempo livre, é significada positivamente a partir do investimento na conjugalidade (tempo a dois) e na própria individualidade (tempo para si), notadamente após o estabelecimento em domicílio próprio. Em outros relatos, a mudança no tempo do lazer recebe um outro tratamento. Marita e Sofia, como vimos, reagiram mal à cobrança de domesticidade de seus companheiros depois do casamento. Diferentemente de Natália, porém, as duas jovens gozavam de bastante liberdade em seu cotidiano quando solteiras, o que explica sua reação ao controle dos maridos.

Deste modo, vemos que, ao lado do critério etário, o amadurecimento social das jovens relaciona-se com sua progressiva mudança de papéis sociais que não são dados, mas resultado de estratégias, acasos e conquistas. Nesse sentido, as jovens costumam definir a juventude como uma idade de maturidade e de liberdade, quando a vida pode ser curtida a fundo, pois ainda não há as “responsabilidades” do adulto. Misturam-se, nestas idéias, um componente subjetivo e outro de ordem social pois se as “responsabilidades” são dadas pela posição dos sujeitos no grupo social e familiar – um jovem solteiro tem responsabilidade com o estudo e em relação a sua família de origem, enquanto o jovem casado tem responsabilidade com os filhos e o cônjuge – cabe a cada pessoa individualmente “assumir” responsabilidades, o que dependerá, em última instância, de sua “maturidade”. Essa dessincronização entre eventos biográficos, condições sociais e disposição subjetiva para cada momento da vida é

responsável pela incerteza que acompanha, freqüentemente, o curso da vida das jovens que conheci nas periferias do Grande Recife.

7.4 TEMPOS POR VIR

Relacionado com as questões vistas até aqui, a dimensão do futuro é um dos focos principais nas discussões sobre as mudanças nas temporalidades contemporâneas, e o último aspecto que é preciso levar em consideração num estudo sobre a experiência do tempo entre jovens de periferia. Junto com uma relativa licença para aproveitar o presente, a preparação para o futuro é um dos significados que mais fortemente se associam à juventude, sobretudo quando enfatizamos seu caráter de transição para a vida adulta. É pensando no futuro, como vimos, que se impõe, ou tenta-se impor, certa disciplina no presente, sem a qual presume-se que os jovens fracassarão em sua tarefa de se inserir satisfatoriamente no mundo do trabalho e de serem responsáveis pelas suas famílias. Entretanto, o encurtamento do horizonte temporal, que é um dos aspectos mais salientados na literatura sobre o tempo na atualidade, põe em questão o papel preparatório que a juventude adquiriu na época moderna, produzindo efeitos sobre as orientações temporais dominantes para cada momento do curso da vida dos indivíduos (LECCARDI, 1991; 2005d). É em relação a esse pano de fundo que busco compreender as expectativas dos jovens entrevistados, suas imagens a respeito do futuro e as estratégias de que lançam mão para construir seu amanhã.

Como observa Emília Araújo, o futuro traz em si o paradoxo de ser “um objeto real sem realidade” (2005b, p.9). Embora oriente as ações no presente, sendo, deste modo, uma importante dimensão a ser explorada, não constitui uma realidade palpável e carrega, ainda, a incerteza em seu cerne. Partindo do princípio de que o porvir tem um caráter imponderável, não busco aqui relacionar causalmente presente e futuro nas trajetórias juvenis, apontando fatores que levariam ao sucesso ou ao fracasso na inserção social dos jovens. Com exceção da história de Luis, todas as narrativas que apresentei encontram-se em aberto, e cada recorte na vida dos jovens é o futuro de um momento anterior, ao mesmo tempo em que abre novas janelas para o desconhecido. Mesmo aquelas carreiras que parecem melhor definidas, como as de Joaquim e de Mara, estão sujeitas a reviravoltas inesperadas.

Ao centrar meu interesse na dimensão do futuro busco, principalmente, identificar quais as esferas em que os jovens projetam prioritariamente seu amanhã – trabalho, família, consumo, etc.; qual a extensão de seu horizonte temporal – ou seja, a existência ou não de projetos a curto, médio e longo prazo; e, por fim, a relação que eles estabelecem entre

presente e futuro, isto é, se traçam estratégias para conseguir seus fins ou se existe, pelo contrário, uma desconexão entre as ações do presente e as expectativas para o dia de amanhã. Se pensarmos em termos de agência juvenil, uma maior conexão entre presente e futuro sugere, a princípio, um maior controle dos jovens em relação a suas vidas. Muitos trabalhos educativos voltados ao público juvenil repousam na idéia de que os jovens precisam construir um “projeto de vida” que os ajude a fazer suas escolhas e trilhar seus caminhos de uma forma consciente.

Todavia, se o futuro, em nossas sociedades, tende a se tornar cada vez mais incerto devido à rapidez com que os cenários se modificam, ter um “projeto de vida” deixa de ser um indicador automático de agência. Pode-se, inclusive, pensar que os jovens mais adaptados aos novos tempos não são necessariamente aqueles que planejam tudo antecipadamente mas os que se movimentam no curto prazo, de forma a aproveitar as oportunidades de cada momento. Essa parece ser a conclusão a que chegam alguns estudos feitos na Europa (LECCARDI, 2005b; LASÉN, 2000) que também demonstram, entretanto, como a facilidade para aproveitar as oportunidades à medida que elas surgem depende muito dos recursos com que cada jovem conta, notadamente seu capital cultural e social. Os jovens com os quais trabalhei não possuem, via de regra, os mesmos recursos (culturais, econômicos e sociais) que muitos dos jovens europeus mencionados nesses estudos. A “falta de oportunidades” é um mote constante em seus relatos, o que constitui um desafio na hora de projetar, imaginar e construir seu futuro.

De acordo com vários estudos, existe uma ligação próxima entre a idéia de futuro e a posição dos sujeitos no espaço social. Maurice Halbwachs sugere que o futuro é um horizonte temporal significativo para as classes médias, ao passo que o passado é uma dimensão mais acionada pela classe privilegiada e o presente, pelas classes trabalhadoras (HALBWACHS, 1950 *apud* ARAÚJO, E., 2005b, p.28). De forma semelhante se manifesta Richard Hoggart, ao discorrer sobre a orientação temporal dominante na classe trabalhadora inglesa:

Há hoje em dia muitos proletários que praticam a virtude da economia, como de resto sempre tem havido. Mas, de uma maneira geral, a natureza imediata e presente da vida nas classes proletárias contribui para que se manifeste uma tendência para gozar os prazeres imediatos, desencorajando o plajeamento em vista de um objetivo futuro, ou de um ideal a atingir. “A vida não é um mar de rosas”, pensam; mas “o que há de vir virá”, e as classes proletárias são há muito existencialistas sem o saberem. Até mesmo aqueles que se preocupam mais do que o habitual com o que o futuro lhes possa trazer vivem afinal no presente, num grau muito superior àquele que se verifica nas outras classes (HOGGART, 1973, p.160)

As diferenças entre a percepção de futuro a partir da origem de classe já foram objeto de várias pesquisas, que costumam confirmar a relação entre tempo e classe social postulada por Halbwachs, notadamente o maior investimento no futuro pelas classes médias e, contrariamente, o encurtamento do horizonte temporal nos grupos populares (LESHAN, 1952; O’RAND; ELLIS, 1974; ver também ARAÚJO, E., 2005b, p.27-30; FONSECA, 2002, p.133-134). No estudo de O’Rand e Ellis (1974), a orientação para o futuro aparece, inclusive, como um indicador muito comum de projetos de ascensão social entre jovens de origem trabalhadora.

Indo mais longe, Pierre Bourdieu (2001) considera que o futuro dista de ser uma dimensão aberta, como apregoa a “visão intelectualista da experiência temporal” (p.254). Para esse autor, existe uma adequação entre esperanças e oportunidades, o que faz com que sonhemos principalmente aquilo que estamos socialmente destinados a fazer: “O porvir iminente está presente, imediatamente visível, como uma propriedade presente das coisas, a ponto de excluir a possibilidade de que não ocorra – possibilidade que continua existindo teoricamente” (p.254). De acordo com essa abordagem, projetar-se no futuro somente seria possível para aqueles que estão bem posicionados – e bem ajustados – no jogo social, conhecendo suas regras e conseguindo, deste modo, traçar estratégias efetivas para além do presente. Já os sujeitos pior posicionados, notadamente aqueles que se situam nos segmentos do subproletariado, não possuem qualquer controle sobre seu porvir, lançando mão de expedientes fantasiosos e usualmente desconectados da dimensão do cotidiano:

O elo entre o presente e o futuro parece rompido, como bem o demonstram esses projetos completamente descolados do presente e prontamente desmentidos – forçar o ingresso de uma garota na faculdade quando está patente que ela já deixou a escola, ou, então, criar um clube de recreio no Extremo Oriente quando não se tem um tostão para pagar a viagem... (BOURDIEU, 2001, p.271)

Para os homens (e mulheres) sem futuro de Bourdieu, os sonhos inatingíveis tomam o lugar dos projetos e as pessoas não são capazes de interferir em seus próprios destinos, vivendo num presente permanente e plano. Contudo, o aumento da incerteza nos tempos atuais parece ter tornado cada vez mais comum a experiência de “falta de futuro”, aproximando assim as orientações temporais dos jovens das classes médias e das classes trabalhadoras. Se usarmos a terminologia de Pierre Bourdieu, tudo indica que o “jogo social” perdeu o caráter auto-evidente, tornando mais difícil a adequação entre expectativas e oportunidades. O que está em questão, mais uma vez, é a persistência ou a ruptura da

percepção linear do tempo que foi construída ao longo da modernidade e como isso afeta os sujeitos de acordo com certas propriedades como a origem de classe, sua condição de gênero e sua geração:

A não-linearidade é tão pertinente do ponto de vista sociológico justamente porque representa a ausência de projecção sobre o devir. Os indivíduos carecem de segurança ontológica suficiente para, projectando o futuro, agirem no presente de acordo com as suas preferências. Porque através da linearidade se subentende o tempo de vida como um recurso a gerir de forma racional (como é, por exemplo, a poupança) a não-linearidade representa, além de incerteza, o desvanecimento da representação do tempo como escasso e isso provoca a sensação de abundância do tempo, de “paragem” (ARAÚJO, E., 2005b, p.20).

Na análise das expectativas e estratégias para o futuro dos jovens que participaram desta pesquisa, foi possível reencontrar a pluralidade de práticas e sentidos que emergiram na análise das demais dimensões temporais, indo desde o planeamento a longo prazo até perspectivas mais imediatas da ação. Além disso, a dimensão do futuro revela-se polissêmica, servindo tanto para a orientação das ações como para a afirmação de valores e formas de estar-no-mundo que só fazem sentido a partir da posição dos sujeitos no presente. Certeza, incerteza, linearidade mas também dificuldades ou mesmo indiferença em relação ao futuro compõem o retrato desta dimensão das temporalidades juvenis, que apresentarei a partir das orientações mais comuns encontradas em campo.

Futuro longo: linearidade e projeto

Entre alguns jovens, encontrei uma representação do futuro que, para efeitos de contraste, podemos denominar “modelo moderno” ou “modelo da primeira modernidade”: o futuro é projetado numa linha reta a partir de um “projeto de vida”, que relaciona as ações presentes com as futuras, dando destaque à carreira profissional. Trata-se de um futuro longo, pois abrange vários anos e costuma coincidir com o processo de transição à vida adulta. Dentre os casos apresentados, Mara é a jovem que melhor representa essa idéia. Como vimos no Capítulo 4, essa adolescente tem o projeto de se tornar bióloga e para isso planeja se alistar no Exército. No presente, várias de suas ações estão diretamente relacionadas com esse objetivo longínquo, desde o investimento cotidiano em seus estudos até a procura por melhores escolas onde prosseguir sua educação. É evidente que a realização ou não desses planos está sujeita a muitas variáveis, dentre outras à qualidade das instituições com que tem contato, porém existe uma clara orientação temporal em direção ao futuro e uma preocupação

com o porvir, que corresponde à representação da juventude como uma época preparatória para as responsabilidades da idade adulta, baseada no mecanismo de “diferimento das recompensas” (LECCARDI, 2005d, p.35).

Muitos outros jovens mencionam, entre suas idéias para o dia de amanhã, profissões que exigem alta qualificação – advogado, juiz, médico, etc. – mas nem sempre se encontra neles a correlação presente/futuro que pude perceber em Mara. É nesse sentido que penso nessa garota como o prototipo de jovem que tenta seguir, em meio a tempos de extrema incerteza, um “projeto de vida”: “uma forma de seleção, subjetivamente contruída, entre múltiplos “futuros virtuais” disponíveis, capaz de destilar das fantasias e dos desejos que o substantivam, objetivos alcançáveis, dotados de uma clara medida temporal” (LECCARDI, 2005d, p.46). Nos planos dessa jovem transparecem dois princípios básicos presentes na percepção de futuro surgida na modernidade: causalidade e linearidade (ARAÚJO, E., 2005b). Mara confia em que seu futuro será resultado do esforço que está realizando hoje e situa esse tempo além do presente, ligando-se a este numa relação de continuidade dada pela sua intenção e esforço. Lembremos, ainda, que a esfera profissional aparece, para essa jovem, como a área prioritária de projeção para o amanhã, enquanto a formação da própria família emerge como um objetivo secundário, o que não diz respeito apenas ao fato dela ser muito nova (15 anos) mas também a sua escala de valores.

Com efeito, a valorização da educação formal, a ideologia meritocrática, a percepção do trabalho como um veículo para a realização pessoal e, por fim, a subordinação da vida familiar à consolidação da esfera profissional nos informam que estamos diante de uma constelação de valores própria do individualismo moderno (DUMONT, 1985). Outrora limitada às classes médias (DUARTE, 1988; HEILBORN, 1984; SARTI, 1996), hoje vários estudos indicam que essa ideologia também pode ser encontrada nas camadas populares, embora não isenta de tensões (BARROS; MACHADO, 2007; DUARTE, 2005; HEILBORN et al., 2006; SCOTT, 2001). Existe, por trás dos sonhos de Mara e de outros jovens de “futuros virtuais” semelhantes, uma expectativa de ascensão social pelo estudo e pelo esforço pessoal, o que implica uma visão de “futuro aberto” herdeira dos ideais de progresso construídos na modernidade: “O tempo aberto e irreversível do futuro avança, sem incertezas, na direção de um indiscutível melhoramento” (LECCARDI, 2005d, p.38).

A meritocracia, isto é, a idéia de que os indivíduos conseguem sua posição na sociedade graças a seu desempenho individual, sem fazer uso de privilégios hereditários ou corporativos (BARBOSA, 2001, p.22), é um forte componente da visão causal e linear do porvir entre aqueles entrevistados que têm representações de um “futuro longo” – e, de resto,

em muitos dos jovens entrevistados. Trata-se de um valor transmitido de geração a geração mas que freqüentemente esbarra na estrutura desigual de oportunidades que os jovens enfrentam. Roberto, trabalhador numa rede de supermercados, cuja história apresentei no Capítulo 6, fala deste modo dos conselhos que recebia em casa:

Aprendi com minha mãe que se a pessoa quer uma coisa, tem que *ir em frente*, tem que lutar, né, se esforçar pra ter as coisas, ter muita fé em Deus, né, e lutar pelo que a gente quer. A pessoa ter um ideal de uma vida melhor, mais organizada. Meu pai, eu aprendi também um pouco do serviço dele e que a pessoa tem que trabalhar pra se esforçar (grifo meu).

A ênfase no trabalho e no esforço pessoal faz sentido, sobretudo, para aqueles que não podem contar com as benezes dos privilégios adquiridos. Ao invés do recurso a um Estado forte e redistributivo, o apelo à fé. Diante das dificuldades da vida, esforço e luta. Dos três elementos constitutivos da noção de desempenho (talento, habilidade e esforço), tão cara à ideologia meritocrática (BARBOSA, 2001), o esforço é talvez o que mais aparece na fala dos jovens que apresentam uma visão linear do futuro, reforçando a permanência de uma forte ética do trabalho entre eles. Entretanto, como a história de Roberto mostra, o empenho e a habilidade não são suficientes quando não existe “a oportunidade”. A linearidade desse tipo de projeção de futuro encontra-se ameaçada pelas circunstâncias concretas que dificultam que os jovens tornem seus projetos realidade. Nesse sentido, podemos compreender um aspecto muito singular nesse tipo de orientação temporal: a convivência de uma visão individualizante do futuro, em que o porvir é resultado do próprio esforço, e de uma outra religiosa (“ter muita fé em Deus”) que indica, em última instância, que os desígnios do futuro não dependem exclusivamente das ações dos homens.

Um aspecto interessante nas representações de “futuro longo” é a adesão a esse modelo por parte de muitas garotas, sobretudo das mais novas, que parecem desse modo querer se distanciar da forma tradicional de transição à idade adulta para as mulheres nos grupos populares, que enfatiza a maternidade e o casamento. Em alguns casos, a prioridade dada à busca de uma inserção no mundo do trabalho repercute no adiamento do início da vida sexual, como já foi observado em outros estudos (BOZON; HEILBORN, 2006, p.201). Mesmo quando existe um investimento paralelo na carreira conjugal, a projeção de uma esfera individual de futuro, ligada à satisfação que as jovens esperam encontrar em seus trabalhos imaginados, convida a pensar na relação entre essa dimensão temporal e a transformação nas relações de gênero, que possibilita uma maior individuação das mulheres.

Com efeito, a representação linear do futuro, vinculada prioritariamente à esfera profissional, tem uma marcada inscrição de gênero, correspondendo sobretudo à maneira como os homens traçaram suas metas e construíram suas trajetórias ao longo da história, especialmente em contextos próximos do pleno emprego. Como afirma Emília Araújo:

O futuro é tradicionalmente uma categoria “masculina” justamente quando acoplado à linearidade e à monocronia que esta implica. Congrega a sucessão de fases relativas às próprias passagens estatutárias reguladas pela sociedade, mas acertadas de acordo com as “etapas” do “ciclo da vida”. Mais, o futuro [...], como algo para o qual se exige disciplina no dia-a-dia, é a pedra de toque da temporalidade referencial a partir da qual se julgam e classificam todos os outros regimes e estilos de uso do tempo. Mas trata-se de uma temporalidade autorizada, regulada e instituída ao sabor das temporalidades masculinas (2005b, p.31).

Em geral, o futuro socialmente atribuído às mulheres não se encaixa nesse modelo monôcrono, ao incorporar uma pluralidade de regimes temporais (o tempo reprodutivo, familiar e doméstico ligado ao cuidado com os outros) cuja articulação com o tempo do trabalho remunerado costuma ser conflitiva. Desde o pioneiro trabalho de Julia Kristeva (1981), *Women's Times*, vários estudos chamaram a atenção para a importância do elemento cíclico ou repetitivo no tempo familiar e doméstico, que não se coaduna com uma representação linear do futuro. Considero, entretanto, que a repetição ou o caráter cíclico não é um traço “natural” das temporalidades femininas, no sentido de necessário ou ditado por uma biologia inescapável, antes efeito da organização social do tempo destinado às diversas esferas da vida humana, incluindo a produção de bens e a reprodução da vida cotidiana¹⁶⁸. O que chama a atenção na forma como essas garotas imaginam seu futuro é a articulação de uma forma individualizada de projetar-se e uma representação do tipo linear do futuro, que tende a minimizar, ou mesmo a negar, o desafio de conciliar trabalho e formação de uma família.

Isso não quer dizer que necessariamente exista um enfraquecimento da importância do casamento e da maternidade como marcos biográficos femininos, como tive ocasião de mostrar em outras ocasiões, porém para essas jovens a formação da família não constitui um objetivo excludente em relação a outros. Obter satisfação pessoal através da esfera do trabalho e ganhar o próprio dinheiro, quer seja para o usufruto pessoal, quer para “ajudar” ou

¹⁶⁸ A esse respeito ver E. Araújo (2005b) e Leccardi (2005b), além do mencionado trabalho de Julia Kristeva (1981) sobre o qual recaíram críticas relativas à essencialização. A coletânea *Taking our time*, editada por Frieda Johles Forman e Caoran Sowton (1989) é um exemplo de como, freqüentemente, as críticas à universalidade da representação linear do tempo terminam escorregando perigosamente para uma naturalização do tempo cíclico para as mulheres, que seria o “reino da natureza e da mulher” (FORMAN; SOWTON, 1989, p.IX). No Brasil, é referência o trabalho de Neuma Aguiar (2001) sobre as temporalidades das mulheres numa sociedade de plantação.

contribuir com o orçamento doméstico, situam-se no centro das representações lineares de futuro construídas por essas garotas, que parecem ter aprendido a lição que escutei da boca de muitas mães de adolescentes ao longo da pesquisa: “Marido não é futuro para ninguém”. Por outro lado, a valorização da linearidade não resolve o conflito entre tempo produtivo e reprodutivo, que pode vir a reaparecer na hora em que as garotas iniciam sua carreira reprodutiva.

Outro aspecto interessante nesse tipo de representação é que o elemento de incerteza, que alguns autores defendem como sendo o “sinal dos tempos” em que vivemos, aparece mais fortemente na esfera afetiva do que naquela profissional. Pareceria que esses jovens sentem-se mais confiantes, nessa altura de suas vidas, quanto àquelas parcelas de seu futuro que dependem de seu próprio esforço (notadamente, o estudo e o trabalho) e menos naquelas áreas que exigem o estabelecimento de relações. Isso se relaciona diretamente com um menor acúmulo de experiência no terreno afetivo-sexual, quando comparado com a maior familiaridade com as exigências do tempo institucional. Nesse sentido, é ao falar do casamento e da parentalidade que aparecem representações mais ligadas ao destino, à vontade divina e, em última instância, à incerteza – embora elas não estejam totalmente excluídas na projeção da esfera profissional.

Por fim, o “futuro longo” parece depender fortemente do tempo institucional, principalmente da inserção dos jovens em instituições educativas, como a escola, sua adesão a programas de estágio em empresas públicas ou privadas, bem como sua participação em projetos voltados ao público juvenil, que costumam enfatizar a construção de um “projeto de vida”. Chama a atenção o modo pelo qual a representação do futuro, para os jovens que participam desses projetos, assume uma feição linear, planejada, refletindo a já mencionada ordem de prioridades que vai da estabilidade financeira, via inserção no mercado de trabalho, até o estabelecimento da própria família, num modelo de transição ideal que raramente encontra equivalente nas formas concretas de tornar-se adulto. Num grupo de discussão com participantes do projeto Agente Jovem, era surpreendente a semelhança encontrada em suas visões para o futuro:

Eu gostaria primeiro de terminar os meus estudos, arrumar um bom emprego e depois namorar, noivar e casar, ter um casal de filhos, também pode ser dois meninos ou duas meninas, depende da vontade Deus, e eu não queria só trabalhar em casa, em casa só de noite depois que eu largasse do serviço (participante do Agente Jovem –sexo feminino)

Eu acho assim que tudo tem seu tempo, tudo tem o seu tempo certo, eu quero me casar mas no tempo certo, quando eu tiver meu trabalho, ser independente

e quando eu encontrar a pessoa certa, porque eu acho que muitos casamento dão errado por falta de ter um namoro... um namoro assim, ligeiro, um namoro sem diálogo, sem conversa, e eu acho assim que só porque um casamento não deu certo não vai dar!! pode dar sim. Isso acho que depende da pessoa, da convivência, do conhecimento, e eu pretendo me casar e ter meus filhos (participante do Agente Jovem – sexo feminino)

Eu pretendo me casar, agora só quando eu terminar os estudos, arrumar um bom emprego pra poder sustentar minha família e em casa assim, não só eu que posso trabalhar, porque tem aquela mania de antigamente que só quem trabalhava era o homem e a mulher ficava em casa lavando os pratos na cozinha. Eu pretendo me casar, agora a idade certa pra casar eu não sei, só quando eu arrumar meu emprego, minha condição de dar uma boa escola pra que quando ele crescer seja alguém na vida. Acho que o negócio de casamento entre marido e mulher às vezes é muito complicado porque tem marido que é ciumento, mulher que é ciumenta, não deixa a mulher ir trabalhar porque vai ter muita confusão, aí eu vou passar dar gracinha um bocado de coisa. Eu acho que é complicado isso negócio de marido e mulher.. convivência (participante do Agente Jovem – sexo masculino)

Um caso especial nas representações lineares de futuro foi aquele apresentado por alguns jovens membros de igrejas evangélicas, para os quais a vida privada também é passível de planejamento. Lembremos que, para muitos jovens, o casamento é algo que acontece “de repente”, respondendo a visões espontaneístas da prática sexual. Para aqueles que participam de igrejas neo-pentecostais, entretanto, existe uma norma de estabelecer a própria família, comportando uma série de etapas que deveriam, a princípio, ser rigorosamente seguidas – embora, mais uma vez, as exceções crasem por toda parte:

Meu propósito é primeiro namorar, noivar e casar, porque já que eu sou evangélico, isso está na Bíblia, e pra casar tem que tá preparado, tá no mercado de trabalho e a jovem também tem que tá preparada pra cuidar dentro de casa, cuidar dos filhos também. Pra casar pra mim com 21 anos tá bom (jovem evangélico, participante do projeto Assembleia de Deus).

Futuros oníricos: quando presente e futuro se desencontram

Um segundo tipo de representação do futuro pode ser classificada a partir de sua ênfase no sonho, ao invés do projeto. Num dos questionários para a pesquisa *Os jovens e a cidade*, um garoto de 17 anos escreveu a seguinte frase: “Adolescente é uma pessoa que ainda tem muito sonho”. Crescer seria, necessariamente, deixar de sonhar? Qual seria a medida de tal crescimento? A idade? O casamento? A parentalidade? E como saber quando um sonho é o germe de um projeto e quando não passa de uma ilusão fantasiosa, situada no terreno da mais pura imaginação? Qualquer resposta dada a essas questões é necessariamente incompleta.

Afinal, se bem não é verdade que a vida, como queria o dramaturgo espanhol, seja apenas um sonho, é provável que sonhar seja a maneira mais comum de imaginar o futuro ou, simplesmente, de nos projetarmos para além do cotidiano. Nas narrativas juvenis, o sonho parece cumprir esse duplo papel, de um lado servindo de incentivo para o presente, de outro permitindo “brincar” com a realidade, ensaiando outras identidades que não as habituais. É nesse segundo sentido que o sonho se desconecta do presente, e o futuro deixa de corresponder à percepção linear que foi anteriormente descrita.

Hogne Øian (2004) descreve esse tipo de orientação temporal a partir da idéia de “futuro espacializado”, tomada de empréstimo do trabalho de Pierre Bourdieu (2000) junto aos kabila. Para esse povo argelino, o futuro encontra-se num lugar situado “atrás das montanhas” e não guarda qualquer conexão com aquilo que acontece no dia-a-dia. Øian acredita ter encontrado uma representação semelhante do futuro em Linda, uma jovem norueguesa desempregada, que projeta para si futuros desconectados de seu cotidiano, e que podem mudar ao longo do tempo. Embora o autor não use essa expressão, pareceria que os sonhos de futuro atuam, para essa jovem, como uma espécie de *alter ego*, que lhe permite se apresentar aos outros de uma forma diferente, e muito mais interessante, daquilo que ela é no mundo real. Porém, é também através desses futuros inventados que a jovem se identifica com certos valores e estilos de vida, servindo os sonhos como uma via para seu auto-conhecimento: “As pessoas desempregadas podem operar com imagens delas mesmas como pessoas de sucesso no futuro e usar essas imagens na construção de identidades, tanto em termos de auto-compreensão como de auto-apresentação” (ØIAN, 2004, p.183¹⁶⁹). Como se vê, embora a idéia de Øian se aproxime daquela de “homem sem futuro” de Bourdieu, ao fazer uma análise semântica dos “futuros espacializados”, emerge uma dimensão mais criativa e significativa dos sonhos e ilusões dessa adolescente, que pode ser de muita utilidade para a análise dos “futuros oníricos”.

Encontrei representações semelhantes àsquelas descritas por Øian entre muitos jovens que participaram desta pesquisa, sobretudo (mas não apenas) entre os mais novos. As garotas da Ilha de João de Barros, por exemplo, sonhavam em trabalhar numa loja de roupas no Shopping Tacaruna onde poderiam conviver cotidianamente com todos aqueles objetos que despertavam seus desejos: as tortas, as roupas, os perfumes. Interessante que, nesse grupo, a jovem Jade, que se intitulava “a voz da experiência”, considerava as idéias de suas colegas como simples desvarios adolescentes e sonhava para si com um futuro como secretária ou

¹⁶⁹ “Unemployed people can operate with images of themselves as successful people in the future and use these images in the construction of identities, both in terms of self-understanding and self-presentation”.

algum outro emprego de “colarinho branco”. De todo modo, fantasiar futuros nessa idade da vida (as garotas contavam com 11 a 15 anos) não é algo tão estranho, uma vez que ainda se tem poucos elementos quanto aos caminhos que é possível trilhar.

Futuros especializados são também os sonhos de se ter uma profissão de sucesso (advogado, juiz, médico, etc.) por parte daqueles jovens que, por sua escolaridade comprometida ou pelo seu estilo de vida, claramente não chegarão à universidade. A profissão sonhada pode ser vista como uma forma de construir uma identidade no presente (ØIAN, 2004) ou como resultado da dificuldade de pensar num futuro provável devido à falta de capital escolar, simbólico, relacional, econômico que permita cimentar esse futuro (BOURDIEU, 1998b), ou ainda ambas as coisas. Esse futuro especializado aparecia igualmente nos sonhos de Paulo de ser jogador de futebol – embora em outros momentos de sua vida ele agiu para conseguir esse fim – e nos de Laura de ser uma cantora gospel famosa ou no de Carol, que quer ser uma doutora embora, com 19 anos, ainda não conseguiu concluir a 8ª série. Podemos pensar que, deste modo, o futuro coloca-se plenamente a serviço do presente, o que enfatiza muito mais as representações juvenis ligadas ao lazer e à diversão que aquelas da juventude como uma fase preparatória para a vida adulta, vistas anteriormente. Essas ensonhações trazem, por vezes, o elemento da fama, do reconhecimento, do sucesso econômico, a expectativa de se destacar em relação aos outros, de se singularizar graças ao talento ou a um golpe de sorte:

Gosto de jogar [futebol], sonho um dia ser, minha idade já estorou pra ser profissional, mas pra treinar em clube, quem sabe eu treinando por aí um olheiro me vê e gosta do meu futebol, e me leva pra jogar em algum lugar [...] A gente nunca sabe que tem [um olheiro por perto], a gente joga num local e nunca pensa que tem, aí de repente ele chama você. (Paulo, 22 anos).

Afora os futuros oníricos vistos até aqui, existe um outro tipo de sonho muito comum entre as garotas e, sobretudo, entre os rapazes entrevistados. Trata-se de um objetivo de caráter mais genérico e, pode-se dizer, modesto quando comparado com o o sonho de ter uma profissão liberal e prestigiosa:

Eu quero arrumar um emprego fixo, estabilidade, condições pra pessoa viver com um pouco de conforto (Douglas, 23 anos).

Profissão, eu não tenho nenhuma não, mas queria um trabalho que ganhasse bem, que desse pra viver (João, 25 anos).

“Estabilidade” e um bom salário que dê “condições” de viver minimamente bem mostra a permanência, entre esses jovens, do ideal fordista de emprego para a vida toda. A recorrência com que esse sonho reaparece sugere que, apesar dos tempos serem de incerteza, isso não traz necessariamente uma mudança quanto às expectativas de futuro, contrariamente ao que apontam alguns autores:

Nesse horizonte temporal comprimido, o próprio significado da idade juvenil se transforma. Quem a vivencia tende a apreciá-la mais por aquilo que pode oferecer no presente do que pelo tempo futuro que ela virtualmente descortina. Conseqüentemente, os desejos e as exigências estruturam-se em relação ao presente: a “boa vida” não se baseia mais em um compromisso de longa duração, a idéia de estabilidade perde valor (cf. Rosa, 2003) (LECCARDI, 2005d, p.37).

Evidentemente, se os jovens que sonham com “estabilidade” pudessem, de algum modo, experimentar uma diversidade de trabalhos que lhes enriquecessem e lhes dessem uma “boa vida” talvez seu ideal de estabilidade se transformasse. Mas, nas circunstâncias em que vivem, com limitados recursos educativos e capital social para se inserir num mercado de trabalho cada vez mais especializado e excludente, a passagem do tempo pode emergir como uma ameaça, revestindo o futuro de uma feição intimidante e muito mais real do que aquela apresentada nos sonhos oníricos.

“Quando a idade vai chegando”: construindo os futuros possíveis

Parece que algumas circunstâncias tornam os jovens mais pragmáticos em suas idéias e planos para o futuro: entrar no mundo do trabalho e, sobretudo, ser responsável por uma família. Tais circunstâncias são às vezes traduzidas com a expressão “quando a idade chega” ou “quando a idade vai chegando” – expressão que, dependendo do contexto, pode também definir o processo de envelhecimento. Como já foi sugerido, a idade cronológica joga igualmente um papel na mudança na forma de representar o futuro, não apenas pelo amadurecimento psicológico (que depende de muitas variáveis, não necessariamente relacionadas à idade), mas pela pressão social no sentido de assumir certas responsabilidades na vida, principalmente constituir família e conseguir os meios para sustentá-la.

É entre esses jovens que encontramos mais planos a curto prazo, porém conectados com o presente, próximos da idéia de “presente estendido” que Helga Nowotny (1989) acredita ser um traço marcante nas temporalidades contemporâneas. Todavia, se essas situações podem ser novas para os jovens europeus, elas parecem fazer parte do modo como

os grupos populares construíram historicamente suas estratégias de reprodução material e simbólica, em consonância com visões mais presenteístas da vida social, como sugerido por Hoggart (1973). Como vimos na narrativa de Arnaldo, muitos jovens têm planos de futuro (ampliar uma casa, comprar um terreno, constituir sua família), mas não sabem quando poderão concretizá-los, uma vez que sua realização depende da conjunção de uma série de circunstâncias que vão além da vontade individual, envolvendo frequentemente o apoio de terceiros. O que parece ser novo nessas “estratégias da indeterminação” (LASÉN, 2000) é a expectativa de que vida se desenrole conforme um esquema linear e causal, não tanto as formas de tornar o futuro realidade, paulatinamente, do modo como a vida vai permitindo. Também forma parte dos novos cenários a pluralidade de recursos com que os jovens contam para tentar construir seus futuros, que vão desde as redes de apoio dantes existentes (família, parentes, vizinhos) à escola e os projetos para jovens, sem falar na nova economia das drogas. Essa multiplicidade de opções, mais presente em alguns lugares, como a comunidade do Vietnã, alimenta a visão de “futuro aberto”, que não necessariamente encontra, como vimos, equivalência no plano concreto.

O caso de Saulo, que apresentei brevemente ao falar do tempo cotidiano, é um bom exemplo de como funcionam as estratégias no “presente estendido” dos jovens entrevistados. Morador do bairro do Vietnã, Saulo começou, como tantos outros jovens, a trabalhar ainda na infância, quando tinha oito anos de idade, junto com seu tio, que era marceneiro. Interessado na profissão, fez um curso no Centro Profissionalizante do Bongi, que lhe possibilitou começar a trabalhar numa firma, fazendo móveis. Contudo, a invasão dos móveis tubulares no Recife arruinou boa parte dessas pequenas empresas, deixando Saulo desempregado. Depois de tentar a sorte no negócio de marcenaria de um colega, o jovem terminou abrindo uma barbearia na casa dos pais, pois aprendera os rudimentos dessa profissão com um primo. Quando nos conhecemos, perguntei-lhe o que pensava do futuro. Saulo manifestou seu interesse em ampliar a barbearia que lhe permitia uma sobrevivência confortável para sua vida de solteiro. Meses depois, o retorno de seu primo de São Paulo fez com que seus planos mudassem, e esperava, agora, ser incorporado no futuro salão que este pretendia abrir num bairro próximo ao Vietnã. Abertura para aproveitar as oportunidades do presente, multiplicidade de recursos para construir suas estratégias (cursos, família) e uma dependência de situações externas incertas compõem o retrato das estratégias de futuro de Saulo e de outros jovens que precisam, como Joaquim, ser “mil utilidades” para encontrar seus caminhos na vida.

Jovens sem futuro? Retornando ao mote do “fim dos tempos”

Por fim, muitos jovens mostram desinteresse em falar sobre o futuro, recorrendo a frases como “o futuro a Deus pertence”, que sugerem a permanência de uma idéia de destino em que o porvir foge aos desígnios humanos. Todavia, isso não quer dizer que não tenham idéias ou estratégias direcionadas ao dia de amanhã, nem penso que possamos nos contentar com essas expressões para retomar as tão criticadas teses do fatalismo. Porém, pode acontecer que o futuro não seja para alguns jovens uma dimensão muito significativa, sobretudo a longo prazo. Contrariamente, a curto prazo é comum que eles alimentem pequenos projetos, desde ir à praia no final de semana, a sair à noite, entrar num curso, comprar uma roupa, visitar um amigo, namorar. Pequenos projetos que mostram uma valorização do instante, do presente que se justifica por si mesmo, sem precisar de um sentido externo ou de uma direção. Se o “futuro longo” traduzia uma temporalidade moderna, baseada no princípio da linearidade e da causalidade, os presentes sucessivos, feitos de pequenos projetos que vão se tornando realidade, parecem condensar as características atribuídas aos futuros da segunda modernidade, em que a projetualidade a longo prazo tende a desaparecer.

Nesses casos, a noção de projeto muda em relação àquela que observamos nos jovens que seguiam um “futuro longo”. Como observa Amparo Lasén (2000, p.242), “Os projetos servem para alimentar o presente e não para programar o futuro. Transformam-se em objetos virtuais que integram as ensonhações e o imaginário. Partilhados e criados em comum, ajudam a criar vínculos e não a fortalecer a identidade individual”. Se ao pensar no “futuro longo” encontrávamos eco na ideologia individualista moderna, baseada na meritocracia, ao nos debruçarmos sobre esse tipo de orientação temporal encontramos uma visão de mundo que incorpora a dimensão do hedonismo, a busca de satisfação no aqui e agora, e a desvalorização dos sacrifícios que não se justificam mais diante de um futuro incerto, elementos que costumam ser arrolados em relação a novas formas do individualismo. Do ponto de vista da organização das idades, enquanto o “futuro longo” remetia a um dos significados sociais mais comuns da juventude, como uma etapa preparatória para a idade adulta, a expansão do presente responde a outro dos significados socialmente atribuídos a essa fase da vida: a existência de uma maior disponibilidade para o lazer, para a sociabilidade e para a “curtição”.

Viver a curto prazo, numa série de presentes sucessivos, não parece ser um grande problema para muitos jovens, sobretudo quando áreas de incerteza biográfica (como o estudo ou o trabalho) se justapõem a outras em que a trajetória mostra-se mais definida (a trajetória

familiar, por exemplo). Por outro lado, as “estratégias da indeterminação” situam-se freqüentemente a serviço dos aspectos mais expressivos da vida social – a sociabilidade, o afeto, podendo conviver com áreas em que se constroem “futuros possíveis”. Há alguns casos, entretanto, que merecem uma atenção especial, por problematizar mais claramente a projetualidade biográfica levando aos limites uma orientação presenteísta, marcada pela falta de profundidade temporal. É quando as dimensões do risco se tornam mais presentes nas biografias dos jovens, ao ponto do presente se tornar o único terreno possível para a imaginação, diante de um futuro que se desdobra entre os sonhos de grandeza e a possibilidade última da extinção física. Nesse sentido, as dimensões da incerteza e do risco, comuns nas discussões sobre a sociedade contemporânea, assumem um caráter específico entre os jovens estudados, que os separa claramente da vivência de jovens em outros contextos nacionais. É o que podemos ver no trecho da entrevista abaixo:

Mónica: Como vocês se imaginam no futuro?

Murilo: Marginal, tudo marginal. Eu me imagino no futuro no cemitério, aquele caixão de ouro...

Williams: É que nem a gente diz: a gente não tá mundo pra semente não, a gente não vai ser uma rosa mais na frente não, o mundo da gente não é feito de rosa não.

Mónica: É feito de que?

Williams: É feito de espinho.

Murilo: De barro, mas antes de eu ir já vai uns três ou quatro comigo. Já foi um, está pra ir mais um bocado.

Williams: Esse está perdido, esse está perdido, não tem jeito não.

Murilo: Antes de eu ir, eu vou, eu sei que eu vou mas vai comigo também.

Williams: Um dia a gente tudinho vai comer areia no pé da casa, só não vai comer por causa da tampa de madeira, mas ainda a turma vai lá e tira!

Murilo: Ossada, só os ossos.

Mónica: Tá bom, todo mundo vai morrer um dia mas vocês pensam que isso vai acontecer quando?

Williams: O mais cedo possível.

Murilo: Eu não espero muito não e do jeito que o mundo tá aí...

Williams: Hoje em dia a gente não pode virar aqui na esquina e nem pode prever o futuro da gente, tanto faz a gente tá aqui conversando como a gente sair daqui pra ali, beí, morreu.

Murilo: Levar uma topada e morrer.

Williams: E aí, o que restou da gente? Nada...

Murilo: Só a entrevista.

Williams: Só a entrevista da fita, foto e lembrança.

A entrevista em questão aconteceu numa tarde de sábado. A foto a que Williams se refere foi tirada por Kate Gough, na sua última visita ao Vietnã, durante o período que passou pesquisando os jovens junto comigo. Escutando a entrevista retrospectivamente, percebo o incômodo que aquela conversa provocadora ocasionava em mim. Williams e Murilo estavam

obviamente brincando comigo, explicitando interditos com vistas a chocar as “duas gringas” que estavam atrasando sua farra. Ao mesmo tempo, verdades eram ditas, e tudo aquilo só podia ser pronunciado porque existia enquanto possibilidade existencial para aqueles jovens. Ouvi-los falar da morte, contudo, não era fácil para mim, o que provocou perguntas não muito adequadas e respostas que, com o passar do tempo, mostraram-se proféticas. De Murilo, não tive mais notícias, mas Williams morreu perto de casa, em represália por ter roubado o celular de uma moradora do bairro. A fita, a foto e a lembrança aqui ficaram, fixando sua memória.

Nas últimas páginas, discuti algumas das representações sobre o futuro que encontrei entre os jovens participantes desta pesquisa, agrupadas a partir de alguns elementos que permitiam contrastá-las. Todavia, é preciso lembrar que tais orientações não são exclusivas ou definidoras de “estilos temporais” necessariamente opostos. Antes, elas convivem, às vezes se sucedendo no tempo (um jovem pode “sonhar” numa época e ser pragmático mais adiante ou, pelo contrário, voltar a “sonhar” numa nova fase da vida), outras definindo diferentes esferas (planejamento a longo prazo da vida profissional e incerteza em relação à vida afetiva, por exemplo).

Como tentei mostrar, as idéias dos jovens a respeito de seu futuro indicam a permanência de uma representação linear do porvir ligada a uma percepção da juventude como um período preparatório para a vida adulta, a partir uma seqüência de etapas bem definidas, começando pela estabilidade econômica e terminando pela formação da própria família, seqüência que, no entanto, raramente se corresponde com a prática. Se podemos relacionar esse tipo de representação com o individualismo moderno e com as condições de passagem à idade adulta tradicionalmente acionadas pelos jovens das classes médias, podemos talvez nos aventurar a pensar que existe uma adoção desse modelo entre os jovens estudados, que reflete também uma expectativa de melhora de vida a partir da idéia de “futuro aberto”. Contudo, o futuro longo e linear é apenas uma dentre as várias orientações encontradas. Muitos jovens empreendem estratégias de curto prazo, características do “presente estendido” (NOWOTNY, 1989), e que indicam sua maleabilidade para lidar com as incertezas em sua frente. As dificuldades para se inserir no mundo do trabalho e formar uma família são hoje, talvez, maiores do que aquelas que outras gerações enfrentaram. Contudo, não se pode dizer que essas circunstâncias sejam totalmente novas para eles, e é por isso que o recurso a redes de parentesco, amizade e vizinhança termina se mantendo como uma estratégia fundamental para construir o futuro.

Por outro lado, as perspectivas mais imediatistas de vida apenas se verificam, e nem sempre de modo exclusivo, no caso dos poucos jovens envolvidos com a criminalidade, o que

mostra o alto conteúdo de risco envolvido nessa forma de vida. Todavia, sonhos, expectativas de futuro e projetos a curto, médio e longo prazo estão presentes em todos os jovens, mesmo entre “os jovens errados”, sugerindo a importância dessa dimensão temporal como importante perspectiva das experiências juvenis que modela fortemente o significado social da juventude nas periferias das cidades, notadamente, no âmbito desta pesquisa.

EM TEMPO

Viver é um descuido prosseguido.
João Guimarães Rosa. *Grande Sertão: Veredas*

Encerro este trabalho com muitas mais questões que quando comecei. Embora tenha partido de algumas indagações teóricas, minha análise foi norteadada pela busca dos sentidos e das práticas temporais num determinado chão social, buscando perceber como os jovens de três comunidades do Grande Recife construam suas temporalidades. O tempo, ao ser uma categoria sintética, foi abrindo novas portas que me foram conduzindo cada vez mais longe na reflexão. Por um lado, acredito que isso tenha sido muito positivo, pois me obrigou a fugir do reducionismo que às vezes acompanha os trabalhos sobre juventude. Por outro lado, corre-se o risco de que, passeando por tantas temáticas, não se possa dar conta da complexidade que envolve o objeto tempo. Como afirma Emilia Araújo (2005a, p.41), “[...] por mais apurada que seja a sua operacionalização em dimensões, conceitos e categorias, e por mais que o nosso objectivo, como investigadores, seja apreender o seu sentido, o tempo apresentar-se-á, de forma persistente, como uma experiência, sendo portanto, tanto TUDO como NADA”. Entre o “tudo” e o “nada” busquei encontrar os caminhos para este trabalho, cujo ponto final não foi dado pelo esgotamento da temática, mas sim pelo tempo institucional. Afinal, uma tese também tem o seu tempo.

Não pretendo, nestas últimas páginas, retomar todo o percurso que empreendi até aqui. Acredito que apenas cabe, neste momento, refletir brevemente a respeito das questões que o tempo impõe à antropologia, da forma como foram surgindo ao longo de meu percurso de pesquisa. Uma das questões que se pode pensar é o fato da antropologia ter sido muito frutífera no estudo dos sistemas temporais dos “outros”, porém, muito menos no estudo das sociedades ocidentais. Frequentemente, como observa Barbara Adam (1995), a descrição de alteridades temporais termina incorrendo numa simplificação do tempo no Ocidente, gerando uma dicotomia extremamente redutora entre “nosso tempo” e o “tempo dos outros”. A redução desse tipo de abordagem caminha nos dois sentidos, pois oculta, por um lado, a expansão do sistema calendário/relógio para as sociedades ditas tradicionais ou exóticas, e também desconsidera a variedade de registros temporais que atuam no seio das sociedades ditas complexas (ADAM, 1995; POSTILL, 2002). Com efeito, o tempo nas sociedades ocidentais não é apenas, como Evans-Pritchard sugeria, uma “coisa” que se possa vender e comprar, mas ele também organiza os ritmos sociais, é vivido individualmente como

experiência, tem qualidades, velocidades e tons diferentes, a depender das atividades a que fazamos referência.

Por outro lado, como Alfred Gell (1992, p.315) parece sugerir, a antropologia pode ter pecado por atribuir um excesso de alteridade às temporalidades exóticas, uma vez que a experiência do tempo guarda importantes semelhanças no mundo todo. Penso que talvez isso decorra da pouca atenção que costuma ser dada ao modo como as pessoas, individualmente, vivenciam o tempo. Frequentemente, as interpretações antropológicas apresentam a circularidade durkheimiana (GELL, 1992), mostrando de que modo as representações temporais são oriundas da sociedade e a ela se impõem externamente, mas dão poucos detalhes sobre o modo criativo, e muitas vezes conflitivo, como os indivíduos lidam com isso em seu cotidiano. Nesse sentido, o que busquei fazer nesse trabalho foi procurar o tempo como algo vivido, me aproximando assim das abordagens que põem ênfase nos atores e que entendem o tempo como uma prática social (MUNN, 1992).

As discussões contemporâneas a respeito das mudanças nas temporalidades, muitas delas oriundas do campo da sociologia, também me parecem às vezes sofrer do mal da simplificação anteriormente referido. Frequentemente parece que todas as referências espaço-temporais da modernidade, que dirá das sociedades tradicionais, foram abandonadas em prol de um tempo fluido, fragmentado, desespecializado, e invariavelmente veloz. Os pobres e “vagabundos” viveriam, deste modo, às margens ou, na pior das hipóteses, no lixo dessa temporalidade feroz. Essas interpretações, embora muito frutíferas, precisam ser nuançadas a partir de estudos empíricos que nos mostram como, na prática, existem simultaneidades entre as temporalidades que podem ser classificadas como tradicionais, modernas e pós-modernas mas que podem igualmente ser entendidas como temporalidades que estão acontecendo aqui e agora sendo, portanto, todas contemporâneas.

Deste modo, a experiência temporal dos jovens estudados aqui reforça algumas das questões usualmente apresentadas pela literatura sobre mudanças nas temporalidades, porém também indica alguns limites dessas interpretações para o contexto em questão. Assim, vimos que, embora as trajetórias profissionais, escolares e muitas vezes também familiares possam ser descontínuas e fragmentadas, os jovens fazem um esforço para integrar essas diversas dimensões de suas vidas, dando-lhes sentido através de narrativas que reforçam a idéia de continuidade e que expressam uma tendência à linearidade. Isso mostra a valorização de um modelo de transição à vida adulta que raramente lhes é possível alcançar, constituído por transições sincronizadas em que as coisas acontecem no “tempo certo”. Também indica a prevalência da idéia de que as carreiras lineares, tipicamente masculinas, têm mais valor do

que as carreiras descontínuas, mais comuns entre as mulheres, apesar de que, na prática, percebem-se importantes convergências entre umas e outras. Por outro lado, a criação de laços de continuidade, tanto nas práticas como no discurso, nos mostra a permanência de algumas esferas que veiculam a segurança ontológica e a identidade dos jovens – seus amigos, suas famílias e, em alguns casos, o acúmulo de experiências que exprimem sentidos de futuro, possíveis ou imaginados.

A vivência da incerteza e do risco assumem, também, características próprias no contexto estudado. De um lado, o risco faz parte de um discurso que busca enquadrar comportamentos e rejeita certas práticas, sobretudo quando desenvolvidas por jovens dos grupos populares, cuja imagem encontra-se atrelada à idéia de perigo social. Por outro lado, o risco refere-se às condições incertas de passagem à idade adulta e de concretização de projetos de todo tipo, o que se aproxima às situações vivenciadas por jovens em outros contextos nacionais. Nesse sentido, apesar dos avanços na escolarização e da presença crescente de projetos voltados a essa faixa etária, a maioria dos jovens entrevistados relatou dificuldades de inserção no mundo do trabalho, concomitantes à preemência por ter dinheiro próprio, o que responde à inserção massiva no mundo do consumo e à rapidez com que, comparativamente aos jovens de outros grupos sociais, assumem responsabilidades com as famílias de origem e com as de procriação. Se essas dificuldades não são alheias às experiências históricas dos grupos populares, o que parece ter se transformado é a correspondência necessária entre expectativas e condições objetivas de realizá-las. Talvez os filhos de hoje não vivam pior que seus pais, mas pode ser que eles queiram mais, e é isso que torna seu futuro potencialmente incerto.

Outro aspecto que singulariza esses jovens em relação às gerações anteriores e aos jovens de outros contextos diz respeito à convivência maior dessa geração com a morte, que estabelece a maior das interrupções do tempo linear – o “fim dos tempos”, que denominei aqui fazendo um uso muito livre da temporalidade apocalíptica entre os neo-pentecostais. Percebe-se que muitos jovens introduzem uma margem de certeza na incerteza, adotando atitudes como não se envolver com gente “errada”, evitar certos lugares em certos horários. Porém, esse controle é desafiado continuamente pelas notícias de pessoas que morrem “enganadas” ou porque estavam “no lugar e na hora errada”. Esses eventos, que interrompem vidas e quebram laços, demandam esforços simbólicos ainda maiores para suturar o que foi rompido, criando assim novas continuidades.

Paradoxalmente, em tempos de risco e de incerteza, a exclusão social pode transformar a incerteza em seu oposto: o excesso de certeza. Isso se observa nos casos de “fatalismo do

presente”, onde o problema não é não saber o que acontecerá no dia de amanhã, mas saber que o dia de amanhã será exatamente igual ao de hoje. É nesse sentido que encontramos às vezes representações ligadas à lentidão do próprio tempo diante da aceleração do tempo externo, sentimentos de arrependimento, de frustração e de fracasso. Trata-se de uma perspectiva que leva às últimas conseqüências o encurtamento do horizonte temporal e da vida calcada no presente. Contudo, outro aspecto que apreendi estudando as histórias desses jovens é que, mesmo naqueles casos em que o futuro se mostra incerto, é possível identificar tentativas de mudança, projetos a curto ou a médio prazo, expectativas, enfim, que mostram a criatividade presente em seus caminhos e em suas construções temporais. Essa criatividade está mais presente, ainda, nas práticas do tempo cotidiano, encruzilhada onde convergem organizações temporais muito diversas, que vão da recursividade do tempo doméstico à socialização paradoxal do tempo institucional ou à procura do instante no tempo de lazer.

Se essas idéias talvez não são totalmente novas, a categoria tempo nos permite integrá-las de uma forma, acredito, pouco comum. Deste modo, uma possível contribuição deste trabalho para os estudos sobre juventude decorre do fato do tempo ser, como foi destacado ao longo do trabalho em várias ocasiões, uma categoria sintética. Como observa Elias (1998), ocupar-se do tempo ajuda a corrigir a imagem do mundo dividido em setores hermeticamente fechados. Mistura-se o que estava separado, trazendo desse modo novos *insights* a respeito dos mesmos assuntos.

Acredito que o estudo da temática do tempo nas sociedades ocidentais nos força a ir além das fronteiras disciplinares, nos levando a um necessário diálogo com a sociologia e com a história social. Mesmo tendo mostrado pouco interesse em nossas temporalidades, penso que a antropologia oferece inspirações importantes para essa empreitada. A idéia de que são as sociedades as que criam o tempo, e não apenas o representam, é uma das inspirações mais interessantes, que tentei incorporar neste trabalho, e que está no cerne das primeiras interpretações sócio-antropológicas produzidas pela Escola Francesa de Sociologia (DURKHEIM, 1996; HUBERT; MAUSS, 1909; MAUSS, 1974). Outra das contribuições antropológicas é a idéia de que toda atividade humana tem um caráter simbolicamente estruturado, tornando os instrumentos de medida temporal (o relógio, a idade cronológica) vetores simbólicos e sincronizadores sociais (GELL, 1992; POSTILL, 2002). Para aprofundar essas contribuições, os antropólogos precisamos pesquisar mais as sociedades contemporâneas e, uma vez que nelas o tempo se torna crescentemente individualizado, é preciso olhar mais para os indivíduos e, a partir deles, perceber de que modo os diversos tempos se articulam na prática social.

Por fim, nos limites deste trabalho, tentei mostrar de que maneira o tempo pode ser operacionalizado como uma categoria que, de um lado, permite conhecer melhor as mudanças em curso em nossas sociedades (e também seus limites e ambigüidades) e, de outro lado, possibilita um olhar abrangente e integrador de grupos sociais específicos, revelando seus valores e práticas sob um ângulo incomum. Na análise das narrativas biográficas de jovens moradores de bairros populares do Grande Recife, o que chama a atenção não é a exterioridade do tempo, nem sua regularidade ou precisão, características usualmente atribuídas ao tempo no Ocidente. Antes, o tempo vivido se torna um vetor de significados em que social e individual se encontram e, às vezes, se desencontram, gerando temporalidades qualitativamente diferenciadas. Ora o tempo passa depressa, ora escoia lentamente, ora se torna pleno, ora se reproduz cansativamente, sendo cada uma dessas experiências mais do que simples recriações subjetivas, mas janelas através das quais observamos alguns dos dilemas e das delícias de ser jovem nos tempos que correm. Se, como diz Guimarães Rosa, “Viver é um descuido prosseguido”, é de descuidos, tanto como de cuidados, que os jovens vão fazendo seu tempo, no encontro do acaso e do sonho, do projeto e do instante, da linha e do ponto, da vida e da morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AAPOLA, Sinikka. Exploring dimensions of age in young people's lives. A discourse analytical approach. *Time & Society*, vol. 11, n.2/3, 2002, p.295-314.
- ABRAMO, Helena Wendel. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Editora Página Aberta, 1994.
- _____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação. Número especial: Juventude e contemporaneidade*. ANPED, nº 5-6, maio a dezembro, 1997, p.25-36.
- _____. Condição juvenil no Brasil contemporâneo. In: _____; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (eds.). *Retratos da juventude brasileira*. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p.37-72.
- _____.; FREITAS, Maria Virginia de; SPÓSITO, Marília P. (org.) *Juventude em debate*. São Paulo: Cortez, 2000.
- ABRAMOVAY, Miriam et al. *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília: UNESCO, BID, 2002.
- _____. ; RUA, Maria das Graças. *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO, Instituto Ayrton Sena, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.
- ADAM, Barbara. *Time and Social Theory*. Cornwall: Polity Press, 1990.
- _____. Modern times: the technology connection and its implications for social theory. *Time and Society*,1(1), 1992, p.175-92.
- _____. *Timewatch*. The social analysis of time. Cambridge: Polity Press, 1995.
- _____. *Time*. Cambridge: Polity Press, 2004.
- AGUIAR, Neuma. Múltiplas temporalidades de referência: trabalho doméstico e trabalho remunerado em uma plantação canavieira. *Gênero*. Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG, Niterói, v.1, n.2, 2001, p.75-106.
- AGUINAGA ROUSTAN, Josune; COMAS ARNAU, Domingo. *Cambios de hábito en el uso del tiempo*. Trayectorias temporales de los jóvenes españoles. Madrid: Ministerio de Trabajo y Asuntos Sociales/Instituto de la Juventud, 1997.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si: Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- ALTHABE, Gerard. *Vers une ethnologie du présent*. Paris. Édition da la Maison des Sciences de l'Homme, 1992.

ALVIM, Rosilene. *A sedução da cidade: os operários-camponeses e a fábrica dos Lundgren*. Rio de Janeiro: Graphia, 1997.

_____. Olhares sobre a juventude. *Comunicações do ISER*, Ano 21, Edição Especial, 2002, p. 43-56.

_____. Escola pública. Escola de pobres. Escola pobre? *CAOS – Revista Eletrônica de Ciências Sociais*, João Pessoa, n.5, março de 2004, p. 1-6.

_____. As relações entre a universidade e o movimento social. In: SILVA, Gláucia (org.). *Antropologia extramuros*. Brasília: Paralelo 15, 2008, p. 135-140.

_____.; PAIM, Eugenia. Os jovens suburbanos e a mídia: conceitos e preconceitos. In: ALVIM, Rosilene; GOUVEIA, Patrícia (org.). *Juventude anos 90: conceitos, imagens, contextos*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Gestão Comunitária: Instituto de Investigação e Ação Social, 2000, p. 13-33.

_____.; FERREIRA JUNIOR, Edísio; QUEIROZ, Tereza (org.). *(Re)construções da Juventude: cultura e representações contemporâneas*. João Pessoa: Editora Universitária – PPGS/UFPB, 2004a.

_____.; FRANCH, Mônica; PAIM, Eugênia. Os jovens no Brasil: uma análise da literatura recente sobre o tema nas ciências sociais. Trabalho apresentado na XXIII RBA, Recife, 2004b.

ALVITO, Marcos. *As cores de Acari*. Uma favela carioca. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

ARAÚJO, Emília Rodrigues. *A fase: ritmos camuflados nos usos e representações do tempo*. O caso do tempo de dispensa de serviço docente para doutoramento. Braga: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, 2005a.

_____. O conceito de “futuro”. *Actas de Seminário “O Futuro não pode começar”*. Braga: Núcleo de Estudos de Sociologia, Universidade do Minho, 2005b.

ARAÚJO, Tânia Bacelar; ARAÚJO, Tarcísio Patrício. Recife: Desenvolvimento e desigualdade. In: RECIFE, Prefeitura; PNUD. *Desenvolvimento Humano no Recife: Atlas Municipal*, 2005. Disponível em www.recife.gov.pe.br/pr/secplanejamento/pnud2006/

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ARIOVICH, Laura; PARYSOW, Javier; VARELA, Alejandro. Juegos en el Shopping Center. In : MARGULIS, Mario. *La juventud es más que una palabra*. 2a ed. Buenos Aires : Biblos, 2000.

ATTALI, Jacques. *Histoires du temps*. Paris: Ed. Fayard, 1982.

ATTIAS-DONFUT, Claudine. *Sociologie des générations, l’empreinte du temps*. Paris: P.U.F., 1988.

AUBERT, Nicole. *Le culte de l'urgence*. Paris: Flammarion, 2003.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Retomada de um legado intelectual. Marialice Foracchi e a sociologia da juventude. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v.17, n.2, novembro 2005, p. 11-33.

_____. O presente e a juventude. In: BRUNI, José Carlos et al. (orgs.) *Decifrando o tempo presente*. São Paulo: Editora UNESP, 2007, pp.45-68.

AYRES, José Ricardo de C.M. *Sobre o risco: para compreender a epidemiologia*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

BAJOIT, Guy; FRANSSSEN, Abraham. O trabalho, busca de sentido. *Revista Brasileira de Educação – Juventude e Contemporaneidade*. São Paulo: ANPED, n. 5 e 6, maio/ago., set./dez., 1997, p.76-95.

BAKHTIN, Mikhail Mickhailovich. Forms of time and the chronotope in the novel. Notes toward a historical poetics. In: *The dialogic imagination*. Austin: University of Texas Press, 1994, p. 85-258.

BARBOSA, Léa Renata Martins. Homicídio e Políticas de Segurança Pública. *Pense Virtual*. Olinda: Faculdades Integradas Barros Melo. Disponível em: www.aeso.br/adm/producao/arquivo/59.doc. Último acesso em 30/06/2008.

BARBOSA, Livia Neves de Holanda. Porque hoje é sábado... Um estudo das representações dos dias da semana. *Boletim do Museu Nacional*. Antropologia. Rio de Janeiro, nº 49, nov. 1984.

_____. *Igualdade e meritocracia: a ética do desempenho nas sociedades modernas*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2001.

BARNES, J.A. Time flies like an arrow. *MAN*, (NF), 6, 1971, p. 537-52.

BARROS, Myriam Lins; MACHADO, Maria das Dores Campos. Gênero, geração e classe: uma discussão sobre as mulheres das camadas médias e populares do Rio de Janeiro. Trabalho apresentado no *XIII Congresso Brasileiro de Sociologia*. Recife: UFPE, 2007.

BASSIT, Ana Zahira. O curso da vida como perspectiva de análise do envelhecimento na pós-modernidade. In: DEBERT, Guita Grin e GOLDSTEIN, Donna M. (orgs.) *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Editora Sumaré, 2000, p.217-234.

BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998a.

_____. *Work, consumerism and the new poor*. Buckingham/Philadelphia: Open University Press, 1998b.

_____. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

_____. Time and space reunited. *Time & Society*, London, vol. 9 (2/3), 2000, p. 171-185.

_____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

_____. *Vida líquida*. Barcelona: Paidós, 2006.

BEAUD, Stéphane e PIALOUX, Michel. Rebeliões urbanas e a desestruturação das classes populares (França, 2005). *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v.18, n.1, junho 2006, p.37-59.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. 2. A experiência vivida. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BECK, Ulrich. *La sociedad de riesgo: hacia una nueva modernidad*. Barcelona: Paidós, 1998.

BECKER, Howard. *Los extraños*. Sociología de la desviación. Buenos Aires: Ed. Tiempo Contemporáneo, 1971.

BERGA, Anna. *Aprender a ser estimades*. Adolescência feminina i risc social : un estudi d'itineraris biogràfics i estratègies culturals des d'una perspectiva de gènere. Tese (Doutorado em Sociologia) Bellaterra : Universitat Autònoma de Barcelona, 2004.

BERGSON, Henri. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Lisboa : Edições 70, 1988.

BERTAUX, Daniel. *Les récits de vie*. Perspective ethnosociologique. Paris: Éditions Nathan, 1997.

BEUD, Stéphane; PIALOUX, Michel. Rebeliões urbanas e a desestruturação das classes populares (França, 2005). *Tempo Social*, v.8, n.1, junho 2006, p.37-59.

BITOUN, Jan. Les territoires du dialogue: Mos de la ville et enjeux de la gestion participative à Recife. www.unesco.org/most/dsp37bi.htm (acessado em 23/06/2008).

_____. O que revelam os índices de desenvolvimento humano. In: RECIFE, Prefeitura; PNUD. *Desenvolvimento Humano no Recife: Atlas Municipal*, 2005. Disponível em www.recife.gov.pe.br/pr/secplanejamento/pnud2006/

_____.; MIRANDA, Lívia; SOUZA, Maria Ângela. *Como anda a Região Metropolitana do Recife*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco/FASE, 2006.

BLYTON, P. *Changes in Working Time: An international review*. London: Croom Helm, 1985.

BODOQUE, Yolanda. Tiempo biológico y tiempo social. Aproximación del análisis del ciclo de vida de las mujeres. *Gazeta de Antropología*, n.17, 2001.

BORGES, Júlio César. *O retorno da velha senhora ou a categoria tempo entre os Krahô*. Dissertação – Departamento Antropologia UNB, 2004.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade. Lembranças de velhos*. São Paulo: Queros e Edusp, 1987.

BOULIN, Jean-Yves, LALLEMENT, Michel, VOLKOFF, Serge. Introduction. Flexibilité, disponibilité et nouveaux cadres spatio-temporels de la vie quotidienne. *Temporalités*, n.4 (Temps et travail), 2006, p.1-5.

BOISARD, Pierre. Réduction de la durée du travail et transformation du modèle temporel. *Temporalistes*, n.2, 1984, p.4-6.

BOURDIEU, Pierre. A juventude é apenas uma palavra? In: *Questões de sociologia*. São Paulo: Marco Zero, 1983.

_____. De quoi parle-t-on quand on parle do “problème de la jeunesse”? In: PROUS, François (coord.) *Les jeunes et les autres*. Vauclesson: CRIV, 1986, p.229-235.

_____. *La distinción: Criterios y bases sociales del gusto*. Madrid: Altea, Taurus, Alfaguara, 1988.

_____. *O poder simbólico*. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand, 1989.

_____. *A miséria do mundo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998a, p. 183-192.

_____. *Contrafogos: Táticas para enfrentar a invasão neoliberal*. Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1998b.

_____. *Esquisse d’une théorie de la pratique*. Paris: Éditions du Seuil, 2000.

_____. *Meditações Pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. *A dominação masculina*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BOUSQUAT, Aylene e COHN, Amélia. A construção do mapa da juventude em São Paulo. *Lua Nova*, n. 60, 2003, ano 05.

BOUTINET, Jean-Pierre. *Vers une société des agendas. Une mutation des temporalités*. Paris : Presses Universitaires de France, 2004.

BOZON, Michel; HEILBORN, Maria Luiza. Iniciação à sexualidade: modos de socialização, interações de gênero e trajetórias individuais. In: HEILBORN, Maria Luiza et al. *O*

aprendizado da sexualidade. Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond/ Fiocruz, 2006, p.156-206.

BRANDÃO, Elaine Reis. *Individualização e vínculo familiar em camadas médias*. Um olhar através da gravidez na adolescência. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003.

_____.; HEILBORN, Maria Luiza. Sexualidade e gravidez na adolescência entre jovens de camadas médias do Rio de Janeiro, Brasil. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 22(7), julho 2006, p. 1421-1430.

BRENNER, Ana Karina; LÂNES, Patrícia; CARRANO, Paulo César. El escenario de las políticas públicas juveniles en Brasil. Procesos sociales y propuestas políticas. *JOVENes*, ano 9, n.22, 2005: p.10-19.

BRUNI, José Carlos; MENNA-BARRETO, Luiz; MARQUES, Nelson (orgs.). *Decifrando o tempo presente*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CABRAL, Cristiane; HEILBORN, Maria Luiza; GRAVAD, Grupo. Uniões Juvenis: descrição de um perfil. In: *Seminário: As Famílias e as Políticas Públicas no Brasil*. Belo Horizonte, 2005.

CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. *A política dos outros*. O cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Cidade de muros*. Crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed.34/Edusp, 2000.

CAMARAGIBE. Prefeitura. *Perfil Municipal de Camaragibe*, 2007. Disponível em www.camaragibe.gov.pe.br

CAMARANO, Ana Amélia et al. Caminhos para a vida adulta: as múltiplas trajetórias dos jovens brasileiros. *Última década*, n. 21, CIDPA Valparaíso, Diciembre 2004, pp.11-5.

CANDAU, Joël. *Anthropologie de la mémoire*. Paris: P.U.F., 1996.

CAPLAN, Pat (ed.). *The ethics of anthropology: debates and dilemmas*. London and New York: Routledge, 2003.

CARBONELL, Eliseu. *Debates acerca de la antropología del tiempo*. Barcelona: Publicacions de la Universitat de Barcelona, 2004.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Antropologias periféricas versus antropologias centrais. In: *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 1998, p.107-133.

CARMO, Renato Miguel do. *Contributos para uma sociologia do espaço-tempo*. Oeiras: Celta, 2006.

CARVALHO, Ciara. Sob o domínio do crack. *Jornal do Comércio*. Recife, 17 de junho de 2007a.

_____. Cracolândia: nada mudou. *Jornal do Comércio*. Recife, 30 de setembro de 2007b.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede. (A era da informação: economia, sociedade e cultura)*. V.1. 2ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Mary Garcia. Violências, juventudes e educação: notas sobre o estado do conhecimento. *Revista Brasileira de Estudos de População*. Vol. 19, n.1, jan./jul. 2002, p.5-28.

_____. et al. *Cultivando vida, desarmando violências*. Experiências em educação, cultura, lazer, esporte e cidadania com jovens em situação de pobreza. 1ª edição. Brasília, UNESCO, Brasil Telecom, Fundação Kellogg, Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2001.

_____. ; ABRAMOVAY, Miriam. *Drogas nas escolas*. Brasília: UNESCO, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.

CASTRO, Jorge Abrahão de; AQUINO, Lusieni (org.). *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília: IPEA, 2008.

CAVALLI, Alessandro (a cura di). *Il tempo dei giovani*. Bologna : Il Mulino, 1985.

CHAMBOREDON, Jean-Claude. Adolescence et post-adolescence: la «juvénisation». Remarques sur les transformations récentes des limites et de la définition sociale de la jeunesse. In: ALEON, Marie, MORVAN, Odile & LEBOCI, Serge (dir.) *Adolescence terminée, adolescence interminable*. Paris: PUB, 1985, p.13-28.

CHESNAUX, Jean. Cinq propositions pour appréhender le temps. Avec une note conjointe sur la figuration graphique. *Temporalités*, n. 1, 2004, p. 92-99.

CLIFFORD, James. Sobre la autoridad etnográfica. In: REYNOSO, Carlos. *El surgimiento de la Antropología post-moderna*. Barcelona: Gedisa, 1992, p.141-170.

COLUCCI, Celestino. *Giovani, istituzione e temporalità*. Milano : Franco Angeli Editore, 1984.

COMPÈRE, Marie-Madelaine. *Histoire du temps scolaire en Europe*, Ed. Economica/IRRP, 1997.

CNPD – Comissão Nacional de População e Desenvolvimento. *Jovens Acontecendo na Trilha das políticas públicas*, 2 vols. CNPD, Brasília, 1998.

CRESPI, Franco (a cura di). *Tempo vola*. L'esperienza del tempo nella società contemporanea. Bologna: Il Mulino, 2005.

DALSGAARD, Anne Line. *Vida & esperanças*. Esterilização feminina no Nordeste. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

_____.; FRANCH, Mónica; SCOTT, Parry. Dominant ideas, uncertain lives. In: TRANBERG, Katherin (ed.). *Youth and the city in the global south*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2008, p.49-73.

_____.; VALENTIN, Karen. Youth across the Globe: Comparison, Interdisciplinarity and Cross-National Collaboration. In: HANSEN, Karen (ed.). *Youth and the city in the global south*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2008, p.24-45.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo ou como ter *anthropological blues*. In: NUNES, Edson de Oliveira. (org.) *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p.23-35.

_____. *A casa & a rua*. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 1991.

DEBERT, Guita Grin. Pressupostos da reflexão antropológica da velhice. In: *Antropologia e Velhice*. Col. Textos Didáticos, IFCH, UNICAMP, Campinas, 1994.

_____. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 1999

_____. Envelhecimento e curso de vida. *Revista de Estudos Feministas*, ano 5, 1º semestre, 1997, p.120-128.

_____. A cultura adulta e juventude como valor. *ANPOCS*, Caxambu, 2004.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DUARTE, Luiz Fernando D. *Da vida nervosa nas classes trabalhadoras urbanas* (2ª edição). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor/ CNPq, 1988.

_____. *Ethos privado e justificação religiosa*. Negociações da reprodução na sociedade brasileira. In: HEILBORN, Maria Luiza et al. (org.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p.137-176.

DUBAR, Claude. Présentation. *Temporalités*, n.1 (Premiers Jalons), 2004, p. 1-4.

DUBET, François; GALLAND, Olivier; DESCHAVANNE, Éric (dir). *Les Jeunes. Comprendre*, Presses Universitaires de France, 5, 2004.

DUMONT, Louis. *O individualismo*. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

DUMAZEDIER, Joffre. *Lazer e cultura popular*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1973.

_____. *Sociologia empírica do lazer*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

DURHAM, Eunice Ribeiro. A sociedade vista da periferia. In: *A dinâmica da cultura: ensaios de antropologia*. São Paulo: Cossac & Naify, 2004, p.377-407.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fortes, 1996.

ECKERT, Cornelia. Tempo e memória: da duração contínua à dialética da duração. In: DEBERT, Guita Grin e GOLDSTEIN, Donna M. (orgs). *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Editora Sumaré, 2000, p.153-166.

ELIAS, Nobert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro, Zahar, 1998.

_____.; DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. (2a. edição, 1a. reimpressão) México: Fondo de Cultura Económica, 1996.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evan. Tempo e espaço. In: *Os Nuer*. Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978, p.107-150.

_____. Algumas reminiscências e reflexões sobre o trabalho de campo. In: *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 243-255.

FABIAN, Johannes. *Time and Other*. New York, Oxford, Columbia University Press, 1983.

FEATHERSTONE, Mike. O Curso da Vida: Corpo, Cultura e Imagens do Processo de Envelhecimento. In: DEBERT, Guita Grin (org.). *Antropologia e Velhice*. Col. Textos Didáticos, IFCH, UNICAMP, Campinas, 1994.

_____. *Cultura de consumo e pós-modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FEIXA, Carles. *El reloj de arena: Culturas juveniles en México*. México: Causa Joven, Centro de Investigación y Estudios sobre la juventud, 1998.

_____. *Generació @. La joventut al segle XXI*. Barcelona: Generalitat de Catalunya, 2001.

_____. Discurso autobiográfico e identidade generacional: La juventud como metáfora. In: VERGARA DEL SOLAR, Ana; BUSTOS TRONCOSO, Juan (comp.) *Esa oscura vida radiante: juventud, infancia y nuevas identidades culturales*. Concepción (Chile): Ediciones Escaparate, 2003.

_____. Buscarse la vida, buscarse la muerte (Prólogo). In: SERRANO AMAYA, José Fernando. *Menos querer más de la vida*. Concepciones de vida y muerte en jóvenes urbanos. Bogotá: Departamento de Investigaciones de la Universidad Central y Siglo del Hombre Editores, 2004, p. 19-29.

_____. Antropología de las edades. www.cholonautas.edu.pe/ Biblioteca Virtual de Ciencias Sociales. Acessado em 3 de junho de 2005.

_____ ; PORZIO, Laura. Jipis, Pijos, Fiesteros. Studies on youth cultures in Spain 1960-2004. *Young*, v.13(1), 2005, p. 89-114.

_____ ; GONZÁLEZ CANGAS, Yanko. Territorios baldíos : identidades juveniles indígenas y rurales en América Latina. *Papers*, 79, 2006, p.171-193.

FONSECA, Cláudia. *Caminhos da adoção*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Família, fofoca e honra*. Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2004.

_____. Quando cada caso NÃO é um caso. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar/Abr, n. 10, 1999, p.58-78.

FORMAN, Frieda; SOWTON, Caoran (ed.). *Taking our time*. Feminist perspectives on temporality. Oxford: Pergamon Press, 1989.

FORTES, Meyer. *Time and social structure and other essays*. New York : Humanities Press inc, 1970.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANCH, Mónica. Tardes ao léu. Um ensaio etnográfico sobre o tempo livre entre jovens de periferia. Dissertação (Mestrado em Antropologia), UFPE, Recife, 2000.

_____. *Mente ociosa, oficina do diabo: reflexões sobre as agências juvenis numa comunidade de baixa renda no Recife*. *Revista de Antropologia* (PPGA/UFPE), Recife, v.13, p.595-607, 2001.

_____. Nada para fazer? Um estudo sobre atividades no tempo livre entre jovens de periferia no Recife. *Revista Brasileira de Estudos de População*, v. 19, n.2, jul./dez., 2002a, p.117-134.

_____. Vai ter festa hoje? Um estudo sobre comemorações de final de semana entre jovens da periferia da cidade de Recife. *Praia Vermelha: estudos de política e teoria social/Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Vol.1, n.7, segundo semestre 2002b, p.102-121.

_____. “Praticamente como um adulto”: Dilemas da transição de jovens pobres do Recife. In: ALVIM, Rosilene; FERREIRA JUNIOR, Edísio; QUEIROZ, Tereza (org.). *(Re)construções da Juventude: cultura e representações contemporâneas*. João Pessoa: Editora Universitária – PPGS/UFPB, 2004.

_____. Jovens reassentados: construindo uma identidade coletiva. In: SCOTT, Parry; ATHIAS, Renato e QUADROS, Marion Teodósio (org.). *Saúde, sexualidade e famílias urbanas, rurais e indígenas*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2007, p. 123-147.

FRASER, Julius Thomas. *Time as conflict*. A Scientific and Humanistic Study. Basel and Stuttgart, Birkhauser Verlag, 1981.

FRY, Peter. Internacionalização da disciplina. In: RIBEIRO, Gustavo Lins; TRAJANO FILHO, Wilson (org.). *O campo da antropologia no Brasil*. Rio de Janeiro: Contracapa Livraria/Associação Brasileira de Antropologia, 2004, p.227-248.

GALLAND, Olivier. *Sociologie de la jeunesse*. Paris: Armand Colin, 2004.

GAULLIER, Xavier. Recherches sur le temps sociaux et les âges. *Temporalistes*, n.2, 1984, p. 9-12.

GAPARINI, Giovanni. Les “questions temporelles” en Italie. *Temporalistes*, n.4, 1987, p.4-7.

GEERTZ, Clifford. Pessoa, tempo e cultura em Bali. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989, p.225-277.

_____. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. *Observando o Islã: o desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

GELL, Alfred. *The Anthropology of Time*. Oxford: Berg, 1992.

GIDDENS, Anthony. Time and social organization. In: *Social Theory and Modern Sociology*. Cambridge: Polity Press, 1984.

_____. *A constituição da sociedade*. 2a ed. São Paulo: Martin Fontes, 2003.

GINGRICH, Andre; OCHS, Elinor; SWEDLUND, Alan. Repertories of timekeeping in anthropology. *Current Anthropology*, v.43, August-October 2002, p. 3-5.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GLEZER, Raquel. Tempo e História. *Ciência e Cultura (SBPC)*. Vol.54, no.2, São Paulo Out./Dez 2002, p.23-24.

GHAZARIAN, Christian. *De l'ethnographie à l'anthropologie réflexive. Nouveaux terrains, nouvelles pratiques, nouveaux enjeux*. Paris, Armand Colin, 2002.

GOLDSTEIN, Donna M. Por que os homens não envelhecem? Violência, morte, conversão religiosa e a vida cotidiana nas favelas do Rio de Janeiro. In: DEBERT, Guita Grin e _____. *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Editora Sumaré, 2000, p. 15-48.

GONÇALVES, Custódio. *Questões de antropologia social e cultural*. Porto: Afrontamento, 1992.

- GORDON, Tuula & LAHELMA, Elina. Becoming an adult. Possibilities and limitations – dreams and fears. *Young*, 10:1, 2002, p. 2-18.
- GOUGH, Katherine V.; FRANCH, Mónica. Spaces of the street: Socio-spatial mobility and exclusion of youth in Recife. *Children's Geographies*, vol. 3, no. 2, 149-166, August 2005, p. 149-166.
- GROPPO, Luis Antonio. *Juventude : ensaio sobre sociologia e história das sociedades modernas*. Rio de Janeiro : Difel, 2000.
- GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. Classes sociais. In: MICELI, Sérgio (org.) *O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)*. 2ª ed. São Paulo: Editora Sumaré/ ANPOCS; Brasília, DF: CAPES, 1999, p.57-94.
- GROSS, David. Temporality and the Modern State. *Theory and Society*, 14, 1985, p.53-82.
- GROSSIN, William. Buts et champ d'intérêts du groupe. *Temporalistes*, n.1, 1984, p.4.
- _____. Le temps n'est plus ce qu'il était. *Temporalistes*, n.3, 1986:p.2-3.
- HALBWACHS, Maurice. *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel, 1994.
- _____. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Edward T. *The dance of life*. The other dimension of time. New York: Ed. Doubleday et Cie, 1983.
- HANSEN, Karen Tranberg (ed.). *Youth and the city in the global south*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2008.
- HANTRAIS, Linda. Etats de la recherché sur le temps en Grande Bretagne. *Temporalistes*, n.4, 1987, p. 6-7.
- HAREVEN, Tamara. Synchronizing individual time, family time, and historical time. In: BENDER, John; WELLBERY, David E. *Chronotypes*. The construction of time. Stanford, California: Stanford University Press, 1991, p. 167-182.
- _____. Novas imagens de envelhecimento e construção social do curso da vida. *Cadernos Pagu*, 13, 1999, p.11-35.
- HARVEY, Daniel. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- HEGGEN, Kare. Marginalisation: on the findge of the periphery – Youth as a risky life stage? *Young*, 8:2, 2000, p. 45-62.
- HEILBORN, Maria Luisa. *Conversa de portão*. Juventude e sociabilidade em um subúrbio carioca. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1984.

_____. Gênero e hierarquia: a costela de Adão revisitada. *Revista de Estudos Feministas*, v., n.1, 1993, p. 50-82.

_____. O traçado da vida: gênero e idade em dois bairros populares do Rio de Janeiro. In: MADEIRA, Felícia Reicher. *Quem mandou nascer mulher: Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997, p. 291-342.

_____. A primeira vez nunca se esquece: trajetórias sexuais masculinas. *Revista de Estudos Feministas*, vol. 6, nº 2, IFICS/UFRJ, jul. 1998, p. 396-405.

_____. Corpos na cidade: sedução e sexualidade. In: VELHO, Gilberto (org.). *Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 98-107.

_____. Sobre sexualidade, gênero, corpo e juventude. In: BRUSCHINI, Cristina, UNBENHAUM, Sandra. (org.). *Gênero, democracia e sociedade brasileira*. São Paulo: FCC: Ed. 34, 2002, p. 403-417.

_____. Experiência da sexualidade, reprodução e trajetórias biográficas juvenis. In: _____ et al. (org.) *O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros*. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006, p.30-58.

_____. et al. Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 8, n.17, p.13-45, junho de 2002, p. 13-45.

_____. et al. (org.) *O aprendizado da sexualidade*. Reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros. Rio de Janeiro: Garamond/ Fiocruz, 2006, p.156-206.

_____.; Equipe Gravada. Uniões precoces, juventude e experimentação da sexualidade. In: HEILBORN, Maria Luiza et al. (org.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p.39-53.

HERVIK, Peter. Teaching Anthropology in Norway and Denmark. In: PRACKLE, Dorre; EDGAR, Iain; SCHIPPERS, Thomas K. *Educational Histories of European Social Anthropology*. Oxford: Berghahn Books, 2003, p.36-54.

HOGGART, Richard. *As utilizações da cultura 1*. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Editorial Presença, 1973.

_____. *As utilizações da cultura 2*. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Editorial Presença, 1975.

HUBERT, Henri ; MAUSS, Marcel. La représentation du temps dans la religion et la magie. In: *Mélanges d'histoire des religions*. Paris: Alcan, 1909.

HUSSERL, E. *The Phenomenology of Internal Time Consciousness*. The Hague: Martinus Nijhoff, 1964.

HUSTI, Aniko. L'organisation du temps à l'école. *Temporalistes*, n.3, 1986, p.8-11.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo demográfico 2000*. Rio de Janeiro, IBGE, 2000. www.ibge.gov.br/censo/

JACKSON, Anthony (ed.) *Anthropology at home*. Cambridge: University Press, 1987.

JACKSON, Michael. *Things are they are*. New directions in phenomenological anthropology. Bloomington and Indianapolis, 1996.

JACQUES, Laurent. Le temps sociologique, une notion capricieuse. *Revue Suisse de Sociologie*, 2, 1989, p.239-240.

JONHSON-HANKS, Jennifer. On the limits os life stages in ethnography: toward a theory os vital conjunctures. *American Anthropologist*, 104 (3), 2002, p. 865-880.

KERTZER, David ; KEITH, Jennie (eds.). *Age and Anthropological Theory*. London : Cornell University, 1984.

KRISTEVA, Julia. Women's time. *Signs*, 7, 1981, p.5-35.

LAFARGUE, Paul. *O direito à preguiça*. São Paulo: Hucitec, UNESP, 1999.

LA MENDOLA, Salvatore. O sentido do risco. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v.17, n.2, novembro 2005, p. 59-91.

LANDES, D.S. *Revolution in Time*. Clocks and the Making of the Modern World. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1983.

LANGEVIN, Annette. Rythmes sociaux et reinterpretation individuelle dans le parcours da vie. *Les Annales de Vaucresson*, no. 26, 1987, p.169-177.

_____. Temporalités et rapports sociaux. *GEDISST: Journée d'études*, 14 juin 1990.

_____. Rapports aux temps sociaux et division sexuée. *Cahiers du Gedisst*. Iresco, CNRS, n° 3, 1992, p.41-47.

_____. A construção social das idades: mulheres adultas de hoje e velhas de amanhã. *Caderno CRH*. Salvador, n.29, , jul./dez.1998, p.129-149.

LASÉN, Amparo. *A contratiempo*. Un estudio de las temporalidades juveniles. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2000.

LASH, Scott; QUICK, Andrew; ROBERTS, Richard (ed.). *Time and Value*. Oxford and Maden: Blackwell Publishers, 1998.

LAUER, R.H. *Temporal Man*. The meaning and uses of social time. New York: Praeger, 1981.

LEACH, Edmund. Dois ensaios a respeito da representação simbólica do tempo. In: *Repensando a antropologia*. São Paulo: Editorial Perspectiva, 2005.

LECCARDI, Carmen. *Orizzonti del tempo*. Esperienza del tempo e mutamento sociale. Milão: FrancoAngeli, 1991.

_____. *Futuro breve. Le giovani donne e il futuro*. Torino: Rosenberg & Sellier, 1996.

_____. Facing uncertainty. Temporality and biographies in the new century. *Young*, v. 13 (2), 2005a, p.123-146.

_____. It tempo comme strumento di analisi sociale. In: CRESPI, Francesco (a cura di). *Tempo vola*. L'esperienza del tempo nella società contemporanea. Bologna: Il Mulino, 2005b, p. 23-29.

_____. I tempi di vita tra accelerazione e lentezza. In: CRESPI, Francesco (a cura di). *Tempo vola*. L'esperienza del tempo nella società contemporanea. Bologna: Il Mulino, 2005c, p.49-85.

_____. Por um novo significado do futuro. Mudança social, jovens e tempo. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v.17, n.2, 2005d, p. 35-57.

_____. Gender, time and biographical narrative. *Journal of Social Science Education*. Disponível em http://www.jsse.org/2005-2/gender_leccardi.htm. Acessado em: 10/04/2006.

LEEDS, Anthony; LEEDS, Elizabeth. *A sociologia do Brasil urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

LENOIR, Remi. Objeto sociológico e problema social. In: MERLLIÉ, Dominique *et al*. *Iniciação à prática sociológica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996, p.63-106.

LESHAN, L.L. Time orientation and social class. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 47,1952, p. 589-92.

LESTIENNE, Remy. Editorial. Time and globalization: does the emergence of a global identity entail a loss of individualities? *Time & Society*, v. 9 (2/3), 2000, p. 289-291.

LEVI, Giovanni ; SCHMITT, Jean-Claude. *História dos jovens I: Da Antiguidade à Era Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LEVINE, Robert V.; WEST, Laurie J.; REIS, Harry T. Perceptions of time and punctuality in the United States and Brazil. *Journal of Personality and Social Psychology*, n.38, 1980, p. 541-50

_____.; WOLFF, Ellen. Social time: The heartbeat of culture. To understand a society, you must learn its sense of time. *Psychology Today*, 1985, p. 29-35.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas, SP: Papyrus, 1989.

_____. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*. Lisboa: Gallimard, 1993.

LONGHI, Marcia Reis. *Viajando em seu cenário: reconhecimento e consideração a partir de trajetórias de rapazes de grupos populares do Recife*; Programa de pós-graduação em Antropologia/UFPE, tese de doutorado. Recife, 2008.

_____. *Ser homem, pobre e pai: a construção cotidiana da relação pai-filho nas camadas de baixa renda*. Programa de Pós-graduação em Antropologia/UFPE, dissertação de mestrado, Recife, 2001.

LUHMANN, N. The future cannot begin. Temporal structures in modern society. In: *The Differentiation of Society*. New York: Columbia University Press, 1982a.

_____. World-time and system history. In: *The Differentiation of Society*. New York: Columbia University Press, 1982b.

LYRA, Jorge. *Paternidade Adolescente : uma proposta de intervenção* . São Paulo: 1997. 182p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social), PUC/SP, 1997.

MACHADO, Juliana Brandão; CARVALHO, Marie Jane. Temporalidades juvenis na perspectiva de gênero. *Fazendo Gênero 7* (trabalho apresentado), Santa Catarina, 2006. Acessível em: www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/c/carvalho-machado_01.pdf

MACDONALD, Robert e MARSH, Jane. Missing school. Educational Engagement, Youth Transitions, and Social Exclusion. *Youth & Society*, vol. 36, no. 2, dec. 2004, p.143-162.

MADEIRA, Felícia. Recado dos jovens: mais qualificação. In: *Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas*, v.2. Brasília: CNPD, 1998, p.427-498.

MADSEN, Ulla Ambrosius. Toward eduscapes: Youth and schooling in a global area. In: TRANBERG, Katherin (ed.). *Youth and the city in the global south*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 2008, p.151-173.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. (2a. ed.) São Hucitec: Unesp, 1998.

MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural – Coleção “Os Pensadores”, 1978.

MANDICH, Giuliana. Situar il tempo: spazi, discorsi, intersoggettività. In: CRESPI, Franco (a cura di). *Tempo vola. L'esperienza del tempo nella società contemporanea*. Bologna: Il Mulino, 2005, p.41-36.

MANNHEIM, Karl. O problema sociológico das gerações. In: FORACCHI, Maria Alice (Org.). *Mannheim: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1982.

MARGULIS, Mario. *La juventud es más que una palabra*. 2ª Ed. Buenos Aires: Biblos, 2000.

MARTÍNEZ, Roger. *Cultura juvenil i gènere: uma reflexió teòrica sobre l'espai social juvenil, l'emergència de noves formes culturals associades al consum i el gènere*. Barcelona: Generalitat de Catalunya, 2003.

- MARTINS, Heloísa Helena T. de Souza e AUGUSTO, Maria Helena Oliva. Juventude(s) e transições. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 17, n.2, novembro 2005, p.1-4.
- MAUSS, Marcel. Ensaio sobre as variações sazonais das sociedades esquimó. In : *Sociologia e Antropologia*, v.II. São Paulo : EPU, 1974.
- MAYBURY-LEWIS, David. *O selvagem e o inocente*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1990.
- McROBBIE, Angela; GARBER, Jenny. Girls and subcultures. In: HALL, Stuart; JEFFERSON, Tony (eds.). *Resistance through rituals: youth subcultures in post-war Britain*. 8ª ed. London: Routledge, 1996, p.209-222.
- MEAD, Herbert. *The Philosophy of the Present*.
http://www.brocku.ca/MeadProject/Mead/pubs2/philpres/Mead_1932_toc.html Acessado em 3 de abril de 2008.
- MEAD, Margaret. *Coming of age in Samoa: A psychological study of primitive youth for western civilization*. New York: Perennial Classics, 2001.
- MELUCCI, Alberto. *Il gioco dell'io*. Milão: Feltrinelli, 1991.
- _____. Juventude, tempo e movimentos sociais. *Revista Brasileira de Educação. Número especial: Juventude e contemporaneidade*. ANPED, nº 5-6, maio a dezembro, 1997, p. 5-14.
- MENNA-BARRETO, Luiz, MARQUES, Nelson. Apresentação. *Ciência e Cultura*, vol. 54, no. 2, São Paulo, Out/Dez, 2002, p.1.
- MERCURE, Daniel. *Les temporalités sociales*. Paris: Éditions L'Harmattan, 2001.
- MILLER, William Watts. Durkheimian Time. *Time & Society*, v.9(1), 2000, p. 5-20
- MILLS, Melinda. Providing space for time. The impact of temporality on life course research. *Time & Society*, vol. 9, 2000, p. 91-127.
- MIRANDA, Adelina. La polysémie temporelle du risqué. *Temporalités*, n.1 (Premiers Jalons), 2004, p.5-18.
- MOORE, W.E. *Man, Time and Society*. New York: John Wiley, 1963.
- MOTTA, Antonio. Como um perfume queimado. Do exotismo como estética do diverso à experiência de consumo. *Massangana*, Edição Especial, n.2, 2006, p. 2-10.
- MOURA, Alexandrina Sobreira de. *Terra do mangue: invasões urbanas no Recife*. Recife: Editora Massangana, 1990.
- MÜLLER, Elaine. *As patricinhas no mundo do shopping*. Um discurso e algumas práticas juvenis bem-comportadas. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPE, Recife, 2004.

_____. “A transição é a vida inteira”: Uma etnografia sobre os sentidos e a assunção da adultez. Tese (Doutorado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, UFPE, Recife, 2008.

MUNN, Nancy. The Cultural Anthropology of Time: a Critical Essay, *Annual Review of Anthropology*, vol. 21, 1992, p.93-123.

MÜXEL, Anne. *Individu et mémoire familiale*. Paris: Nayhan, 1996.

NEEDHAM, J. Time and knowledge in China and the West. In: FRASER, J.T. (eds.) *The Voices of Time*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1981.

_____. Time and Eastern Man. *Cultural Dynamics*, 1, 1988, p.62-75.

NEVES, Ednalva Maciel. *Antropologia e ciência*. Uma etnografia do fazer científico na era do risco. São Luis: EDUFMA, 2008.

NOVAES, Regina. Juventudes cariocas: mediações, conflitos e encontros culturais. In: VIANA, Hermano (org.) *Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997, p. 119-160.

_____. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (org.). *Retratos da Juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Instituto Cidadania; Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 263-290.

_____.; VANNUCHI, Paulo. *Juventude e sociedade: Trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

NOWOTNY, Helga. *Le temps à soi*. Genèse et structuration d’un sentiment du temps. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l’homme, 1989.

ODIH, Pamela. Gender, work and organization in the Time/Space Economy of ‘Just-in-Time’ Labour. *Time & Society*, vol. 12, n. 2-3 2003, p.293-314.

_____. Gendered Time in the Age of Deconstruction. *Time & Society*, vol. 8, 1999, p. 9-38.

OECHSLE, Mechtild; GEISSLER, Birgit. Between paid work and private commitments. Women’s perceptions of time and life planning in young adulthood. *Time & Society*, Vol. 12, n.1, 2003, p. 79-98.

ØIAN, Hogne. Time out and drop out. On the relation between linear time and individualism. *Time & Society*, Vol. 13, n.2/3, 2004, p. 173-195.

O’RAND, Angela; ELLIS, Robert A. Social class and social time perspective. *Social forces*, 1974, p.53-61.

- ORGANISTA, José Henrique Carvalho. *O debate sobre a centralidade do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- ORTIZ, Renato. As ciências sociais e o inglês. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.19, nº 54, fevereiro, 2004, p. 5-22.
- PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
- _____. A vida como aventura: uma nova ética do lazer? In: *New Routes for Leisure, Actas do Congresso Mundial*. Lisboa: Edições do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1994, p. 99-110.
- _____. The Multiple Faces of the Future in the Labyrinth of Life. *Journal of Youth Studies*, vol. 6, no. 2, 2003, p.115-126.
- _____.; CAIRNS, David; PAPPÁMIKAIL, Lia. Jovens europeus. Retrato da diversidade. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v.17, n.2, p. 109-140.
- PARKER, Richard. *Corpos, Prazeres e Paixões: A Cultura Sexual no Brasil Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Best Seller, 1991.
- PARKER, Stanley. *A sociologia do lazer*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- PAOLICCHI, P. *Esperienza del tempo e realtà sociale*. Pisa: Ets, 1976.
- PEATRIK, Anne-Marie. L'océan des âges. *L'homme*. 167-168, 2003, p.7-24.
- PEIRANO, Mariza. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- _____. *A teoria vivida e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- PENEFF, Jean. *La méthode biographique*. Paris: Armand Colland, 1990.
- PERALVA, Angelina. *Violência e democracia. O paradoxo brasileiro*. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2000.
- PEREIRA, Cláudia da Silva. *As patricinhas da Zona Sul : a adolescência nas camadas médias cariocas*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.
- PERIVOLAROPOULOU, Nia. Temps socio-historique et générations chez Karl Mannheim. *L'Homme et la Société*, nº 111-112, janvier-juin, 1994.
- PERLMAN, Janice E. *O mito da marginalidade*. Favelas e política no Rio de Janeiro, 1981.
- PERRUSI, Artur Fragoso. O vazio eternamente a ser preenchido: uma discussão sobre a identidade. *Política & trabalho*, João Pessoa, v. 19, 2003 p. 91-115.

PIMENTA, Melissa de Mattos. « *Ser jovem* » e « *ser adulto* » : identidades, representações e trajetórias. Tese (Doutorado em Sociologia). São Paulo : Departamento de Sociologia, Faculdade de Sociologia e Ciências Humanas, USP, 2007.

POMIAN, Krzystof. *El orden del tiempo*. Júcar : Madrid, 1990.

POSTILL, John. Clock and Calendar Time. A missing anthropological problem. *Time & Society*, v.11, n.2/3, 2002 , p. 251-270

PROJETO JUVENTUDE. *Perfil da juventude brasileira*. São Paulo: Instituto da Cidadania, 2003.

_____. *Documento de conclusão*. Versão inicial para discussão, complementação e ajustes. São Paulo: Instituto Cidadania, 2004.

PRONOVOST, Pilles. *Sociologie du temps*. Bruxelles, De Boeck, 1996, cap. I.

PROST, Antoine. Fronteiras e espaços do privado. In: _____; VINCENT, Gerard. (orgs.). *A História da Vida Privada V: da Primeira Guerra aos nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p.13-153.

PUJADAS, J. J. *El método biográfico*. El uso de historias de vida en ciencias sociales. Madrid: CIS, 1992.

QUIROGA, Consuelo. O (não-)trabalho: Identidade juvenil construída pelo avesso? *Praia Vermelha*, n.7, segundo semestre, 2002, p.22-55.

RAMOS, Jean-Marc. Les deux versants du temps représenté. *Temporalistes*, n.14, abril de 1990.

RAMPAZI, Marita. Condizione giovanile e esperienza del tempo. In: CRESPO, Franco. *Tempo vola*. Bologna: Il Mulino, 2005, p. 31-39.

RATTON JR., José Luiz de Amorim et al. *Homicídios na Cidade do Recife: dinâmica e fluxo no sistema de justiça criminal*. Recife: Ministério Público de Pernambuco, 2006.

RAVANERA, Zenaida R., RAULTON, Fernando, TURCOTTE, Pierre. Youth integration and social capital. An analysis of the Canadian general social surveys on time use. *Youth & Society*, vol. 35, no. 2, Dec. 2003, p. 158-182.

RECIFE. Prefeitura. *Regiões Político-Administrativas do Recife. Região Oeste. RPA 4*, 2001a. Disponível em www.recife.gov.pe.br

_____. *Regiões Político-Administrativas do Recife. Região Centro. RPA 1*. 2001b. Disponível em www.recife.gov.pe.br

_____. ; PNUD. *Desenvolvimento Humano no Recife*. Atlas Municipal, 2005. Disponível em www.recife.gov.pe.br/pr/secplanejamento/pnud2006/

REITH, Gerda. In search of lost time. Recall, projection and the phenomenology of addiction. *Time & Society*, vol. 8(1), 1999, p.99-117.

_____. Uncertain Times. The Notion of 'Risk' and the Development of Modernity. *Time & Society*, vol. 13, no. 2-3, 2004, p.321-334.

RIBEIRO, Gustavo Lins. A antropologia brasileira entre políticas neoliberais e a globalização. *Série Antropologia*. Brasília: UNB, 2004.

_____. Antropologias mundiais. Para um novo cenário global na antropologia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, V.21, nº60, fevereiro, 2006, p.147-165.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Intervenções urbanas, democracia e oportunidade: dois estudos de caso*. Rio de Janeiro: FASE, 2000.

RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. Finitude, mutações e gozo. *Ciência e Cultura*, vol. 54, no. 2, São Paulo, Out/Dez, 2002, p. 24-25.

RIQUE, Célia Dantas Gentile; AGUIAR, Elaine Aparecida; LINS, José Alberto; BARROS, Leonardo Nunes. *A criminalidade no Recife: um problema de amplitude nacional*. Recife: Gajop; Bagaço, 2005.

RIO, João do. *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ROTH, J.A.. *Timetables*. Structuring the Passage of Time in Hospital Treatment and other Careers. Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1976.

ROULON-DOKO, Paulette. *Conception de l'espace et du temps chez les Gbaya de Centrafrique*. Paris: Ed. L'Harmattan, 1996.

SÁ EARP, Maria de Lourdes. *A cultura da repetência*. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural). Rio de Janeiro: UFRJ, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Sociologia, 2006.

SAHLINS, Marshall. *Sociedades tribais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

SALEM, Tânia. *O velho e o novo: um estudo de papéis e conflitos familiares*. Petrópolis: Vozes, 1980.

SANTOS, Milton. O tempo nas cidades. *Ciência e Cultura*. Vol.54, no.2, São Paulo Out./Dez 2002.

SARTI, Cynthia Andersen. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant de (org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 1995.

_____. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. Campinas, SP: Autores Associados, 1996.

SCHEINVAR, Estela. Avances y límites de la legislación. El caso de la infancia y de la adolescencia en Brasil. *JOVENes*, ano 9, núm. 22, 2005, p.102-117.

SCHEPER-HUGHES, Nancy. *Death without weeping - the violence of everyday life in Brazil*. Berkeley, Los Angeles: Univ. of California Press, 1992.

SCHUTZ, Alfred. *Collected Papers*. Vol. I, The problem of social reality. NATHANSON, M. (ed.) The Hague: Martinus Nijhoff, 1971.

_____. *La fenomenologia del mundo sociale*. Bologna: Il Mulino, 1974.

SCHUTZ, Alfred; e LUCKMANN, Thomas. *The Structures of the Life-World*. London: Heinemann, 1979.

SCHWARTZ, B. Waiting, exchange and power: the distribution of time in social systems. *American Journal of Sociology*, 79, 1979, p.841-870.

SCOTT, Russell Parry. O homem na matrifocalidade: gênero, percepção e experiências do domínio doméstico. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo (73), maio 1990, p.38-47.

_____. Quase adulta, quase velha: por que antecipar as etapas do ciclo vital? *Interface*, v.5, n.8, 2001, p.61-72.

_____. Família, gênero e poder no Brasil do século XX. *Revista Brasileira de Informação Bibliográfica Em Ciências Sociais*, São Paulo, v. 58, n. 1, 2004, p.29-78

_____.; CANTARELLI, Johnny. Jovens, religiosidade e aquisição de conhecimentos e habilidades entre camadas populares. *Caderno CRH*. Salvador, vol.17, n.42, Set./Dez., 2004, p.375-388.

_____.; FRANCH, Mónica. Jovens, moradia e reprodução social: processos domésticos e espaciais na aquisição de habilidades e conhecimentos. *Estudos de Sociologia*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, vol. 7, nos. 1 e 2, Recife, janeiro a dezembro, 2001, p.95-126.

SEGALEN, Martine. *Sociologia da família*. Lisboa: Terramar, 1999.

SENNET, Richard. *A corrosão do caráter: as conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SILVA, Nancy de Deus Vieira; KASSOUF, Ana Lúcia. A exclusão social dos jovens no mercado de trabalho brasileiro. *Revista Brasileira de Estudos Populacionais*, v.19, N.2, jul./dez. 2002.

SIMMEL, Georg. *Philosophie de la modernité*. Paris, Payot, 2004.

SINGER, Paulo. A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, Helena W. E e BRANCO, Pedro Paulo Martoni (eds.). *Retratos da juventude brasileira*. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p.27-36.

SINGLY, François de. *Livres juntos: o individualismo na vida comum*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001.

_____. *Sociologia da família contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

_____.; RAMOS, Elza. A defesa de um “pequeno mundo” para um jovem adulto que vive em casa dos pais. In: SINGLY, François de. *Livres juntos: o individualismo na vida comum*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2001.

SONHOS, medos, vontades, dúvidas e certezas do jovem brasileiro. *Folha de São Paulo*, Especial. Domingo, 27/07/2008.

SORJ, Bila. Sociologia e trabalho: mutações, encontros e desencontros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Vol. 15, nº 43, junho 2000, p.25-34.

SOROKIN, Pitirim A. ; MERTON, Robert K. Social time: A methodological and functional analysis. *The American Journal of Sociology*, 42, 1937, p.615-29.

SOUTO, Jane. Barreiras, transgressões e invenções de mercado: a inserção econômica de jovens pobres. In: XII *Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP, 2000. Disponível em: www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/trat19_2.pdf

SPINK, Mary Jane. Trópicos do discurso sobre o risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. *Caderno de Saúde Pública*, 17(6), Rio de Janeiro, 2001, p.1277-1311.

SPOSITO, Marília Pontes (org.). *Juventude: Estado do conhecimento*. Brasília: Inep, 2000. Disponível em: http://antigo.inep.gov.br/download/comped/juventude_educacao/Estado_Conhecimento_JE.doc

_____. ; CARRANO, Paulo. Juventude e políticas públicas no Brasil. In : LEÓN, Oscar D'Ávila (ed.). *Políticas públicas y juventud en América Latina : políticas nacionales*. Viña del Mar : Ediciones CIDPA, 2003.

STOCKING, George W. Afterword : a view from the center. *Ethnos*, 47(1), 1982, p.173-186.

SUE, Roger. *Temps et ordre social*. Paris: P.U.F., 1994.

SYMES, Colin. Chronicles of Labour: a discourse analysis of diaries. *Time & Society*, vol. 8, n. 2-3, 1999, p.357-380.

TABBONI, Simonetta. *Les temps sociaux*. Paris: Armand Collin, 2006.

TELLES, Vera da Silva. Mutações do trabalho e experiência urbana. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 18, n.1, junho 2006, p.173-195

THOMPSON, E.P. Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. In: *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

- TRINCAZ, Jacqueline. Les fondements imaginaires de la vieillesse dans la pensée occidentale. *L'Homme* 147, 1998, p.167-189.
- TURNER, Victor W. *O processo ritual*. Estrutura e anti-estrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.
- VAITSMAN, Jeni. *Flexíveis e plurais*. Identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- _____. Pluralidade de mundos entre mulheres urbanas de baixa renda. *Estudos feministas*, 1997, ano 5, n.2, 2º semestre 1997, p.303-319.
- VALLADARES, Licia do Prado; MEDEIROS, Lidia. *Pensando as favelas do rio de Janeiro*. 1906-2000. Uma bibliografia analítica. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira (org.). *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978, p.34-46.
- _____. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.
- _____. *Subjetividade e sociedade*. Uma experiência de geração. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- VIANA, Hermano. (org.) *Galerias Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. *Juventude, violência e cidadania: os jovens de Brasília*. São Paulo: Cortez Editora, Brasília: UNESCO, 1998.
- _____. *Mapa da violência IV*. Brasília: UNESCO, 2004.
- WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 13(1):216, janeiro-abril, 2005, p.107-126.
- WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967.
- WILLIS, Paul. *Aprendiendo a trabajar*. Madrid: Akal, 2005.
- WHYTE, William Foote. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- WHORF, Benjamin Lee. La relación del pensamiento y el comportamiento con el lenguaje. In: BOHANNAN, Paul, GLAZER, Mark (eds.). *Antropología*. Lecturas. 2a ed. Aravaca (Madrid): McGraw-Hill /Interamericana de España, 1993.
- WULFF, Helena. Introducing youth culture in its own right: the state of the art and new possibilities. In: _____; AMIT-TALAI, Vered (ed.). *Youth Cultures: A cross-cultural perspective*. London and New York: Routledge, 1995a, p.1-18.

_____. Inter-racial friendship: consuming youth styles, ethnicity and teenage femininity in Sout London. In: _____ & AMIT-TALAI, Vered (ed.). *Youth Cultures: A cross-cultural perspective*. London and New York: Routledge, 1995b, p.63-80.

_____. *Twenty girls. Growing up, ethnicity and excitement in a South London microculture*. Stockholm: Stockholm Studies in Social Anthropology, 1988.

YIAN, Hogue. Time Out and Drop Out. On the Relation Between Linear Time and Individualism. *Time & Society*. Vol. 13, n.2-3, 2004, p.173-195.

YOUNG, M. e SCHULLER, T. (eds.) *The Rhythms of Society*. London and New York: Routledge, 1988.

ZALUAR, Alba. *A Máquina e a Revolta: as organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

_____. *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro: Revan, Ed. UFRJ, 1994a.

_____. *Cidadãos não vão ao paraíso*. São Paulo: Editora Escuta; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1994b.

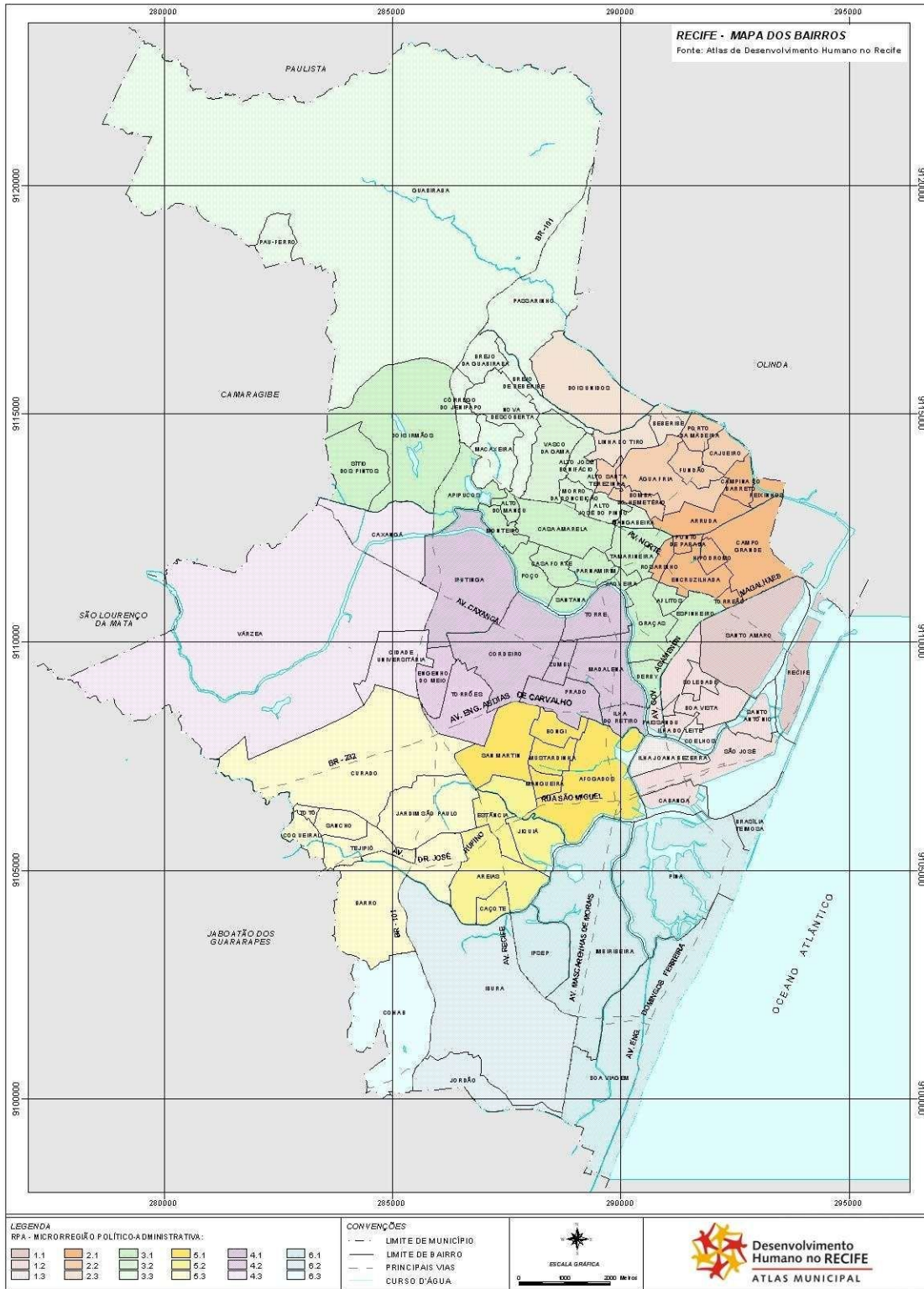
_____. Gangues, Galeras e Quadrilhas: globalização, juventude e violência. In: VIANA, Hermano (org.) *Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

_____.; ALVITO, Marcos (org.). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ZERUBAVEL, Eviatar. *Hidden Rhythms. Schedules and Calendars in Social Life*. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

MAPAS E FIGURAS

MAPA 1 – RECIFE E SEUS BAIRROS

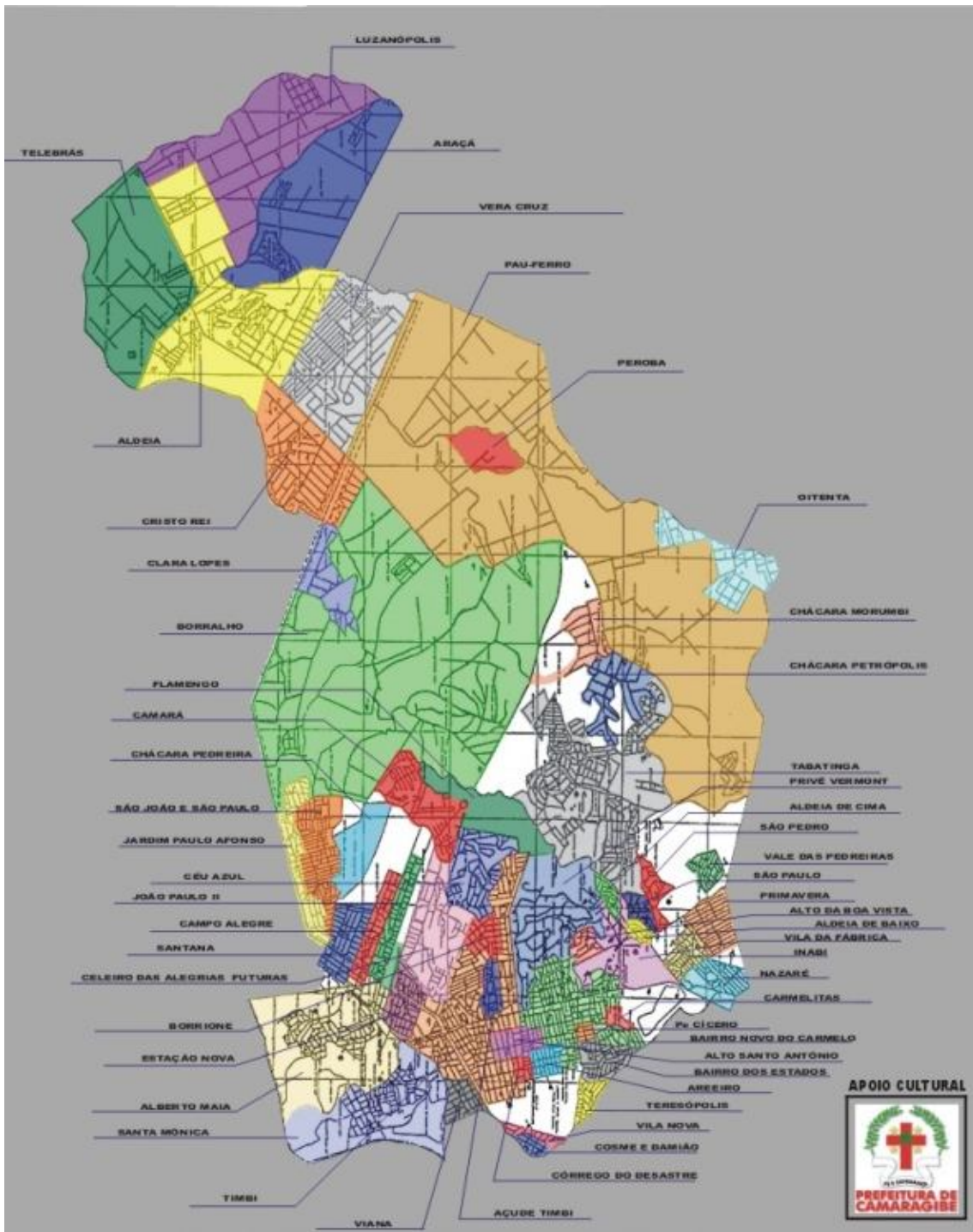


MAPA 2 – REGIÃO POLÍTICO-ADMINISTRATIVA 4

MAPA 3 – REGIÃO METROPOLITANA



MAPA 4 – CAMARAGIBE E SEUS BAIRROS



MAPA 5 – MAPA RPA 1

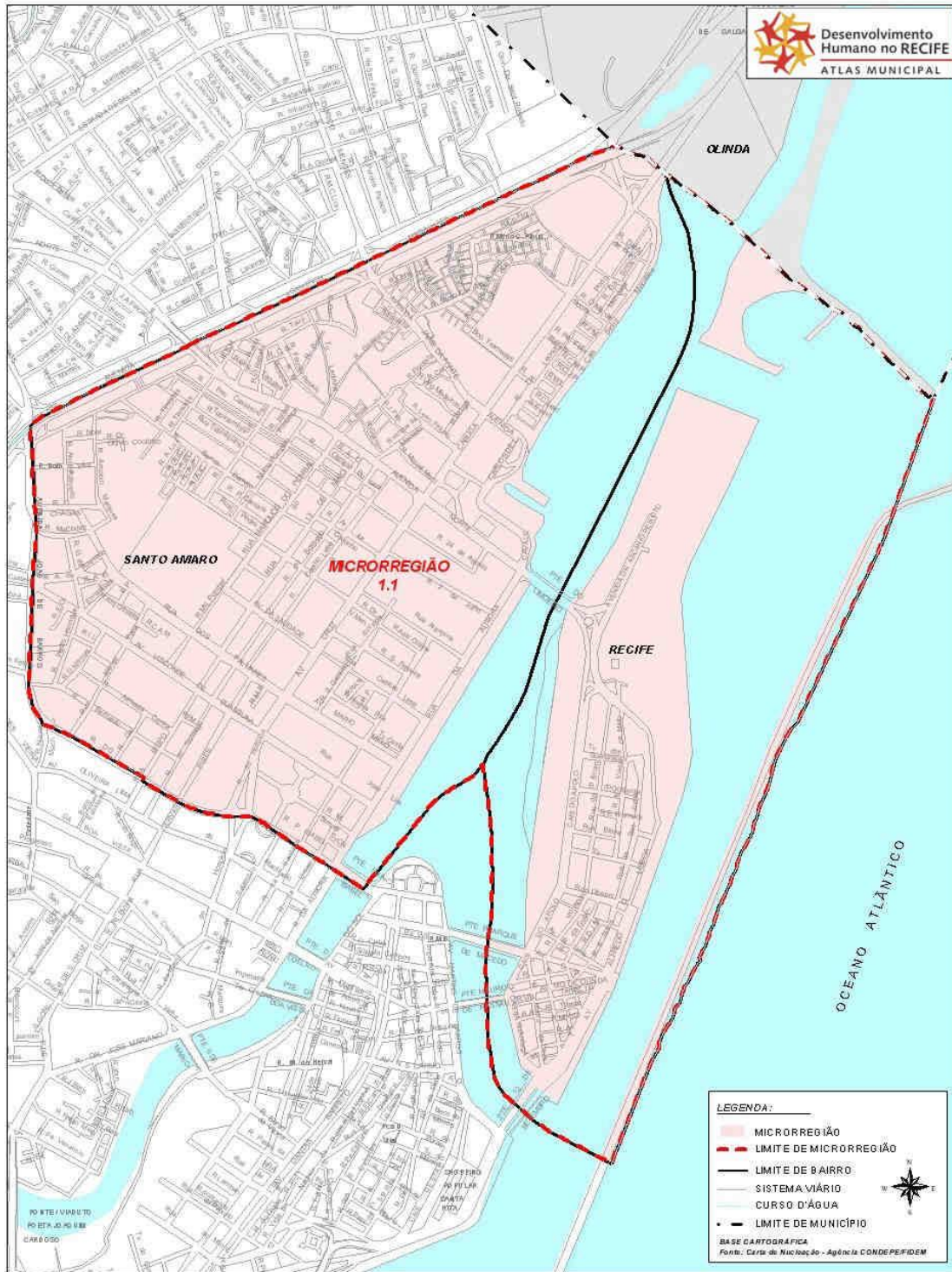


FIGURA 1 – FOTOGRAFIA AÉREA VIETNÃ



FIGURA 2 – FOTOGRAFIA AÉREA JOÃO DE BARROS



ANEXOS

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO OS JOVENS E A CIDADE

"Os Jovens e a Cidade"

Esta é uma pesquisa realizada com jovens de três grandes cidades do mundo: o Recife, Kathmandu (Nepal) e Lusaka (Zâmbia). Aqui no Brasil, a instituição responsável por esse trabalho é a Universidade Federal de Pernambuco, através do seu Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Nas três cidades, estamos fazendo perguntas semelhantes para poder conhecer e comparar o que é ser jovem nesses lugares. Contamos com a sua colaboração!

Data: _____ Sexo do entrevistado: _____ Idade: _____

Primeiro, gostaríamos de saber algumas coisas sobre sua casa.

1. Você mora em casa ou em apartamento? _____

2. O lugar onde você mora é próprio ou paga aluguel? _____

3. Descreva um pouco sua casa (número de quartos, de que material é feita, tem geladeira, televisão, computador, máquina de lavar roupa, aparelho de som ou outras coisas desse tipo?):

4. Quanto tempo faz que você mora nessa casa? _____

5. Quem mora com você na sua casa (coloque idade também)?

6. O que você mais gosta de morar na sua casa? Por que? _____

7. O que você menos gosta de morar na sua casa? Por que? _____

Agora, queremos saber coisas sobre seu bairro e sua cidade.

7. Em que bairro você mora? _____

8. Como é seu bairro? _____

9. Você já morou em outros bairros ou em outras cidades? Quais foram? _____

10. Em que bairros moram seus amigos? _____

11. Em que bairros mora sua família (tio, tia, primos, avós e outros)? _____

12. Você gosta de morar na sua cidade? Por que? _____

Também queremos conhecer melhor o que você faz e o que você quer fazer na vida.

13. Você estuda? _____ Se você estuda, qual a série? _____

Se você parou, em que série? _____

14. Sua escola é pública (municipal ou estadual) ou particular? _____

Se for particular, você sabe quanto é a mensalidade? R\$ _____

15. Em que bairro fica sua escola? _____

16. Como você vai para a escola (a pé, de bicicleta, ônibus, de carro...)? _____

17. Já fez outros cursos? Em que escola ou instituição? Onde fica? _____

18. O que você quer fazer no futuro?

19. Você acha que seu objetivo é fácil ou difícil de conseguir? Por que?

20. O que é que seus pais gostariam que você fizesse no futuro?

21. Seus pais trabalham? Em que? Se não trabalham, o que eles fazem para viver?

22. Seus pais estudaram? O que foi que estudaram?

23. Você trabalha? Em que? Você gosta do seu trabalho? Por que?

24. O que você faz durante a semana quando não está na escola ou no trabalho? O que você faz no final de semana?

25. Há alguma pessoa que você admira? Por que?

26. Quando você fala de você mesmo, como você se define? Como um adolescente? Como um jovem? Como um adulto? Escreva um pouco por que.

Fique à vontade para escrever seu nome se quiser

Você gostaria de participar mais na pesquisa falando conosco e talvez apresentar seus amigos? _____

Como podemos entrar em contato com você?

Telefone? _____

Endereço? _____

Muito obrigada por sua ajuda!

AGENDA DOS JOVENS

- Descreva o que você fez na semana passada -

	Segunda- feira	Terça- Feira	Quarta- Feira	Quinta- Feira	Sexta- Feira	Sábado	Domingo
Pela manhã							
À tarde							
À noite							

ANEXO 2: ROTEIRO DE ENTREVISTA “OS JOVENS E A CIDADE”

ROTEIRO ENTREVISTA INDIVIDUAL

OS JOVENS E A CIDADE

Mobilidade – Como eles usam a cidade e como a cidade dá estrutura à vida deles. Se eles têm parâmetro de comparação com outros lugares.

- a) Dentro da cidade, lugares que frequenta, com quem.
- b) Lugares que conhece fora da cidade;
- c) Como é andar na cidade – que meio de transporte usa, como evitar violência (assalto, roubo, estupro).

Sociabilidade – Queremos saber a rede pessoal, relacionando com espaço e com classe social.

- a) Pessoas de outras classes sociais que conhece – como é a relação.
- b) Como é a relação com os vizinhos;
- c) Como é a relação com outras pessoas – amigos,
- d) Adultos e jovens têm a mesma forma de se relacionarem com os outros?

Organização do tempo – Comentário à agenda do jovem. Queremos saber quanto tempo é dedicado a cada esfera (lazer, família, capacitação, etc.). Adultos e jovens organizam o tempo da mesma maneira?

Habilidades – Queremos saber quais as habilidades que consideram necessárias para a vida adulta e onde/como são aprendidas/adquiridas.

- a) Quais são as habilidades que são necessárias para uma vida adulta - diferença entre ser jovem e ser adulto;
- b) O que aprende em casa;
- c) O que aprende na escola;
- d) Outros cursos são necessários para a vida adulta;
- e) O que aprende na vida – coisas que ninguém pode ensinar.

Assuntos diferentes

- a) Vestibular – Universidade
- b) Cursos técnicos, etc.
- c) Inglês ou outras línguas
- d) Computador (para que usam o computador – e-mail, comprar coisas, quanto tempo por dia)
- e) Jornais, livros, cinema.
- f) Igreja
- g) Exército

Visão de futuro – como pensam o futuro deles e o ideal (profissão, família, moradia, etc.).

- a) Critérios para escolha de uma profissão
- b) Idades para casar e critérios para casar
- c) Idade e critérios para ter filhos

Relação com a família – Queremos saber a importância da casa na vida dele e como isso se relaciona com seus planos de futuro.

- a) Como é morar em casa (com pais ou esposo/a)
- b) Até quando vai ficar morando em casa /quando saiu de casa e como

- c) Querem a mesma vida dos pais
- d) Alguma pergunta relacionada ao que aprenderam da vida dos pais
- e) Como imagina a relação com os pais no futuro – incluindo suporte financeiro.

Cidadania – Compreensão da situação social do país e da cidade e seu papel nisso.

- a) Como vê a situação
- b) Se faz ou pretende fazer alguma coisa para mudar, ajudar, etc. Onde?

Imagem – Queremos conhecer as estratégias de apresentação e cuidado do corpo, entendendo-as como parte do capital social.

- a) O corpo – você está satisfeito com seu corpo, que ele tem de bom e de ruim, o que você faz para cuidar dele;
- b) Como outras pessoas vêem sua aparência;
- c) Como você gosta de se vestir – muda de forma de vestir a depender do lugar? Como você se sente melhor? Se tem conflito para vestir da forma que gosta?
- d) Como veste adulto e jovem.
- e) Dá para ver quem é marginal e quem não é, pela forma de apresentar-se?

Gênero –

- a) É melhor ser rapaz ou ser moça – em que?

Dinheiro –

- a) Como conseguem dinheiro? Em que usa?
- b) Coisas que querem fazer e não fazem por falta de dinheiro?

ANEXO 3: QUADRO DE ENTREVISTADOS

QUADRO ENTREVISTADOS

	Tipo*	Nome	Idade	Local	Situação familiar	Situação escolar	Trabalho
1	GD (5) + E (2)	Flora	11	João de Barros	Solteira	Estuda	Não trabalha – já vendeu milho na rua
2	GD (2)	Bruna	12	João de Barros	Solteira	Estuda	Não trabalha
3	GD (5) + E	Luana	13	João de Barros	Solteira	Não estuda – saiu do colégio por ameaças	Não trabalha
4	GD + E	Raquel	13	João de Barros	Solteira	Não estuda	Não trabalha
5	GD	Paula	14	Vietnã	Solteira	Estuda 7ª série	Não trabalha
6	GD (4) + E	Janaina	14	João de Barros	Solteira	Não estuda	Não trabalha
7	GD (2)	Ana Luzia	14	João de Barros	Solteira	Estuda	Não trabalha
8	GD (2) + E	Fátima	14	João de Barros	Solteira	Estuda	Não trabalha
9	E (2) + Q	Mara	15	Vietnã	Solteira, sem filhos. Mora com a mãe	Terminou 8ª série. Fez cursos em projetos.	Nunca trabalhou
10	GD (3) + E	Íris	15	João de Barros	Solteira	Estuda	Não trabalha – bolsa escola
11	GD (5)	Jade	16	João de Barros	Viúva	Estuda	Não trabalha
12	GD (2) + Q + E	Lara	16	Vietnã	Solteira, sem filhos	8ª série	Agente Jovem
13	Q + E (2)	Sofia	16	Vietnã	Casada, 1 filho	Parou de estudar pela maternidade	Estágio na CEASA
14	Q + GD (2)	Kátia	16	Vietnã	Solteira, com namorado	Parou de estudar	Agente Jovem
15	E	Williams	16	Vietnã	Solteiro, sem filhos	Não estuda	Trabalha de entregador de alimentos.
16	Q + GD (2)	Flávia	16	Vietnã	Solteira, mora com pais e seis irmãos	Estuda 5ª série e fez cursos de culinária e crochê.	Não trabalha. Faz curso de Agente Jovem
17	Q + E (2)	Nara	17	Vietnã	Solteira, sem filhos	Cursa ensino médio	Faz estágio
18	Q + E	Letícia	17	Vietnã	Solteira, com namorado, sem filhos	Estuda 2º ano. Fez diversos cursos e participou de projetos de ONGs.	Estágio na Chesf.
19	Q + E(3)	Marita	18	Vietnã	Casada – depois mãe de 3 filhos	Estuda 8ª série. Parou com maternidade. Fez: prática de escritório, computação, enfermagem (começou).	Dona de casa

20	GD	Gil	18	Santana	Solteiro	Estuda 5ª série. Curso panificação.	Não trabalha
21	E + Q	Márcia	18	Vietnã	Casada, 1 filho, mora na casa da sogra.	Parou de estudar na 5ª série, 2 anos atrás. Fez curso de culinária no Projeto Bongí.	Não trabalha. Morou em casa de uma colega, em troca de cuidar os filhos dela. Trabalhou como babá, sem carteira assinada, em 2 casas
22	Q + E(3)	Poliana	19	Vietnã	Solteira (noiva) – depois casada e mãe de 1 filho	Terminou ensino médio. Fez muitos cursos e participou de projetos.	Trabalhava numa loja mas perdeu o emprego ao casar. Continuou depois na área de comércio
23	GD + Q	Carol	19	Santana	Solteira, sem filhos.	Parou na 8ª série. Faz curso de panificação	Desempregada – trabalhou como empregada doméstica
24	E + Q	Natália	19	Vietnã	Casada. Grávida. Mora sozinha com marido.	Estuda 7ª série. Fez cursos de culinária e cabeleireiro.	Dona de casa. Já trabalhou cuidando de menino.
25	GD + Q	Davi	19	Vietnã	Solteiro, sem filhos	1º ano do ensino médio	Oficina mecânica – informal
26	E (2) + Q	Luis	19	Vientã	Solteiro, sem filhos	Parou	Desempregado – pequenas contravenções
27	Q + E	Sandra	19	Vietnã	Solteira, 3 filhos	Parou na 8ª série. Participou de projetos de ONG	Não trabalha – casa
28	Q + E	Saulo	19	Vietnã	Solteiro, sem filhos	Parou na 6ª série. Fez curso profissionalizante – marcearia.	Tem uma barbearia.
29	E (2)	Joaquim	19	Vietnã	Casado, com um filho de outra mulher	Estudou até 2º ano do Ensino Médio	Trabalha na manutenção de micro-computadores, com carteira assinada
30	Q + E (3)	Lu	20	Vietnã	Solteira, sem filhos. Posteriormente mãe de um filho.	Terminou curso técnico, nível médio, em contabilidade. Fez diversos cursos oferecidos em projetos e ONGs.	Deixou de trabalhar para cuidar da avó. Fez estágio, trabalhou em comércio.
31	Q + E(3)	Cristina	20	Vietnã	Solteira. Posteriormente casa com um homem casado e tem uma filha.	Ensino médio completo. Fez muitos cursos.	Aposentada por doença.. Ajuda no comércio da família
32	E	Ana	20	Vietnã	Casada, 1 filho. Mora só com marido, casa invadida.	Não estuda	Nunca trabalhou
33	GD + Q	Laura	20	Santana	Casada, 1 filho. Mora em puxada na casa da mãe	Faz curso de panificação.	Não trabalha
34	GD + Q + E	Dênis	20	Santana	Solteiro, sem filhos. Mora com pais.	Estuda 6ª série. Curso panificação.	Não trabalha

35	GD	Caetano	20	Santana	Solteiro, sem filhos	Curso de panificação.	Não trabalha – ajuda o tio negociando verduras.
36	E	Arnaldo	22	Vietnã	Casado duas vezes. Tem 2 filhos (um de cada mãe). Mora com esposa, casa invadida.	Não estuda	Desempregado com seguro de desemprego – último trabalho: construção civil.
37	Q + E	Alice	22	Vietnã	Casada, 1 filho, mora na casa dos pais.	Parou na 7ª série	Dona de casa
38	E	Paulo	22	V	Solteiro	Não estuda – terminou o estudo	Não trabalha
39	GD + Q	Robson	23	Vietnã	Solteiro, sem filhos	1º ano do ensino médio	Trabalha em supermercado, sem carteira.
40	GD + Q	Ricardo	23	Vietnã	Solteiro, sem filhos	6ª série	Desempregado
41	Q + E	Douglas	23	Vietnã	Solteiro	Parou de estudar antes de concluir o ensino médio, depois concluiu	Desempregado – muitas experiências de trabalho desde os 14 anos. Mais adiante se empregou numa marmoaria
42	Q + E	Miriam	24	Vietnã	Solteira, 3 filhos, mora com mãe.	Estuda 8ª série	Não trabalha
43	Q + E (2)	Roberto	24	Vietnã	Solteiro	Fez até 2º grau	Trabalha em supermercado, com carteira assinada
44	E	Tomás	25	Vietnã	Casado, 2 filhos com 2 mulheres	Não estuda – parou na 2ª série do 2º grau	Desempregado
45	Q + E	Aluísio	25	Vietnã	Solteiro	Terminou estudo (??)	Trabalha na PM – sem concurso

* E = entrevista individual ou em dupla; Q = questionário; GD = grupo de discussão

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)